MUITAS VOZES

EILEEN GARRETT

TRADUÇÃO: AMADEU ANTÓNIO

MUITAS VOZES

A Autobiografia de uma Médium

Eileen J. Garrett. 1968

INTRODUÇÃO

EILEEN GARRETT não possui diplomas profissionais nem licença para praticar qualquer uma das artes de curar, mas ajudou e, aparentemente, curou centenas de médicos, cientistas, escritores, editores, secretárias, psiquiatras, psicólogos, pais e filhos enlutados, e o primeiro-ministro de um país muito grande. Faz isto há cinquenta anos com uma eficácia inalterada e perante a contínua admiração, perplexidade ou consternação de alguns dos mais eminentes investigadores científicos.

A Sra. Garrett é uma médium, provavelmente a maior em décadas, conhecida em todo o mundo nos laboratórios onde investigadores meticulosos do paranormal e do anormal procuram novos factos sobre o comportamento humano. Não invoca poderes sobrenaturais e, no entanto, parece perceber factos e acontecimentos que escapam por completo à maioria das pessoas. Consegue segurar um envelope na mão e, por meio dos seus poderes psicométricos, dizer com uma precisão assustadora que este pertence a uma rapariga infeliz de Nova Jérsia que teve um caso desastroso com um jovem e que se encontra agora a fugir para o Texas num autocarro. Um psicólogo do Union Theological Seminary, em Nova Iorque, realizou esta experiência na minha presença num laboratório, recentemente, e observou que, embora tivesse corrido bem, a Sra. Garrett poderia ter sido ainda mais meticulosa nos pormenores se não estivesse tão cansada. Já a tinha testado noutras ocasiões, quando se encontrava descansada, e ela obtivera uma pontuação perfeita.

A Sra. Garrett é uma médium de transe e, no estado de transe, à medida que as vozes desencarnadas dos seus guias falam, surgem dela factos abstrusos e técnicos, e até segredos pessoais profundos de homens e mulheres de quem nada sabe no seu estado normal de vigília. Também parece receber mensagens dos mortos quando está em transe. Recentemente, esteve em contacto com a filha de um jornalista e crítico literário do Midwest que morreu num acidente de

automóvel. O crítico, outrora um cético em relação a tais fenómenos, esqueceu o seu ceticismo e sente-se confortado por essas comunicações que a Sra. Garrett lhe transmite da sua filha. Ela nunca conheceu a filha e nunca se cruzou com o pai.

Outro cético era um famoso argumentista de Hollywood. Conheceu a Sra. Garrett pela primeira vez na década de 1930, escassos dias antes de ser submetido a uma cirurgia para a remoção de um rim. Deprimido com a ideia da invalidez e da morte dolorosa que possivelmente o aguardavam, viajou de carro para Lake Arrowhead com a esposa, num esforço para escapar, mesmo que momentaneamente, ao horror dos seus próprios pensamentos.

Mas não houve fuga para a calmaria que procurava, pois o átrio do hotel estava repleto de pessoas que aguardavam para ouvir a médium de Londres, Eileen Garrett. O escritor doente e deprimido viu-se "encurralado", como mais tarde referiu; mas estava demasiado frio para ir lá para fora e era muito cedo para ir para a cama. Não restava outra alternativa senão conseguir um par de lugares bem ao fundo do átrio, para que ele e a esposa fossem apenas forçados a ouvir à distância esta psíquica, ou sensitiva, como alguns lhe chamavam. No entanto, à medida que os sotaques anglo-irlandeses claros e melodiosos da oradora alcançavam os pontos mais recônditos do átrio, o escritor escutava com cada vez mais atenção e ficava progressivamente impressionado. Confessou que ela tornou a ciência psíquica tão real como a ciência médica, e sentiu-se encorajado pelo seu humor quando ela comentou que o marido a tinha deixado porque se cansara de viver com os fantasmas dela.

No dia seguinte, o escritor procurou a Sra. Garrett e desabafou, como tantos fazem na sua presença, os seus medos e ansiedades. Ela acalmou-o e transmitiu-lhe uma nova confiança. Sabia que ele tinha um filho e que teria outro. A operação ao rim seria bem-sucedida. Além disso, continuou ela, a mãe dele estava ali na sala ao lado deles, e queria que o filho soubesse que tudo correria bem.

Passou então a contar-lhe coisas sobre a mãe "que apenas eu poderia saber", escreveu ele anos mais tarde. "Decidi naquele preciso momento", continuou ele numa carta comovente dirigida a ela, "viver

uma vida tão plena quanto possível... Tenho cumprido esse propósito desde então. Tivemos dois filhos... Não voltei a pensar se tinha um ou dez rins...

Depois, no verão passado, o meu filho, que era um bebé quando a conheci, faleceu num acidente... Todo o meu mundo desabou de repente, e a minha esposa e eu permanecemos num estado de choque desde então... Ele deveria ter entrado em Yale em setembro... Desde esse dia que não consigo encontrar paz alguma. Por vezes, considero o viver um fardo quase insuportável... Um dos meus primeiros pensamentos foi: preciso de entrar em contacto com a Sra. Garrett. Talvez ela me possa ajudar... Sabia que lhe tinha de escrever... Sei que deve receber centenas de cartas deste género, que não lhe é possível responder a todas, que é irracional esperar que assuma os múltiplos fardos da dor alheia... Se eu pudesse apenas sentir que o meu filho continua a viver nalgum lugar, a vida que me resta talvez se tornasse mais suportável."

A Sra. Garrett respondeu através de várias cartas longas que trouxeram um enorme conforto ao pai e à mãe. Descreveu o rapaz com precisão e até mencionou os pertences pessoais que ainda se encontravam no seu quarto, e concluiu: "Este vosso jovem enérgico está mais perto de vós agora do que estaria se a vida tivesse determinado a sua permanência. Posso apenas assegurar-vos de que a vida continua a ser uma grande aventura para ele..."

Estas são as pessoas que procuram a Sra. Garrett por onde quer que passe. Viaja muito, discretamente, sozinha ou acompanhada por um ou dois amigos muito próximos, mas as pessoas pressentem de alguma forma a sua chegada e aguardam por ela. Evoca inevitavelmente histórias de Madame Helena Blavatsky, a grande teosofista de quem se dizia fazer retinir sinos sempre que se aproximava.

Mas a Sra. Garrett é mais impressionante, pois, ao contrário da sacerdotisa russa, que afirmava estar em contacto com os seus mahatmas nos recônditos mais profundos dos Himalaias, a Sra. Garrett insiste que está firmemente ligada à terra. Estive com a Sra. Garrett em Boston e em Washington, em Palm Beach e em Dublim,

em Londres e em Roma, em Paris, Nice, Barcelona e em muitos outros locais, e notei sempre que homens e mulheres angustiados telefonavam, deixavam mensagens ou esperavam nos átrios dos hotéis, na esperança de uma sessão ou de uma palavra de consolo ou encorajamento.

Ela não publicita esta vertente do seu trabalho e, apesar das muitas entrevistas com jornalistas, mantém-se cautelosa em relação a eles e à interpretação, por vezes ultrajante, que fazem do fator psíquico no comportamento. Contudo, de tempos a tempos, os seus poderes e o seu trabalho chegam aos jornais e às revistas populares, apesar da sua resistência e do seu horror pelo melodramático. Não conseguiu, por exemplo, conter a imprensa quando se soube dos factos da sua sessão de 7 de outubro de 1930, em Londres. Tinham decorrido três meses após a morte de Sir Arthur Conan Doyle, e dois dias após a queda do dirigível britânico R-101 em França.

O Diretor do Laboratório Nacional de Investigação Psíquica, Harry Price, conhecido como o Caçador de Fantasmas, perguntou à Sra. Garrett se estaria disposta a tentar, em transe, comunicar com Sir Arthur Conan Doyle a pedido do jornalista australiano Ian Coster. A Sra. Garrett, Price, a sua secretária, Ethel Beenham, e Coster reuniram-se no laboratório e prepararam-se para a experiência. "A Sra. Garrett", escreveu Coster mais tarde num artigo de revista, "estava numa poltrona a bocejar imenso, os restantes estávamos à mesa, a Menina Beenham com o seu bloco de notas.

A médium fechou os olhos e continuou a bocejar. O seu corpo pareceu tombar. Respirou pesadamente e descontraiu-se numa espécie de sono melancólico, com lágrimas a correr-lhe pelas faces... Estava 'em transe'... Depois falou com uma voz estranha..." O seu guia, Uvani, falou através da médium, e o que se seguiu não foi uma mensagem de Conan Doyle, mas sim a voz agitada do Tenente de Aviação H. C. Irwin, capitão do R-101, que clamava: "Toda a estrutura do dirigível era... excessiva para a capacidade do seu motor... Sustentação útil demasiado reduzida. Sustentação bruta mal calculada... Leme de profundidade encravado. Tubo de óleo obstruído..." A voz do falecido Irwin prosseguia continuamente, com

uma quantidade de pormenores técnicos, todos registados palavra por palavra pela Menina Beenham.

E, finalmente, Conan Doyle acabou por surgir após Irwin se remeter ao silêncio. Os peritos da Royal Airship Works em Bedford, que mais tarde leram as notas da sessão, classificaram-nas como "um documento surpreendente", repleto de pormenores confidenciais. Houve até quem, em Inglaterra, sugerisse a detenção da Sra. Garrett por suspeita de espionagem, de tão especializado que se mostrava o seu aparente conhecimento sobre a mecânica de dirigíveis. Mas, na verdade, nada sabia sobre mecânica de aeronaves, tanto na altura como agora.

Harry Price tinha-a selecionado entre todas as outras médiuns em Inglaterra porque, conforme explicou, "ela não se deixa levar pelo lado emocional. Demonstra um interesse académico pelos seus poderes, mas não oferece qualquer explicação sobre os mesmos. Não recai a mínima suspeita sobre o seu nome ou sobre a sua integridade como médium, e alcançou alguns êxitos brilhantes."

Quanto aos milagres que lhe são atribuídos, responde hoje com as mesmas palavras que escreveu há muito tempo: "As minhas investigações sobre os fenómenos da mediunidade convencem-me de que não se trata de sensibilidades novas ou estranhas, mas sim de refinamentos dos sentidos físicos que todos os homens possuem. Não posso, portanto, aceitar a explicação habitual da mediunidade como um desenvolvimento anormal ou paranormal."

Edward Carpenter, o poeta e filósofo social, foi um amigo próximo da Sra. Garrett durante os tempos da Primeira Guerra Mundial em Londres. Reconheceu os seus grandes dotes mediúnicos e disse-lhe que ela era uma dessas raras pessoas com poderes de perceção tão aguçados que tinha alcançado um estado de "consciência cósmica". Houve quem a apelidasse de desequilibrada na altura, tal como os seus familiares faziam na sua infância mais precoce — quando acrescentavam que ela era também uma criança pecadora —, mas Carpenter libertou-a definitivamente do fardo dessas provocações, e ela passaria a viver sem amarras a partir de então, convicta de que "as minhas perceções e visões não eram os produtos

de uma mente desequilibrada, mas sim os poderes positivos de saber e compreender, para lá do alcance da compreensão humana."

Mas Carpenter também via nela algo de muito prático. "É um génio da administração", disse ele. E, de facto, ela demonstrou grandes capacidades administrativas desde a infância, quando assumia a liderança das raparigas na escola. Em Londres, geriu uma casa de chá de sucesso em Heath Street, junto a Hampstead Heath, e clientes habituais como D. H. Lawrence e o arqueólogo Sir Flinders Petrie eram seus frequentadores. Também geriu durante seis anos, na Londres pós-Primeira Guerra Mundial, em Euston Square, um albergue de trabalhadores que constituía um local de encontro predileto para os líderes do Partido Trabalhista. Durante a Segunda Guerra Mundial, quando se encontrava no sul de França, organizou uma cantina social para crianças. Em Nova Iorque, após a queda de França, fundou em 1941 a editora de livros Creative Age Press e a revista Tomorrow, uma revista mensal de literatura, assuntos públicos e artes. O papel e os impressores eram difíceis de obter, e escasseavam muitas outras coisas, incluindo escritores, mas a Sra. Garrett colocou a sua editora a funcionar e atraiu autores como Robert Graves, Klaus Mann, Aldous Huxley e Lord Dunsany.

Após dez anos, regressou à investigação psíquica a tempo inteiro, fundando a Parapsychology Foundation, que desde então tem apoiado académicos, escolas e faculdades em algumas das investigações mais importantes nesta área. Nas suas conferências anuais na sede regional da Fundação em Saint-Paul-de-Vence, no sul de França, procurava manter-se na retaguarda enquanto cientistas, filósofos e clérigos debatiam as substâncias psicadélicas, a igreja e a parapsicologia, os novos avanços na hipnose e outros fenómenos; no entanto, recorriam sempre a ela para obter alguns dos resultados mais originais dessas conferências.

Interrogavam-na sobre o problema continuamente intrigante da mediunidade e escutavam-na com admiração e respeito. Participei nesses encontros e observei-a à mesa de conferências por muitas vezes enquanto falava de previsão, de perceção extrassensorial e de todos os outros fenómenos que demonstrava. Enfatizava repetidamente que não praticava o sobrenatural e, por vezes, prosseguia explicando que esses

poderes derivam, em parte, talvez da glândula do hipotálamo ou do cérebro animal vestigial na base do crânio. Numa era anterior e distante, os animais utilizavam esse cérebro para pressentir ao longe amigos e inimigos, tratando-se de um sentido que favorecia a sobrevivência. Atrofiou no ser humano, mas pode ser estimulado de novo na maioria das pessoas. Uma hipótese ultrajante, talvez, mas a Sra. Garrett consegue ser extremamente convincente e impressionante, como testemunharão psicólogos e anatomistas de renome que acompanharam as suas palavras com atenção.

Eileen Garrett nasceu há setenta e quatro anos na localidade de Beauparc, no Condado de Meath, na Irlanda. É uma região tranquila e histórica na zona de Drogheda e do Vale do Boyne, e as localidades circundantes ostentam nomes como Malahide, Slane, Kells e Stackallen Bridge. E, claro, existe a Colina de Tara, onde a capital da antiga Irlanda floresceu desde 2000 a.C. até 565 d.C. A Sra. Garrett ainda conhece bem a região. A casa de tijolo e pedra em que nasceu continua de pé. Era nos campos perto de Beauparc que a jovem Eileen Jeannette, filha de Anne Brownell e de um basco chamado Vancho, costumava passear e conversar com os seus pequenos amigos, as suas "crianças" que mais ninguém via.

Eileen tinha duas semanas de vida quando a mãe se afogou, e poucas semanas mais tarde o pai também se suicidou. Isto porque Anne pertencia a uma família de treze filhos de protestantes rigorosos, e o basco que conheceu em Espanha e com quem casou secretamente na Irlanda era católico. Foi um casamento votado ao fracasso precoce. A jovem Eileen foi criada por um tio, um membro devoto da igreja oficial, recém-regressado do serviço na Índia. Era uma criança difícil, difícil para as freiras da escola nacional em Meath e ainda mais difícil para a escola protestante e mais elegante em Merrion Square, em Dublim.

Os Brownell, pequenos proprietários rurais hoje como no passado, lembram-se da sua prima. Visitei-os há dois anos e conversámos sobre a mediunidade da prima. Não se mostraram surpreendidos. Jeannie, como se lembram dela, foi sempre uma pessoa peculiar, mas a verdade é que a avó Ann Leach Brownell, de Drogheda, era igualmente peculiar. Procuraram a avó no meio de

pilhas de fotografias de família e mostraram-me o seu retrato com orgulho, salientando que ela também era conhecida em toda a região como uma curandeira dotada de grandes poderes terapêuticos e que os vizinhos muitas vezes ignoravam os médicos para procurar a velha Sra. Brownell.

Trabalhei em estreita colaboração com a Sra. Garrett durante vinte e dois anos como editor, consultor e conselheiro. Sou um entre dezenas de homens que a consideraram a amiga mais extraordinária de uma vida inteira. Insere-se na tradição de Eleanor Sidgwick e de outras surpreendentes mulheres vitorianas que tanto trabalharam no paranormal e que atraíram tantos homens. Contudo, como notei repetidamente, a Sra. Garrett é diferente e talvez maior, pois não evoca qualquer magia. Após meio século de trabalho no sobrenatural, após os aplausos de grandes cientistas, olha para trás e por vezes comenta, com o humor que a afasta de todos os grandes obreiros da magia: "Pode não haver nada nisto. Absolutamente nada. Quem sabe."

Mas há imensa matéria na sua vida e nestas páginas para o cético, para o crente e para o não crente.

ALLAN ANGOFF Upper Montclair, Nova Jérsia Janeiro de 1968

1

NADA de importante na vida humana tem apenas uma única causa e, certamente, seria temerário da minha parte pegar numa faculdade tão esquiva como a capacidade de experiência psíquica e atribuí-la a um só fio na teia infinitamente complexa que tece o nosso destino. No entanto, ao olhar para trás, parece-me que dois aspetos do meu ambiente exterior, entrelaçando-se com as linhas individuais da minha vida pessoal, desempenharam um papel fundamental para que eu me tornasse médium.

Um deles prende-se com o facto de ter nascido na Irlanda e de ter passado a infância numa região rural onde a "gente pequena" era universalmente aceite como uma vertente quotidiana da existência normal. O outro prende-se com a aceitação, quase igualmente universal, da morte como um elemento íntimo da rotina diária, de modo que desde cedo passei a não nutrir qualquer temor perante aquilo que, para muitas pessoas, constitui um terror insustentável.

Como é evidente, seria de facto estranho nascer no "real" Condado de Meath, com a minha curiosidade e imaginação particulares, e permanecer indiferente às lendas irlandesas de seres espirituais e aos reinos mágicos que habitavam. O misticismo constitui uma palavra conveniente para expressar os anseios e as buscas interiores de cada um pelo "absoluto", mas ao meu redor, na boca de velhos e jovens, circulavam os relatos poéticos e muitas vezes dramáticos daqueles que tinham sido ajudados, desafiados ou atormentados por essa mesma gente pequena, como os nativos chamavam aos habitantes do reino das fadas. Nem todos os que falavam deles alegavam tê-los visto, mas inúmeras pessoas na Escócia, na Irlanda e na Cornualha asseguraram-me solenemente a sua existência. Conheci homens idosos que afirmavam ter tropeçado inadvertidamente, num momento de embriaguez, no território deles e que, como castigo, foram obrigados a caminhar a noite inteira por não terem respeitado o seu domínio encantado.

Existem fadas de todos os tipos: aquelas que, por um preço, ajudam o sapateiro a fabricar sapatos mágicos, aquelas que auxiliam a dona de casa sobrecarregada com as tarefas domésticas, aquelas que curam os animais do lavrador — mas sempre por um preço. E, tal como os próprios irlandeses, a gente pequena também sabe ser travessa. Valha o céu a quem teve as suas vacas curadas de uma doença misteriosa pela boa vontade delas, mas depois se esqueceu de deixar leite na ombreira da porta para compensar!

Perguntei-me muitas vezes se, nalguma fase já esquecida da existência humana, terá existido uma raça de pessoas de pequena estatura que habitou de facto as "ilhas mágicas". A lenda contém frequentemente um elemento de verdade. Além disso, como indiquei, tudo isto parece perfeitamente natural se nos lembrarmos de que

Meath foi o local de um reino estabelecido já no século II a.C. Para a mente irlandesa, os acontecimentos de há dois mil anos são tão contemporâneos como o que sucedeu ontem.

Se alguma vez acreditei em fadas? Bem, sim e não. Na minha infância, espreitava-as desde o amanhecer até o orvalho secar na relva, e procurava-as através dos crepúsculos da primavera e do verão, sem nunca, infelizmente, as encontrar. Ainda assim, quando se viveu junto às margens do Boyne e se passeou por lá no longo crepúsculo, torna-se impossível resistir à convicção de que não estamos sozinhos. Quando atravessamos os campos em direção a Newgrange, alguém nos dirá com certeza: "Cuidado! Não perturbe a gente pequena — este é o reino deles." Os cromeleques, marcos antigos, permanecem ainda na Irlanda para testemunhar as suas reivindicações pré-históricas. E quando chove, vemo-nos subitamente mergulhados num reino obscuro onde não podemos ter a certeza de que alguns espíritos da natureza inclinados a travessuras não nos tenham observado no seu domínio especial e convocado as nuvens para apressar a nossa saída.

Lembro-me perfeitamente de ser levada à Colina de Tara pelo Tio Brownell quando era muito jovem. Aqui, dizia-me ele, eram coroados os reis das quatro províncias — Ulster, Munster, Leinster e Connaught. "A Lia Fáil, ou Pedra do Destino, ainda aqui está", acrescentava, "aquela sobre a qual José outrora descansou a cabeça e sonhou os seus sonhos proféticos. Aqui, os fogos sagrados eram mantidos constantemente acesos noutros tempos, e aqui vinham os das tribos perdidas. Neste mesmo local existem misteriosos templos do sol ainda por escavar. Eu próprio já os atravessei."

"Tu?", perguntava eu, ansiosa.

"E por que não?", respondia ele.

Sabia que o meu tio era uma pessoa sensata — "um bom homem cristão", como as pessoas ao redor o descreviam. "Pena, porém", acrescentavam, "que seja protestante e, por isso, tenha de ir para o inferno quando morrer." Sobre este assunto, também o questionava longamente. Seriamente, ele respondia: "Com certeza que o céu e o inferno existem no nosso interior. Estão connosco agora e sempre."

Talvez com estas palavras me tenha legado um entendimento que me permitiu libertar-me do dogma em anos posteriores.

Sim, o meu tio era um cavalheiro cristão, não dado a muitas palavras, mas o seu conhecimento teológico ficava esquecido quando se encontrava no domínio mágico dos seus antepassados. Acreditava piamente que o espírito choroso da *banshee* perseguia os membros da sua família. O mesmo acontecia com a minha tia, pois ouvi-os a falar sobre esta alma penada chorosa em várias ocasiões. "Ouvi a *banshee* a noite passada — não está longe o momento de alguém partir", diziam, com uma certa melancolia poética, mas, ao mesmo tempo, com uma espécie de aceitação suave e objetiva.

A própria Tara é conhecida como o local a partir do qual os antigos reis governavam a Irlanda. Era aqui, tal como talvez em Stonehenge, Avebury, na Bretanha e em Maiden Castle, no sul de Inglaterra, que se realizavam ritos pagãos para acolher o renascimento do sol e para prantear quando a sua força vital se esbatia por uma breve estação.

"Os padres cristãos amaldiçoaram esse monte pagão", dizem os mais velhos, explicando a razão pela qual nada comestível para o homem cresce ali. Um primo, que vivia a dois passos da Colina de Tara, jurava ter visto o antigo sacerdote, há muito partido, a caminhar na véspera de São Miguel.

"Estão em contacto com os reis das fadas no domínio das fadas?", indagava eu.

"Com certeza", dizia-me ele. "São os convidados nos palácios que certamente ali se encontram para sempre."

Este primo era um funcionário público respeitado que tinha estudado direito, mas era irlandês e um contador de histórias de calibre considerável. Foi ele quem também me assegurou que as "tribos perdidas" tinham trazido a Lia Fáil para Tara, e que um dos seus líderes tinha casado com uma princesa irlandesa. Claro que eu acreditava nele! Era um arqueólogo amador nas suas horas vagas. Seriamente me assegurava, quando vinha de visita, que tinha conversado com o povo antigo na Ponte de Stackallen, onde a família da minha mãe cultivava a terra há séculos. Era a ele que as pessoas do

campo recorriam para "arbitragem" antes de procurarem um tribunal judicial. Conhecia o rei dos mensageiros mágicos de Kormac, de cuja taça tinha bebido o líquido gerador de visões que lhe permitia destrinçar o verdadeiro do falso.

Sobre a existência deste primo falei apenas com o falecido Lord Dunsany, quando caminhávamos juntos por Tara, uma parte da sua propriedade. Erguendo o seu chapéu de feltro gasto, Dunsany olhou para mim com uns olhos azuis penetrantes.

"Lembra-te bem dele", disse-me. "Ele bebeu da taça de Kormac. Eu próprio o fiz. Se queres ter um conhecimento especial, tens de beber profundamente." Kormac era obviamente um antigo rei da Irlanda, talvez um feiticeiro bom e sábio na corte dos antigos reis.

Foi também o meu primo quem me ensinou a encontrar água com um ramo em forquilha cortado da sorveira-dos-passarinhos, do salgueiro ou do teixo. Quem sabe quanto a mente maravilhada de uma criança, cheia de espanto, absorveu de homens como estes, eles próprios feiticeiros — o meu primo com as leis, Dunsany com as palavras.

Não se podem visitar os fortes circulares em Meath sem fazer a pergunta ansiosa: Quem os construiu? Estas fortificações nas colinas, dizem-nos, são as obras de terraplanagem que rodeavam as fortalezas dos antigos chefes irlandeses. Passava por um destes fortes todos os dias a caminho da escola, sem pensar especialmente no seu significado subterrâneo. Este forte específico ficava na rota direta para a escola. A estrada fora construída sobre o seu teto. Estava decorado por dentro com conchas, algumas delas intactas e belas. Continha duas câmaras e celas que se estendiam profundamente sob o solo. Perto dali corria um ribeiro cujas águas se dizia terem propriedades curativas. O gado entrava frequentemente no forte para encontrar abrigo contra as tempestades.

O povo do campo acreditava que era um centro para os elementos da natureza que protegiam os homens do mar, que não ficava longe dali.

Brinquei dentro e fora do forte em muitos dias de verão, mas, quando a escuridão chegava, fugia para casa temendo ser atraída para

longe para nunca mais ser vista. Os homens que regressavam do trabalho, ao vislumbrarem-me, benzer-se-iam à medida que apressavam o passo. As mulheres acreditavam que eu era uma criança trocada pelas fadas e que nenhum mal me aconteceria. No entanto, quando o crepúsculo começava a instalar-se, eu tremia e sabia que era hora de partir.

Talvez, misticamente falando, uma parte de mim tenha partido para longe — uma parte que é inseparável desta ilha mágica de que falei com terna saudade. As minhas crenças primitivas estão sempre abaixo da superfície e são facilmente recordadas.

Uma vez de regresso a Inglaterra, onde vou todos os anos, visito Stonehenge de dia e de noite, bem como muitos outros locais pré-históricos antigos no sul de Inglaterra. Intermitentemente, durante meses seguidos, trabalhei no passado com o falecido Frederick Bligh Bond na busca clarividente do Santo Graal em Glastonbury e do túmulo do Rei Artur. Nesses momentos de reflexão, recordo os primeiros anos em que me levantava cedo, quando não havia escola, para correr pelos campos até Newgrange, outro local de relevância pré-histórica. Ali descansava sobre a grande pedra e convencia-me de que abaixo existia outro reino; a pedra antiga marcava a sua entrada. Aquilo que eu procurava não fazia sentido para os adultos, mas eu possuía conhecimento suficiente, mesmo nessa altura, para saber que neste vale do Boyne havia mistérios por todo o lado, ocultos dos mortais.

O mistério destas pedras antigas chamava-me a erguer-me e a saudar o sol. Mesmo em criança dormia pouco; preferia procurar o silêncio do ar livre para observar o nascer e o pôr do sol e da lua. Nunca encarei estes locais como túmulos. A morte, tanto outrora como agora, encerrava apenas mistério. Nutro a crença de que a vida flui através do instrumento do próprio ser, para fluir para fora no momento estipulado e fundir-se novamente com o absoluto: o grande Nirvana de cuja certeza apenas o amor e a morte nos podem dar conhecimento.

Constato novamente, tal como fazia em criança, que existe apenas uma filosofia que faz sentido: tudo o que cresce dá sustento e

prazer, para marcar o tempo e finalmente desaparecer; mas a sua verdadeira essência permanece. Este é o espírito da vida interior. Acredito piamente que o inconsciente profundo ficou definitivamente marcado pelas minhas preocupações com este mundo místico da minha criação celta. O falecido Professor William McDougall, ele próprio um celta e um nobre gigante de homem, disse-me que isso é provavelmente uma verdade psicológica.

Lord Dunsany, cuja propriedade abrangia a Colina de Tara, acreditava plenamente que a pedra vermelha que tínhamos observado encravada na terra era a verdadeira Lia Fáil. "Não precisa de me dar certezas", disse-lhe eu. Há muito tempo, o poeta W. B. Yeats dissera-me que a pedra era a almofada de Jacob, trazida pelos líderes das tribos perdidas de Israel e colocada sob os tronos centrais os reis. Yeats, outro feiticeiro com as palavras, assegurou-me os poderes mágicos da pedra, o poder de sussurrar ou de falar alto quando as falsidades se mascaravam de verdades. Diz-se que uma parte desta pedra mágica repousa sob a cadeira de coroação na Abadia de Westminster. Os nacionalistas escoceses devem pensar assim, pois roubaram-na há uns anos — uma brincadeira, dizia-se. Não — mais provavelmente tratava-se da antiga crença de que, onde quer que a pedra se encontre, uma raça celta deve reinar.

Na Colina de Tara existe uma bela estátua de São Patrício. Alguns acreditam que ela representa a fé onde outrora repousava a Lia Fáil.

Dunsany dizia que isto não era verdade. Apontava para a pedra vermelha encravada e afirmava com ênfase que era naquele local que as pessoas eram convocadas para festividades e serviços secretos muito depois de as assembleias nacionais de outros tempos terem sido esquecidas. Em 980, Brian Boru derrotou os dinamarqueses na Colina de Tara. Em 1798, os irlandeses insurgentes sofreram uma derrota nesta colina — uma derrota de que ainda se fala e que foi vertida nas palavras de uma canção de propósito nacionalista. "Quem ousa falar de noventa e oito, quem estremece perante o nome!" Em criança cantava-a antes de compreender o seu significado.

Tara ficava a cerca de seis milhas através dos campos "em linha reta", e por estes caminhos antigos as minhas pernas me conduziam apressadamente, por vezes até à Colina, e noutras manhãs até Newgrange. Por montes e vales, por entre fetos e bosques cheios de flores na primavera e inebriantes com os cheiros do verão, os carvalhos e as faias montavam guarda. Conhecia os heróis e os santos, todos eles homens de vontade severa e temível que tinham vindo fazer promessas, rezar e deixar algo da sua força vital na terra e na pedra, enquanto muitos ensanguentavam a terra juntamente com aqueles que desdenhavam do seu culto.

Não é fácil para o estrangeiro encontrar Newgrange. Os arqueólogos acreditam que contava já com vinte e oito séculos quando os dinamarqueses saquearam o seu cenário — um túmulo conhecido então por ser mais antigo do que os dos próprios nórdicos. Nesta terra, regimentos foram dizimados com convicção e, durante séculos, houve homens bons e justos que vieram prestar culto e recordar o passado pré-histórico. Fica a dúvida sobre o que o futuro incerto reserva para as "ilhas mágicas".

Muitos povos primitivos acalentavam a crença de que os fantasmas podiam roubar a alma e, no corpo desocupado, causar doenças que alteravam radicalmente a personalidade, os pensamentos, a linguagem e as ações. Frequentemente doente em criança, foi-me solenemente assegurado que isto me tinha acontecido. Alegava-se que tal fora provocado pelas fadas. Todas essas transformações ocorrem durante o sono e exigem algum tipo de cerimónia mágica para expelir a entidade possessora, mas nenhuma cerimónia desse género fora realizada por minha causa.

A crença nas fadas que existia na Irlanda nos dias da minha infância, e que talvez ainda exista, era considerada pelo povo do campo como sendo mais poderosa do que as suas práticas religiosas. Na verdade, muitos dos mais velhos acreditavam que as operações mágicas de lançamento de feitiços faziam mais pela vontade imperativa interior do que o ritmo exterior da missa. Esta antiga crença numa raça de seres nem divinos nem humanos, que existiam à parte num "plano" diferente dos humanos mas ocupando o mesmo espaço, tendia a dar uma sensação perpétua de nunca se estar sozinho.

Escutava à noite as histórias dos vizinhos que acreditavam em criaturas astrais e em elementos que superavam os seres humanos em conhecimento e poder; estas criaturas, que amavam a música, a dança e as cores vivas, iam e vinham, alheias ao tempo.

Tal crença deve ter causado uma profunda impressão na mente da criança que eu era, encolhida ao canto da chaminé, onde as panelas ferviam em lume brando e as agulhas de tricotar das mulheres (terminados os seus lavores domésticos) reluziam criando sombras estranhas e dançantes à luz do lume. Os contos bárdicos eram recontados num tom e numa linguagem inteiramente celtas, tal como tinham sido transmitidos oralmente durante séculos. Lembro-me bem das mulheres e dos homens idosos que falavam de ter visto a gente pequena dançar à luz do luar, e do dinheiro que estes mais velhos deixavam, nalguma gruta ou cavidade, para que as fadas cuidassem do rebanho. Outros diziam-me que o "povo miúdo" era benévolo, mas que era uma coisa arriscada ofendê-los. Ao longo dos anos, refleti sobre essas conversas acerca de seres que se moviam pelo ar à vontade, sobre fantasmas que habitavam a casa e apareciam apenas àqueles que tinham sabedoria para os compreender, e que podiam surgir a qualquer momento com recompensas ou castigos. Este era, de facto, o solo rico dos meus dias de juventude, que pode ter sido acumulado na "oficina do inconsciente".

Quando comecei a escola, aos três anos de idade, acreditava verdadeiramente que a canada e a floresta, a montanha e o ribeiro estavam sob o feitiço destas divindades. Para as propagar e me manter fora dos seus feitiços, fazia grinaldas de prímulas e primaveras a caminho da escola; e com hipericão, uma planta que tem poderes curativos, colocava-as perto dos fortes circulares e escrevia mensagens para reafirmar aos espíritos a minha boa vontade. Assim se correlacionava a magia com a religião, e assim a própria religião podia ser descrita como o culto dos poderes sobrenaturais que se podem manter amigáveis para com o homem desde que este os respeite e atenda aos aspetos dogmáticos da sua igreja, para o bem social e da sua alma.

Acredito que a minha prematura doutrinação — num meio onde o povo do campo era verdadeiramente clarividente e dotado —

preparara o terreno para a mediunidade. Esses costumes sociais e religiosos ajudaram a criar uma individualidade que era altamente imaginativa e, seguramente, animista. A crença celta nos poderes mágicos ocultos na montanha e na canada, mantida sob a capa do cristianismo na Irlanda, onde tantos dias religiosos são dedicados à memória de mártires e santos, conferiu-me uma perceção espiritual de que não havia morte, mas sim imortalidade, e que, após a devida penitência, que ocorria no purgatório, a pessoa ficava limpa do pecado venial.

Frequentava a capela e escutava o significado emocional e pleno da missa tantas vezes quantas ousava. Desde tenra idade, nutria uma devoção maior pela missa do que pela igreja oficial inglesa a que o meu tio pertencia e à qual me levava aos domingos. A minha tia considerava-se uma digna presbiteriana; calvinista nas suas doutrinas e princípios, não permitia qualquer liberdade de crença a ninguém, exceto ao marido.

Frequentei a escola nacional até aos dez anos. Mas, nos invernos, muitas vezes tinha de permanecer na cama semanas a fio, pois nascera no seio de uma família cujas vidas eram ceifadas pela tuberculose, e cedo sofri de asma brônquica, uma herança que nunca me abandonou. A minha educação não foi descurada, pois tanto o padre como o pastor orientavam as minhas lições, espirituais e académicas, de modo que não saía prejudicada nos meus estudos.

Desta forma, cresci para uma maturidade precoce entre gente rústica que falava não só dos deuses e das fadas, mas também da crueldade do sistema de proprietários rurais britânicos. Incentivavam a deslealdade para com a Coroa de Inglaterra, e estes temas entreteciam-se com a grandeza do espírito de nacionalismo, que se encontrava no âmago de cada discussão. O meu tio, que passara a maior parte da sua vida adulta no Exército Indiano, afastava-se apressadamente de tais debates quando o fogo do sangue e a extravagância da linguagem se tornavam demasiado acesos — ou quando uma contenda de pulmões contra punhos punha termo à conversa sobre os "eternamente oprimidos".

Já escrevi noutro local (*Aventuras no Paranormal*) sobre a minha tia. Bela, estátua viva e ruiva, nutria um desdém altivo por todos os que não trabalhavam e não tinha tempo para quem não concordasse com ela. "Herdou-me" quando ambos os meus pais, confusos com a vida e a religião, decidiram pôr termo às suas vidas — uma história trágica contada noutro local. Este deve ter sido um momento triste para ela; mas, embora amasse a minha mãe — a sua irmã preferida —, não nutria qualquer amor pelo meu pai, que afastara a minha mãe da família. Apesar de tudo, assumiu a tarefa de me criar, embora a sua própria descendência já estivesse crescida.

Costumava ir passear de madrugada e na escuridão, quando conseguia escapar pela janela do meu quarto para os campos abaixo. Por vezes, mesmo na Irlanda, o sol consegue ser letal e abrasador o suficiente para secar o verde. E porque não acontecia com muita frequência, desfazia-me das roupas para banhar o meu corpo no seu calor e cura.

Nas minhas excursões, os trabalhadores do campo, Dinamicamente cobertos de suor, olhavam para mim com um sentimento de inquietação: eu não era um deles. Energia tinha-a em fartura, mas a minha carne colava-se aos ossos como uma mortalha justa. Muitas vezes, exasperada pelas regras da disciplina eclesiástica, na escola e em casa, engolia a comida com rebeldia; mas o meu coração amadurecia com um delírio estranho e sensual.

O meu fôlego consumia o deleite da terra, e a minha adolescência em crescimento dava-me uma força desprovida de confusão. A chuva caía sobre o meu corpo enquanto eu revirava a terra, o lago e o rio em busca de respostas para a curiosidade da minha alma; apesar de tudo o que ouvira sobre pecados veniais, ardia em mim uma paixão de forma instintiva. Sabia, sem compreender, que os próprios elementos do vento e da água espicaçavam a minha inteligência para encontrar os significados que estavam instintivamente contidos no meu próprio ser.

Uma vez liberta da escola, da disciplina e do tutor, a paixão de crescer nas pastagens luxuriantes entre o campo e o ribeiro do meu país natal possuiu-me por completo. Recordo aquele último verão em que o meu tio se encontrava moribundo. Estava aturdida e fisicamente

aterrorizada com a ideia de o perder, pois ele era a minha única imagem de segurança. Quando a noite chegava, regressava à beleza subjetiva e obsessiva das horas preenchidas com o drama em redor da luz do lume.

Surgiu então o momento em que o meu tio faleceu. Olhei para ele frequentemente durante o doloroso período do velório, quando parentes pouco conhecidos de mim vinham prantear. Os seus velhos amigos permaneciam pelas noites dentro, a contar histórias, a jogar jogos — um drama da morte, antigo em mistério como a própria Irlanda. Vi o seu corpo como um vaso vazio desprovido de fôlego. Fiz perguntas ao reitor da paróquia, mas não obtive respostas.

A morte e a vida correm juntas na Irlanda e não necessitam de dotes especiais de eloquência para as explicar. Apenas sabia que o mistério especial do fôlego que fizera dele um homem se afastara do seu molde para sempre. A terra abriu-se para receber o seu corpo. O sussurro do ar por entre a multidão que se movimentava e a terra fria que guardava tudo o que restava de alguém que verdadeiramente me amara deixaram-me subitamente sozinha num mundo que eu estava ansiosa por possuir.

Os dias de espera foram longos enquanto se faziam planos para me enviar para um colégio interno protestante. Resignei-me à solidão daqueles dias. Nada sabia sobre o que o futuro reservava, apenas que tinha o direito de lhe pertencer. Errando pelos campos ao anoitecer, preparava-me para o dia seguinte. As palavras da minha tia já não eram desafiadoras. Um milagre de bondade envolvia-a frequentemente com uma beleza trágica. Quando, finalmente, cruzei a soleira da porta para a deixar, vi apenas o seu corpo orgulhoso de costas voltadas. A máscara de mármore das suas feições não transmitia a sensação de que a estava a deixar. Observei-a atentamente enquanto o carro se afastava da casa. Permanecia imóvel, de cabeça baixa, encostada à ombreira da porta aberta.

O comboio que eu vira passar sobre a ponte a caminho de Dublim entrou finalmente na estação para me levar dali. Vira estes comboios passarem sobre a ponte ferroviária desde que me lembrava, assegurando sempre a mim mesma que um dia apanharia um comboio

desses e iria embora. Agora estava a acontecer na realidade. Ia sozinha para a cidade desconhecida.

Uma mulher idosa aguardava o comboio em Dublim. Era esguia, embora as suas vestes pudessem cobrir uma criatura mais encorpada do que parecia ser; o seu rosto estava enrugado, mas quando sorriu e se aproximou de mim, senti que era compreensiva. "Serás a Eileen, a menina nova?", indagou. Assenti com a cabeça e, sem palavras, vi-a chamar um carregador para levar a minha mala, uma pequena mala de folha que continha tudo o que eu possuía. Segui a sua figura nervosa e buliçosa para o interior do antigo veículo. Inclinei-me contra o seu ombro de forma instintiva, pois subitamente soube que estava sozinha, e qualquer refúgio se mostrava confortante.

Na escola conheci tantas pessoas de uma só vez que, por uma vez, fiquei sem palavras. O meu corpo parecia estar a desagregar-se lentamente, e uma nova solidão envolveu-me. Mais uma vez, pensei no cemitério lá de casa e no vazio terrível das palavras prescritas enquanto o pastor entoava o serviço fúnebre pelo meu tio. Isto não pode ser, disse para mim mesma. E, finalmente, naquele quarto estranho, soube que tinha de encontrar uma nova força para os dias vindouros.

Algo das provações de Gethsemane, sobre as quais lera na Bíblia muitas vezes, eram agora minhas. Sentia-me encurralada onde nenhuns melros assobiavam no longo crepúsculo, nenhumas cotovias cantavam acima das colinas e das sebes vivas. Contudo, sabia que seria tolice olhar para trás e chorar. Os meus olhos estavam cheios de lágrimas infantis pelo que deixara para trás: a sintonia com todos os seres vivos na quinta e todas as suas atividades viram-se subitamente para lá daquela comunicação diária que me fora tão necessária.

Comecei cautelosamente a trabalhar e a fazer amigas. Foi então, afastada da quinta e descontraída, que me apercebi de que a distância não era importante — a ligação entre mim e os cenários bem recordados renovava-se milagrosamente. Conseguia novamente manter-me passiva e projetar-me para o campo; algo estava a ocorrer entre mim e o mundo exterior — uma nova intimidade, independente da distância intermédia. Era capaz de estabelecer a realidade dos

locais que me eram caros — os bosques, os cheiros e as estações mutáveis. Podia chamá-los a mim aqui na cidade, tal como fazia tantas vezes quando me deitava na minha cama na quinta, demasiado doente para ir lá fora. Podia, ao mesmo tempo, aparentemente, errar pelos bosques, encontrar as flores nos seus locais ocultos sob o verde luxuriante da sebe viva, e encontrar os trilhos secretos da raposa e da lebre e de todas as pequenas criaturas dos bosques e dos campos. Mais uma vez, por algum meio inconsciente, encontrara o meu caminho de "aqui para ali". Tinha deparado com um lugar dentro do esquema cósmico — um mundo de sentimento no qual ingressara muito cedo sem o saber. Agora revelava-se novamente para estabelecer a realidade de uma unificação não material em direção à qual muitas vezes me voltei instintivamente e que tornou possível a comunicação a muitos níveis.

O desafio da sala de aula tornou-se parte do processo de crescimento. Qualidades e capacidades emergiram, conferindo-me a perceção e a necessidade de correr riscos. Uma oportunidade para quebrar as regras da escola ofereceu-se, e aventurei-me pela noite dentro acompanhada por outra rapariga. Horas mais tarde, no meu regresso à escola, a realidade e as consequências da minha ousadia aguardavam-me para trazer uma ação eficaz que acabou por me valer a suspensão.

Fui mandada para casa. A experiência induziu um ataque muito grave de asma brônquica, e suspeitou-se imediatamente de tuberculose. Estava de volta ao meu próprio quarto, onde a quinta e os seus esplendores melodiosos acenavam de novo, oferecendo-me revigoramento. Enquanto estivera na escola em Dublim, tinha assistido com outras raparigas às peças do Abbey Theatre e lera religiosamente sobre a sua história. Mais tarde, viria a cruzar-me com as personalidades que tinham dado vida e brilho às palavras de Yeats, John Synge, Lady Gregory e uma série de outros. Absorvi muito da atmosfera emocional e espiritual do teatro e dos seus atores. A partir do drama da língua gaélica, aprendi a conhecer melhor o mundo celta do teatro e da história.

Aproveitei ao máximo os meus encontros com estas pessoas do teatro, que aceitavam o mito e a lenda como verdades e que

encenavam histórias de deuses e heróis antigos, onde os poderes sobrenaturais eram bem-vindos, mas não definidos de forma dogmática. Aceitei o simbolismo dos seres divinos, alguns deles senhores dos mundos grego e romano. Não havia bem nem mal nos seus desejos e emoções. Os bem-aventurados e os omnipotentes habitavam juntos para baralhar os humanos, para deter o curso dos ribeiros ou para desviar as estrelas das suas órbitas. Os mistérios de Ísis e Osíris, os astrólogos e os sábios, tudo ganhou vida. Aquelas pessoas eloquentes e dotadas criaram um céu mais estruturado e um inferno mais generoso, à medida que as velhas lendas ganhavam vida através das suas palavras e gestos.

Surgiu depois o período em que descobri a magia dos livros. Lia vorazmente. Nenhum teólogo conseguiria compreender ou esperar partilhar as minhas expedições mentais através destes volumes. As palavras de Santo Agostinho e de Apuleio foram-me emprestadas, e aprendi que a verdadeira religião nos pede para não cedermos à ira, mas sim para lhe resistirmos. O mundo de encanto expandia-se à medida que eu absorvia as múltiplas histórias e lendas. Durante estes meses de crescimento, em que as reações biológicas traziam uma nova inquietação, o subconsciente ativado assumiu o controlo para lançar uma ponte fortuita entre os primeiros conceitos religiosos da minha formação excessivamente dogmática e as muitas ideias novas que caíam rapidamente em solo fértil.

Foi durante esta época que conheci o poeta George William Russell, carinhosamente conhecido como A.E., em casa da Menina Horniman, do Abbey Theatre. Ela incentivava as crianças a frequentarem o teatro. Era uma mulher de grande caráter, que tinha os seus apoiantes e os seus detratores. Por mais rica que fosse a conversa e por mais sincero que fosse o riso, invariavelmente introduzia-se o assunto do subsídio para o Abbey Theatre.

Tive a sorte de merecer atenção enquanto permanecia sentada a escutar com avidez. Foi A.E. quem me ofereceu bilhetes para a peça *Deirdre*, de Yeats, e certa vez disse-me: "Entre as tuas lágrimas e o teu riso, e o som da tua voz, o teu espírito rebelde dar-se-ia bem no teatro." Pouco depois, conheci muitos elementos do grupo de Lady Gregory, que na altura representavam na sua própria peça, *Jackdaw*.

Dei-me conta de que um novo mundo de palavras e de ação podia ser observado a partir da plateia do Abbey Theatre. (Infelizmente, este foi parcialmente destruído durante a Rebelião Irlandesa.)

Descobri e li então as peças de Synge, Douglas Hyde, Yeats e outros. Dois jovens, de quem frequentemente se falava tanto como heróis como demónios, viviam na altura numa das Torres Martello, perto de Dublim — Oliver St. John Gogarty, mais tarde conhecido através dos escritos de James Joyce como "Buck" Mulligan, e o próprio Joyce. Viria a conhecê-los a ambos muito mais tarde na vida: Joyce quando residia em Paris, e o Dr. Gogarty em Nova Iorque, onde publiquei a sua obra posterior através da minha Creative Age Press.

De regresso a casa, a minha vida interior fluía ao seu próprio ritmo criativo. Os meus ciclos de oração secreta pela noite, aliados à minha leitura intensiva, pesavam fortemente na minha recém-encontrada consciência. Foi então que concluí que a emoção da missa seria melhor para a minha perceção recém-desperta do que os elementos áridos da fé protestante. Comecei a suplicar à minha tia para que permitisse que essa mudança se realizasse. Consegui entrar num seminário católico, onde a minha consciência pareceu acalmar. Trabalhei arduamente para conquistar o respeito e a estima das Irmãs.

Um dia assisti a uma cerimónia sagrada na qual uma rapariga que "tinha a vocação" fez os seus votos para entrar como noviça. O serviço fúnebre teve um forte impacto em todo o meu ser. Renunciar ao mundo não era a forma como eu compreendia a vida, ainda que vagamente. De um dia para o outro, perdi a minha nova estabilidade e, após dias de desgosto por esta nova "infidelidade", confessei entre soluços que desejava regressar a casa.

Uma vez de volta ao meu antigo quarto, agarrei-me aos fragmentos da vida que tinha deixado. Algum instinto apressado, nascido do regresso da doença brônquica, levou o médico a sugerir que eu deveria deixar a Irlanda. Uma noite, o meu falecido tio "apareceu-me" numa visão, mais jovem e mais ágil do que eu o conhecera; a sua barba *Vandyke* estava bem aparada e ele erguia-se forte e direito. À luz suave do candeeiro, olhei para ele como um salvador que tinha regressado para mim. Aconselhou-me a obedecer à

minha tia e disse-me que, com o tempo, eu haveria de deixar a quinta e ir para Londres. Após um breve intervalo de êxtase pelo seu regresso, caí para trás, exausta devido à emoção e ao espanto.

Sabia, por experiências passadas, que não podia partilhar este momento com a minha tia, pois em ocasiões anteriores a minha carne e o meu espírito tinham sofrido quando eu falava de tais "visitações". Adormeci com medo e, no entanto, havia um desejo feroz de acreditar — o meu tio nunca me tinha mentido. Sabia que tinha de aceitar e viver na expectativa. Tornei-me estranhamente letárgica; o médico aconselhou a minha tia que se poderia encontrar uma escola no sul de Inglaterra onde eu teria a oportunidade de estudar e ficaria exposta a um clima mais salubre.

Enquanto estes novos planos eram explorados, uma excitação veemente ardia no meu interior perante a constatação de que o meu tio tinha, por algum meio desconhecido, feito o milagre acontecer. Durante o tempo de recuperação e de espera, fui consumida por uma operosidade infatigável, fazendo tudo o que a minha tia desejava — tanto assim que ela chegou a manifestar a sua felicidade pelo facto de eu ter ganho humildade e observância religiosa.

Fui rápida a tirar bom partido da sua admiração e ofereci-me para assumir a contabilidade da quinta, que ela própria sempre tinha mantido de forma escrupulosa. Talvez tenha sido o meu estudo da sua atenção ao mais ínfimo pormenor, somado à sua confiança em mim naquele momento específico, que lançou as bases da minha capacidade para lidar com as muitas iniciativas comerciais que empreendi durante a minha vida. Aqueles meses pacíficos de espera e de utilidade devolveram-me a posse do meu ser consciente. A experiência permitiu-me conformar-me objetivamente e, apesar dos conflitos com os níveis subconscientes da minha existência e da saúde débil, essa aptidão especial nunca me abandonou.

Chegou finalmente o dia em que ia deixar o paraíso privado da quinta pelo estímulo da cidade. O meu Tio Jack, que me acompanhou na partida, falou seriamente sobre a necessidade de levar uma vida cerebral e objetiva, onde se atendia e obedecia às regras do mundo convencional. "Uma verdadeira conversão deve operar-se no teu

interior, Eileen, se vais viver num mundo onde a voz oficial tem de ser obedecida." Escutei com atenção enquanto ele me dizia suspeitar que existia uma dose modesta de bom senso na minha maneira de ser!

Lembrei-me das suas palavras mais tarde, em dias não muito distantes, quando tanto a tristeza como a falta de fé me haveriam de avassalar; mas agora partia para uma nova terra, e o estímulo e a excitação assumiram o controlo quando ele me deixou. Fui de bom grado para o abraço acolhedor da filha do nosso reitor, Olivia, em Londres, que orientaria as minhas energias no seio do mundo convencional dessa grande metrópole.

Isto, de facto, seria uma "conversão" onde eu ganharia segurança e força, e cresceria até encontrar profundezas inesperadas em mim mesma. O sentimento de imperfeição assaltava-me frequentemente, sobretudo quando tentava rezar. Havia uma sensação de pecado na minha descrença relativamente à vida espiritual, da qual antes estivera tão absolutamente certa; isto causava-me muitas vezes momentos de ansiedade. A minha anfitriã, Olivia, que compreendia que parte da minha ansiedade integrava a adolescência, ajudou-me a obter uma perspetiva mais ampla. Tinha prometido graciosamente ao seu pai e à minha tia que cuidaria de mim até eu ir para a escola em Chislehurst, no Kent, mas, para minha felicidade, encontrava-se ocupada com os preparativos do seu próprio casamento.

Isto deixou-me uma certa margem de liberdade para explorar um mundo adulto recém-descoberto. Pensava muito no futuro, em Olivia no seu casamento e na minha própria relação com o mundo. Muitas vezes encontrava e conversava com o jovem pastor episcopal que visitava a casa. Tinha tempo para pensar no significado de crescer. Os problemas que enfrentava pareciam complexos e difíceis de clarificar. Contudo, sem que eu o soubesse, a ajuda estava próxima.

Um amigo do noivo, um arquiteto chamado Clive Barry, veio jantar a casa; a sua curiosidade foi despertada pela minha juventude e pelas minhas origens. Ofereceu-se para me mostrar a Londres histórica e até para me levar ao teatro. Clive Barry transmitiu-me uma preciosa sensação de liberdade, de segurança. Despertava todas as

manhãs com a sensação de que cada dia me permitia entrar numa nova fase da vida.

O casamento de Olivia causou-me uma profunda impressão. Tinham-me ensinado que o matrimónio era, de facto, um sacramento, e o próprio dia do casamento encontrou-me num estado estranhamente exaltado. Lembrei-me de assistir a um casamento cigano onde as veias da noiva e do noivo eram abertas para permitir que o seu sangue fluísse enquanto os seus braços eram atados um ao outro. Recordei também a minha profunda afeição pela velha líder cigana da tribo, que durante uma certa primavera me ensinou o amor do seu povo e muito sobre os costumes do campo e das sebes vivas, bem como sobre a sua própria vida como rapariga na Roménia. Durante o serviço religioso calmo e ordeiro na igreja, uma profunda agitação apoderou-se de mim ao recordar o casamento cigano e a minha própria e estranha participação. Esta cerimónia parecia monótona em comparação. Apesar de tudo, a vida religiosa estava profundamente enraizada no meu próprio ser. Prometi a mim mesma que trabalharia bem na escola.

Contudo, a fé cristã, bem assimilada, não apagou por completo o significado místico que me tornava parte da natureza. A moralidade e a religião existiam para ser obedecidas e compreendidas, mas, nos recessos do inconsciente profundo, habitavam imagens de um passado primitivo ligado a outras pessoas, e estas frequentemente assumiam o controlo do meu melhor ser!

O interesse de Clive por mim continuou após a partida dos recém-casados. Tinha feito diligências junto de um familiar seu para que eu pudesse permanecer em Londres antes de ir para a nova escola. O verão passou como um sonho. Finalmente, Clive anunciou-me que eu não ia para a escola, mas que, em vez disso, casaria com ele! Fiquei assustada mas feliz, embora tenham surgido dificuldades em casa que fizeram com que o meu Tio Jack se deslocasse a Londres a fim de me levar para o Kent. Ele e Clive tornaram-se bons amigos e, em consequência disso, casei-me pouco depois por licença especial.

A recordação da agitação do casamento de Olivia amparou-me ao longo dos preparativos e da cerimónia. Mas, a caminho da nossa lua de mel em Paris, o meu marido mostrava-se ora indiferente, ora

silencioso. Era doze anos mais velho do que eu e um inglês com uma formação diferente da minha. Um curioso resquício de superstição irracional dominou-me na cerimónia de casamento, revestindo-a de um profundo mistério que me envolveu. O banquete do copo-d'água em tempos idos encerrava profundas implicações. Tais pensamentos, que surgiam das minhas profundezas, traziam também medos intangíveis. Nesses momentos, a minha mente sem instrução dramatizava os meus receios. Profundamente comovida, tinha-me tornado noutra pessoa, com memórias de outras crenças e de outras cerimónias num longo passado primitivo.

Antes de regressar da minha lua de mel para iniciar a minha vida de casada, o meu marido já se tinha apercebido da minha capacidade para pressentir e ver o mundo invisível. Felizmente, achava graça, desde que eu não exibisse essas capacidades perante os seus amigos; contentava-se em ser um companheiro de folguedos complacente — bem vestido, cativante e divertido. Mas eu tinha trocado uma disciplina por outra.

O meu primeiro filho, um rapaz, nasceu forte e saudável, embora a ansiedade de o poder perder me afetasse frequentemente de forma profunda. Partilhei algumas destas ansiedades interiores com o meu marido e com o seu médico. Este último sugeriu que as minhas energias eram de um tipo que necessitava de mais do que uma casa e um filho para me manter ocupada. As dimensões subtis contidas no inconsciente fundiam-se com a minha existência quotidiana consciente para me conferir outra perspetiva dimensional. Isto estivera sempre presente durante a minha infância, mas o meu marido não desejava que estes aspetos fossem incentivados. Apesar do seu conselho, eu vivia duas vidas, à medida que o teatro do inconsciente assumia o controlo de grande parte da minha vida de vigília.

Surgiu então a oportunidade. Regressei à Irlanda para ver a minha tia, que tinha ficado gravemente doente. Ao mesmo tempo, perguntei a mim mesma se a representação não poderia oferecer uma carreira. Tinha continuado a olhar para o mundo do teatro com entusiasmo e reverência.

2

Tem sido minha boa sorte conhecer vários daqueles que hoje se contam já entre os imortais da literatura irlandesa. A.E. (George William Russell) era um dos que eu especialmente reverenciava. Embora fosse natural do Norte da Irlanda, fora educado perto de Dublim, e parecia certamente pertencer à bela cidade da Irlanda. Também conhecia bem amigos da sua família, a família Lambert, muito conhecida em Meath, onde nasci, que o consideravam um pintor promissor. Creio também que Yeats, que conheci melhor em anos posteriores, sugeriu que A.E. deveria ter continuado a pintar. Embora não devesse ter mais de quarenta anos na altura, A.E. parecia-me velho.

Foi pouco tempo depois de ele ter deixado a direção do *Irish Statesman*, exemplares do qual o meu tio tinha sempre em sua casa, que o voltei a encontrar. Não era apenas um patriota no melhor sentido da palavra, mas possuía um profundo conhecimento do seu povo e das lendas da Irlanda. Lia grego; na sua presença sentia-se a aura e a sabedoria de um filósofo grego. Mas era, antes de mais, um poeta. Possuía uma voz rica, uma imaginação viva e um encanto infinito. Desde os primeiros momentos em que o conheci, ficou consagrado como um símbolo de bondade.

Quando voltei a encontrar A.E., na minha visita à Irlanda para ver a minha tia, ele parecia ter envelhecido subitamente. Tinha-lhe escrito a pedir um encontro e, quando me reuni com ele, fazia-se acompanhar por Katherine Tingley, a famosa teosofista americana, que era sua amiga íntima. Parecia ter perdido parte do antigo brilho nos olhos e dava bafejadas incessantes num cachimbo. Lembrava-se de mim como "a rebelde", o que pode, de facto, ter sido uma descrição exata. Quis saber tudo o que me tinha acontecido. Falei rapidamente, expondo-lhe a minha necessidade do seu conselho.

"Calma agora — não tão depressa", interrompeu ele. "Há um timbre na tua voz que espero que nunca percas... Embora o meu pai fosse um homem musical", continuou, "eu não afino — mas sei sempre escutar uma boa voz falada. Nunca deixes que ninguém interfira com ela."

Intrigada, perguntei-lhe porquê.

"Não vieste ter comigo para pedir conselho?", disse ele. "Bem, creio que tens o estofo de uma atriz", e prosseguiu dizendo que havia sempre necessidade de bons elementos no Abbey Theatre. Isto era lisonjeiro e totalmente inesperado, e senti-me intimidada. Mas não precisava de me ter preocupado muito, pois mais tarde, quando segui o seu conselho, fui destacada para um trabalho de remendar e coser cortinados pesados, tapeçarias e adereços, pelo qual não nutria grande amor.

Mais tarde, regressei para o meu marido com melhor disposição. Estas eram pessoas do meu próprio sangue, cada uma com a sua sabedoria remota — tão diferentes dos meus amigos ingleses. Cada um me tinha assegurado que a própria vida me daria, com o tempo, as perceções e os raciocínios mais apurados para guiar as motivações interiores e exteriorizá-las. Regressei às minhas obrigações conjugais, compreendendo que devia continuar integrada na ordem e na contenção do mundo exterior, mesmo que um mundo interior estivesse a assumir rapidamente o controlo para me conferir uma secreta sensação de calma. Como é evidente, também suspeitava que o meu marido e o médico consideravam provavelmente que as minhas preocupações com um mundo interior poderiam conduzir a um estado de desequilíbrio!

Dei três filhos a Clive. Dois deles faleceram em idade muito precoce numa grave epidemia de meningite, numa altura em que essa doença não era tão bem compreendida como o é hoje. O meu terceiro filho faleceu poucas horas após o nascimento. A perda dos meus três filhos deixou-me espiritualmente exausta e incapaz de lidar com as condolências convencionais da família. Tinha de encontrar forças dentro de mim para enfrentar a rotina da vida quotidiana, mas isto viu-se dificultado por muitos fatores.

As palavras plausíveis de amigos e familiares que explicavam que a perda dos meus filhos era "a vontade de Deus" nada fizeram para me dar respostas úteis, nem as minhas perspetivas para o futuro foram ajudadas pelo reitor da igreja, cujas declarações eram inevitavelmente aquelas que preconizavam a necessidade de fé. Os

sacramentos deixaram de ter um significado real. Lembrei-me de que a natureza lida com o seu reino, as suas criaturas e as suas estações sem mistério. Pequeno animal que eu era, dispensei as especulações e, finalmente, os ritos religiosos tão profundamente enraizados na natureza do meu ambiente.

Voltei-me instintivamente para o animismo e para a personificação da natureza, utilizando a sua magia única para me curar. A minha energia necessitava novamente de uma saída para lá da minha casa e do meu marido. Interessei-me pelo trabalho social no East End de Londres. Isto consumia as minhas energias físicas, mas não dava uma verdadeira satisfação interior. Fui para o outro extremo e renovei o meu interesse pelo teatro.

Considerei isto intensamente gratificante, mas Clive e a sua família ficaram desagradados e insistiram que eu tinha obrigações sociais para com o meu casamento e para com os amigos dele. As minhas esperanças de ser economicamente independente foram temporariamente postas de lado. Exteriormente, mantive-me dócil aos desejos do meu marido e desfrutava da vida objetiva e despreocupada dos subúrbios. Mas o mundo interior continuava a acenar.

Chegaram agora notícias de que a minha Tia Martha, que se encontrava gravemente acamada, estava a ir-se rapidamente. O meu marido aconselhou-me a regressar a casa, à Irlanda. Voltei, para ser recebida friamente pelos seus muitos familiares e amigos. Nunca soubera que eram tantos. Procurei o quarto dos sonhos em que tinha crescido e, quando conseguia afastar-me, ia para os bosques, para o Rio Boyne e para todos os outros locais secretos da minha infância. Mal me dava conta de que os tinha deixado — a magia da infância regressava.

A minha tia não ficou particularmente agradada por me ver. Velha, frágil e próxima da morte, havia ainda desaprovação na sua voz cansada. Permaneci até que a centelha daquela chama indomável se extinguiu; mas não pude ir ao funeral para me integrar no grupo familiar que se tinha reunido naquele fúnebre santuário.

Visitei Dublim no meu caminho de regresso a Londres. Ao fazê-lo, verifiquei que não fora apenas a ligação imposta pelo dever à

minha tia que me obrigara a voltar, mas sim o desejo de ver algumas das minhas pessoas para discutir as complexidades da minha exigente natureza interior.

Amava Clive de uma forma exterior e física. Sentia-me feliz por ser sua esposa. Mas a vida social e a sua atitude superprotetora para comigo eram difíceis de aceitar. Olhando para trás, para a minha vida dupla, sei agora que ele deve ter estado muito preocupado por minha causa. A importância que eu atribuía às crescentes experiências místicas na minha vida quotidiana deixava-o confuso e desiludido. Sentia-me feliz por regressar para ele e reconhecia a necessidade de ser "justa e moderada", como ele frequentemente aconselhava.

No entanto, havia também a necessidade de ser capaz de sentir ira e paixão e de fazer com que os ventos da vida, calmos ou violentos, fluíssem através de mim. Sabia que a sua sabedoria e o seu bom senso eram adequados para mim. Mas a vida também exigia uma coragem da alma, e os sentidos eram bombardeados com facetas de outros desejos que constituíam um desafio à minha própria inteligência.

Com as emoções da curiosidade, da avidez, da esperança e do amor pela vida, comecei a compensá-lo pelo que sentia em mim mesma ser uma imagem insatisfatória do que uma esposa deve ser. Nestes meses, creio, alcancei uma compreensão espiritual do que o companheirismo humano e o amor podiam trazer ao casamento; mas, antes que pudesse estar verdadeiramente segura de ter alcançado uma relação duradoura e sustentável, teve início a Primeira Guerra Mundial em 1914.

A agitação emocional em Inglaterra encheu-me de um novo sentimento de humildade. As necessidades do povo trouxeram-me inspiração perante a catástrofe da qual nenhuma pessoa se podia retirar. O sofrimento contínuo pela perda dos homens de Inglaterra exigia de cada um uma dependência inteligente de si próprio. A vida para as mulheres tornou-se algo de realização instintiva. O cenário total de ação cresceu até que cada uma se viu estimulada para lá do fracasso.

Clive, tal como outros da sua idade, andara a treinar no Exército Territorial durante as férias de verão, e viu-se rapidamente transferido

para o serviço no estrangeiro. Mulheres de todas as idades viam a fina linha caqui de homens fundir-se no exército sombrio que partia para a guerra. A independência que eu ansiava não estava disponível para que eu a utilizasse em reflexão — não havia sequer tempo para o arrependimento. Era tempo de trabalhar. A guerra já não era apenas para os homens.

As mulheres trabalhavam agora nas fábricas, nos hospitais e em clínicas recém-organizadas, bem como perto dos campos de batalha onde os homens, unidos na longa tragédia, caíam mortos e feridos — alguns para regressar penosamente cedo, quase assim que a batalha começava. O meu marido regressou a Londres para passar por um período de treino com vista a uma comissão de oficial, mas partiria novamente em breve. O grande holocausto da guerra exigia o cumprimento do dever a todos e a cada um — embora ninguém suspeitasse, na altura, que o rasto de meteoro da grandeza de Inglaterra tinha começado a esbater-se!

Os filósofos disseram que o homem aceitará o jugo se puder ter a certeza de que a esperança o sustentará. Nações antigas e jovens aceitaram o fardo da guerra e rezaram para sobreviver. Foi então que tive de me examinar seriamente para compreender o meu espírito animal, e de que forma os objetos eternos impressionavam os sentidos para produzir uma contínua comunicação interior com o mundo da natureza — uma comunicação que fazia com que aqueles que me conheciam sentissem que eu era "diferente". Acreditava na altura, como acredito agora, que o poder da natureza é tão vasto e amplo que produz no íntimo de todos nós a forma de comunicar com ela, mas talvez alguns dos seus caminhos sejam obscuros.

As verdades que tinha de aprender, e as disciplinas e regras do mundo exterior que tinha de adquirir, trouxeram-me novas verdades na proporção da minha busca. A marcha abstrata dos acontecimentos interiores com os seus padrões práticos externos, que mais tarde seriam descritos como telepáticos, continuou a revelar-me acontecimentos fora do próprio ser, e colocou-me face a face com múltiplos níveis de realidade. Recebia continuamente novas sensações em estados de vigília ou de sonho. Tinha a capacidade de ver e saber mais do que aquilo que era capaz de digerir. Sabia que apenas o

trabalho, e em grande quantidade, lidaria com estas novas sensações numa unidade de espaço-tempo. O dualismo da minha natureza exigia que eu me ocupasse num mundo exterior onde esta alteridade de ideias pudesse ser vertida numa energia mais objetiva.

Decidi finalmente abrir uma casa de chá em Heath Street, Hampstead, e o meu marido concordou com isso relutantemente. Há muito habituada ao profundo isolamento na quinta na Irlanda, também sentia a necessidade de estar mais perto da terra, e escolhi Hampstead devido à grande extensão de charneca aberta que ficava a uma curta distância a pé do café.

A vida na casa de campo lá no meu país também me preparara para uma vida de trabalho. Estava certa de que a vida convencional, mas fácil, do meu marido e dos seus associados não era a rota definitiva para mim. Eram sábios e bem-ordenados nas suas vidas; mas a sabedoria, quando se encontra contida apenas na mente, faz o coração sofrer se não houver também trabalho a realizar. Nada é mais terapêutico do que o trabalho do corpo e da mente em uníssono. Uma vida comercial pequena, mas perpétua, que exigia ponderação para cada tarefa diária, mantinha-me alimentada.

Os pensamentos fluíam sem entraves para se formarem num mundo de símbolos e fantasia que não se podia descrever como físico ou mental. A minha vida interior prosseguia da escuridão para a luz do sol sem necessidade de palavras. Ocupada alegremente no trabalho que o café exigia de mim, os meus pés levavam-me de uma tarefa para outra — feliz como os animais, despreocupada como as flores e as aves.

A casa de chá prosperou e tornou-se finalmente um local de encontro para os jovens nas tardes e noites. Pessoas de Londres apareciam para uma refeição ligeira e um café ocasional, mas sobretudo para conversar com os seus amigos até altas horas. Assim, as noites tornaram-se um ponto de encontro para os escritores que viviam nos arredores de Hampstead e para aqueles que regressavam do seu trabalho em Fleet Street.

No meio da multidão que vinha tomar café, encontrava-se um jovem que, devido ao seu aspeto barbudo, era referenciado pelo grupo

de Fleet Street como J.C. (Jesus Cristo). Tinha trocado algumas banalidades comigo de quando em quando, mas habitualmente preferia sentar-se isolado à sua mesa, onde bebia cacau e escrevia. Prestei-lhe pouca atenção, embora o seu aparecimento em cada noite se tenha tornado parte do cenário noturno. Muitos dos jovens, que eram pintores e escritores, cumprimentavam-no de forma muito informal. Tinha obviamente muitos amigos na vizinhança, mas escolheu a sua mesa junto à janela do café e ali se concentrava na sua escrita. Acabei por descobrir que era D. H. Lawrence.

Estava interessada no jovem escritor, mas sentia-me de algum modo repelida pelo olhar perturbado e infeliz nos seus olhos. Desenvolvemos entre nós uma linguagem de sinais que servia a ambos. Apontava para a sua chávena quando precisava de a reabastecer e batia com alguma força no prato quando precisava de comida. Mostrava-se estranhamente ciumento se mais alguém se sentasse naquele lugar específico, e pairava em redor do intruso até que a mesa ficasse vaga.

Ganhei o hábito de o servir eu própria. Dizia-me repetidamente para parar de trabalhar e para ter a coragem de ser mulher — uma observação que nada significava para mim na altura. Vivia em Byron Villas, no Vale of Health, em Hampstead, e creio que se encontrava com alguma falta de dinheiro, pois por vezes explicava subitamente antes de partir: "Não tenho dinheiro; provavelmente pago-lhe amanhã." Creio que escrevia copiosamente nesta época. Queixava-se do tempo, da má vida e de amigos difíceis, mas a sua saúde parecia ser a sua principal preocupação. Ocasionalmente, mostrava-se afável e conversava com os jovens pintores e escritores. O efeito da guerra perturbava-o grandemente; e quando os zepelins atacavam Londres, como aconteceu em 1916, por vezes manifestava a esperança de que o mundo fosse pelos ares. Perguntou-me uma vez sobre a minha religião, e respondi que queria apenas acreditar num Pai misericordioso que nos mantivesse afastados dos perigos inevitáveis da guerra.

Lawrence disse-me então que não amava ninguém, embora neste período da sua vida eu tenha percebido que nutria uma certa afeição por Bernard Shaw e por A. R. Orage, na altura editor do *New Age*.

Falava frequentemente deste último em termos elogiosos e exortava-me a ler a publicação. Os seus estados de espírito eram múltiplos e imprevisíveis. Havia momentos em que gostava dos jovens que iam e vinham; e, logo a seguir, ignorava-os. Disse-me uma vez saber que eu não o aprovava. Dificilmente era verdade — sentia simpatia devido ao seu aspeto formidável e desalinhado; mas não admirava a sua barba ruiva e considerava que ele poderia ser mais atraente sem ela.

Lawrence dava a impressão de que suportava as pessoas apenas porque estas se encontravam ao seu redor. Falava tanto do mal — "Os caminhos dos homens são maus", reiterava — que isso acabou por me repelir. A atitude malévola das pessoas, de facto, era habitualmente o seu tema quando se dignava a conversar com aqueles que o cumprimentavam. A maior parte do tempo permanecia distante, falando muitas vezes consigo próprio, como se os seus pensamentos exigissem ser vocalizados em voz alta. Os jovens que inicialmente o tinham procurado cedo o deixaram entregue aos seus escritos e reflexões sombrias.

Um dia, Lawrence anunciou que ia deixar Hampstead para encontrar um clima melhor. Falou em viver na África do Sul, mas sempre como se fosse algo num futuro remoto. Finalmente, anunciou uma noite que tinha de deixar a região porque as pessoas a quem a sua casa pertencia estavam de regresso. Sentia que esta mudança seria terapêutica, uma vez que o Vale of Health apenas alimentava a escuridão da alma, e esperava que na Cornualha, onde ficaria perto do mar, encontrasse um sentimento de pertença consciente. Creio que foi para a Cornualha e ali viveu durante algum tempo. Mais tarde, quando regressou a Londres, procurou-me em numerosas ocasiões.

Mais tarde na vida, viria a ouvi-lo ser discutido frequentemente pelos Huxley e por outros escritores que o conheciam bem e até declaravam amar o seu íntimo profundamente. Maria Huxley foi uma das pessoas que foi cuidar dele quando este se encontrava doente e moribundo, em Vence, no sul de França. Aldous Huxley falava dele com grande afeição e elogiava a sua poesia e a sua prosa, embora o próprio Aldous pudesse ser negativo, por vezes, em relação à personalidade de Lawrence. Mais tarde, conheci a Sra. Jessie Chambers, que figurava num dos seus romances e que falava dele com

uma ternura infinita. Com o passar do tempo, conheci muitas pessoas cujas vidas ele tinha tocado profundamente. No entanto, considerava difícil acreditar que ele poupasse amor para alguém que não fosse ele próprio. Os seus talentos literários eram mais criativos do que me foi revelado naqueles primeiros tempos. A sua natureza não lhe permitia dar de si facilmente.

D. H. Lawrence permanece na minha mente como um homem que não foi capaz de alimentar uma capacidade de sentimento profundo. Nunca senti que ele tivesse a boa fortuna de fazer as pessoas responderem-lhe adequadamente. Dava a impressão de que escolhia os seus amigos com pleno conhecimento das suas fraquezas. Os seus sentimentos, que partilhava com muitos dos seus amigos — tais como Middleton Murry e Katherine Mansfield —, revelavam um elemento básico de crueldade inconsciente que muitas vezes pensei ser exercida precisamente para com as pessoas que se sentavam aos seus pés e se entregavam verdadeiramente a compreendê-lo. D. H. Lawrence falava do seu desprezo pelo mundo, mas talvez também um pouco dele fosse por si próprio.

A associação com o mundo exterior tinha-me dado um sentimento vibrante de segurança e paz de espírito. O trabalho era terapêutico num mundo sofredor e exigente. Havia os momentos de descontração em que a mente, essa grande tecedeira de sonhos, assumia o controlo para me assegurar dos seus próprios níveis dinâmicos fora do equilíbrio externo consciente que eu sabia que devia exigir para mim própria. Havia dificuldades e perplexidades em abundância e, no entanto, era capaz de conduzir os meus consideráveis negócios do dia a dia com segurança e confiança. Pois aceito agora como normal, e com alegria e acutilância, que havia muitos níveis no meu ser, que podia trabalhar bem em todos estes níveis separados, e que eu não era "diferente".

Durante este período de trabalho, nasceu-me uma filha. Clive, regressando novamente de licença, mostrava pouca simpatia pelos meus contínuos desejos de ser livre e de viver uma existência independente; mas eu sabia que estava comprometida com o meu próprio caminho de vida. Muito mais tarde ele concordou, e organizou-se um divórcio amigável.

Enquanto aguardava pela minha liberdade, desfiz-me da casa de chá e abri um albergue para soldados feridos que necessitavam de repouso e convalescença antes de regressarem ao serviço ativo. Isto trouxe-me um maior sentimento de utilidade para com o esforço de guerra, especialmente porque conseguia trabalhar para o hospital vizinho sempre que podia. Tinha assegurado uma enfermeira para a minha filha pequena, que se encontrava fora da cidade, longe dos ameaçadores ataques de zepelins a Londres.

O albergue ficava perto das estações ferroviárias de Euston e St. Pancras, e eu levava os soldados feridos e com neurose de guerra — aqueles que se encontravam suficientemente bem para serem movidos — para as estações de metropolitano durante estes bombardeamentos. A cortina escura de medo revelada em cada um deles durante estas noites dava-me a sensação de que me pertenciam como filhos. Isto proporcionou-me uma participação mais ampla nas suas vidas, especialmente porque "via" acontecimentos, na sua maioria graves, que se abateriam sobre eles. Muitas dessas vidas iam terminar demasiado cedo!

O mundo ao nosso redor estava cheio de dor, e eu sentia-me profundamente comovida a ajudar todos e cada um. Foi então que descobri que podia projetar-me nas suas vidas e procurar a cura no meu próprio íntimo, onde encontrava luzes e valores para a sua maior paz de espírito.

No seio do grupo, havia um jovem de aspeto "rapaziada" por quem me senti atraída. Era artístico, mas dolorosamente sensível, e quando as experiências de guerra eram discutidas, ficava infeliz. Nunca robusto, alistara-se como soldado apenas porque era a coisa "decente" a fazer. Quando se aproximou o momento de ele se juntar novamente ao seu regimento, teve um pressentimento horrível de que seria morto. Tínhamos convivido bastante e ele pediu-me em casamento. Quando o meu divórcio se tornou definitivo, foi fácil e pareceu perfeitamente natural aceder ao seu desejo e dar-lhe a breve felicidade por que ansiava. No espaço de um mês, estava morto.

Jantando com alguns amigos no Savoy Hotel em Londres, uma noite, vira por clarividência o meu jovem marido ir pelos ares com

duas ou três outras pessoas. Parecia estar presa pelo fumo e pela explosão no meio de um mar de som, até mesmo fazer parte da terrível experiência. Fiquei doente e pedi para me retirar. Escassos dias depois, fui informada pelo Ministério da Guerra de que ele se encontrava entre os desaparecidos. Os seus camaradas oficiais escreveram mais tarde que ele tinha partido numa expedição de corte de arame farpado e nunca mais regressara. Anos mais tarde, vi o seu nome no Memorial da Porta de Menin, em Ypres. Apenas eu conhecia a maneira como ele tinha morrido.

Estava novamente sozinha e, durante algum tempo, sofri a invasão de muitas experiências "estranhas". O mal da guerra arrastava-se. Parentes e amigos morriam por autoridade dos senhores da guerra. Quatro anos de derramamento de sangue forçavam à operosidade — a pessoa tornava-se filha do tempo e obedecia à sua autoridade. Os homens começavam a escassear, à medida que os mais nobres e os mais jovens eram dizimados e, depois, por sua vez, os seus pais. Os deuses não se satisfaziam facilmente com o sacrifício em que o mundo ocidental se encontrava finalmente empenhado. Restrições arbitrárias eram a ordem da vida quotidiana. A minha saúde colapsou por duas vezes sob a pressão, mas fui rápida a recuperar e a encontrar novas formas de servir.

Três semanas antes de ser declarado o armistício, casei-me novamente. A necessidade de ser pretendida tornou-se urgente. James William Garrett, um dos meus muitos amigos feridos, tinha-me pedido para o visitar num hospital próximo, onde aguardava para saber se seria necessária a amputação de uma das suas pernas. Os médicos tinham praticamente concordado que, caso contrário, a gangrena se instalaria e ameaçaria a sua vida. Mas, enquanto discutia a situação com o meu soldado, senti no meu íntimo que esta operação não era necessária.

"Mas os médicos dizem que não há outra saída a não ser a amputação", disse-me ele.

"Espera aí!", contrapus. "Pediste-me para ser tua esposa. Bem — serei. Como tua esposa, poderei falar com os médicos de uma forma que, de outro modo, não consigo. Eu sei... simplesmente sei que

existem outras formas de tratar esta condição, e recusar-me-ei a deixar que eles avancem!"

Casei-me com James William Garrett, não houve operação e a perna dele foi salva. A cerimónia de casamento foi de pouca importância material: era a necessidade de ajudar e curar que se sobrepunha a tudo. Por essa altura, já sabia que as fontes das necessidades humanas eram complexas e imperiosas. Tinha-me tornado uma determinista convicta que queria dar um significado à força da vida — o seu direito a sobreviver.

Quando o armistício foi assinado, senti subitamente como se uma artéria tivesse sido cortada. A espada reluzente da necessidade fora posta de lado. A pessoa sentia-se imediatamente radiante e feliz, mas havia também uma sensação de estar perdida e, estranhamente, um sentimento de desespero. Durante quatro anos, cada momento da vida de alguém fora regimentado para fazer a coisa que era mais essencial para a ajuda dos outros. Não havia momentos desperdiçados nas nossas vidas na altura e, em consequência disso, éramos um povo muito mais agradável e amável. Foi um tempo de desespero, um tempo de exultação, um tempo de trabalho muito árduo e, no entanto, um tempo de alívio num sentido peculiar, porque cada um tinha a sua tarefa definida.

Houve um período de exaustão que finalmente chegou ao fim com o armistício, para trazer aquilo que se chamava paz. Foi esta paz, mais do que a guerra, que abalou a minha crença em tudo o que as escrituras tinham para ensinar. Alguns haveria que talvez esperassem um tempo feliz quando os homens regressassem a marchar para casa, que pensassem que tudo ficaria bem novamente. Mas o país estava cheio de homens desesperadamente feridos. A exultação selvagem da guerra tinha terminado e os tempos difíceis começaram. Duas gerações de homens tinham sido perdidas para nós. Restavam apenas os homens velhos e os muito jovens que, por misericórdia, tinham sido demasiado novos para serem arrastados para o holocausto. E aqueles de permeio tinham sido apagados para sempre.

Recordo que os meus sentimentos na altura não eram de alegria, mas de ira — a palavra "armistício" não era suficiente após quatro

anos de guerra. Tinha-se ouvido os refrões: "Quando os rapazes regressarem a marchar para casa", e como seria bom quando pudessem sentar-se novamente junto às suas lareiras; mas sabia-se que havia dias sombrios pela frente antes que os sonhos e as esperanças de uma lareira pacífica pudessem ser concretizados.

Quando o meu marido teve alta do hospital, tivemos de procurar aposentos adequados para viver; comecei então a olhar de novo para o rosto mutável da Grã-Bretanha e a antecipar um lugar para mim dentro desse cenário em mutação. As pessoas já não voavam nas asas da imaginação. A mente e o corpo estavam entregues à dura necessidade de todos e cada um encontrarem um lugar para viver e para trabalhar. A tarefa para o indivíduo parecia estar a terminar, quando na realidade estava apenas a começar de novo, mas para ser regulada por outros princípios e outros acontecimentos. Os reformadores ergueram-se para assumir a tarefa de reformular as leis que quase tínhamos perdido de vista — aquelas que preservavam o bem geral da humanidade.

A transição dos anos trágicos da guerra para a "paz inquieta" trouxe dificuldades e desconforto para todos. Ninguém em seu perfeito juízo acreditava que uma vitória permanente tivesse sido alcançada. A Europa fora esvaziada de recursos espirituais, e as suas necessidades políticas e económicas trouxeram mudanças sociais drásticas para o país.

A imensidão do esforço a realizar estava a ser assumida pela Fabian Society. Tinha voltado a minha atenção para eles, acreditando, tal como muitos outros da geração mais jovem, que as suas propostas continham elementos construtivos. A sua intenção era restaurar o equilíbrio das ilhas devastadas pela guerra através de um processo de educação política. Dediquei algum tempo a compreender o socialismo a partir de pessoas tão estimulantes como Clement Attlee, Ramsay MacDonald, Harold Laski, H. G. Wells e Sidney e Beatrice Webb, bem como uma série de jovens escritores e pensadores. Enquanto a igreja falhava em dar respostas, os fabianos produziram para mim um credo de democracia mais do meu agrado. Como grupo, eram tanto amados como detestados; eram trabalhadores árduos, vigorosos e

muito pouco compreendidos. Estas pessoas notáveis sabiam que o ritmo económico do mundo clamava por uma mudança progressiva.

A revolução esteve sempre no meu sangue. Em jovem na escola, tinha escutado John Redmond, John Dillon e William O'Brien a exigir a independência para a Irlanda. Embora nutrisse pouca simpatia pela causa irlandesa e pelo seu sentimentalismo, deixava-me levar pela força e nobreza das palavras, e sentia simpatia pelos indivíduos, muitos dos quais acreditavam verdadeiramente que a Irlanda se tornaria novamente uma grande nação. De algum modo, parecia-me que a guerra em França e os combates na Irlanda eram uma e a mesma coisa; que as sementes de ambas eram, num certo sentido, a matéria da revolução.

Havia muito poucas pessoas com quem eu pudesse falar sobre isto. Sidney e Beatrice Webb compreendiam. Escutava George Bernard Shaw com respeito, mas nem a sua aparência nem a sua disposição eram do meu agrado geral. Considerava-o inteiramente demasiado brusco e demasiado volúvel. Havia alturas em que saudava a pessoa com desenvoltura e cortesia, mas noutros momentos havia um brilho mesquinho nos seus olhos e era capaz de dizer coisas que magoavam desnecessariamente. Tinha o "dom da palavra", e poder-se-ia dizer que detestava tudo por princípio. Sentia-se que a sua retórica cobria fraqueza e insinceridade. Suspeito que era um homem assustado com as suas próprias emoções.

H. G. Wells era diferente. Era um homem irascível, mas também um homem de visão ampla e de mais ampla especulação. Estava convencido de que a boa vida, tal como fora conhecida nos dias anteriores à guerra, tinha desaparecido para sempre. Isto levava-o a esgrimir argumentos sobre o tema da supremacia britânica com aqueles profundamente preocupados com a restauração britânica, e a sua inteligência sarcástica animava as reuniões.

Ansiando por ser útil no seio da comunidade, comecei a planear um albergue de trabalhadores para receber delegados representantes do recém-formado Trades Union vindos das diferentes províncias. Nessa altura, até à greve geral em 1926, havia maior camaradagem e união política entre estes chamados líderes operários do que alguma

vez voltei a encontrar. Muitos deles tinham passado por tempos terríveis, e sentiam e pensavam em termos de sofrimento. Tinham um profundo sentido de propósito e sabiam algo sobre liderança inspirada.

Os planos para o meu albergue avançaram, estimulados pela fé de Edward Carpenter. Encontrava-se então na casa dos setenta anos. Tinha-o conhecido nas reuniões fabianas e tornámo-nos grandes amigos com base no nosso interesse comum pelas iminentes mudanças sociais. O seu próprio grande amor pelos seus semelhantes atraiu-me para ele. Descobri que podia revelar-lhe as minhas impressões interiores e objetivas. Escutava com simpatia enquanto eu passava em revista as experiências da minha primeira infância, fez-me compreender o que chamava o meu "espetro miraculoso" e finalmente disse-me que eu era de facto dotada de uma dose excessiva de "consciência cósmica". Era capaz de recorrer a ele para obter compreensão sobre os movimentos religiosos e democráticos. Destacou vários grupos para a minha atenção, mas avisou-me para observar e escutar.

"A tua vida nunca será monótona", aconselhou, "desde que a busca do conhecimento confira interesse aos teus pensamentos. Melhor", citou ele, "viajar com esperança e ponderação do que chegar." Ensinou-me que os credos antigos eram, eles próprios, projeções da mente humana. "Não se pode esquecer que não há sombras na parede se o lume lá dentro não estiver a arder. Os fogos internos não os conseguimos ver, pois parecemos encontrar-se no nosso próprio caminho."

Edward Carpenter ensinou-me que, no mais profundo da mente humana, existe a luz resplandecente da consciência mundial, tão entranhada no íntimo de cada um que a grande maioria das pessoas tem medo de a descobrir. Ensinou-me a respeitar o impulso formativo de independência que surgia de novo à superfície. Longos anos de guerra tinham destruído antigas instituições — as religiões tinham cedido perante a necessidade de sobreviver. A dor trouxe a sua própria iluminação, a compreensão intuitiva assumiu o controlo e o animismo parecia uma forma lógica e necessária de encarar todos estes fragmentos nos quais a vida se tinha despedaçado.

O atrativo do misterioso, o fascínio pelos saberes ocultos, tinha-se propagado enormemente desde o fim da guerra. Sociedades secretas para adeptos brotavam por toda a Londres; a "missa negra" ritualística do Mestre Crowley atraía muitos daqueles que procuravam uma distração da dura luta económica. Nas suas aulas bastante concorridas, ele lia em voz alta, oferecendo as suas próprias interpretações de grimórios de fontes árabes. Aprendia-se a fazer efígies de cera daqueles com quem a vida se tinha tornado desagradável e, com faca e fogo, a executar os rituais prescritos. Davam-se palestras sobre os segredos da Cabala. No limite, eu encarava todas estas práticas como a tentativa do homem para subjugar a natureza. Não obstante, uma variedade notável de factos e um profundo conhecimento primitivo iam sendo absorvidos por mim e guardados na minha mente subconsciente.

Os ideais humanitários de Edward Carpenter tinham-me transmitido a necessidade de participar no cenário mutável de Inglaterra. Entre a indústria e o trabalho, uma nova força nascia para proteger os interesses dos operários. A luta entre o caminho da mente e o do espírito impelia-me a absorver-me num trabalho que me conferisse um sentido de realização objetiva e desviasse os meus pensamentos do íntimo do meu ser.

Mas, à medida que o culto dos fantasmas e o espiritismo estendiam a sua influência, todo um novo reino de manifestações psíquicas começou a ser submetido a uma investigação sistemática. Durante esta época, fui levada a reuniões espíritas por um delegado sindical que tinha perdido ambos os filhos na guerra. Afirmava que eu possuía sensibilidades paranormais que eu própria pouco compreendia. As tradições dos meus primeiros anos ajudaram a manter vivo o meu interesse pelas histórias de fantasmas. Lia as obras de Sir Arthur Conan Doyle e de Charles Dickens, bem como a notável coleção de contos de M. R. James. O culto dos mortos era mantido vivo não apenas pelo escritor de ficção, mas por autoridades tão eminentes como F. W. H. Myers e o Padre jesuíta Herbert Thurston. Também tinha dedicado alguma atenção ao estudo da teosofia. Conhecera Rudolf Steiner e sentira que ele, talvez, tinha mais a oferecer do que a maioria.

A minha imaginação era capaz de oscilar livremente entre o mundo da realidade exterior e o da interior. À noite, após o trabalho do dia no albergue, lia até ao amanhecer. Nos escritos de São Tomás de Aquino, li que as coisas para lá do conhecimento do homem não devem ser procuradas apenas pela razão, mas que aquilo que é revelado por Deus deve ser aceite através da fé. Encontrei nas suas palavras respostas tanto positivas como negativas para as questões levantadas pela minha imaginação.

Num fim de tarde, cedi ao convite para me sentar com um grupo de senhoras que procuravam respostas dos seus mortos através dos movimentos de uma mesa. Foi num espírito de polidez indiferente que me permiti participar. Disseram-me mais tarde que uma coisa surpreendente tinha acontecido durante a sessão. Parece que adormeci e comecei a falar, dizendo ver os parentes mortos daquelas que se encontravam à mesa.

Nunca antes tendo presenciado tal fenómeno, e estando assustadas, abanaram-me para eu acordar. Lembro-me de me sentir bastante desconfortável. Havia luzes diante dos meus olhos e tinha uma nítida sensação de náusea.

Ao relatarem o episódio daquela que deve ter sido a minha primeira comunicação em transe, persuadiram-me a submeter este aspeto do meu "eu inconsciente" a investigação. Acabei por fazê-lo, embora com um sentimento de repugnância. O homem a quem fui recomendada era, vim a saber mais tarde, um conhecido instrutor teosofista. Sugeriu que eu fechasse os olhos, e que ele me ajudaria a encontrar o meu eu inconsciente através de um processo de passes magnéticos para uma leve sugestão hipnótica.

Devo ter adormecido com bastante facilidade; ao acordar, o instrutor informou-me de que tinha falado com um tal "Uvani", uma entidade ou personalidade guia de origem oriental, que vaticinou que eu me tornaria o veículo para este tipo de trabalho e que, durante uma série de anos, serviria na qualidade de médium de transe.

A mera explicação encheu-me de um medo como nunca antes tinha experimentado. O crepúsculo que desembocava neste estado de transe trazia consigo um ténue lamento. Considerava-me

extremamente relutante em aceitar a sugestão de que qualquer personalidade fora de mim pudesse utilizar qualquer parte do meu ser. Subitamente, via uma parte de mim perdida numa margem desconhecida, e esta é a parte que se mostra tão intrigante e que tenho levado a tantos no mundo científico para estudo.

Desde que me lembro que acalento o pensamento na minha mente de que, se a pessoa fosse mais alta do que era, então certamente algo teria de acontecer. Em criança, esticando-me sempre em bicos de pés para alcançar o puxador ou o fecho acima do meu alcance, estava convencida de que os adultos levavam uma vida diferente porque eram mais altos. Apenas desta forma conseguia compreender as folhas que cresciam para lá do meu alcance, ou encontrar o local onde o vento ajudava as borboletas e as aves a planar tão facilmente. Esta era uma forma de "meditação" que parecia fazer sempre parte da minha maneira de ser. Por conseguinte, quando me surgiu a capacidade de perder parte da minha consciência, no estado conhecido como transe, percebi que tinha utilizado esta faculdade numa idade muito precoce.

Tinha o hábito de dizer a mim própria, em pequena, que um dia não ouviria a voz da minha tia quando ela falava de forma tão imperiosa sobre o "castigo de Deus" e o preço a pagar pela maldade. Um dia olhei para cima e vi os seus lábios moverem-se, mas não ouvi som algum. (Muitos anos mais tarde, conheci um conhecido conferencista e político que atribuía a sua surdez ao desejo de não ouvir a voz queixosa da sua esposa.)

Teria eu então, em tenra idade, descoberto, de forma totalmente inconsciente, uma maneira de desaparecer perante a dor, o tédio e todas as coisas desagradáveis? "Dormir para fugir disso", chamava-lhe eu na altura, e quando os trabalhadores me encontravam encolhida onde quer que tivesse ficado "cansada", declaravam que eu estava a falar com "espíritos familiares".

Em anos posteriores, especialmente durante a guerra, esta medida de fuga serviu-me de muito. Horas antes de um aviso de ataque aéreo anunciar a proximidade de aviões inimigos, eu transportava a minha filha bebé para outro local e, em várias ocasiões, acordei para a perceção do que tinha feito apenas após ter alcançado a casa da sua

enfermeira. Nada sabia de "previsão" na altura, mas uma "perturbação" no meu íntimo fazia-me saber que havia perigo.

Desde muito jovem, portanto, tinha aprendido que o caminho para a segurança e para a certeza ficava fora de mim. Uma criança do campo que cresce numa grande quinta, onde o sustento das pessoas depende de conhecer o próprio "temperamento" dos elementos, vê como é necessário procurar os sinais do novo dia no céu do anoitecer, ou observar o comportamento do vento com as nuvens a fim de antecipar as chuvas. O voo das aves que regressavam no céu do anoitecer, a partida matinal dos deitados e a maneira como tagarelavam também prognosticavam o tempo para o dia. Até o mugido dos animais e o comportamento dos insetos indicavam sol ou chuva.

Os sons da manhã e do anoitecer tornavam-se, assim, um barómetro orientador na vida de alguém. O ranger sinistro da porta do celeiro antes de a chuva cair era uma indicação segura da sua chegada. O cheiro do linho no armário continha indícios da sua aproximação. O sussurro das árvores e o matraquear seco dos ramos anteviam o aparecimento do sol. A lenha percorrida por uma chama líquida augurava uma aurora radiante e um céu ardente, ao passo que, se a lenha se recusasse a arder na salamandra da lavandaria, em breve o céu ficaria nublado.

Estas eram as narrativas da infância, os atores e o enredo que continuam a ser mais fiáveis para mim, num mundo de imagens criadas pelo homem, do que as descobertas mais modernas da ciência. De tal forma a memória se construía dia após dia em padrões instintivos através das estações mutáveis, e a terra partilhava os seus segredos com todos os que quisessem aprender.

Poderia esta vida vivida longe de qualquer comodidade moderna, vivida entre pessoas cujo trabalho era uma oração devolvida à terra, ter-me condicionado para ouvir e ver por clarividência? Uma criança permanece para sempre na margem da magia, recordando o lugar de onde veio, com um pé sempre pronto a regressar ao reino das fadas, interrogando o céu em busca da realidade. À medida que a noite chegava, perguntava a mim própria: O que é o Juízo Final, onde ficam

o Céu e o Inferno, e quem são Deus e o Mal? As sombras da noite não revelavam nenhuma das respostas, mas havia a eternidade de uma criança sempre por resolver.

Hoje consigo recordar vivamente as minhas interrogações sobre quem eram os condenados e quem os bem-aventurados, quem eram as ovelhas e quem os cabritos. Teria esta eterna busca pelo significado de mim própria, e da terra de que era de tal forma parte, iniciado a intensidade sempre crescente de compreender a eternidade? Este desejo aviva-se a cada ano que passa, exigindo cada vez mais investigação de mim própria e, depois, dos outros.

Em anteriores devaneios, quando nada sabia sobre a natureza do transe, era contudo capaz de me conduzir pelo sopro a um estado em que passava através de corredores intermináveis, contidos uns nos outros, na extremidade oposta dos quais existia um minúsculo feixe de luz. Os corredores eram intrigantes, mas não desagradáveis; no entanto, quando surgiam na periferia do sono, sentia-me perdida e muitas vezes abandonava a cama em pânico. Raciocinei na maturidade que talvez estes túneis eternos tivessem crescido a partir da minha busca pelo significado da eternidade. O processo de "recompensa e castigo" podia ser tratado de dia; mas a ira de Deus tornou-se aliada da escuridão e, na minha imaginação, o desconhecido habitava sempre perto da margem da noite. A minha capacidade de adormecer de forma muito semelhante à de um animal permaneceu comigo ao longo da infância e da adolescência.

Contemplei a possibilidade de deixar Inglaterra para ir para as colónias, esperando que um novo país e uma nova vida, longe das velhas ligações, me permitissem encontrar uma existência pacífica como a que tinha marcado a minha vida na Irlanda. Enquanto discutia esta possibilidade com o delegado sindical no meu albergue, que se tinha envolvido profundamente no espiritismo, ele exortou-me novamente a acompanhá-lo a uma reunião espírita. Insistiu, também, que eu iria um dia desenvolver a minha capacidade psíquica para me tornar uma sensitiva. Para enfatizar o facto, fez-me segurar uma carta dobrada na mão e depois pediu-me que lhe dissesse o que sabia sobre ela.

Como tinha a certeza de que não podia saber nada sobre o assunto de qualquer maneira, pensei que seria "seguro" contar-lhe a primeira história que me viesse à mente enquanto segurava a carta. No que me pareceu um surto vívido de imaginação, falei do pai deste homem, do desejo do pai de mostrar que tinha mantido contacto com os seus filhos, mencionando-os pelo nome. Sucedeu que a carta tinha sido realmente escrita pelo pai dele, que falecera recentemente e a quem ele era extremamente dedicado.

Ficou tão impressionado que insistiu em providenciar a minha ida à London Spiritualist Alliance para conhecer a diretora, a Menina Mercy Phillimore, e outros membros que pudessem contribuir para uma maior compreensão deste poder psíquico. Neste ponto, senti-me feliz em concordar, uma vez que estes surtos de "eloquência" recorriam com frequência crescente.

Fiquei imediatamente atraída pelo encanto de Mercy Phillimore. Era jovem e loira, atraentemente bonita, e possuía uma qualidade de voz de que a pessoa se lembra através dos anos. Era também uma excelente organizadora e gestora. Fui apresentada a vários membros e convidada a ouvir uma palestra que seria seguida de uma "demonstração". Fiquei fascinada com a demonstração. Tratava-se de uma senhora escocesa de forte caráter, que falava dos mortos conforme os via por clarividência, obviamente dedicada a tornar conhecida a presença dos invisíveis. Isto eu compreendia: eu também tinha visto entidades em redor das pessoas em muitas ocasiões, mas não ousava falar delas.

Voltei a ver Mercy Phillimore. Falando com a sua voz encantadora e com o seu ar de tranquila determinação, contou-me acerca da London Spiritualist Alliance, da crença dos seus membros na sobrevivência da personalidade após a morte e da sua busca por provas dessa sobrevivência. O dom da mediunidade, prosseguiu ela, pertence ao âmago do ser de cada um. Assim que estes padrões "rompem à superfície", podem ser comparados a um rio caudaloso, e não podem ser represados sem criar alguma forma de ansiedade mental. A falta de padrão ou de forma ordenada em tal sensibilidade é penosa, mas pode ser submetida a disciplina e controlada.

Aconselhou-me a procurar o conselho de Hewat McKenzie, diretor do College of Psychic Science.

3

Jantei com Hewat McKenzie e senti imediatamente a força e a vitalidade da sua personalidade. Era alegre e pôs-me à vontade enquanto discutíamos múltiplos valores na minha vida que não a mediunidade. Finalmente, perguntou-me se eu aceitaria entrar em transe para que ele pudesse fazer as suas próprias avaliações. Fiz isto de bom grado e, quando saí do estado de transe, ele disse-me: "Não é por causa das evidências que apresentaste — mas sinto que possuis uma profunda qualidade espiritual.

As minhas próprias perceções levam-me a acreditar que poderias, com formação, tornar-te uma excelente médium. Gostaria de ser eu a conseguir que isso aconteça." Não discuti "ensinamentos" com ele, nem tinha lido os seus livros. Esta atitude de confiança para com ele continuou durante os anos em que trabalhámos juntos.

McKenzie levava a prudência escocesa a extremos. Nunca me ofereceu um táxi para casa, por mais tarde que terminasse o trabalho com ele no colégio. À exceção do jantar inicial, que tomei com ele no colégio, não me lembro de qualquer outra "festividade". Se nos encontrássemos na estrada, como acontecia frequentemente quando estávamos envolvidos em trabalhos sobre fenómenos de *poltergeist*, nunca lhe passaria pela mente perguntar se eu tinha fome ou sede. Nada sabia sobre as suas realizações práticas, a não ser que era engenheiro de profissão.

Tirava as minhas próprias conclusões, tanto outrora como agora, sobre uma pessoa, e foi o que fiz no caso dele. Sou invariavelmente correta — o que soa egocêntrico, mas não tem essa intenção. Fiquei impressionada com os aspetos práticos do caráter de McKenzie e com

a sua afirmação de que uma disciplina rigorosa era essencial na formação do sensitivo.

Nunca perguntei a McKenzie ou à sua esposa como tinham adquirido o seu conhecimento da ciência psíquica. Soube que McKenzie tinha ido à América para conhecer o Professor William James e outros interessados no tema da investigação psíquica. McKenzie, um juiz muito perspicaz de carateres, tinha-se sentado com todos os médiuns conhecidos e emergentes, tanto no Continente como em Inglaterra. Possuía um profundo conhecimento do inconsciente, com todas as suas ramificações e complexos. Tendo em conta o seu vasto saber, fica a dúvida sobre a razão pela qual se fixou no espiritismo. Pode ter resultado da sua própria necessidade profunda de acreditar que o ego é indestrutível.

Tinha sempre gostado da Sra. McKenzie, uma mulher extremamente dotada. Embora pudesse ser descrita como austera, era também muito compreensiva, especialmente no meu caso. Possuía uma bela voz falada e era considerada uma sensitiva por direito próprio. Seguia a tradição quacre. A Sra. McKenzie compreendia o marido na perfeição, tolerava muito, mas amparava-o sempre. Contava mais de noventa anos de idade quando faleceu recentemente.

No seio do próprio colégio, era a Sra. McKenzie quem constituía a força motriz. Quando saí, por altura da morte de McKenzie em 1929, era uma médium de transe treinada e bem desenvolvida. Suspeito que, se se ensinar alguém segundo uma única linha durante um grande número de anos, certos aspetos da personalidade tornar-se-ão preponderantes. Tornei-me proficiente como médium de transe, o que significava que, ao passar para estes estados, os "guias" assumiam o controlo e lidavam com as perguntas e as emoções daqueles que vinham ao colégio em busca de auxílio.

A Sra. McKenzie encontrava-se presente todos os dias no colégio para entrevistar as pessoas que vinham procurar ajuda e conselho sobre a morte e os seus familiares perdidos — "perdidos" no sentido de estarem mortos. Creio que era uma crente profunda nos seus próprios poderes e na sobrevivência. Tanto o Sr. como a Sra. McKenzie mostravam-se satisfeitos com as evidências que os seus

sensitivos apresentavam, e era-nos assegurado que existia continuidade de vida após a morte. A trabalhar com a Sra. McKenzie encontrava-se um interessante grupo de senhoras vindas da Holanda, da Bélgica e da própria Inglaterra. Ensinava-lhes o que sabia e incutia-lhes o sentimento de que o assunto estava profundamente enraizado no íntimo de cada uma que procurasse a compreensão do significado da vida interior.

Sir Arthur Conan Doyle veio trabalhar comigo durante estes primeiros tempos. Estava interessado na cura, e trabalhei nesta área durante muito tempo com ele e com R. H. Saunders, que escreveram juntos um livro sobre a cura. Sir Arthur nutria a firme crença de que éramos imortais. Durante anos demonstrou muito interesse pelo meu trabalho, especialmente pelo trabalho de diagnóstico.

Era uma alma gentil e causou-me uma profunda impressão. Deve ter falado com McKenzie sobre a minha natureza obstinada, pois continuou a expressar a necessidade de obediência como parte da vontade de perceber. Também sublinhou a necessidade de desapego exterior enquanto o espírito se mantinha livre no interior: não me permitiu ler nenhuma da literatura espiritista, nem o permitiu Sir Oliver Lodge. Ambos insistiram para que eu desenvolvesse um caráter equilibrado e racional no qual a consciência interior se libertasse de qualquer fixação ou literatura espiritista. Muito concretamente, não me era permitido ler literatura ligada ao seu aspeto particular de crença. Não creio que neste período da minha vida tivesse qualquer curiosidade sobre a vida espiritual ou mística. O questionamento intelectual levava-me noutras direções.

A Sra. McKenzie era minuciosa com as pessoas que vinham em busca de respostas sobre a sobrevivência da vida após a morte e insistia que se mantivessem registos pessoais de todos os contactos estabelecidos. Por esta razão, fazia com que as secretárias tirassem notas de cada experiência. Um ou dois dias após cada vivência, quando as emoções se encontravam mais atenuadas, assumia como sua tarefa conversar com as pessoas interessadas sobre as suas reações à vida espiritual interior. Aconselhava-as de que a abordagem analítica profunda podia produzir a essência do seu próprio subconsciente. Apontava-lhes onde poderiam ter dado "pistas" ao sensitivo sem se

darem conta, enquanto as suas emoções exigiam "provas" de que a personalidade que procuravam mantinha a existência noutro nível.

De tempos a tempos, via-me assaltada por dúvidas de que o subconsciente estivesse a "brincar" por sua própria iniciativa, e de que um dia me ouviria falar, como se supunha que faziam aqueles que se encontravam em estados de transe mais leve. Isto, sentia eu, revelaria que eu tinha necessidades e tendências interiores para "dar um espetáculo". Se este fosse de facto o rumo de ação do meu subconsciente, poderia ser uma loucura continuar. McKenzie e a sua esposa analisavam estes estados de espírito comigo. Consideravam que a hipnose pré-transe aprofundaria o estado de retraimento subconsciente; e assim, durante muitos meses, aceitei com alegria a hipnose para superar os meus medos de me encontrar com o "outro eu". Quando McKenzie me dava sugestões para adormecer, ouvia a sua voz dizer-me: "É teu dever como médium de transe entregar-te ao cuidado e à sabedoria dos teus guias, que por sua vez estão a ser treinados por mim. Neste estado ficas descontraída, num mundo à parte dos homens e das suas ansiedades. A tua mente tornar-se-á tranquila e calma, para refletir verdadeiramente as impressões que os guias trarão à superfície."

Avisava-me continuamente contra o entrar em conversação com as pessoas que vinham fazer consultas. "O mais mero reconhecimento da sua presença bastará e, em todos os momentos, guarda os teus próprios segredos. Se houver alguns que procurem, no seu entusiasmo, falar sobre os seus resultados, avisa-os de que existe uma equipa do colégio à disposição para pesar, joeirar e analisar as suas evidências."

Também me avisava para não nutrir sentimentos em relação às pessoas que vinham em busca de ajuda, nem antes nem depois das suas consultas; e assim, com o tempo, uma parte da minha personalidade tornou-se desapegada daquilo que pudesse ter ocorrido durante a experiência de transe. Podia passar para o estado de transe às oito da noite com McKenzie presente e acordar horas mais tarde para o encontrar numa discussão vigorosa com vários amigos. Finalmente, tornei-me distante dos procedimentos antes e durante o estado de transe. As minhas impressões mentais, outrora tão intensas, já não se encontravam presentes para oferecer dúvidas quanto às

minhas capacidades. Mesmo quando os resultados eram negativos, era capaz de ignorar aqueles que pudessem manifestar o seu desapontamento.

McKenzie falava a toda a hora em "treinar os guias", que eram alegadas entidades que encontrava no subconsciente. Dizia-me: "Eles podem possuir uma iluminação intelectual própria. Pouco sabemos sobre a sua capacidade de raciocinar em termos ocidentais." Portanto, considerava que devia ensinar os guias a deduzir, classificar e determinar cada experiência antes de a apresentar como prova. Construía confiança e segurança através da sua análise paciente dos estados de espírito "deles" e dos meus.

Insistia que a sua linguagem floreada teria de ser mais precisa para os ouvidos ocidentais e que, para se tornarem bons intérpretes, o papel deles também teria de ser sempre de distanciamento e separação de tudo exceto da tarefa que tinham vindo realizar. Também sublinhava o respeito que deviam demonstrar em todos os momentos pelo meu próprio ego — deviam manter-se firmes sobre os seus próprios pés, tal como eu me manteria sobre os meus. Talvez esta atitude, mais do que qualquer outra, tenha ajudado a preservar o nosso distanciamento mútuo. Não me ocorreria invocar estas "personalidades guias" para qualquer assistência no meu próprio domínio espiritual.

Compreende-se facilmente que tal disciplina interna e externa ao longo dos anos tenha afastado qualquer desejo de satisfação pessoal. Tive de aprender a vivenciar, medir e testar os meus próprios sentimentos em relação aos outros, e a desejar apenas o que é comummente considerado inacessível. Se o leitor concluir que esta foi uma experiência pacífica e que os resultados surgiram facilmente, não foi assim. Custou-me anos de observação para compreender algo da mecânica da mediunidade. Estou absolutamente convicta de que um laço emocional profundo entre duas pessoas, uma afinidade solidária, é necessário para obter resultados na "comunicação".

Diz-se que a mudança chamada morte projeta a alma num ritmo mais acelerado. A "comunicação" é sempre difícil em qualquer situação; mas, durante os primeiros tempos de separação, torna-se

muito mais fácil, pois é nessa altura que as necessidades emocionais sacodem os padrões habituais e aceleram as vibrações da personalidade. Não tenho dúvidas, tendo visto alguns dos cenários elaborados que os povos primitivos utilizam para produzir fenómenos, de que apenas uma consciência aguçada é capaz de perceber e receber resultados fenomenais.

Durante os meus anos no British College of Psychic Science, o sentido tranquilo de fé e a segurança da Sra. McKenzie proporcionavam uma sensação de certeza de que tudo correria bem. Ela ensinava não apenas a paciência, mas também o entendimento de que planear o futuro a longo prazo não era a forma de desenvolver a mediunidade. "Um passo de cada vez", costumava dizer. "O plano geral para a tua mediunidade está guardado algures no teu próprio subconsciente."

Tornei-me obediente a essa vontade interior, ao conceito de que a pessoa deve aprender a confiar naqueles que trouxeram estes estados à existência. A Sra. McKenzie estava bem ciente das minhas dúvidas sempre que os resultados não se manifestavam da forma mais categórica. A sua paciência e vigilância foram benéficas para mim e para outros durante aqueles anos no colégio. Todas as sextas-feiras, também, eu era chamada a conversar com Hewat McKenzie; ele escutava pacientemente enquanto eu relatava as minhas dúvidas sobre a minha própria capacidade para me tornar uma médium de transe, isto é, a médium que, num estado semelhante ao sono, serve de veículo para um espírito desencarnado com mensagens de pessoas falecidas. Ele mantinha-se informado sobre o meu progresso durante aqueles anos preparatórios.

Havia semanas e até meses pacíficos; mas, em breve, as dúvidas ressurgiam e eu sentia a certeza de que a chama desta verdade estaria sempre para lá da minha compreensão — momento em que apresentava então a minha demissão. Nessas ocasiões, o próprio McKenzie vinha buscar-me ao meu apartamento e conduzia-me de volta ao colégio, onde o protesto desaparecia e a tarefa recomeçava do início.

Houve um período desta formação em que tive um surto de mediunidade física, aquele estado no qual alguns médiuns conseguem mover objetos fisicamente ou provocar outras alterações físicas sem o auxílio de quaisquer dispositivos mecânicos, o qual mencionei ao falecido Leigh Hunt (em tempos editor da *Light*). Ele aconselhou, como é evidente, que isso devesse ser submetido a controlo e sugeriu reservar algumas horas, à parte do meu trabalho de transe, para esta investigação acrescida. Assim o fiz, sem consultar McKenzie. Contudo, o assunto chegou ao seu conhecimento e terminaram dessa forma as minhas esperanças de me tornar uma médium física.

"Estabelece primeiro um santuário para a mediunidade de transe", aconselhou ele. "Talvez, em anos vindouros, alguma parte da tua natureza venha a exigir esse desenvolvimento que, no limite, apenas pode criar um campo de batalha para ti."

Segui o seu conselho e deixei a mediunidade física de lado. Têm existido momentos de dramática perturbação ou tensão em que esta forma de mediunidade se tem manifestado, mas, como tem tido apenas aparições erráticas, tenho dedicado pouca atenção ao seu desenvolvimento posterior.

4

Fora do colégio, a vida continuava de forma muito semelhante à de hoje. Sentia-me sempre interessada em reunir-me com os grupos intelectuais da Grã-Bretanha e da Europa que tinham formado organizações para o estudo de temas psíquicos. Um desses grupos, conhecido como a Survival League, foi reunido sob a liderança da dinâmica Catherine Dawson Scott, uma escritora de algum renome na Grã-Bretanha e fundadora do P.E.N. Contava com a ajuda preciosa de H. G. Wells e de muitas outras pessoas do meio teatral que eu conhecera também na Fabian Society.

Este grupo não estava particularmente interessado em seguir as atitudes rígidas e inflexíveis do colégio, mas considerava que o tema da vida após a morte era suficientemente importante para realizar reuniões semanais nas quais os membros podiam apresentar relatos das suas próprias experiências em profundidade. Muitos no seio do

grupo, embora não se opusessem à crença de que a personalidade sobrevive após a morte, possuíam perspetivas divergentes sobre a reencarnação. Incluíam poetas, artistas e pensadores intelectuais que se mostravam muito firmes nas suas opiniões. As noites dedicadas à discussão aberta eram, no mínimo, estimulantes e esclarecedoras.

Catherine Dawson Scott tinha também fundado o Tomorrow Club, que estendia uma mão amiga a escritores mais jovens e ainda desconhecidos. Catherine era minúscula, de olhos escuros e vital, e lembrava-me a líder matriarcal do grupo de ciganos que visitava a Irlanda nos meus tempos de juventude. Os seus salões semanais eram muito frequentados pelas principais figuras do mundo literário e teatral. Acreditava, tal como eu, que uma chama, uma vez acesa, nunca se pode extinguir, e para ela isto bastava. Possuía não só vigor e determinação, mas também um sentido místico que atraía ao seu redor pessoas de quadrantes sociais muito diversos; e tinha a capacidade de avaliar todos os que entravam em contacto com ela.

Esta foi uma época empolgante na minha vida. Enquanto trabalhava com Catherine e o seu grupo, vi-me mais uma vez a cruzar com todos os escritores que tinha conhecido no Fitzroy Club, onde vários membros da vanguarda se reuniam à noite para debater o estado do mundo e expor as suas teorias, ou no Café Royal, local de encontro de toda a gente do meio artístico.

Muitos vinham ao Café Royal no rasto de Aleister Crowley (cujos livros, tais como *Magick in Theory and Practice* e *The Equinox of the Gods*, podem ainda ser lidos com proveito). Embora Crowley fosse muito difamado pelos membros mais ortodoxos da sociedade, eu sentia que ele possuía uma união mística com a natureza, quer tivesse ou não poderes ocultos. Era um estudioso de *The Kabbalah Unveiled* e das obras de Lévi, que estudava com S. L. MacGregor Mathers, na sua época considerado um feiticeiro por direito próprio. Crowley era um homem bastante robusto, atlético e com uma inegável força de personalidade. Encontrava-me sentada com um grupo de amigos numa noite no Café Royal quando ele se aproximou da nossa mesa e, inclinando-se sobre ela, estendeu o braço para me segurar a mão. "És uma pitonisa", informou-me, "e uma pitonisa forte." Ao mesmo

tempo, enfiou-me um anel no dedo indicador e olhou para mim fixamente com os olhos semicerrados.

Lembro-me de que os seus olhos eram salientes e a sua boca denunciava uma natureza sensual. Poderia ter entre trinta e cinco e quarenta anos na altura — mas, naqueles dias, qualquer pessoa com mais de trinta parecia-me velha! Os meus companheiros, que soltavam risinhos, ficaram de algum modo surpreendidos e eu, também, fiquei sobressaltada, não sabendo o que era uma pitonisa. Retirei discretamente o anel e devolvi-lho. Ele limitou-se a afastar-se lentamente para outra mesa e juntou-se a alguns companheiros.

As pessoas que conheciam bem Aleister Crowley declaravam que ele era um homem altamente inteligente, embora todos admitissem que era culpado de adoração do diabo e de outras coisas mais. Falavam das suas cerimónias obscenas, que envolviam raparigas jovens conhecidas como as suas sacerdotisas, sacrifícios de sangue de gatos e danças rituais ao ritmo de tambores.

Fui convidada para uma "missa negra" que ele realizou numa sala em Fitzroy Square. A sala de estar estava ornamentada de preto. Símbolos do zodíaco encontravam-se bordados nos panos decorativos e a sala estava cheia de incenso. Homens e mulheres altamente inteligentes, famosos tanto a nível nacional como internacional, alguns deles ligados ao governo, frequentavam estas reuniões. Alguns vinham para partilhar de uma taça sagrada na qual, dizia-se, certas substâncias afrodisíacas eram misturadas para realizar a união com a própria Afrodite. As raparigas, "virgens" do culto, exibiam um brilho misterioso nas suas capas, e o próprio Crowley usava um manto com múltiplos símbolos zodiacais. Havia um pequeno altar com luzes esbatidas, e a cruz fora colocada do lado esquerdo.

Muitas das mulheres choravam e emitiam sons estranhos como os que, desde então, ouvi em reuniões dos *Holy Rollers* na Carolina do Norte. Na verdade, assisti a coisas bem mais sinistras nos ritos de vodu no Haiti, quando os deuses assumem o controlo e onde ocorrem frequentes sacrifícios de sangue. Se havia "autoridade" nos encontros de Crowley com Lúcifer, nunca o soube.

Muito se tem escrito sobre Crowley e muito mal lhe tem sido atribuído. Se ele possuía de facto estes poderes ocultos, creio que deveriam ser fugazes, pois frequentemente se deparava com dificuldades monetárias. Lembro-me, quando ele estava a ser despejado do Queens Hotel em Leicester Square, de me terem pedido para arranjar dinheiro que lhe permitisse viver em Brighton. Acabou por consegui-lo de alguma forma, e foi aí que faleceu, amaldiçoando o seu médico, segundo me contaram, com a ira de um homem prostrado pela doença e pelo desespero. Alguns dos seguidores fiéis que permaneceram com ele até ao fim asseguraram-me que o seu corpo na morte brilhava com um lustre intenso.

James Stephens e William Butler Yeats eram também membros da Survival League. Ambos se mostravam interessados na perceção extrassensorial e possuíam uma boa dose de magia na sua própria maneira de ser. Embora Stephens fosse bem conhecido no mundo literário inglês como um magnífico poeta, ocupava invariavelmente um lugar discreto nas reuniões. Sentia-me atraída por ele, pois pressentia que por trás daquele exterior tranquilo se encontrava uma visão do mundo concedida a poucos. Dava a impressão de juventude, sendo baixo e esguio. Usualmente ostentava um olhar triste; mas num instante, um ondular de riso mudava por completo o seu aspeto.

Yeats era também membro do British College of Psychic Science. Quando travei conhecimento com ele, disse-me que as minhas origens celtas podiam servir muito bem os seus propósitos, uma vez que se encontrava na altura a realizar algumas experiências para comunicar com o povo das fadas, no qual acreditava piamente. Explicou que tinha idealizado uma engenhoca semelhante a uma bobina, com fios e cortiça, para ser fixada no parapeito da janela, e com a qual as fadas podiam brincar.

A minha tarefa consistiria em vigiá-las ao amanhecer e ao anoitecer, quando permaneciam invisíveis para todos, exceto para aqueles que possuíam o "olhar vidente". Estou certa de que Yeats falava a sério. Anos mais tarde perguntei a Oliver St. John Gogarty sobre o assunto, e Gogarty — ele próprio sempre pronto a contar uma boa história a favor e contra os seus amigos — assegurou-me que Yeats era um necromante, feiticeiro e dedicado discípulo das artes

negras. Yeats falava repetidamente do Seu Mestre no sentido em que Aleister Crowley utilizava o termo.

Infelizmente, o meu ceticismo era forte e recusei o convite de Yeats. Outra sensitiva, dotada de mais crença e talvez de mais imaginação do que eu, trabalhou com ele nesta área durante algum tempo. Claramente, deitei fora a oportunidade de trabalhar em estreita colaboração com um homem hoje considerado um grande génio literário! Não havia dúvidas na minha mente, ao pensar nas conversas surpreendentes com Yeats, de que o homem acreditava verdadeiramente receber visitas de lamas tibetanos e obter deles autêntica escrita automática.

Yeats era considerado por alguns nos seus tempos de juventude como sendo bastante atraente — como os irlandeses diziam, "agradável à vista". Mas desde o primeiro momento em que o vi, ainda muito jovem em Dublim, considerei-o um homem de muitas complexidades e difícil de conhecer. Mesmo misturando-se com as melhores pessoas em Dublim e em Londres e exibindo um ar descontraído com o mundo em geral, sentia ainda que, no fundo, ele se considerava um indivíduo extremamente elevado, no sentido oculto da palavra.

E. Phillips Oppenheim, embora não estivesse particularmente ligado ao mundo da ciência psíquica, mostrava-se decididamente interessado no desenho oculto do universo. Era uma daquelas pessoas que sabe um pouco sobre tudo. Possuía um apurado sentido de teatro e foi na década de vinte, quando eu estava vitalmente interessada em teatros de repertório e em angariar fundos para os mesmos, que o conheci intimamente. Aparecia frequentemente no Fitzroy e no Café Royal para se juntar aos artistas.

Conheci-o numa altura em que ele e Arnold Bennett eram bons amigos, e quando Somerset Maugham era jovem, menos cínico e tímido, e também interessado no teatro. Eden Phillpotts, uma alma gentil, encontrava-se então prestes a colaborar com Bennett e estava muitas vezes presente nos salões de Catherine Dawson Scott. Oppenheim era considerado um bom amigo para todos devido à sua versatilidade, paciência e desejo de ajudar todos os jovens artistas com

quem entrava em contacto. Nutria afeição por Eden Phillpotts, que era retraído e muitas vezes cansado. Tinha "restaurado" a sua vitalidade muitas vezes, uma vez que ele acreditava no poder da oração e da cura.

Era manso, paciente e não particularmente robusto, embora a sua produção de trabalho parecesse desmentir esta afirmação. Possuía a qualidade de Hardy, que visitei a seu pedido quando a minha filha andava na escola em Dorset. Ambos os homens tinham uma qualidade fada e uma compreensão das necessidades alheias, bem como um interesse comum pela literatura e investigação psíquicas.

Mais tarde, haveria de reencontrar Phillips Oppenheim, pois era um visitante frequente do sul de França, onde passei grande parte da minha vida. Tinha-se tornado mais vivamente consciente dos aspetos da sensibilidade na sua própria vida e obra, e mostrava-se altamente solidário com a minha contínua necessidade de investigação. Podia discutir-se com ele a natureza da divindade, as qualidades do Império Britânico, os monumentos antigos e a "gente pequena" de quem ele gostava de ouvir falar. Amava a poesia, mas escrevia-a apenas para os seus amigos. Conhecia e respeitava o contínuo impulso em direção ao inconsciente que me prendia sempre e, embora se risse disso com muita frequência, queria sempre ser "posto ao corrente" das minhas descobertas.

Entre os frequentadores habituais do Café Royal encontrava-se, escusado será dizer, James Joyce. Catherine Dawson Scott, que nutria uma profunda afeição por Joyce, apresentou-mo. Na altura em que o conheci, encontrava-se obviamente num dos seus estados de espírito deprimidos. Não me senti atraída pela sua personalidade, embora falasse eloquentemente sobre o palco, a dança e o ser um artista de variedades, no sentido com que Laurence Olivier mais tarde desempenhou o papel. Claro que se tinha de levar em conta que ele sofria de grandes dificuldades com a sua visão.

Recebi imagens admiráveis de Joyce numa data posterior através de Gogarty, que o conhecia bem durante os seus tempos de estudantes na Irlanda. Gogarty tinha uma série de histórias rabelaisianas construídas em redor da personalidade de Joyce e sobre a forma como

Chamber Music veio a ser escrito. Mas o meu desejo, quando conheci Joyce, era levá-lo a falar da atividade do inconsciente, pois a sua conversa, bem como o seu livro, *Ulysses*, sugeriam um grande conhecimento do seu fluxo profundo.

Quaisquer esperanças que eu nutrisse de que ele pudesse revelar algum dos seus próprios processos analíticos, contudo, não foram recompensadas. Falava sobretudo, nesta altura, de ser um herético, como se considerava, e não se encontrava com disposição para responder a perguntas. Embora se admirasse o seu poder intelectual e as realizações que lhe tinham trazido fama, saí dali com uma marcada insatisfação. Tinha pressentido nele uma profunda tristeza — quase uma personalidade caótica — e, de certa forma, lamentei tê-lo procurado, como seriamente fizera com o intuito de compreender o seu método de entrar no inconsciente profundo, um processo que eu esperava que desse respostas às minhas dúvidas sobre a veracidade do meu próprio trabalho.

Continuei o meu trabalho diário no British College of Psychic Science. As minhas faculdades de telepatia, clarividência e clariaudiência desenvolviam-se rapidamente, mas eu era principalmente conhecida pelo meu trabalho de transe, que os McKenzie preferiam que eu utilizasse. Considerava-me afortunada por ser selecionada para investigação por G. R. S. Mead nos seus estudos de literatura grega e arménia, bem como dos mistérios caldeus e mitraicos. Era um erudito brilhante, e o meu trabalho com ele deu-me um grande estímulo e satisfação mental.

A sua amizade e o seu cuidado pelas minhas capacidades mediúnicas faziam-se notar sempre, e senti-me feliz com a oportunidade de utilizar a mediunidade de transe em investigação objetiva e não nos aspetos altamente personalizados e subjetivos relativos à comunicação pessoal. Não obstante, sinto-me profundamente grata pelas experiências subjetivas que constituíram a caraterística principal da minha tarefa no colégio e que lançaram os alicerces para a continuidade do trabalho de investigação que se seguiu mais tarde.

5

Olhando para trás, ao longo dos anos, e lembrando as pessoas de quem guardo as mais ternas recordações, verifico que Edward Carpenter, juntamente com G. R. S. Mead, permanecem quase constantemente nos meus pensamentos, tal como A.E. e as suas histórias imaginativas permaneceram comigo durante a minha adolescência. Não creio que Mead e Carpenter se conhecessem muito bem; mas ambos seguiam atividades que os devem ter aproximado frequentemente e, ideologicamente, os seus sentimentos eram, num certo sentido, paralelos. (Carpenter diferia uma vez que se mostrava sempre muito consciente da sua própria "ferida sexual", como uma vez lhe chamou, a qual nos primeiros tempos imprimia o seu peso inconsciente sobre ele.) Liam Newton liberalmente, também Paracelso. Ambos liam Homero e Virgílio e todas as peças gregas.

Ambos eram intensamente musicais; e embora não possa ter a certeza do génio matemático de Carpenter, sei que Mead possuía essa faculdade. Ambos jogavam críquete nos seus primeiros tempos. Não se tratava tanto do amor ao jogo, explicavam eles, mas sim do facto de lhes permitir usar roupas bonitas e confortáveis, desfrutar de tardes de domingo preguiçosas e, acima de tudo, escapar aos chás de tarde nas salas de estar!

Durante as décadas de oitenta e noventa em Inglaterra, assistiu-se a um grande ressurgimento da filosofia, especialmente da filosofia oriental. Tanto Mead como Carpenter tinham visitado a Índia e especulado seriamente sobre "adeptos", "mahatmas" e "gurus". Mead fora secretário de Madame Helena Blavatsky e possuía uma compreensão mais elementar destas matérias. Carpenter, nas suas visitas a Ceilão e à Índia, identificou-se com as sabedorias antigas.

Sentia que fora ali que entrara em contacto com o pensamento primordial da consciência intensa, a unidade com toda a vida — uma ideia germinal que cada homem compreendia à sua maneira. Viviam segundo esta convicção, uma vez que acreditavam que tal compreensão era a alma e o impulso não apenas da religião, mas também da ciência e da política modernas. Esta consciência cósmica básica sobre a qual os seus antecessores tinham escrito em séculos anteriores tornou-se a sua fortaleza central.

O viajar de ocidente para oriente tinha dado a cada um deles a compreensão da tradição oriental, e cada um, por sua vez, me falou da sua própria experiência pessoal que o tinha ajudado a combinar e a harmonizar o corpo e a alma. Ambos os homens tinham a maior consideração pelos ensinamentos orientais, mas viam neles uma tendência para errar por excesso de objetividade.

A afinidade espiritual que pressenti entre Carpenter e Mead pode, portanto, ter resultado do facto de a sua perspetiva filosófica e religiosa ter assumido uma cor oriental. Ambos notaram que tinham sido necessários muitos anos para que os resultados das suas investigações e ensinamentos fossem mentalmente assimilados, e então sentiram-se seguros para dar conferências e definir o que tinham compreendido, e para tirar as conclusões que continuaram, durante todas as suas vidas, a ajudar os estudantes. Esta faculdade está bem patente nos seus escritos. Ambos os homens eram investigadores originais que exigiam a quietude e a força da natureza bem perto de si.

Carpenter afastou-se daquilo a que chamava o "ambiente hostil das classes médias" e trabalhava arduamente no seu jardim, ao fundo do qual um pequeno ribeiro ("uma serpente viva", descreveu-o uma vez) corria através de noites e dias, inverno e verão, cheio de encanto e música. Perto deste ribeiro tinha construído para si uma cabana; e no seio desta morada simples podia ficar de frente para o sol e, olhando para sul, continuar a sua escrita e meditação, completamente a salvo de interrupções. Se o desejasse, podia desfazer-se das roupas e revigorar-se no ribeiro, sem ser visto por observadores. A menos que fosse forçado a retirar-se pelo rigor do tempo, rejubilava com a liberdade do campo aberto e trazia esta música para todos os seus escritos.

Mead, não trabalhando no campo mas mais perto de museus, procurava a própria força e o sopro de vida das massas através dos seus passeios matinais e tardios pelas vias fluviais sonolentas e pelas ruas tranquilas de Londres, enquanto no verão se deslocava frequentemente para a ilha de Sark, para a Grécia e para os países orientais.

Ambos os homens possuíam um apurado sentido de diversão, e posso fechar os olhos e recordar ainda o seu deleite perante uma boa história. O seu humor corajoso era notável, especialmente no final das suas vidas, quando ambos tinham sofrido bastante devido à saúde débil. Cada um possuía uma natureza profundamente intuitiva que se tinha expandido ao longo de linhas diferentes, sujeita, como é evidente, às condições circundantes, mas totalmente intocada pelas convenções dominantes do mundo exterior. Ambos eram atraentes e asseados no trajo. A maioria das pessoas considerava-os muito cativantes, e as crianças e os animais adoravam-nos.

Os seus temperamentos eram afetuosos, travessos e apaixonados, traços que por vezes escandalizavam os seus amigos ultra-respeitáveis. Felizmente para ambos, eram seguros de si e demasiado alheios à opinião pública para sofrerem com críticas ocasionais. Carpenter comentou comigo uma vez que possuía a segurança inconsciente de uma planta ou de uma árvore.

6

Nos últimos anos do meu trabalho no colégio em Londres, Sir Oliver Lodge organizou a realização de uma série de experiências comigo para investigar a questão da sobrevivência após a morte. O próprio ausentou-se destas experiências, nas quais se selecionava um grupo de pessoas desconhecidas das sociedades para vir às quintas-feiras à tarde. Estas sessões eram referidas como as "Experiências Lodge", e o trabalho era dirigido pelo Professor Samuel George Soal, que era um membro zeloso e ativo da British Society for Psychical Research.

As condições estipuladas para as experiências exigiam que se obtivesse material probatório através dos guias. Ou seja, teria de ser por intermédio da identidade deles que os factos pertinentes para os consulentes teriam de ser fornecidos. Neste campo de investigação, a

prova da persistência da memória após a morte pode ser mais bem dada a conhecer pela recordação de incidentes, por vezes insignificantes mas íntimos, apenas conhecidos da família, que tenham deixado uma impressão permanente.

Um brinquedo partido lembrado e descrito, diz Lodge, uma promessa quebrada, uma piada familiar — coisas que possuem um cunho pessoal têm maior probabilidade de ser lembradas após o fôlego se retirar do corpo. A correspondência cruzada, a receção de parte de uma mensagem transmitida através de um, dois ou três sensitivos, é frequentemente impressionante. Se tais mensagens se encontrarem fora do alcance de conhecimento do médium e forem caraterísticas da personalidade que comunica, pode considerar-se uma prova razoável da memória contínua daquele que faleceu. Era para esta prova que McKenzie ensinava as personalidades guias a apontar. A questão da mediunidade gira em grande parte em torno da prova de identidade — a prova dada através do sensitivo deve ser clara e coerente.

A morte do filho de Lodge, Raymond, acelerou o seu interesse pela investigação psíquica. Num dos seus livros, escrito muito antes da Primeira Guerra Mundial, Lodge explica que, muitos anos antes de ter conhecido os fundadores da Society for Psychical Research (formada em 1882), as questões relativas a aparições e outros fatores relacionados com a telepatia, a clarividência e demais assuntos se tinham vindo a acumular na sua mente. Foi em 1910 que a teoria da comunicação real recebida de mentes desencarnadas se impôs à sua consciência. Nos seus livros, Lodge apresenta registos exaustivos nos quais baseou a sua crença na transmissão de pensamento e na sobrevivência.

Sir Oliver era um cavalheiro reflexivo, um físico que também era amante das artes e da música. Estudava os átomos em busca de entendimento, mas não negligenciava as estrelas. Acreditava que o único limite para a compreensão era imposto a partir do nosso próprio interior. Declarava frequentemente que o cristianismo não era tanto uma doutrina, mas sim a forma como vivemos as nossas vidas. Era um homem de grande saber que amava viver; e declarava muitas vezes que o nascimento pode ser "um sono e um esquecimento", como

escreveu Wordsworth, mas que a morte nos libertava das barreiras do corpo para abrir uma nova perspetiva de trabalho e serviço.

Hewat McKenzie faleceu em agosto de 1929. Após a sua morte, iniciei um sério reexame de mim própria em relação ao trabalho no colégio, que continuou por um breve período sob a direção da Sra. Champion de Crespigny.

A força e a vitalidade que McKenzie tinha representado pareciam agora apenas um monte de escombros a necessitar de um novo mestre de obras. McKenzie era parte integrante do edifício, o qual não se podia separar do ambiente, da atmosfera ou do trabalho sem que este último sofresse. A sua personalidade única infundia confiança em todos. Quaisquer conceitos religiosos que tivesse examinado — e estou certa de que foram muitos — tornavam-no mais capaz de participar e compreender a natureza das minhas próprias dúvidas sobre mim mesma no papel de sensitiva.

Avisava sempre que uma análise, a qual eu seriamente contemplava, poderia causar uma demarcação da minha própria intuição e sensibilidade. "No teu caso", dizia-me ele, "este simbolismo satisfaz a exigência dos teus hábitos de pensamento mais 'interiores'." Falava-me frequentemente desta forma: "A mente, que queres ver explicada, possui múltiplas facetas subterrâneas; quanto mais procuras abarcá-las, mais elas se tornam bolas de sabão que sempre te escaparão." Lembrava-me sempre de uma das suas afirmações frequentemente repetidas: "A ciência e a metafísica apenas podem ter um terreno de encontro na intuição."

Senti-me impelida, nessa altura, a rever toda a minha vida; a intuição projetava imagens contínuas de um futuro diferente, e a clarividência regressava com uma qualidade precognitiva que por si só era perturbadora. Por exemplo, se eu devesse receber uma carta numa quarta-feira, já teria visto o carteiro a entregá-la na segunda-feira anterior. Por outras palavras, uma vez afastada das medidas disciplinadas do colégio, todas as funções de clarividência e precognição subiam à superfície para se confrontarem comigo de novo.

Afastei-me do processo de análise diária e de introspeção. Sentia que me faltava um propósito definido na vida e pensei que o casamento poderia ser uma forma de o preencher. Não estava muito segura deste raciocínio, pois em duas ocasiões me tinha "esquivado" de estados matrimoniais. Lembro-me bem das discussões que esta decisão provocou com G. R. S. Mead e mais alguns quando lhes expliquei que tinha um sentido imperioso de deixar o campo da mediunidade. Tendo observado o desenvolvimento das minhas capacidades ao longo dos anos, estavam verdadeiramente interessados na preservação da minha mediunidade.

Tinha ficado noiva, mas isto durou pouco, pois poucas semanas antes da data marcada para a cerimónia de casamento, o meu futuro marido faleceu de pneumonia após uma doença de menos de uma semana. No dia em que ele adoeceu, entrei no hospital para ser submetida a uma operação abdominal e a outra mastoideia. O período de recuperação no hospital provocou um surto de mediunidade física que durou por um período de duas ou três semanas.

Ao início, havia apenas pancadas nos móveis, e as enfermeiras olhavam para mim de forma estranha, suspeitando que eu era a causa. As pancadas davam lugar, a longos ou curtos intervalos, a algo que apenas se pode descrever como cenas de violência. De tempos a tempos, as portas do guarda-fatos abriam-se de golpe como se uma grande força interior lhes tivesse sido aplicada. Via o mobiliário abanar e tremer como se o chão por baixo estivesse prestes a ceder. Era-me impossível na altura compreender este surto, ou o que o provocava, e o período da sua dominância foi constrangedor e assustador.

Mead mostrava-se igualmente preocupado. Acalmou-me explicando que o subconsciente se encontrava perturbado e que, com o tempo, o padrão estabilizaria. Lembrou-me de que eu tinha passado por um período emocional invulgar de doença e melancolia, o qual bem podia produzir estas ocorrências físicas. Tranquilizou-me explicando que as "personalidades secundárias" tinham sido enclausuradas e tinham sem dúvida feito com que o seu próprio "fluxo" independente, agora dividido e não utilizado, ficasse perturbado. O rio do subconsciente, explicou Mead, pode ter

transbordado as suas margens neste período de sofrimento mental para produzir a mediunidade física.

Pela altura em que recuperei de ambas as doenças, encontrava-se exausta, espiritual e fisicamente. Não havia de encontrar o meu novo caminho senão após regressar de um longo período de convalescença em França.

7

Conheci Rabindranath Tagore no início da década de trinta, quando ele se deslocou a Londres para proferir as conferências Hibbert. Foi numa receção privada em sua honra, oferecida pelas senhoras do Lyceum Club em Londres, do qual eu era então membro. Parecia nunca erguer os olhos e mostrava-se tão retraído que eu não conseguia acreditar que ele tivesse qualquer interesse por alguém como eu. Quando chegou a minha vez de lhe ser apresentada, segurou-me a mão num aperto caloroso — algo que não tinha por hábito fazer, segundo me contaram —, enquanto me saudava com a sua saudação nativa. Disse-me que eu possuía uma vitalidade que devia ser preservada, que se tornava óbvio para ele que eu não dedicava a ponderação suficiente à energia vital que fluía através de mim.

Fiquei perturbada e surpreendida, mas passava por um dos períodos mais confusos da minha vida, mental, espiritual e fisicamente; e, como acabo de dizer, recuperava de uma operação que me tinha deixado incapacitada durante meses. Durante meia hora, que pareceu muito mais longa, Tagore conversou comigo sobre o sentido místico que, sentia ele, me dizia profundamente respeito.

Tentei explicar-lhe que por vezes era quase ateia na minha abordagem. Lembrou-me de que isso seria apenas uma nuvem passageira e da qual esperava que eu recuperasse para realizar um bom trabalho. "Deverias retirar-te da vida", disse-me ele, "para examinares o teu papel e dares a ele o melhor que souberes", acrescentando: "Voltaremos a ouvir falar de ti, não apenas aqui, mas na minha terra natal."

Respondi: "Se eu estivesse certa de que poderia passar algum tempo contigo na tua terra, isso levar-me-ia a fazer uma visita imediatamente."

Numa voz baixa, respondeu-me: "Não é necessário. A qualidade de todos os homens encontra-se contida em todos e cada um. Se a oportunidade surgir, volta-te para a Índia — ela tem muito para dar, e tu tens muito para compreender... Repara", sorriu ele, "não digo 'aprender'."

Durante e antes desta época, tinha trabalhado com a Comissão dos Príncipes Indianos, que reunia em Londres de dois em dois anos. No colégio e em casa da Sra. Gibbons Gringling, um membro conhecido da Psychical Research Society, tinha conhecido marajás e os seus conselheiros jurídicos, para conversar sobre os múltiplos aspetos da investigação psíquica, mas sabia instintivamente que Tagore não tinha relação com este trabalho. Ele próprio era um verdadeiro místico. Quando se despediu de mim, foi quase contrariado. Quanto a mim, nunca esqueci as suas palavras. Embora não tenha visitado a Índia, sinto que guardei fidelidade, de certa forma, ao grande sábio cuja qualidade gentil se pode compreender, mas dificilmente descrever. A recordação do seu trabalho hoje traz uma medida de paz. Deixou em mim a perceção do verdadeiro significado do amor. Recordo frequentemente a sua atitude generosa para com todos os seres vivos, a sua humildade afetuosa quando falava da "fonte vital" que se encontrava contida no âmago interior de toda a humanidade.

8

Quase cada década da minha vida me tem proporcionado uma oportunidade para avaliar o meu próprio trabalho como sensitiva. Conversei com proveito com muitos escritores religiosos e teólogos, mas no início da década de trinta foi-me possível conhecer dois homens dedicados nas suas diversas vertentes — convictos, eruditos e profundamente comprometidos com os seus próprios dogmas. Estes dois eram Ernst Toller e Sholem Asch, ambos frequentadores assíduos da casa de Catherine Dawson Scott após 1933, quando os refugiados da Alemanha encontraram asilo em Inglaterra. Nessa altura, Wells e

outros escritores britânicos uniram-se magnificamente em prol da causa destes deserdados. Tanto Toller como Asch tinham sofrido muito sob a dominação nazi. Toller, muito mais poeta no momento de se exprimir, dilacerava o coração de uma pessoa, especialmente quando desgastado e angustiado. Assumiu a responsabilidade de angariar fundos para os filhos das tropas legalistas espanholas. Tudo o que possuía reverteu para a sua campanha para os salvar. Preocupações privadas tinha-as em abundância; mas era movido por um desejo de liberdade das pessoas até que a sua alma não pôde suportar mais o apaziguamento dos seus amigos e a brutalidade dos líderes mundiais.

Prefiro pensar nele como era no início da década de trinta, quando ainda nutria a esperança de que o idealismo ao qual se dedicava não se tinha afastado do mundo. O desespero, a dor e o orgulho ferido acabaram por assumir o controlo para destruir a sua capacidade de suportar mais. Nunca tinha sido realmente forte de corpo, embora fosse valoroso de espírito. Tornava-se difícil saber se era a sua dor física ou um sofrimento pelos seus semelhantes que acabou por apagar o sonho de um futuro melhor. Possuía uma estranha beleza interior que, por alguma razão, continuou a perseguir-me durante longos anos após a sua partida. O seu amor pela verdade e a sua profunda solidão de espírito fizeram-me considerá-lo um dos idealistas verdadeiramente honestos que conheci.

Se Ernst Toller era como uma árvore a balançar ao vento, para ser finalmente arrancada, Sholem Asch pode ser comparado a um carvalho nobre. Onde Toller não falava facilmente das coisas do seu coração, Asch mostrava paciência com todas as minhas interrogações. Passámos noites muito agradáveis em casa de Catherine Dawson Scott, quando alguns amigos verdadeiros se reuniam para debater o futuro do judaísmo e do mundo. Fiquei muito ligada a ele e procurava-o tantas vezes quantas as exigências do seu tempo permitiam. Senti-me feliz quando ele se deslocou para os Estados Unidos mais tarde, e mostrava-me sempre livre para um almoço rápido quando ele me vinha ver aos escritórios da Creative Age Press. Em Londres e em Paris, onde nos encontrávamos frequentemente, mostrava-se suficientemente descontraído para contar as histórias maravilhosas

colhidas da memória e, por vezes, suspeito, da sua vivacidade e humor e dos estudos sobre a sua raça e religião. Afirmava-se frequentemente que ele se tinha afastado do seu próprio povo, e havia alguns que se referiam a ele como "Cardeal" Asch. Era um erudito demasiado fino e um realista demasiado grande para ser profundamente magoado pelos desdens daqueles que procuravam proveito através do ataque. Possuía uma mente iluminada — uma mente que ousava procurar abaixo e para lá dos limites da preocupação teológica.

Durante o tempo em que conheci estes homens, tão próximos e no entanto tão distantes, senti-me profundamente privilegiada por partilhar a sua frustração, algo da sua dor e a sua eterna busca de liberdade para si próprios e para o seu povo antes de Israel nascer.

9

As minhas primeiras experiências com fenómenos de *poltergeist* remontam ao período em que trabalhava com Hewat McKenzie. Pessoas atormentadas por estas ocorrências misteriosas vinham por vezes ao colégio em busca de ajuda. Eram usualmente pessoas que pouco sabiam sobre fenómenos psíquicos, mas que se tinham tornado subitamente vítimas de acontecimentos bizarros no interior da casa: objetos caíam das prateleiras, cadeiras e mesas balançavam, louças e pequenos objetos desapareciam de forma inexplicável. Acompanhava McKenzie quando ele ia investigar estes casos e, fazendo uso do estado de transe e da clarividência, muitas vezes o ajudava a descobrir a fonte destes estranhos fenómenos.

McKenzie acreditava que a energia nervosa das crianças no interior da casa constituía um fator principal para produzir esta forma de exibição. Esta crença é sustentada pelos extensos estudos sobre os padrões de jogo das crianças realizados pelo falecido Professor William McDougall, com quem trabalhava nesta altura em Londres. McDougall sustentava que as fases de excitabilidade da criança, a sua rapidez de resposta e a influência do ambiente — bem como as interações mentais, a simpatia e a imitação — desempenham um papel fundamental na moldagem do indivíduo.

McDougall também concluiu que os padrões de jogo não são simplesmente imitações do comportamento adulto, mas que a criança evoca memórias de períodos culturais anteriores na vida do homem. Estes padrões são necessários nos animais e nas crianças para capacitar ambos para a vida competitiva que têm pela frente — um teatro de preparação, por assim dizer, para a tarefa séria de viver.

Quando as crianças não podem estar com os seus semelhantes, tornam-se frequentemente introspetivas e receosas. Os seus instintos combativos, não fluindo livremente, podem produzir ira contra os pais, levando-as a pregar partidas que irão confundir e baralhar os adultos. O medo é instintivo no animal e no homem, e o caráter irracional da resposta emocional é rapidamente compreendido pela criança. Daí que muitas vezes descarregue os seus conflitos na sua habitação, partindo louça ou mudando coisas de um lugar para outro para criar uma atmosfera misteriosa. O medo do desconhecido constitui uma resposta instintiva mesmo nos adultos, e o que não se pode perceber imediatamente quando tais "surtos" ocorrem é, com demasiada frequência, atribuído a algo de "estranho" ou "esquisito" a passar-se na casa. Isto confere total liberdade à energia nervosa do jovem ator, que pode agora ter plena margem para baralhar e assustar os mais velhos. O jogo prossegue alegremente até que alguém é chamado para lidar com a situação infeliz, descrita demasiadas vezes como um *poltergeist*, ou "fantasma barulhento".

Não pretendo sugerir que esta seja a única causa para os fenómenos de *poltergeist*. O medo instintivo do homem face às forças desconhecidas da natureza produziu o fantasma e o feitiço, como logo se percebe se se pensar no poder que obscurece o seu progresso ao longo dos séculos. O mistério tem sido predominante nas observâncias eclesiásticas, religiosas e ocultas, e pode ainda servir a forma do *poltergeist*. Qualquer reação dos adultos a esta forma de "mistério" permite à criança um elevado pico de intensidade. Estas emoções, uma vez libertadas, contêm a sua própria conjunção caraterística de tendências de movimento para dar origem a diferentes atitudes e tensões no mundo adulto, para não falar de impressões complexas de se estar em contacto com o "desconhecido".

Se tivermos alguma dúvida sobre isto, basta-nos considerar de que forma a interpretação do papel por parte de um ator habilidoso pode elevar as nossas emoções a um alto estado de intensidade. A criança perturbada assemelha-se um pouco ao ator — quer que se repare nela e quer ser totalmente aceite pela sua família. O jovem experiencia uma agitação prazerosa quando a frustração dos adultos lhe indica que o espanto e a curiosidade deles foram despertados pelos acontecimentos misteriosos. Isto confere-lhe uma segurança excessiva que continua até ter esgotado os seus recursos, ou até que alguém tenha dissipado os fenómenos fantasmagóricos.

Quase todos os casos deste género acalmam depois de a criança ter cumprido a sua missão. Infelizmente, tais surtos atraem a atenção da imprensa em busca de uma boa história, e raramente os factos verdadeiros vêm a lume. O impulso nervoso do jovem ator consciente de si foi sacrificado; ele recuperou a atenção da sua família e ganhou agora orgulho na sua realização. Não conheci nenhuns casos que continuassem por muito tempo, ou novos surtos que ocorressem, se a habitação em causa utilizasse alguma perspicácia psicológica.

Deixem-me dar aqui um exemplo: Acompanhado por mim, Hewat McKenzie foi chamado à casa de um conhecido professor, membro da Psychical Research Society. Tinha deflagrado fogo na sua biblioteca em várias ocasiões — demasiadas para serem descartadas. O seu irmão, outrora irascível e difícil, falecera recentemente, e pensava-se que a sua "entidade" ou "fantasma" pudesse estar a provocar os incêndios. O filho mais novo do professor encontrava-se em casa e mostrasse ansioso por ajudar. Soubemos, contudo, que embora desse a aparência de ser inteligente e encantador no colégio, mostrava-se altivo o suficiente com os seus companheiros para sofrer repreensões por parte das autoridades do colégio. A oposição e o facto de ser proibido de seguir certos estudos tinham produzido vivas apreensões, suficientes para interferirem no seu próprio trabalho e desenvolvimento. Finalmente, foi mandado para casa, onde se deparou com uma severa repreensão por parte do pai.

McKenzie, acreditando que o rapaz se encontrava envolvido na situação, perguntou se poderia conversar com ele a sós. Não demorou muito para que o rapaz admitisse que as ambições do pai para com ele

o tinham irritado de tal forma que recorreu à queima dos manuscritos. McKenzie conversou com ele seriamente e prometeu intervir junto do seu progenitor. A ação aqui relatada não o libertou de culpa, mas aliviou a tensão que se tinha gerado ao seu redor. O rapaz foi para outro colégio e acabou por estudar direito, para lidar com os problemas do castigo e das más ações do homem. Foi uma forma de obter para si próprio alguma compreensão sobre a natureza da volição e as suas condições e esforços na vida dos outros. Numa data posterior, abandonou o direito e entrou no teatro, onde fez nome como ator e encenador.

O fenómeno de *poltergeist*, portanto, prende-se habitualmente com as emoções reprimidas da criança e com os sentimentos de culpa que frequentemente desempenham o seu próprio papel. Ao longo dos séculos, as crianças têm desempenhado um papel proeminente no drama da feitiçaria, e mais do que um jovem excessivamente imaginativo foi detido e queimado juntamente com outros feiticeiros.

Neste dia moderno, a psicologia proporciona ferramentas para lidar com as peculiaridades da criança individual. Um terapeuta qualificado seria capaz de revelar que o visitante barulhento descrito como *poltergeist* surge da própria energia nervosa da criança e da necessidade de atenção. Assim que as atividades mentais e corporais intencionais forem canalizadas para longe da introspeção, a mente subconsciente cessará o seu impulso de se desforrar dos adultos, e o descontentamento, bem como as ocorrências "paranormais", darão lugar.

Como disse, McKenzie acreditava nesta perspetiva como uma explicação parcial do fenómeno de *poltergeist*. Mas também acreditava que a energia solta ou o "fantasma aprisionado" poderia estar a atrair a atenção para algum conflito oculto no seio do lar. Ou seja, a essência de uma pessoa que tinha partido desta vida podia afetar as ações daqueles que permaneciam na carne, e a criança jovem podia muito bem obedecer a esta influência. A energia era o servo; o espírito e a mente o mestre.

McKenzie encontrava-se verdadeiramente no seu elemento quando chamado a investigar estes casos. Antes de se deslocar ao lar

perturbado, visitava o vigário ou os lojistas da vizinhança para descobrir que género de pessoas vivia na alegada casa assombrada. O meu dever consistia em assumir o estado de transe, após estarmos na casa, com a esperança de contactar a causa da perturbação. Muitas vezes perguntei a mim mesma se todo o assunto não seria uma ilusão, até ver por mim própria os estragos e, em alguns casos, a destruição deliberada. Fui forçada à conclusão de que estes poderiam bem ser alguns seres terrenos com as suas próprias contas a ajustar.

Enquanto McKenzie conversava seriamente com as pessoas da casa, a criança ou crianças eram mandadas sair da sala. Depois, no meu transe, a personalidade de Uvani revelava o que acreditava poder ser a causa da agitação. Ou estava presente uma entidade com quem se tinha de lidar e que podia contar a sua história, ou o fenómeno de *poltergeist* era fabricado pelas crianças. Eu esperava pacientemente enquanto McKenzie explicava a minha presença, pois habitualmente os moradores olhavam para mim com desconfiança. Quando as crianças saíam da sala, o transe começava.

Sempre suspeitei que nesses momentos os mais jovens permaneciam atrás da porta, muito provavelmente a planear a atividade seguinte, pois notei frequentemente o seu tom de desafio quando eram levados para fora! Não creio que os adultos gostem de se lembrar das forças e energias da sua própria juventude obstinada ou de que forma estas eram ativadas pelo sistema cognitivo que afeta as ações de uma pessoa, especialmente quando os conflitos ou impulsos são reprimidos.

É então nos mais novos que o sistema de desobediência funciona com um relativo distanciamento do resto da personalidade, para criar fases bizarras de emoção e comportamento. Nesses momentos, o jovem ator consegue alcançar um estado extático de absorção em si mesmo, com cada membro do agregado familiar a desempenhar inconscientemente o seu papel para adensar o drama.

10

Um exemplo clássico que ilustra todos os elementos básicos que mencionei foi proporcionado pelo caso da casa de campo em Sussex, onde dois rapazes, de onze e treze anos, eram suspeitos de

envolvimento num fenómeno de *poltergeist*. O caso fora relatado a McKenzie por um membro do colégio que ouvira falar dele na aldeia.

Como habitualmente, McKenzie começou por entrevistar o clérigo da aldeia e os lojistas, e o que soube deu-lhe a sensação de que havia algo de esquisito em todo o episódio. A nossa visita à casa realizou-se num dia muito chuvoso, algures em outubro de 1927. Nessas visitas, nunca me era permitido falar com ninguém. Mas, quando entro numa casa que se alega estar perturbada, de certa forma farejo, tal como faz um terrier, para ver se existe algo de invulgar.

Os habitantes da casa, tanto quanto sabíamos, eram os dois rapazes, o lavrador e a sua esposa. O lavrador queixava-se amargamente dos fantasmas que o atormentavam. Dizia "fantasmas", mas há muito que acreditava que os rapazes lhe andavam a pregar partidas, e fechava o cenho quando falava deles. Os rapazes pareciam ser crianças meigas: tive a impressão clarividente de que, se estavam a causar o problema, estariam a fazê-lo de forma inconsciente, porque me tornei imediatamente ciente de uma presença na sala que senti ser a da sua verdadeira mãe. Soube assim que a esposa do lavrador seria apenas a madrasta. Sussurrei esta informação a McKenzie.

"Basta disso", disse ele. "Não quero que captes mais nada. Quero que entres em transe."

Quando acordei, McKenzie disse-me: "Não somos bem-vindos aqui; é melhor sairmos."

Não tive tempo para fazer perguntas. Partimos rapidamente; e, quando olhei para trás, o lavrador estava a atirar-me com o meu guarda-chuva. "Bela hospitalidade", comentei. "O que aconteceu?"

"Revelaste uma bonita embrulhada, tenho de o dizer", respondeu McKenzie. "Acabaste por trazer mensagens da mãe."

O que eu tinha revelado, ao que parece, era uma história de ganância, intriga e injustiça. A mãe verdadeira, pelo que constava, era uma mulher altamente sensitiva. Tinha trazido as poupanças de uma vida para o casamento, permitindo ao lavrador comprar aquela terra e viver em circunstâncias confortáveis. Mas a mãe adoeceu e sofreu dois acidentes vasculares cerebrais que a deixaram praticamente

paralisada e sem a capacidade de falar durante cerca de um ano e meio antes de falecer.

Durante este período, o marido considerou necessário trazer da aldeia uma mulher que tinha alguma formação como enfermeira. Desenvolveu-se uma ligação entre ela e o lavrador, e planearam secretamente guiar a mão da mulher paralisada para assinar um documento que lhes deixaria toda a propriedade. A mãe insinuou durante o meu transe que estivera a par, desde o início, das suas maquinações. Indicou, além disso, que se encontrava preocupada por causa dos seus filhos, aos quais tinha deixado uma quantia considerável de dinheiro. Havia parentes no norte, mas não era provável que se mostrassem muito preocupados com as crianças, pois sabiam que o lavrador tinha voltado a casar e assumiam que as crianças seriam cuidadas.

Profundamente preocupada, a mãe tinha aproveitado todas as oportunidades para regressar, momentos em que utilizaria a energia dos rapazes na esperança de atrair a atenção para os perigos que enfrentavam. As minhas revelações tinham enfurecido de tal modo o lavrador, que não acreditava que eu estivesse em transe, que nos ordenou a ambos que saíssemos de casa imediatamente.

Uma quinzena mais tarde, contudo, foi pedido a McKenzie que voltasse. Parece que, depois de termos sido expulsos, aconteceram muitas coisas estranhas: ruídos sinistros, quebras de objetos, movimentos de coisas, roupas de cama arrancadas dos rapazes, e assim por diante. O lavrador ao início pensou que os rapazes andavam a pregar partidas; mas encontrava-se agora profundamente assustado e dizia saber que "os duendes" o tentavam apanhar. Tinha-se convencido de que estava sob o poder de uma força maléfica, e a mulher encontrava-se igualmente aterrorizada.

Quando voltámos, foi-me permitido sentar-me e entrei num estado de transe. McKenzie encetou conversação com Uvani, que revelou que a mãe verdadeira estava presente. Encontrava-se determinada em libertar os seus filhos e indicou que havia dinheiro suficiente para os colocar em boas escolas.

Durante este episódio, a suposta madrasta desfez-se em lágrimas. Voltou-se contra o lavrador, acusou-o de a ter tratado mal e disse a McKenzie que as revelações eram de facto verdadeiras. Nunca tinha querido entrar naquela ligação e, na verdade, não era de todo casada com o lavrador. Nutria afeição suficiente pelas crianças, mas não conseguia demonstrar amor porque esperara vir a casar-se com o lavrador, e aquela parecia ser a única forma de o casamento ser organizado. Mostrava-se muito disposta a ir ter com o vigário juntamente com McKenzie e a contar a sua história. Propôs que o vigário, por sua vez, entrasse em contacto com os parentes, que tratariam de organizar as coisas discretamente.

McKenzie concordou, e a minha participação no caso terminou. Três ou quatro semanas mais tarde, disse-me ele: "Sabes, ela não é de todo uma má pessoa. Simplesmente viu uma oportunidade, talvez, de melhorar de vida. Fez uma confissão total de toda a situação. O tio já cá esteve e os rapazes vão ser colocados num colégio. O vigário fez indagações sobre isto, e ele e o tio encontram-se em vias de organizar o património de uma forma melhor. Creio que foram a um magistrado, que fez com que o velho fizesse uma declaração de que, no que lhe dizia respeito, os termos do testamento seriam cumpridos."

Aqui, pelo menos, encontrava-se uma personalidade "partida" em ação. Aqui, também, havia um conflito e uma ansiedade em relação às crianças. A perda da mãe, a intrusão da outra mulher, a ganância do pai, as repressões — tudo isto forneceu os ingredientes para um caso típico de *poltergeist*.

11

Outro caso de *poltergeist* prendia-se com uma rapariga de dez anos e a morte de vários cães valiosos. A história, conforme McKenzie inicialmente a ouviu, era de que a menina, que vivia com a mãe perto do Crystal Palace, no sudeste de Londres, se tinha tornado subitamente violenta no seu comportamento. Agarrava no braço da mãe e mordia-o, e caía em terríveis crises de histeria. Quando lhe perguntavam porquê, insistia sempre que o pai a tinha orientado nesse sentido. "O meu papá detesta-te", dizia à mãe, "e vai-te castigar." A

criança dizia isto frequentemente, mas, de acordo com a mãe, não havia razão para este comportamento peculiar.

Mãe e filha tinham chegado recentemente da região do norte, onde, segundo a senhora contou a McKenzie, o marido falecera, deixando-a sem muito dinheiro. Tinha sido um homem de negócios, que operava no ramo dos têxteis. A viúva vivia talvez com o conforto suficiente de uma pequena anuidade, mas esta não bastava para enviar a criança para uma boa escola e manter-se num bairro elegante. Com o intuito de complementar os seus rendimentos, tinha começado a fazer criação de terriers de Yorkshire. Chegara a ter doze ou treze, que se tinham visto reduzidos a seis na altura em que McKenzie foi chamado.

Parece que os cães andavam a morrer de forma súbita e misteriosa. Tinham sido realizadas autópsias, mas nada fora encontrado que indicasse qualquer problema com os animais. McKenzie perguntou-se se os vizinhos teriam antipatia pelos cães, ou talvez se ressentissem da nova inquilina na casa, mas nada desse género foi revelado quando fez as suas indagações pela vizinhança. Toda a gente achava que ela era "uma boa criatura", mas a criança era descrita como "um autêntico terror". Ninguém tinha nada a acrescentar aos factos conhecidos — a saber, que os cães pareciam extremamente saudáveis, sendo depois acometidos por um ataque convulsivo e morrendo.

Quando fui levada à casa, limitei-me a saudar a boa senhora com a cabeça e sentei-me. Presumivelmente, McKenzie tinha-lhe dito que não devia fazer perguntas; ele tiraria notas e nós revelaríamos quais eram as dificuldades — se é que era verdade que a criança se encontrava em contacto com o pai, como afirmava. Uvani fez a sua aparição, como habitualmente, e falou da presença, na proximidade do lar, de um pai — um homem extremamente irado que nutria um nítido rancor contra a esposa. Sentia que ele próprio fora muito maltratado pela vida, tendo saído da guerra (Primeira Guerra Mundial) com a saúde destroçada. Sofrera de uma maleita no peito e usava algum suporte metálico do pescoço ao ombro. Em consequência disso, embora tivesse alguma capacidade de ganho, tinha sido frequentemente dispensado do trabalho. Contraíra pneumonia e falecera subitamente. A história coincidia até este ponto com o que a

viúva tinha contado a McKenzie, mas depois as histórias divergiam. O homem dizia que ela o tinha abandonado continuamente e tivera muitos homens na sua vida.

Referia-se a ela como "uma mulher de fases", acusava-a de ter um homem na retaguarda que a ajudava a gastar grande parte do dinheiro que ele lhe tinha deixado, e dizia que a criança iria seguramente sofrer. Afirmava que estava a retirar forças à criança, de modo a fazer notar a sua presença; e também que tinha descoberto uma forma de retirar energia aos cães até estes colapsarem.

Creio que McKenzie argumentou com ele que tal não era possível. Na verdade, McKenzie não acreditou nisso, nem a senhora. Esta negou tudo e disse levar uma vida muito moral: vivia apenas para a criança e para os cães, e trabalhava arduamente com o intuito de obter o dinheiro para a educação posterior da sua filha. Como o próprio McKenzie não acreditou na história conforme relatada por Uvani, a experiência foi terminada.

Umas duas ou três semanas mais tarde, McKenzie teve outra chamada para se deslocar à casa. A mulher encontrava-se numa profunda depressão e a criança, segundo os vizinhos, tinha-se tornado muito histérica. Detestava verdadeiramente a mãe e fazia tudo o que podia para tornar a vida da mãe difícil. A mãe falava agora de passos a subir e a descer as escadas, e de outros ruídos que a assustavam à noite. Ouvia pancadas na casa e, nesses momentos, a criança ficava louca de excitação. Ria, gritava e chorava, e dizia ser o seu papá que vinha buscar-me.

Entretanto, um veterinário tinha ido à casa para examinar o jardim e ver se conseguia encontrar o que quer que fosse que sugerisse que os cães pudessem ter comido alguma relva ou erva que contivesse matéria venenosa. Não encontrou nada de errado; e claro que era impensável que a menina tivesse acesso a qualquer veneno que pudesse ter utilizado para se livrar dos cães de modo a magoar a mãe.

As condições tinham-se agravado tanto que a mãe pediu a McKenzie que tivesse paciência com ela, e perguntou se eu aceitaria entrar novamente em transe. Poderia então argumentar com o marido

e provar-lhe que algo de terrível lhe tinha acontecido no processo da sua morte.

McKenzie concordou, pelo que voltei a entrar em transe, e o mesmo processo foi levado a cabo. De acordo com McKenzie, o homem mostrava-se amargurado e colérico, e determinado a destruir qualquer esperança que a esposa tivesse de criar os cães até à idade adulta. Interferiria sempre, e não haveria tréguas até que a criança lhe fosse retirada.

O caso apresentava problemas invulgares, pois o pai não explicava como lhe era possível livrar-se dos cães. Mais uma vez, McKenzie procurou o conselho do vigário local, mas o vigário mostrava-se relutante em envolver-se. Parecia que a senhora tinha de facto um amigo do sexo masculino na vizinhança e que, por vezes, tinha deixado a criança sozinha quando saía. Os vizinhos, por sua vez, mostravam-se relutantes em falar contra alguém que acabara de se mudar e era "uma coitada a fazer o seu melhor". Mas admitiam sentir que as coisas nem sempre eram como ela as fazia parecer. Tinha de facto este homem que a vinha buscar num automóvel cinzento. Possuía obviamente dinheiro. Fora vista na cidade vizinha com ele, e parecia muito feliz. Isto tendia a confirmar o que o marido tinha dito, e surgiu a suspeita de que talvez o homem em questão pudesse ter dado veneno aos cães. Mas, quando o veterinário foi novamente interrogado, manteve que não havia razão para acreditar que os cães tivessem sido envenenados.

Por esta altura, os vizinhos tinham-se tornado um pouco hostis. Começavam a antipatizar com a criança porque, sempre que ela brincava com os seus filhos, surgiam zangas; mordia-os e tornava-se violenta. Era uma criança bonita, mas obviamente desprezava profundamente a mãe e, obviamente também, sabia muito mais do que parecia à superfície.

McKenzie abandonou o caso nesse ponto. Não se sentia satisfeito por a história ser sensata e sentia que havia uma chave para o enigma que não conseguia encontrar. Toda a gente se tornava pouco cooperante e ele encontrava-se perante uma parede em branco. Enquanto ainda ponderava o passo seguinte, um vizinho da família

telefonou a dizer que tinham sido acordados a meio da noite com muito barulho na casa ao lado.

De manhã ficou claro que a mulher tinha feito as malas e se tinha retirado da vizinhança. A criança, o homem e a mulher, juntamente com os cães restantes, desapareceram. A renda não tinha sido paga, deviam-se contas do gás, da eletricidade e na mercearia, e ninguém tinha o mais ínfimo conhecimento do local para onde tinham ido. Nada mais se ouviu falar da criança ou da mãe. Há quase um toque vampiresco nesta estranha história. Os cães não tinham ferimentos nem estavam envenenados — o testemunho profissional pôde revelar apenas que foram encontrados mortos.

12

Tive a minha primeiríssima experiência daquilo que se poderia designar por fenómenos de *poltergeist* depois de andar a trabalhar há cerca de três anos no British College of Psychic Science. Em setembro de 1925, um homem de negócios de Chicago, a quem chamarei Sr. Agnew, escreveu-me pessoalmente sobre um problema relacionado com a sua mãe, uma senhora idosa com cerca de oitenta e cinco anos que vivia em Hampton Court.

A mãe tinha travado conhecimento comigo durante algumas experiências no colégio e, parece, tinha ganho simpatia por mim — apesar do facto, escreveu o Sr. Agnew, de ela ser desconfiada em relação aos médiuns em geral. O Sr. Agnew, que tinha deixado Inglaterra em idade precoce, planeava visitar a mãe em breve. Sentia que, se eu o acompanhasse à casa dela, seríamos talvez capazes, juntos, de lançar alguma luz sobre certos acontecimentos estranhos que grandemente o preocupavam.

Nunca marcava consultas por minha iniciativa fora do colégio, mas sentia curiosidade sobre os fenómenos de *poltergeist*, e McKenzie concordou em deixar-me avançar. No devido tempo, o Sr. Agnew chegou a Londres e providenciou para jantarmos na casa da mãe, uma mulher de notável inteligência, mas que vivia nitidamente no passado. Apressou-se a assegurar-me de que havia fantasmas na sua casa, mas logo acrescentou considerar que dificilmente poderia ser de outro

modo, uma vez que vivia perto do palácio do Cardeal Wolsey, num apartamento de favor. Observou que "ele não era nenhum santo", como a história desde então revelou. (Uma casa de favor constitui uma propriedade detida pelo monarca reinante em Inglaterra, habitualmente concedida a parentes ou a pessoas que tenham prestado serviços públicos notáveis. Existem vários apartamentos deste género no Palácio de Hampton Court, no Palácio de Kensington e noutros locais, todos com algum interesse histórico.)

A Sra. Agnew não se importava com os seus fantasmas. Quando perguntei o que a preocupava, disse: "Absolutamente nada, mas o meu filho tem uma estranha preocupação com o facto de eu ficar sozinha. Tenho uma criada que está comigo há trinta e cinco anos e faz tudo por mim de que necessito. Não me sinto sozinha. Acho que o meu filho seria muito estúpido se regressasse para viver em Londres por minha causa." E, com isto, a boa senhora adormeceu confortavelmente na cadeira. Soube mais tarde que não gostava de ir para a cama muito antes da meia-noite, mas também não admitia sentir-se cansada, e mantinha este hábito de cabecear na cadeira.

O Sr. Agnew fez-me sinal para a divisão adjacente. "Não quero contar-lhe demasiado sobre a situação", disse ele, "mas tenho a sensação de que a minha mãe não nos contou tudo. A sua criada escreveu-me dizendo que, em duas ou três ocasiões, deflagrou aqui fogo misteriosamente. Acontece de forma espontânea. Falei com a minha mãe sobre o assunto, mas ela desvalorizou a questão, dizendo que a Watson [a criada] estava a ficar velha e dada a imaginar coisas." Mostrava-se bastante ansioso por que eu me sentasse na sala específica onde a mãe descansava. Aquilo parecia apresentar dificuldades, mas ele assegurou-me de que ela conseguia dormir após o jantar por um par de horas e nunca ser perturbada, nem mesmo por uma longa conversa ao telefone. "Ficaria feliz se viesse para essa sala e me desse as suas impressões sobre a mesma."

Eu era nova numa situação daquelas e estava muito curiosa. Como podia o fogo surgir subitamente numa sala sem a ajuda de alguém? E não havia vestígios de brasa para provar que a Watson não andava a imaginar coisas.

Esgueirei-me de volta silenciosamente com o Sr. Agnew e dei-lhe as minhas impressões clarividentes. Tive a sensação de ver as cortinas em chamas numa ocasião e de ver fogo atrás de uma estante noutra. Foram rapidamente extintos, felizmente, mas nenhuma entidade de *poltergeist* apareceu. O "*poltergeist*", parecia-me, era um ser humano muito normal. Pressenti que a criada tinha um sobrinho preferido. Ele estivera presente na assinatura de um documento que deixaria uma pensão considerável à sua tia pelo resto da sua vida. Foi revelado que ele se encontrava nesta sala de tempos a tempos e vinha cumprimentar a velha senhora — que gostava dele e o considerava "um bom rapaz". Possuía alguns conhecimentos de química e era capaz de produzir matérias que, sob certas circunstâncias, provocavam combustão.

O Sr. Agnew olhou para mim horrorizado e observou que eu tinha uma imaginação demasiado viva. Disse-lhe que nada podia fazer quanto a isso. Levou-me apressadamente para baixo, sem acordar a mãe, e parti sem me despedir. Regressei a casa sentindo-me muito tola.

O Sr. Agnew, contudo, ficara preocupado com as minhas afirmações e decidiu permanecer na Europa ao longo de outubro. O jovem encontrava-se então em Orpington, no Kent, disse-me ele, mas quando este viesse novamente visitar a sua Tia Watson, ele tentaria travar conhecimento com ele e conhecê-lo. O Sr. Agnew acabou por regressar à América.

Levei a história inteira a McKenzie, que disse: "Bem feita. És como todos os aprendizes; queres montar o cavalo antes sequer de teres visto a estribaria. Mas gostaria de falar eu próprio com o homem." Assim o fez; o resultado disso foi que McKenzie entrou em contacto com o sobrinho e manteve várias conversas com ele. Conseguiu apurar, de facto, que o jovem possuía conhecimentos de química aplicada.

McKenzie cultivou a relação com o jovem e, após um dos seus encontros, o rapaz mencionou que não poderia permanecer em Londres para uma proposta estadia de fim de semana com a tia, mas que tinha de partir nesse mesmo dia. Em vez de fazer isso, contudo, apareceu para a ver — e por volta das 21:30, na altura em que a velha

senhora mantinha o hábito de cabecear, as cortinas de um dos lados da sala ganharam fogo subitamente. Felizmente, apesar do susto, a criada foi capaz de extinguir o fogo antes que qualquer dano grave fosse causado. Mas estes fogos aconteciam rapidamente, como se alguma solução tivesse sido utilizada, e se as janelas estivessem abertas para atiçar as chamas, poderia ter havido um desfecho mais trágico.

Soube deste incidente na primavera seguinte, quando o Sr. Agnew, que tinha regressado à América, me escreveu sobre o assunto. Em consequência do incêndio, tinha providenciado para que o sobrinho fosse vigiado e, por fim, uma confissão foi extraída do jovem. O seu plano, pelo que parece, consistia em atear um fogo numa altura em que a velha senhora fosse incapaz de pedir ajuda, e em circunstâncias que fizessem parecer que o seu vestido de tafetá tinha ganho fogo enquanto ela se inclinava para acender o aquecedor a gás na sala.

Eventualmente, a velha senhora faleceu de morte natural na sua cama. O filho regressou a casa para o funeral e para liquidar o património. Além dessas notícias, não recebi mais nenhuma comunicação da parte do Sr. Agnew. Mas esta, a minha primeira experiência, ensinou-me a estar sempre alerta para uma possível intervenção humana sempre que acontecimentos estranhos fossem atribuídos à obra de um *poltergeist*.

Havia muitas confusões neste caso. A criada acreditava que os fogos eram obra de um *poltergeist* clássico, enquanto a velha senhora pensava que a criada andava a ter "visões sobre fogo". Não tinha havido qualquer menção ao jovem, o sobrinho da criada, antes das minhas impressões clarividentes sobre as suas visitas à sala e os seus movimentos na direção da janela e para as prateleiras da biblioteca diretamente atrás da cadeira da velha senhora. Tinha pressentido medo, excitação, ganância e conflito. Tanto quanto sei, nunca foi feito nenhum relatório, nem cheguei a saber com precisão de que forma o sobrinho esperava lucrar com o seu plano.

As muitas experiências subsequentes que tenho tido nesta área sugerem que, em certas ocasiões, os fenómenos paranormais ocorrem de facto, mas também tipos semelhantes de fenómenos podem ser

associados a intervenção humana. Existe também a influência do "conflito". O caso seguinte poderá demonstrar o que quero dizer.

13

Perto do final de 1930, recebi um convite para ir a casa de uma família abastada cuja residência tinha sido cenário de alegados fenómenos de *poltergeist*. O homem que me convidou e que serviria de moderador — o Sr. Huston — era amigo da família. A minha impressão era a de que ele tinha interesses comerciais com o proprietário da casa, estando ambos ligados à indústria da pesca.

A caminho da casa, que ficava na bela região do Vale do Severn, perto de Gales, o Sr. Huston informou-me de que a mãe da família era, ela própria, profundamente sensitiva. Havia cinco filhos crescidos, todos eles ligados à indústria da pesca, na altura um setor florescente. A mãe dera à luz o sexto filho numa fase tardia da vida, uma criança extremamente delicada. Era em redor deste rapaz que se dizia ocorrerem os estranhos fenómenos. Acordava assustado e doente à noite porque as roupas de cama desapareciam e se ouviam passos estranhos no seu quarto.

A casa apresentava um bom aspeto quando chegámos, e nada menos fantasmagórico se poderia imaginar. Tratava-se originalmente de uma estrutura do século XVIII à qual se tinham adicionado divisões suplementares à medida que a família crescia e prosperava. Um ambiente confortável de bem-estar de classe média conferia à casa uma sensação de felicidade e tranquilidade. Ao jantar, a família explicou que a mãe possuía poderes de perceção extrassensorial e estavam habituados, como a maioria dos celtas galeses, às "presenças invisíveis" ao seu redor. A família considerava natural a história de a criança estar assombrada, exceto pelo facto de a mãe manifestar receios quanto à saúde do pequeno. Unidos e barulhentos, cheios de uma saúde robusta e de boa disposição, estes jovens fortes apresentavam uma atmosfera feliz.

Contudo, apesar da sua boa disposição, quando o pai regressou a casa mais tarde, pressenti um ambiente de hostilidade reprimida em relação à mãe e ao rapaz mais novo. O pai mostrou-se amigável mas austero e, após o jantar, retirou-se para falar de negócios com o Sr. Huston.

O filho mais velho veio conversar comigo e, por trás do riso alegre, pressenti que ele desejava ver-me a sós. Chegou rapidamente ao cerne da sua história, que dizia respeito à sua própria e triste experiência com a perda da filha. Revelou que ele e a sua nova esposa tinham estado de costas voltadas e, com a filha pequena, tinham vindo passar uns dias a casa da família numa tentativa de limar arestas.

Enquanto ali se encontravam, a sua filha sofreu queimaduras graves — ninguém sabia muito bem como — e faleceu pouco tempo depois, deixando uma nota trágica que acabou por resultar numa separação entre o marido e a esposa. Sob o exterior alegre da vida familiar, havia outros incidentes curiosos que levavam a crer existir um profundo sentido de conflito.

Finalmente, foi-me possível, uma noite, sentar-me à cabeceira da cama de Gwilliam, o pequeno, que felizmente pareceu simpatizar comigo. Enquanto ele cabeceava, vi efetivamente as coberturas da cama ser retiradas, como se mãos brutas as tivessem arrancado. Ao caírem no chão, pareceram ficar suspensas por um momento devido a alguma força invisível. Ouviu-se um som de "rasgar" na sala, mas, ao examinar, nada tinha sofrido danos.

Esta foi a primeira vez que me foi possível presenciar fenómenos reais a acontecer. Muitas vezes estas coisas ocorrem num piscar de olhos e, habitualmente, não se encontram presentes testemunhas reais. Vi isto acontecer em duas ocasiões distintas numa única noite e senti uma presença desconfortável no quarto, que me fez tremer de apreensão. Após estas ocorrências, compreendi o terror da criança e soube com certeza que não se tratava de uma ilusão engendrada, como o pai insinuara, para a criança obter mais atenção.

Creio que a devoção da mãe por este filho mais novo, que chegara muito mais tarde do que os outros, era profundamente ressentida pelo pai. Era um homem que se recusava a acreditar na

evidência dos seus próprios olhos. Ofereceu várias explicações para encontrar as roupas de cama no chão e a criança em estado de choque. Mas isso preocupava a mãe dedicada, e fora ela quem apelara ao Sr. Huston em busca de ajuda, dizendo: "Isto constitui um acontecimento sobrenatural na minha vida, e sou completamente incapaz de ajudar a criança."

Como habitualmente, sentei-me após o jantar e entrei em transe. Uvani não teve dificuldade em descobrir que a casa possuía outros ocupantes (invisíveis). Na verdade, havia um "Tio Henry" fantasmagórico que fazia do local a sua morada. De acordo com a história de Uvani, o Tio Henry tinha partido desta vida entregue à bebida, após ter levado uma carreira bastante estroina. Tinha construído algumas das ampliações da casa e não fazia segredo do facto de gostar da casa, dos arredores e da companhia. Não tinha tempo nenhum para o pequeno. Uvani disse que ele manifestava muito ressentimento em relação à criança: aquilo não era "bom sangue"; o rapaz "não tinha estofo"; não importaria se a criança morresse.

Poderia ser através das energias debilitadas da criança que o Tio Henry era capaz de se mostrar de forma tão clara, e talvez também através dos conflitos da mãe, pois ela encontrava-se muito preocupada e sentia-se completamente impotente. De qualquer forma, a família admitiu que existia de facto tal antepassado, um tipo cómico, de quem se alegava ter sido contrabandista. O Tio Henry parecia ter vivido por altura da Revolução Francesa, porque falava em transportar a nobreza refugiada através do rio e em encontrar locais para viverem sob nomes falsos.

Mostrava-se ansioso por esclarecer que não fazia isto por amor, mas sim por tudo o que pudesse obter; e sentia-se muito orgulhoso do facto de ser um contrabandista conhecido de vinhos, tabaco e outro tráfico ilícito entre os dois países. Não tinha grande consideração pelo seu sobrinho — o seu sobrinho-neto, talvez —, que era o pai destes rapazes. Mas, em todo o caso, tinha-se tornado uma verdadeira personagem na casa. A família acreditava em parte na sua existência e aceitava a sua história.

Assim que investigámos tudo isto, os ruídos e os incómodos cessaram, e a criança passou a sentir menos medo. Partimos, esperando que tudo ficasse bem a partir de então.

Ocorreu depois outro episódio. Os filhos tinham saído numa noite de sábado numa das suas frequentes paradas de bebida. Ivor, o mais velho, viu-se a experienciar uma visita do velho tio. Isto pode ter sido sugestão, pois era um homem sensitivo, além de gostar da sua garrafa. Contudo, possuía algumas capacidades de perceção extrassensorial próprias e pode perfeitamente ter estado ciente desta personalidade. Sentia-se impressionado o suficiente com o assunto para nos pedir que voltássemos; e creio que, ao todo, regressei três vezes e lhe dei sessões de transe. Durante estas sessões, o Sr. Huston — que encarava o assunto com muita seriedade — argumentava com o velho que, quer ele pensasse que ali estava quer não, na realidade não estava; e tivemos de fazer o nosso melhor para retirar as sombras infelizes da casa. Após três visitas, isto pareceu ter sido alcançado com sucesso. Durante uma série de anos posteriores, o Sr. Huston escrevia-me: "Tenho visto os rapazes; a casa está calma. O rapazinho cresceu e não existem certamente mais perturbações."

Refletindo sobre este caso, eu diria que tinha havido uma grande quantidade de energia nervosa e turbulenta em redor da casa, e que a família vivia junta num estado de contínuo conflito; isto fez com que um fantasma se gerasse. Creio que a criança, sensitiva e fraca em comparação, pode na realidade ter sofrido alucinações devido às histórias deste fantasma. Diria, por conseguinte, que este caso constituiu uma experiência de *poltergeist* válida.

14

A minha própria falta de uma crença verdadeira na identidade dos guias perturbava-me. Nunca estivera certa da sua realidade ou de que as mensagens que transmitiam do seu "universo" sobre aqueles que tinham partido desta vida fossem verdadeiramente provas de vida após a morte. As pessoas que vinham comunicar com os "mortos vivos" careciam habitualmente de profundidade suficiente para um exame crítico das comunicações que recebiam. Em vez de ganharem força moral, continuavam a procurar aqueles que lhes dessem

continuamente uma garantia fácil de que a vida após a morte fora de facto provada. Conforme notei, as minhas próprias crenças incertas tinham sido amparadas pela fé do Sr. e da Sra. McKenzie. Mas comecei a sentir uma repulsa em continuar, ano após ano, a produzir resultados sobre os quais podiam recair dúvidas.

A procura de trabalho na área da cura com "Abdul Latif", um alegado guia persa que afirmava ser astrónomo e médico na corte de Saladino no século XII, foi alargada por Sir Arthur Conan Doyle e R. H. Saunders. Colaboraram para produzir o livro *Health: Its Recovery and Maintenance*, transmitido por intermédio de Abdul Latif, que tinha recentemente feito uma aparição através da minha mediunidade. Sir Arthur mostrava-se sempre confiante de que eu era capaz de realizar um bom trabalho sob a direção do guia.

Quando decidi que, por minha causa, tinha chegado o momento de procurar respostas mais profundas para o significado da mediunidade, Sir Arthur repreendeu-me asperamente pela minha falta de fé e pelo meu desejo de deixar o colégio. Argumentei que as personalidades guias podiam fazer parte do meu próprio ser subconsciente e propus-me colher provas por minha conta sentando-me com outros sensitivos. As personalidades guias primavam pela ausência, mas era-me sempre apontado que eu nunca abandonaria o padrão experimental do meu trabalho.

Prefiro pensar nos guias como diretores do subconsciente. Tinha-os, inconscientemente, adotado pelo nome durante os anos de formação precoce. Respeito-os, mas não os consigo explicar. A minha avaliação, portanto, não teria grande utilidade para aqueles que acreditam na sobrevivência. Esta conceção é partilhada por muitos, e não a posso descartar enquanto puder continuar a produzir este tipo de evidências. Os guias estão bem cientes de que tenho mantido uma atitude imparcial, mas respeitosa, para com o meu próprio trabalho e o deles, e assim a busca continua.

A minha própria crença é satisfatória para as minhas necessidades. Assumo que me encontro continuamente ciente do facto de que tenho comunicação com mentes humanas e com a vida quotidiana. A avaliação dos conteúdos das mentes mediúnicas parece

ter-se perdido de vista ao longo dos anos. Admito que a avaliação de tais provas escasseia, pois são poucos os que se permitiriam participar numa investigação imparcial. Quanto a mim, não sinto necessidade de procurar em termos de sobrevivência após a morte. Sinto-me parte das propriedades conhecidas da família da terra, e isso basta. Um dia, o fôlego que tive o privilégio de usar regressará para se tornar novamente parte do ser da família da terra.

Que especulei muito sobre todo o problema da mediunidade, como funciona e o que realmente significa, pode depreender-se do meu empenho total em fazer com que estas questões sejam estudadas por pensadores imparciais no campo científico. Se tivesse alcançado a convicção com base na minha própria aceitação da sobrevivência após a morte, teria sido infiel à minha própria necessidade imperiosa de encontrar respostas na ciência. Apenas aí podem as especulações e os resultados ser testados ou verificados. Para mim a resposta ainda não chegou, nem a procuro para mim própria; mas existe um vasto campo de fenómenos mentais inexplorados a ser abordado pela ciência.

Um esclarecimento adicional sobre os guias poderá aqui ser oportuno. Há muito que os aceitei como símbolos de trabalho do subconsciente. Mesmo hoje, contudo, as disciplinas conexas para a investigação na profundidade do subconsciente encontram-se de algum modo divididas por dificuldades de terminologia; e a psicologia profunda, que constituiu o meu último esforço para descobrir significados, infelizmente não forneceu quaisquer respostas. Conceitos existem, e em abundância. Mas o meu serviu-me melhor, pois parece, em última análise, que, tal como as coisas estão, qualquer tentativa de explicar a psique e os seus múltiplos padrões em termos de linguagem fica atolada.

As respostas podem perfeitamente vir de outros aspetos da ciência de que ainda não se ouviu falar oficialmente. Inquestionavelmente, os fenómenos existem para todas as pessoas, e a forma de encontrar o significado está ao alcance de todos e de cada um; mas o subconsciente continua a ser um veículo de significado para lá dos cinco sentidos objetivos. O ambiente da minha juventude e as minhas primeiras experiências podem ter produzido imagens que me servissem até à maturidade, e a minha própria estrutura vulnerável

produziu a carga explosiva que permitiu que a profunda perturbação potencial da minha juventude viesse à superfície.

As imagens poderiam ter repousado no tecido geral do subconsciente se eu tivesse sido menos curiosa, mas romperam a superfície para se tornarem independentes. Quem sabe quanto tempo, na minha juventude, estiveram elas realmente à espreita para se mostrarem? Quando apareceram, foram disciplinadas para se personalizarem e racionalizarem como entidades. As suas aparições foram aceites e, quando se declararam ali presentes para procurar respostas, afastei-me de outras disciplinas de formação e significado em direção ao campo do espiritismo, onde as entidades eram então aclamadas como espíritos e tratadas em conformidade. Mas se estas entidades possuem de facto uma consciência própria é uma questão que, estou certa, encontrará resposta, embora não no decurso da minha vida.

Acredito categoricamente que as entidades são formadas a partir de necessidades espirituais e emocionais da pessoa envolvida. Na tentativa de compreender os seus significados, envolvi-me profundamente em técnicas que procurassem explicá-las. Cresceram com os anos para se tornarem compassivas e úteis para muitos que as respeitam. São capazes de vigiar e, num certo sentido, proteger contra as influências ameaçadoras exteriores ou interiores.

Ao mesmo tempo, mantêm a sua identidade separada umas das outras. Têm-me mantido ocupada, pois tenho sido capaz, através delas, de vivenciar a vida em vez de me deixar abater por ela. Sem estes aspetos da personalidade, poderia não ter realizado um esforço tão amplo no sentido de compreender a natureza da mente. Sou afortunada por estes complexos ou entidades se terem mostrado compassivos — nunca ameaçadores — e saudáveis na sua atitude para com o mundo exterior; e provavelmente perdurarão nas mentes daqueles que os conheceram como realidades.

Quanto a mim, nunca fui capaz de os aceitar totalmente como os habitantes espirituais do limiar, que eles parecem acreditar que são. Inclinei-me antes a não os aceitar como tal, um facto que é do seu conhecimento e que não os perturba minimamente. Parecem ser

diferentes na sua natureza. O complexo Uvani apresenta-se quase sempre distante: o porteiro revestido da personalidade do guardião. A personalidade de Abdul Latif é descrita como sendo também compassiva, mas orientada de forma mais universal para os acontecimentos exteriores e, portanto, mais positiva nas suas afirmações e julgamentos. Suspeito que existirão enquanto eu existir, e talvez mesmo depois de eu ter partido de cena.

É interessante, neste ponto, recordar que, quando decidi ir para a América, Abdul Latif perguntou se não poderia dispor de outra sensitiva com quem pudesse trabalhar durante a minha ausência, pois mostrava-se relutante em deixar os seus muitos amigos em Inglaterra sem a sua ajuda. Isto foi seriamente concedido, e ele escolheu para si a Menina Francis, uma sensitiva altamente respeitada, que trabalhava na altura no British College of Psychic Science; através dela fez notar a sua presença até à morte desta.

Durante a minha estadia na América, tinha recebido vários avisos em seu nome, enviados por um homem que o conhecia desde o dia das suas primeiras aparições. Este cavalheiro era um membro de pleno direito do British College of Psychic Science; trabalhei com ele em fenómenos de *poltergeist* em muitas ocasiões quando regressei da América. As mensagens nunca eram sentimentais, mas pareciam ter sempre um cunho de autoridade.

Pode afirmar-se aqui que se ouvira falar de Abdul Latif em muitos locais ao longo dos anos, mas alega-se que ele terá sido o meu guia, ainda que eu não possa realmente reivindicá-lo. Posso apenas conjeturar que ele possui os hábitos de um caixeiro-viajante, e poderia ser uma personalidade distinta que gosta de pessoas e gosta de habitar entre elas; esta é a sua própria afirmação. Por outro lado, talvez o nome possua um sentido de apelo rítmico para o caráter positivo de um destes estilhaços de personalidade.

Quaisquer que sejam as respostas, ou qual o significado dos guias, sinto-me sumamente feliz, pois a mente consciente tem sido capaz de lidar com eles sem provocar desorganização ou sem se ver em qualquer parte submersa por eles. A conceção mais antiga destas personalidades como prova de esquizofrenia não pareceria ser

verdadeira no meu caso, embora haja muitos que ainda consideram que esta possa ser uma resposta. Por outro lado, aqueles que me têm conhecido intimamente ao longo dos anos sabem que continuei a enfrentar a vida nos seus múltiplos níveis e que a estrutura psíquica que pode ter começado muito cedo aprendeu a lidar com o símbolo e a fantasia, conferindo-me assim uma apreciação do significado da vida no interior e no exterior; contudo, nunca perdi de vista a meta espiritual em direção à qual toda a minha natureza se esforça.

A minha vida mental coletiva tem sido, portanto, uma vida na qual pareço habitar no centro de um grupo positivo de complexos. Isto constituiu um "processo coletivo" que coloquei nas mãos de analistas e de outros para medir e examinar. No início tive de obedecer a disciplinas rígidas às mãos de McKenzie; nestes primeiros anos, tive de aprender a manter-me distante e a permitir-me aceitar esta estrutura coletiva. Alcancei um elevado grau de compreensão tanto intelectual como moral. Fui compelida a participar na relação de aspetos da minha própria vida com níveis mais elevados de pensamento e de ação. É verdade que um indivíduo, tal como uma família, adquire um caráter a partir da sua base instintiva coletiva. Ensinou-me o valor da investigação e da cooperação com todos os aspetos do ser. Os princípios que operam na vida mental coletiva exigem um estudo mais significativo, e em direção a essa meta tenho sido continuamente atraída.

Em várias alturas da minha carreira, surgiram surtos de desenho ou escrita esporádicos. Permiti que esses aspetos seguissem o seu rumo, mas não me deixei preocupar por nenhum deles, sentindo a certeza de que, se fossem deixados em paz, acalmariam para se transformarem em símbolos e imagens e, assim, obterem maior compreensão. Procurei compreender a capacidade de me projetar para fora do ego até que este fenómeno de projeção se tornou uma parte natural da psique.

Finalmente, sei que a prova dos fenómenos paranormais e a sua relação com a vida quotidiana é demasiado abundante para ser posta em dúvida, e nenhuma dose de negação dogmática a diminuirá.

15

O erudito a quem mais devo a minha firme determinação de permanecer nos domínios da investigação psíquica foi o falecido Professor William McDougall, com quem tive a boa fortuna de realizar experiências quando ele visitou Inglaterra no início da década de vinte. Encontrava-se na altura na Universidade de Harvard. Já não mantinha a sua casa em Surrey, mas visitava a região todos os verões.

O Professor McDougall, embora de ascendência das Terras Altas, nasceu em Lancashire, Inglaterra, em 1871. Tinha estudado na Alemanha em idade precoce e, no seu regresso a Inglaterra, entrou para a Universidade de Manchester, onde obteve distinções de primeira classe em ciência. Dali ingressou no St. John's College, em Cambridge.

Era um estudante profundo da abordagem antropológica dos problemas humanos, bem como dos padrões culturais do indivíduo influenciado pelo seu ambiente. Enquanto se encontrava numa expedição antropológica em Bornéu, aplicou testes mentais aos caçadores de cabeças nativos daquele país. Fundou o primeiro laboratório de psicologia nas Ilhas Britânicas, no University College, em Londres, e é bem conhecido pelas suas investigações sobre o processo de aprendizagem e a aquisição de competências nas crianças.

Muitas experiências importantes tinham sido levadas a cabo nos tempos do Professor James Sully, a quem McDougall admirava grandemente, e ele tinha continuado este trabalho com crianças e com animais. No que me dizia respeito, tinha feito mais pela psicologia individual, social e anormal, e pelo estudo do desenvolvimento mental da criança, do que qualquer outra pessoa que eu conhecesse.

Cruzei-me com ele novamente quando lhe escrevi para o laboratório de psicologia da Universidade de Duke, perguntando se me seria permitido ir trabalhar com ele. Respondeu cordialmente, e assim começaram as minhas primeiras experiências, mais tarde referidas como as Experiências com as Cartas Zener (embora creia que o Professor Karl E. Zener, nos seus anos posteriores, tenha rejeitado qualquer interesse pelas cartas ou pela investigação subsequente do Professor J. B. Rhine no laboratório de parapsicologia).

Este trabalho foi retirado do departamento de psicologia e alojado no *campus* feminino da Universidade de Duke. Lembro-me bem de que, quando certa vez segurei o bebé mais novo do Dr. Rhine, McDougall me fazia perguntas sobre a empatia gerada entre mim e a criança de colo. Mostrava-se intensamente interessado na comunicação através do sentimento, e estes problemas preocupavam-no profundamente. O meu trabalho com ele processou-se na sua maioria na área da mediunidade de transe.

Ao mesmo tempo, fui convidada a participar nos estudos sobre perceção extrassensorial (ESP) utilizando as Cartas Zener, que empregavam estes símbolos: a cruz, a linha ondulada, o quadrado, a estrela e o círculo. Senti-me feliz por participar, já que o trabalho constituía outra linha de investigação científica séria. A maior parte do meu trabalho até então tinha sido na área da telepatia e da clarividência em transe, onde as zonas de subjetividade assumem o controlo para ficarem submersas no processo intuitivo do ser.

Pensei ao início que seria fácil ser estimulada de forma objetiva para produzir provas com as cartas, uma vez que a repetição estabeleceria o seu próprio padrão de criação de hábitos para obter resultados. Não se passou, contudo, como eu antecipava. As sensações, as paixões e as emoções são motivadas pela necessidade de produzir resultados, mas as cartas mantiveram-se obstinadamente inanimadas. Podia criar fantasias para mim própria relacionadas com os símbolos, mas não conseguia continuar a "fundir-me" com eles.

As cartas eram de cartão. O Dr. Rhine teve a gentileza de dizer que as minhas primeiras pontuações foram superiores às do acaso, uma especulação que me encorajou a continuar. Fi-lo, esperando despertar algumas atividades inconscientes que pudessem aumentar a perceção e a percetibilidade, mas sabia que, no limite, me mostrava demasiado insensível para esperar resultados muito melhores.

Fiquei satisfeita por regressar às experiências psíquicas normais desenvolvidas pelo Dr. J. Gaither Pratt. Aqui, as imagens eram reais, na medida em que havia pessoas envolvidas, embora não na sala onde eu trabalhava. Eu estava completamente interessada e absorta no objetivo, tal como o animal empenhado na caça; as minhas perceções

funcionavam sem alucinações. Dessa investigação, recebemos um prazer autêntico, como acontece na leitura de objetos, mesmo quando os objetos estão embrulhados e fora da vista. A própria busca produz a sua própria exploração positiva, enquanto nós permanecemos num estado de expectativa, pois a demanda por material individual transcende o tempo e o espaço.

Eu havia de encontrar-me novamente com o Professor McDougall em Londres, onde fizemos o mesmo tipo de trabalho experimental com o inconsciente profundo. O trabalho em Duke era pequeno em comparação. Em Inglaterra, ele fizera muitos estudos relacionados com a clarividência, a clariaudiência e toda a interpretação dos processos mentais entre os símbolos visuais e as imagens mentais de que a mente é capaz. Na sua avaliação, o sistema nervoso central estava organizado numa hierarquia de funções integradas. Ele discorreu longamente sobre essas ideias no seu tratado *Physiological Psychology*. Esta e outras contribuições anteriores, relacionadas com o estudo da criança e a orientação infantil, tinham atraído considerável atenção e levaram à sua nomeação como *reader* em filosofia mental na Universidade de Oxford.

Embora eu tenha regressado à Universidade Duke de tempos a tempos, após a morte de McDougall, para participar nas experiências realizadas sob a direção do Dr. Rhine, não achei que os símbolos dos cartões fizessem qualquer apelo emocional direto aos impulsos mediúnicos básicos da minha própria natureza, nem revelassem novos factores inconscientes dentro da minha própria estrutura mental. Regressei a Londres para trabalhar com o Dr. William Brown, protegido de McDougall, que então se encontrava no laboratório de parapsicologia em Oxford.

O trabalho empreendido foi uma exploração, sob hipnose, da mente subconsciente na sua relação com a identidade das supostas personalidades de controlo. O trabalho não continuou por muito tempo, pois as «personalidades» não eram então alcançáveis através da hipnose; elas apareciam da sua maneira habitual no final do projeto, no qual pareciam ter demonstrado pouco interesse.

Antes de empreender um novo trabalho, reservei tempo para fazer uma análise em profundidade com o Dr. Adolf Meyer, na Clínica Psiquiátrica Henry Phipps, em Johns Hopkins, em Baltimore. No final da análise, ele assegurou-me da sua convicção de que as funções do inconsciente precisavam de ser estudadas com cuidado. Ele admitiu que estava pessoalmente interessado nos factores telepáticos e clarividentes da consciência humana e sugeriu, no final da análise, que eu poderia realizar testes de associação de palavras.

A velocidade e a qualidade das reações de cada um às palavras-estímulo poderiam expor as lacunas ou falsificações da memória. Ao mesmo tempo, ele sabia que eu tinha feito investigação experimental com Hereward Carrington, o psicólogo americano, que estivera interessado na investigação psíquica durante a maior parte da sua vida, como atestam os seus numerosos livros.

Trabalhar com Carrington foi um grande prazer, devido à sua sinceridade, à sua compreensão e ao seu conhecimento profundo da matéria. Agindo segundo as sugestões do psiquiatra, Carrington realizou uma investigação intensiva com curvas de pulso e respiração, medindo esses fenómenos e outros reflexos com o galvanómetro, um pequeno instrumento usado para detetar e determinar a intensidade e a direção da corrente elétrica. As personalidades de controlo foram examinadas sob este estímulo. Mais tarde, em hipnose, repetiu-se o estímulo com as personalidades de controlo, que se manifestaram favoráveis aos testes.

Continuei, por conselho do Dr. Meyer, a trabalhar com Carrington em experiências de longa distância em telepatia e clarividência. Mais tarde, quando Carrington deixou Nova Iorque para se estabelecer na Califórnia, encontrei-me com ele lá e continuei a trabalhar com ele em colaboração com Hamlin Garland e Stewart Edward White. Todos estes estudiosos eram membros da Sociedade de Investigação Psíquica de Londres. Eram trabalhadores dedicados nesta área, como atestam os seus numerosos livros. Garland e White gostavam de Carrington, tal como Cecil B. De Mille, com quem também tive uma relação de trabalho interessante e agradável.

Hamlin Garland estava intensamente interessado na sobrevivência, mas admitiu que as provas a seu favor não eram suficientemente fortes para o ajudar a decidir-se. Ele acreditava que, enquanto permanecessem ambíguas e vagas, nenhum programa verdadeiramente sólido se tornaria possível. Por outro lado, Stewart Edward White acreditava que a sua mulher, que fora ela própria uma sensitiva dedicada, estivera em contacto com os membros da sua família que tinham falecido. A questão da sobrevivência era, portanto, aceitável para ela, como o era para o marido, cuja longa série de sessões com um amigo pessoal produziu excelentes provas. White disse que o tipo e a qualidade das provas que estavam ao seu alcance se deviam ao facto de ele e a sua mulher terem partilhado, ao longo da vida, um sentido de grande camaradagem, e ele acreditava verdadeiramente que a morte não interrompera a realidade da relação entre eles.

Em 1933 e 1935, quando fui pela primeira vez à Califórnia, estava, como muitos outros, muito ansiosa por visitar os estúdios de cinema. Trabalhava então com a filial californiana da Sociedade Americana de Investigação Psíquica, um dos dirigentes da qual era compositor de canções na Paramount. Ele tirou um dia de folga do trabalho e acompanhou-me a mim e à minha filha pequena à Paramount e a um ou dois outros estúdios onde se estava a filmar. Eu estava particularmente interessada na personalidade de Cecil B. De Mille, que estava a rodar um dos seus filmes quando chegámos. O grande realizador parecia verdadeiramente um sultão de outro país. Movia-se com graça, mas também com um dinamismo que me intrigou enormemente. Naquela época, ele dificilmente dava um passo em qualquer direção, certamente não para além do alcance das suas câmaras, sem ter consigo o famoso ator Boris Karloff. A troca de personalidades entre estes dois homens era algo digno de se ver.

Era um dia excessivamente quente, daqueles dias muito quentes e secos na Califórnia, antes de o *smog* ter envolvido a região. Lembro-me de que, embora estivéssemos sentados ao abrigo do sol escaldante, me encostei, como um gato, a uma fonte de pedra para maior conforto, enquanto observava o grande homem a dirigir o filme, que tinha Elissa Landi como heroína. Foi uma das primeiras séries de De Mille, e a

banheira estava bem visível. A cena particular daquele dia centrava-se em Miss Landi num cenário oriental.

Neste estado de espírito introspecto, relaxado e tranquilo, tornei-me consciente de uma perturbação em frente das câmaras. Outra personagem parecia ter entrado em cena. Eu não teria reparado muito nela se ela não estivesse vestida de forma tão diferente do resto do elenco, que usava trajes orientais. Além disso, esta senhora era intensamente viva, com a personalidade forte de quem está habituada a fazer a sua vontade. Algo parecia estar errado, porque ela protestava com De Mille, enquanto estava ao lado dele. Chegava-lhe apenas ao ombro e parecia fazer o seu protesto com um som semelhante ao chilrear dos grilos. «Gostaria que desistisses destas cenas», dizia ela. «Nós sempre quisemos o melhor para tudo o que fizeste, e eu sempre te implorei que nunca fizesses coisas de segunda categoria. Além disso, creio que estás a começar a repetir os teus argumentos.»

Fiquei muito intrigada e inclinei-me para ver o que aconteceria quando o grande homem se visse assim censurado. Para meu espanto, nada aconteceu. Vi-o coçar a nuca, como se estivesse a refletir sobre as palavras dela, mas foi tudo. Ainda profundamente intrigada, perguntei a mim mesma em que ponto do filme esta mulher seria incluída. O seu aspeto sugeria que poderia ter sido uma professora idosa. O seu vestido era cuidado; usava um fato escuro, com a saia apertada por um cinto. O vestido era alto, junto ao pescoço, e um pequeno toque de branco o suavizava. Tinha um rosto muito fino e olhos claros e brilhantes, e o cabelo estava puxado para trás da testa e apanhado na nuca. Fez-me lembrar senhoras austríacas que eu vira à caça à raposa na Irlanda.

Havia algo de apologético, mais do que tímido, nela quando se afastou de De Mille, como se pensasse: «Agora disse mesmo mais do que devia.» Depois, a senhora desapareceu rapidamente.

Voltei-me para a minha filha e disse: «Penso que o calor deve ter afetado a minha visão. Podia jurar que uma senhora apareceu, dirigiu-se explicitamente ao Sr. De Mille e criticou a forma como ele estava a usar as suas capacidades particulares. Na verdade, lembro-me das palavras dela. Estava divertida, não zangada; mas repreendeu-o de

uma forma bastante impulsiva, embora houvesse ternura na sua voz.» A minha filha, que era então bastante jovem, não ficou muito afetada pelo facto de eu ter estes lapsos e entrar em autênticas experiências psíquicas. Riu-se, encolheu os ombros e afastou-se.

Um momento depois, senti-me a coçar a nuca e tornei-me positivamente consciente de que uma personalidade, para além das que me rodeavam, me estava a dirigir a palavra. Voltei-me a meio – e lá estava a senhora. Agora, vi-a tão impulsiva como antes. Olhou-me diretamente na cara, com olhos muito vivos. Agora, quando a encarei, parecia ainda mais pequena e mais aprumada do que antes.

«Não consigo que ele me oiça», começou ela. «Gostava que tu o fizesses. Fala por mim.» Depois continuou como se estivesse a falar com o próprio De Mille: «Estou preocupada, nesta altura da vida dele, que ele faça uma muito boa impressão. Ele teve momentos de ansiedade. Houve uma altura em que senti que a sua veia artística o poderia ter levado noutras direções. Ele é também muito excitável; mas é o nervosismo do génio, e quando toma uma decisão, executa-a... Fomos grandes amigos durante a minha vida», continuou ela, dando-me pela primeira vez a impressão de que já não estava viva. «Infelizmente, não tenho conseguido alcançá-lo nestes últimos anos. Ele é uma pessoa muito solitária. Precisa do meu conselho – não que alguma vez tenha prestado muita atenção a ele», acrescentou com um riso. «E, no entanto, ele tem um amor duradouro por mim.

Ele respeitaria até as coisas que tu representas, e pergunto-me se não arranjarias tempo para o ver e deixar que eu te diga algumas das coisas que eu gostaria que ele dissesse através do seu trabalho. Gostaria que as coisas que ele fará nos próximos anos significassem algo para os outros. Quero que ele faça algo na política pelas pessoas pequenas. Quero que ele faça também algo sobre a Rússia. Há razões reais para que isto seja feito, razões que não posso revelar agora, razões de que não tenho a certeza de que ele compreenderia. Finalmente, quero que ele faça algo sobre os seus vizinhos do outro lado da fronteira.»

«Os seus vizinhos?», perguntei.

«Sim, no México e na América Latina.» Depois, ela desvaneceu-se, deixando-me algo surpreendida e a pensar o que fazer a seguir.

Jesse Lasky, chefe da Paramount, estava por acaso perto. Em reuniões anteriores, eu dera-lhe algumas provas da vida após a morte, e agora pensei que ele se interessaria pelo que acabara de acontecer entre a desconhecida e mim. Ele ficou intrigado quando lhe contei, e assim o disse.

«O que acontecerá», perguntei, «se eu me aproximar deste realizador e lhe disser que tive uma visita de outra esfera que insiste que devo dar-lhe a mensagem e que ela quer falar com ele?»

O Sr. Lasky refletiu um momento. «Bem, se fosse a si», disse ele, «não tentaria fazer nada disso. Podia encontrar-se na esquadra da Lincoln Heights.»

Encolhi os ombros. «Que pena! Bem, suponho que nada se pode fazer. Mas tem a certeza absoluta? Não posso deixar de recordar o quão imperativa esta mulher tem sido.»

Lasky riu-se de forma amável e respondeu: «Sim, tenho mais do que certeza. O Sr. De Mille é um homem que não tolera interferências, nem dos vivos nem dos mortos – se acha que esta mulher veio dos mortos.»

Continuei a ver a filmagem e deixei de lado todo o episódio.

Dois anos mais tarde, encontrava-me novamente em Hollywood e visitei Culver City. Não tinha pensado em De Mille nos meses entretanto decorridos, nem tinha pensado na senhora em questão. Creio que estávamos na Fox Movietone quando comecei subitamente a ter uma impressão persistente da presença dela. Sentia que ela estava perto de mim. Algo no ritmo das suas palavras fez-me perguntar: «Onde ouvi esta voz antes? Quem está a tentar contactar-me?»

Naquela noite, fiz uma chamada telefónica para Hamlin Garland, com quem fizera muitas experiências e que estava muito interessado na sobrevivência da personalidade após a morte. Contei-lhe o episódio que me acontecera dois anos antes. Não sabia, nessa altura, que Garland vivia na mesma rua que De Mille, nem sabia que os dois se conheciam. Fiquei, portanto, algo surpreendida quando Garland levou

a minha história muito a sério. Ele disse: «Isso pode significar muito para o meu amigo De Mille. Em muitas ocasiões, passámos a noite a conversar sobre problemas de sobrevivência, e ele pensa muito na filosofia do assunto. Não é geralmente sabido, mas ele é um estudioso profundo da literatura relacionada com a investigação psíquica. Não faço ideia de quem possa ser a senhora, mas tentarei arranjar que te encontres com ele, porque ele levará o teu trabalho a sério. Infelizmente, De Mille está em Nova Iorque de momento. Mas, se fosse a ti, não o ignoraria. Escrever-lhe-ia para sua casa. Aqui está o endereço dele – e, já agora, envia uma cópia da carta à secretária dele, e sei que chegará até ele.»

Hesitei quanto a isso. Dois anos tinham passado e – como acontece com a maioria destas experiências, que ficam por cumprir – não pensei muito nisso depois de ter saído de Hollywood. No entanto, segui o conselho de Garland. Enviei uma nota a De Mille, perguntando se ele gostaria de me ver sobre um assunto que eu dificilmente poderia explicar-lhe por escrito, mas que poderia interessá-lo como estudioso de filosofia.

Contei-lhe sobre a minha relação com a investigação psíquica e disse que iria de bom grado contar-lhe a experiência que ocorrera dois anos antes. Não obtive resposta durante dez dias e estava na véspera de partir para Arrowhead para dar uma palestra, quando recebi uma carta de De Mille a pedir que fosse ao estúdio a uma determinada hora. Havia também um bilhete anexo que eu devia apresentar para uma marcação imediata com ele.

Cheguei pontualmente, a pensar na melhor forma de lhe apresentar esta visão. Ao entrar no estúdio, porém, um grupo de cerca de trinta pessoas estava precisamente a entrar para visitar vários palcos onde se filmava. Entrei com este grupo e fiquei ao fundo, enquanto De Mille, então vestido de branco, impecável, observador e perspicaz, dedicava alguns momentos da sua vida atribulada a dar-lhes as boas-vindas. Senti que ele não apreciava inteiramente o que estava a fazer. Encolhia os ombros muitas vezes de forma irritadiça, como se dissesse para si mesmo: «Isto é uma das coisas que temos de fazer na indústria.» Finalmente, tocou uma campainha. Alguém apareceu e conduziu o grupo de pessoas para fora. Fiquei sozinha na sala.

De Mille voltou-se para mim e disse: «O seu grupo já saiu. Por aqui, por favor.»

Eu disse: «Não, Sr. De Mille, não estou com nenhum grupo; estou sozinha. A sua carta pediu-me que viesse e aqui estou.» Referi-me à carta que tinha na mão.

Ele não me tirou a carta da mão. Parecia aborrecido, caminhou até à janela e olhou para fora, de costas voltadas para mim, antes de responder: «Bem, diga-me qual é o seu assunto.»

Comecei a relatar o episódio de dois anos antes, quando a senhora me pediu que falasse com ele. Mesmo enquanto falava, senti que já não estava sozinha. A senhora estava ao meu lado, dando-me confiança, pois devo dizer que a receção de De Mille não me fizera sentir muito bem-vinda. Ela incitava-me, dizendo: «Continua, continua.» Tive uma corrente de consciência que só posso descrever como estando num estado de recetividade em que a personalidade dela transbordava para afogar a minha. Eu falava com a precisão dela, assumindo alguns dos traços da personalidade dela e usando até os seus gestos. Lembro-me de que ela falava de forma incisiva, como uma professora, e de uma maneira segura que impunha atenção.

Ela começou: «Tenho querido chegar até ti todos estes anos, mas a oportunidade não surgiu. Não deixes que a minha emoção me domine agora, quando gostaria de te abraçar, mas deixa-me antes falar sobre as coisas que creio serem importantes para o teu futuro.»

Depois, passou a falar dos primeiros tempos, quando fora professora. Era bondosa e compreensiva, e amava este homem profundamente. Por vezes, era um pouco imperiosa nas coisas que queria transmitir. A certa altura, disse-me em jeito de aparte: «Claro, ele fingirá que não está a ouvir; mas não deixes que isso te perturbe. Continua a dar ênfase às minhas palavras.» Depois acrescentou: «Em muitos aspetos, ele é como eu.

Tem a minha força de vontade, a minha necessidade do melhor, a minha precisão. Poucas pessoas o conhecem – ele é um homem solitário. Tem muitos dos aspetos do pai, muito rígido, e uma tempestade sopra através dele. A sua necessidade de perfeição é a

minha perfeição, e o que estou prestes a dizer deve, naturalmente, tocar uma corda no seu coração.»

Senti-me profundamente comovida pela devoção desta mulher. Enquanto se dirigia a De Mille, assumi novamente os seus gestos e maneirismos vocais. «Não gosto das tuas cenas de banho», disse-lhe ela. «Dás demasiada ênfase a elas.» Riu-se, de forma quase passarinheira, inclinou a cabeça para trás e parecia uma pequena coquete enquanto continuava: «Há outras formas de expressar a exigência do corpo, o desejo e a necessidade, e deves expressá-las subjetivamente e por completo. Há certas coisas que quero que faças. És um bom republicano. Quero que uses as tuas forças, as forças que Lincoln compreendeu e conheceu. Usa-as com calor sincero. Quero a tua dedicação às pessoas maduras. Quero que te tornes competente e que ajudes a juventude. Quero que lhes leves uma promessa, e deve ser sempre a promessa que só vem quando ensinas responsabilidade aos jovens.

Tens muito a fazer pelas pessoas daqui e pelas pessoas do outro lado da fronteira. Serás bem recebido no México e na América do Sul. Mesmo enquanto falo, sei que terás a ajuda visível do governo mexicano. Ajudá-los-ás, embora o teu nome não seja revelado. Ficará sepultado nos seus corações. Chegará o tempo em que irás a um povo infeliz e, com compreensão medida, lhe lembrarás o seu melhor. O seu melhor ainda está para vir, economicamente.»

Pensei nisto muitas vezes, enquanto via os *Dez Mandamentos* de De Mille. Seria a voz desta senhora ainda a exigir o melhor para um povo que tivera o melhor? Estaria ela a exortá-lo a devolver uma compreensão aos seus líderes – a devolver-lhes a sua responsabilidade?

Finalmente, ela disse-lhe: «Pode não ser apenas no melhor interesse do governo e no teu melhor interesse que devas ir à Rússia. Um dia, esperaria que encontrasses um grande romance, uma história épica, e que tu, ou aqueles que tiveres formado, apresentasses essa história ao mundo. Então, meu querido filho», disse ela, revelando pela primeira vez a sua relação como mãe dele, «terás dado ao mundo uma compreensão de um país livre, de outro povo, de um povo

igualmente humilde, igualmente astuto, de um povo jovem e de um povo velho. Talvez a última coisa que prepararás seja este filme para a Rússia, para a América – disse eu para a Rússia? Talvez quisesse dizer para o mundo inteiro – uma epopeia, um drama, uma mensagem final.»

Então, fez-se silêncio na sala. Durante todo este tempo, De Mille não fizera nada para modificar a sua receção fria em relação a mim, mantendo-se de costas voltadas para mim. Agora, com o monólogo terminado – na verdade, não foi uma conversa – preparei-me para sair.

«É tudo, Sr. De Mille», disse eu. «Posso ir agora?»

Quando De Mille finalmente se voltou, lágrimas escorriam-lhe pelas bochechas. Olhou para mim e disse: «De onde veio – e para onde vai a seguir?»

Respondi que viera de Londres para Nova Iorque, e depois para a Califórnia. «Não sou uma mulher com uma missão», ri-me, «embora possa não o parecer. Levo o meu trabalho muito a sério. Tenho alguma reputação como sensitiva, e estou contente por o que fiz ter sido muitas vezes de alguma utilidade.»

«De alguma utilidade!», repetiu ele. «Alguma utilidade!», e assoou o nariz de forma bastante violenta. «Amei a minha mãe; é verdade. Nem sempre nos compreendemos um ao outro, mas tinha um grande respeito por ela. Esperei por isto mais de vinte anos!»

Parti para Arrowhead no dia seguinte. Quando regressei ao meu apartamento, estava cheio de belas rosas. O cartão que as acompanhava, da parte de De Mille, dizia: «Não venha à Califórnia sem me avisar primeiro.»

Tive a sorte, quando visitei a Califórnia pela primeira vez, de receber uma carta da Dra. Anita Muhl, que fora formada em medicina e psicologia e que era, naquela época, chefe de uma divisão de educação especial na Califórnia. Ela interessava-se pela escrita automática como meio de revelar problemas pessoais individuais que tinham sido reprimidos desde a infância. Era uma forma dramática de revelação que poderia servir de guia para mecanismos mentais perturbadores no interior.

O seu livro sobre o assunto da escrita automática tem sido uma ajuda valiosa para esta compreensão do que pode espreitar abaixo do limiar do consciente. A sua definição deste fenómeno deve ser aqui notada. «A escrita automática, na sua forma mais simples, pode ser definida como uma escrita que o escrevente produz involuntariamente e, em alguns casos, sem estar consciente do processo, embora possa estar (e geralmente esteja) num estado de vigília alerta.»

A Dra. Muhl é uma das pessoas mais eficientes que conheci. O seu ambiente era disciplinado e cheio de calor humano. Quaisquer que fossem os aparelhos que ela concebia para trabalhar (e muitos deles ela mesma fabricava), era quase certo que poupavam muito tempo e energia nervosa. Ela concebera secretárias especiais para se adaptarem às necessidades de escrita dos seus pacientes, e parecia realmente haver um lugar especial para tudo o que ela usava.

Os seus armários tinham gavetas especiais, e as prateleiras para livros de referência, listas telefónicas e os livros de matéria médica de que necessitava estavam todos em ordem. Estou certa de que ela devia ser uma irritação para os seus amigos médicos, mas proporcionava aos seus pacientes uma sensação de segurança e um ambiente feliz, onde podia duplicar a eficiência de trabalho deles para a escrita.

Gostaria que o homem de negócios ou profissional médio pudesse ter visto esta mulher a trabalhar, pois aqui não havia equipamento obsoleto, nem tempo ou energia desperdiçados. Toda a gente era organizada, toda a gente eficiente, a trabalhar, a amar e a rir num ambiente belamente vivo. Creio que isto faz parte do padrão de sucesso e progresso de todo o bom executivo. Foi, para mim, enquanto a conheci, um tempo de satisfação. Talvez nenhum factor isolado em qualquer pessoa tenha estado tão em harmonia com o meu próprio padrão de vida.

A Dra. Muhl nunca permitiu que outras pessoas se interpusessem entre ela e os pacientes a quem tinha de devolver a saúde. Nunca adiava nada para o momento em que teria mais tempo. Arranjava tempo e tirava o melhor partido dele.

Como psiquiatra, entrara em contacto com um número de pacientes muito doentes que eram verdadeiros esquizofrénicos. Muitos

deles eram profundamente afetados pela personalidade dela, como eu própria o fui. Havia tal variedade de aspetos na sua personalidade que os seus conhecidos não podiam permanecer intocados. Ela era capaz de comunicar espontaneamente os seus pensamentos, os seus sentimentos e as suas variedades de compreensão àqueles que a procuravam.

Era uma oradora muito eloquente. Como o Dr. Alexis Carrel, com quem trabalhara anteriormente, nunca teve dificuldade em formular o sentido do que queria dizer num espaço de tempo muito curto. Ambos estavam em paz com o seu assunto e com os seus pacientes. Quando falavam de níveis espirituais, sentia-se que compreendiam o que pretendiam transmitir. Compreendiam que não pode haver significado objetivo em coisa alguma, a menos que haja também o outro lado da moeda, se o princípio da totalidade deve ser observado.

A Dra. Muhl usava a escrita automática como meio de alcançar as personalidades crepusculares que nem sempre se revelavam através da fala. Ela aplicava técnicas de escrita como método de libertação. Usava uma tipoia para segurar o braço e fazia um arranjo de *planchette* sobre o qual a mão descansava ligeiramente. Punha os seus pacientes à vontade e estabelecia com eles uma relação confortável.

Não havia acaso na forma como ela conseguia que as pessoas comunicassem. Além da sua capacidade de observação, ela própria tinha intuições profundas. Sentia que, se usasse esse conhecimento psíquico em ligação com a sua cura, seria para bem. Sabia que a mente subconsciente contém as suas próprias leis e age de acordo com a sua própria natureza. As suas expressões não são determinadas por si mesma, mas por aquilo que é dado a cada um para trabalhar a um nível mais elevado de consciência. Nada do que uma vez foi dado pela mente consciente à mente subconsciente para trabalhar pode ser removido ou expulso, dizia ela.

A Dra. Muhl era imaginativa e inventiva, e nunca a vi cansar-se. A sua era uma atividade criadora, e ela usava a mente consciente para a dirigir para aquilo que, na minha opinião, era a mais fina forma de cura. Quando um problema se avolumava diante da Dra. Muhl, ela não

esperava até que estivesse bem em cima dela, mas saía ao seu encontro, e isso ensinava também aos seus pacientes. Ela própria o fazia, escrevendo algumas frases que delineavam o problema iminente a resolver; muitas vezes, rabiscava ideias sobre como ele poderia ser solucionado, quer parecesse, a princípio, sensato ou não.

Nos primeiros dias da minha mediunidade, e talvez mesmo em tempos recuados, antes de compreender o que era a mediunidade, eu tinha uma faculdade para produzir escrita automática. Houve alturas em que parecia que essa poderia ser outra parte desconhecida do subconsciente a encontrar libertação através deste meio particular. Durante os meus primeiros anos de formação, aprendi que muitas pessoas tinham essa faculdade, que consideravam invulgar e até sobrenatural.

Em nenhum momento a Dra. Muhl considerou a escrita automática como contendo mensagens mediúnicas, recebidas telepaticamente através do subconsciente. Ela considerava o fenómeno como um guia para o depósito mental que, embora exteriormente aparentasse estar em boa ordem, poderia, abaixo do limiar, ser um emaranhado incoerente de imagens e pensamentos em desacordo com as ideias éticas ou aspirações do indivíduo. Ela acreditava que o subconsciente guardava os anseios profundos e as fantasias da vida que se poderia ter querido alcançar, mas que, devido a alguma instabilidade ou mesmo timidez dentro da personalidade, tinham de ser postos de lado.

A Dra. Muhl compreendia bem as vastas energias psíquicas contidas na potencial predisposição bissexual de todos. Interessava-se pelas características masculinas dos meus supostos controlos e estava ansiosa por descobrir que hábitos ou possíveis pistas poderia encontrar que me permitissem adquiri-los. Fez algumas análises interessantes ao longo do caminho; mas, naquela época, estava mais interessada em organizar trabalho em telepatia de longa distância, em que se esperava que eu visualizasse os seus amigos e conhecidos noutros países, sobre os quais eu não tinha conhecimento prévio. Esta ideia agradou-me. Embora nunca tivesse trabalhado nesta área antes, fiquei muito contente por nela entrar, e assim o fiz em muitas ocasiões, sem estar em qualquer estado conhecido de dissociação.

Uma vez que me foi ordenado que saísse e explorasse em busca de informação, tive a sensação de que todas as barreiras eram removidas. O processo de projetar-nos para longe do nosso próprio ser e das nossas próprias circunstâncias particulares era excitante. Todas as barreiras do pensamento eram postas de lado, e eu viajava para um fluxo cósmico de luz quando ideias, cheiros, associações, até uma sensação de calor ou de frio, enquanto eu partia em viagem, davam grande prazer aos sentidos.

Cedo descobri que se tornava fácil interpretar as emoções de pessoas à distância e sentir o meu caminho para dentro do seu ambiente, e depois trazer de volta uma história objetiva. Fiquei encantada com a liberdade de trabalhar desta forma, sem limitação, por assim dizer. Era também uma excelente disciplina, altamente criadora e original, bem como uma ajuda para a nossa própria capacidade de observação, sem nos desviarmos da busca.

A Dra. Muhl explicou claramente a diferença entre repressões e domínio de si. Uma pessoa pode ter domínio de si e, ao mesmo tempo, sofrer verdadeiramente de repressão, que se manifesta quando está descuidada. Uma pessoa que assume uma atitude moralista e condena os outros pode estar a reagir aos seus próprios impulsos inconscientes destrutivos, que reprimiu. Tal pessoa pode tornar-se uma coscuvilheira inveterada, para se prejudicar a si mesma e àqueles que a rodeiam.

O desejo de fazer o que pode ser socialmente inaceitável para a nossa sociedade pode, com o tempo, através da repressão, construir o desejo de sobrecompensar noutras direções, através de uma expressão demasiado fervorosa de amor. Não podemos facilmente expressar horror perante a nossa anterior falta de compreensão e egoísmo; e, num esforço para compensar, traduzimos essas emoções enterradas no que parece ser amor, mas que é mais frequentemente ódio disfarçado. Todas essas emoções enterradas, explicou a Dra. Muhl, podem formar «abcessos» emocionais que, se não forem abertos à luz razoável da compreensão através da análise, podem ficar muralhados no interior, formando compulsões e obsessões. Estas, por sua vez, podem tornar-se expressões automáticas de doença ou histeria subjacentes, tão bem disfarçadas que são irreconhecíveis para quem as possui.

A Dra. Muhl acreditava que, no meu próprio caso, em que os conflitos juvenis podem ter sido severos, a parte confusa da consciência individual poderia ter sido cindida, deixando no seu rasto as personalidades secundárias ou uma personalidade alternante dupla com possíveis fragmentações. Esta pode, de facto, ser a verdadeira razão para as personalidades de controlo que, felizmente, no meu caso, se tornaram benéficas em vez de temperamentais ou destrutivas. Assim, tenho podido viver num mundo bem ajustado, onde aceito estas personalidades pelo que elas dizem ser.

Visitei San Diego muitas vezes para ver a Dra. Muhl a trabalhar com os seus pacientes doentes histéricos, usando o método da escrita automática. Ela era capaz de fazer ajustes rápidos com muitos jovens delinquentes que estavam empenhados em destruir a vida da sua escola, dos seus amigos, ou mesmo dos seus próprios pais. Os obscenos, os desafiantes, os destrutivos e os não cooperantes eram rapidamente transformados, uma vez que os descontentes latentes eram libertos para serem compreendidos. Devo acrescentar, no entanto, que muitos destes ajustes rápidos eram alcançados porque a própria personalidade da Dra. Muhl estava tão cheia de riso, paciência e calor humano.

Uma vez alcançado o padrão de libertação, como no teatro, a compreensão permitia ao paciente olhar para fora e expandir-se. Observávamos estes jovens agir com decisão e humor, quando apenas semanas antes a taciturnidade e a indecisão estavam presentes para os tornar introvertidos e incompreendidos. Isto era conseguido com verdadeira caridade, onde os complexos se desfaziam sob a orientação emocional desta senhora tão dotada.

Tenho podido, ao longo da minha vida, estudar conflitos que foram revelados através da escrita automática – fantasias que, se tivessem sido continuamente alimentadas, poderiam ter produzido ideias falsas. Recomendei que, em vez disso, se adotassem esforços criadores, para que as energias assim usadas possam ser desenvolvidas em canais socialmente aceitáveis, que darão à personalidade ou à pessoa dotada um sentimento de sucesso e de real realização, em vez de cederem à dor emocional e a perturbações mentais.

Assim, a perceção que adquiri ao trabalhar com a Dra. Muhl tem-me sido muito útil. Permitiu-me olhar para a mediunidade com um novo nível de compreensão e ignorar outras formas de formação que se poderiam chamar desenvolvimento pessoal dos dons espirituais. Compreendi que tais práticas, como retirar-se para meditação em busca de maior compreensão espiritual, não eram verdadeiramente criadoras, mas podiam produzir um novo miragem. Uma inter-relação com todo o nosso ser teria de ser empreendida, se quiséssemos ser úteis.

Não era para uma poça subconsciente descendente que tínhamos de voltar a nossa atenção, mas sim para uma compreensão do eu instrutivo e emocional. Compreendi então que conceitos sem vida, a um certo nível de desenvolvimento, bloqueariam certamente qualquer integração real com as profundezas subjacentes da totalidade do meu próprio ser.

A partir daí, os controlos começaram a assumir outros aspetos como meios e vias de realização. Uma vez que estavam lá, tinham de ser tratados; mas deixaram de causar as borboletas que esvoaçavam dentro de mim para me fazer questionar a sua identidade. A inquietação da mente e da natureza, que estivera ela própria em conflito, começou a diminuir. Comecei a considerá-los como princípios de uma consciência percetiva intuitiva do coração e da mente. Talvez sejam melhor explicados se nos referirmos a eles como servidores do espírito e do domínio do coração.

Compreendi algumas das complexidades da minha própria mediunidade, que se refletiam tão dramaticamente em diferentes momentos no padrão da minha própria vida em mudança. A via do temor e talvez do medo, estabelecida na minha infância, na Irlanda, tinha alguma culpa. O mundo adulto, sempre ocupado com o trabalho da quinta e com os assuntos de um tio e de uma tia envelhecidos, deixava pouco tempo para as complexidades de uma mente jovem voltada para o temor e o assombro, por causa da confusão que surgia das histórias do misterioso, do estranho e do sobrenatural.

O medo do desconhecido, juntamente com o assombro, entrou para dar referências a todo o mistério e, finalmente, à sua parte no

papel mediúnico. Ainda me lembro da minha excitação quando o contador de histórias ambulante, que naqueles dias percorria o campo, levantava o trinco da porta da cozinha para saudar todos os que lá estavam e passar a noite a transmitir notícias. Muita dela, recordo agora, era apresentada de forma dramática.

Prendia a minha atenção, tal como prendia a atenção de todos os que se reuniam em volta do fogo para ouvir. Esta concentração extrema de atenção, com os seus tons emocionais, deve ter causado uma impressão profunda e duradoura no meu já misticamente inclinado eu. Estes padrões arrepiantes do meu crescimento tornaram-se mais tarde os agentes de disciplina social e levaram ao hábito de reprimir a violência daquelas emoções que tão seguramente tinham dominado a minha jovem vida.

O trabalho que fiz com a Dra. Anita Muhl foi muito útil para me dar conhecimento das ações automáticas e das tendências específicas do processo instintual da mente em crescimento e da sua adaptação à vida. Foi interrompido abruptamente pela grave doença da Dra. Muhl, que fora atacada por um dos seus pacientes e gravemente ferida. Quando recuperou completamente, foi viver e trabalhar para a Austrália. Infelizmente, os registos que na altura foram feitos e entregues a Hereward Carrington para exame perderam-se. Na altura da sua morte, tinham aparentemente desaparecido.

A minha busca continua, à medida que os meus interesses giram em torno dessa fonte oculta de onde a vida racional extrai a sua energia. Busco uma totalidade objetiva e permito que o centro básico do eu controle, revele e guie. Sei que, tanto no estado de vigília como no de sonho, existe dentro de nós uma forte força elementar que guarda, guia e sustenta, mantendo a harmonia em quaisquer situações da vida que existam. Doenças que possam parecer ameaçar a segurança do meu objetivo e do meu trabalho nunca destroem essa curiosidade interior da minha fé e um certo sentido de destino. É uma força psicoespiritual, não menos do que uma força física, que tem contido para mim a unidade fundamental que me permite lidar com o mundo racionalmente.

Mesmo quando criança inibida, eu tinha um conhecimento que não era extraído dos meus mais velhos, mas que era absorvido. Então, como agora, tinha uma energia inesgotável. Não tive de sofrer a ênfase atormentadora que o mundo põe sobre aqueles que têm supostos poderes mágicos, pois o meu caminho veio dos ditames interiores!

O centro de gravidade não esteve no cérebro, mas na parte inferior do corpo, de onde aprendi há muito a extrair tranquilidade. O homem nasce pronto para viver no espaço e no tempo – para manifestar a sua compreensão do transcendental – mas só se pode realizar no mundo racional. Para alguns que buscam a compreensão da dualidade do ser, há a tentação de se retirar e alienar-se de um modo de vida saudável e de senso comum – ou do que melhor se poderia chamar a «visão do mundo». Só vivendo plenamente com o compreensível e permitindo que o sustento interior guarde e guie, podemos obter o conteúdo da experiência interior para viver em relação polar com o nosso mundo.

O meu trabalho mais gratificante, para o qual olho para trás com certa nostalgia, foi em prol das crianças que foram vítimas da guerra civil em Espanha – trabalho em que a falecida Dorothy Parker esteve envolvida. Era uma mulher de grande compaixão e, claro, com um sentido de humor unicamente seu. Tal como eu, estava muitas vezes doente, mas encarava-o como eu o encaro – como uma das disciplinas da vida. Tinha uma qualidade intemporal e, por isso, entrava nos medos e inseguranças dos jovens deslocados, muitos deles tristemente negligenciados em campos nos arredores de Perpignan.

Muitas vezes almoçava apressadamente com ela no Hotel Algonquin, onde ela era membro da famosa Mesa Redonda. Quando ela foi trabalhar para Hollywood, perdi o contacto com ela, mas de vez em quando recebia uma nota, breve e muitas vezes sem assinatura, que vinha como um alívio, uma chuvada de um céu desértico. Alegra-me que ela não tenha vivido para ver a turbulência racial e o sofrimento de hoje. Por mais que as pessoas a tenham julgado, era uma mulher leal e profundamente sensível, cujo coração sofria pelas múltiplas confusões do mundo dos jovens.

Em 1938, tinha alcançado uma nova encruzilhada no meu desenvolvimento como ser humano. Procurando compreender os poderes psíquicos com que aparentemente fora dotada, fiz um estudo intensivo do meu próprio inconsciente profundo. Gradualmente, aprendera que certos desses poderes não eram supernormais, como geralmente se entende, mas brotavam de aspetos enterrados da minha própria natureza interior, por mais misteriosos e fantásticos que pudessem ter parecido.

Lera sobre pessoas como eu, em culturas passadas, que precisavam de indivíduos para predizer eventos futuros através de presságios, sinais no céu, entranhas de animais ou mil outros meios. Via demasiado claramente que a prática da mediunidade, em vez de ser um baluarte de proteção, como Sir Arthur Conan Doyle uma vez me aconselhou, acabaria por me fazer perder a fé no meu próprio ímpeto de ser eu mesma. Sabia também que a rota para o inconsciente tinha de ser abordada com cautela e com compreensão filosófica.

Já ouvira muitos pontos de vista teóricos e também tive o bom senso de saber que a investigação de mim mesma teria de cessar por algum tempo. Foi uma época desconcertante, mentalmente falando, pois tive de pôr de lado os ensinamentos que me haviam sido apresentados por McKenzie, Doyle e Lodge. Ocorreu-me que uma solução estaria em escrever um livro sobre a minha busca de compreensão de mim mesma. Se pudesse recapitular os acontecimentos de alguma parte da minha vida e olhar para eles objetivamente no papel, poderia libertar-me de qualquer culpa que pudesse estar ligada a um afastamento de velhas lealdades.

Escrevi o livro, intitulando-o: *My Life as a Search for the Meaning of Mediumship*. Atraiu ampla atenção, encontrou leitores ao longo de muitos anos, e ainda é solicitado por uma nova geração de estudantes. Mais importante para mim pessoalmente, abriu o caminho para eu embarcar numa nova direção. Permitiu-me voltar a minha atenção para acontecimentos de significado iminente, dando-me um sentido de um modo de vida que mudava rapidamente no mundo exterior.

Parti para a primavera inglesa e depois fui para o Continente. Os campos da Auvergne estavam cheios de narcisos selvagens e junquilhos, cujo perfume acariciava o ar. Comi trutas frescas dos ribeiros a correr e bebi o vinho do país. Cheguei a Juan-les-Pins em Junho de 1938, livre de todos os laços, ou assim acreditava então, e diverti-me como nunca antes! Mas todas as noites, quando o sol se punha atrás do Estérel, perguntava a mim mesma quando os sinais visíveis da crise iminente avisariam as pessoas, tão satisfeitas com as coisas como estavam.

O Outono de 1938 trouxe a primeira «rutura». A França mobilizou-se para a guerra; o resto desta história já foi escrito na história. Fechei a porta aos anos passados, aos corajosos e capazes, bem como àqueles que não estavam preparados para se reconciliarem com a vida com verdades religiosas ou científicas, mas antes existiriam com os conselhos e o amor dos «queridos falecidos», e que ignoravam o facto de que, no final, faziam muito com as suas vidas diárias conforme o seu inconsciente decretava.

Entretanto, alugara uma vivenda em Juan-les-Pins, onde fui anfitriã de pessoas de vários países que não partilhavam os meus medos secretos de que o mundo que conhecíamos se desmoronava rapidamente. Lia os jornais franceses, o *European Herald Tribune* e as revistas inglesas cujos editoriais soavam a nota diária de alarme. Havia pânico nos corações de muitos visitantes da Riviera. «Comamos e alegremo-nos» tornou-se o conceito do dia.

O desastre abismal da França e os conceitos antiquados de governo começaram a ser revelados, com as então obscuras intrigas de Laval e do seu séquito, e mais tarde o derrotismo enraizado de Pétain. O gesto dramático de Churchill de fusão entre a Inglaterra e a França foi ignorado. A França estava a perder a batalha das inteligências e, finalmente, a guerra.

Este hiato meu, se assim se pode descrever, não foi um tempo pacífico de transição; as sementes do conflito estavam por perto e ao redor. No lazer e no trabalho, começámos a ser perturbados pela crescente inquietação daqueles que sentiam a peculiar ameaça da hora a cerrar-se.

Poucos entre os meus amigos partilhavam as minhas dúvidas e, quando eu falava delas, eram desdenhadas. O homem moderno não aprende nada com os seus próprios recursos interiores, opiniões tradicionais ou verdades herdadas. Foi aqui que a minha formação religiosa me ajudou a compreender a validade dos meus próprios sentimentos. Quando o desastre aconteceu, e o pânico se apoderou de todos, eu já sofrera bastante desespero subconsciente.

O momento de agir chegara para mim. Juan-les-Pins estava cheia de pessoas de todas as nacionalidades e crenças. A oração e a cura tornaram-se para mim, durante aqueles dias, parte de uma fé viva. Apliquei-me a situações externas à medida que surgiam. Vi então o profundo significado do egoísmo em ação, pois as pessoas que tinham dinheiro ou joias esperavam comprar favores e, com a compra, sentiam-se superiores. Chegaria cedo demais o tempo em que os bens mundanos não poderiam adquirir os simples meios de subsistência, e apenas os vigorosos e os de mente sã seriam capazes de usar a sua engenhosidade dada por Deus para aceitar o conflito e a desgraça.

Este foi um período de verdadeiro esforço e crescimento. As motivações conflituantes dos milhares que vieram procurar uma saída da França, os medos que os rodeavam, as partidas dramáticas – tudo isto deixou todos em caos.

Nos primeiros tempos, antes de 1914, visitei a Riviera brevemente numa viagem de lua-de-mel. Embora seja verdade que a Europa nunca conheceu uma década de verdadeira paz, alegra-me ter tido este curto intervalo em que o mundo parecia tão rico e maravilhoso aos meus olhos jovens. Os grandes hotéis estavam cheios da *haute monde* de todos os cantos da terra. Títulos russos abundavam. Alemães também, altivos, agressivos, com monóculo e ricamente vestidos, faziam parte da cena, mas, a um rápido olhar, parecia que os britânicos e os russos tinham o lugar de destaque. Uma visita ao casino de Monte Carlo era entrar noutro mundo de beleza de tirar o fôlego, com a sua nuvem de perfume e roupas, e uma textura e magnificência que uma jovem rapariga da Irlanda nem sequer sonhara.

Ainda guardo a imagem vívida da Riviera como era então, e contrasto-a com o presente. Ai, a diferença de tom, de vestuário e de

maneiras deste «século do homem comum», para citar Henry Wallace, desafia qualquer comparação. Ficamos tristes e silenciosos perante a memória.

Quando regressei à Riviera em 1920, a cena estava modesta em comparação. Não admira! Dez milhões de homens, jovens, de meia-idade e velhos, tinham dado as suas vidas para obter uma paz precária para a Europa. Assistira à dedicação, em Whitehall, de um memorial de guerra, onde o capelão falou da guerra a desaparecer da terra. Sabia então que eram frases vazias. A memória do holocausto não podia ser tão facilmente esquecida, nem se podia levar as pessoas a «esquecer e perdoar». Os sentimentos eram intensos entre as nações. O espírito da Alemanha não estava derrotado, apenas momentaneamente desinflado.

Após a Primeira Guerra Mundial, os alemães regressaram à Riviera. A classe dominante não desaparecera completamente. Notei que a política bismarckiana da força ainda estava nos lábios do jovem grupo em crescimento, o que muitas vezes me levava a temer que o fim ainda não tivesse chegado, nem para a França nem para a Europa.

O acordo entre Wilson e Clemenceau inaugurou uma nova aliança – permitam-me chamar-lhe «um casamento misto de laxismo e dureza» – que serviu para lançar as bases de uma paz precária. O homem da rua estava feliz e inconsciente do panorama internacional, que estava manchado e muitas vezes feio, para dizer o mínimo.

Visitei a Alemanha em 1929, em ligação com trabalho psíquico em Munique. Os jovens, a beber cerveja nas tabernas, falavam da necessidade de «humilhar a França». Sentia-se um arrepio ao revelarem a sua agressividade. A Rússia, no entanto, parecia ocupar o palco como aquela a ser tratada primeiro; ela estava então a tornar-se um inimigo a temer na Europa. A França parecia próspera, e a Inglaterra procurava manter o equilíbrio de poder, como se alheia à agitação industrial continuamente notada nos jornais.

Mesmo em 1929, quando estava na Alemanha, falava-se de Hitler em voz baixa entre a jovem geração como o profeta ascendente. A triste crónica de negócios obscuros e vendas continuava entre os países aliados. Veio então o colapso económico mundial. Eu estava em pleno oceano, a caminho da América, quando a notícia foi

recebida pelo rádio do navio. Cheguei para encontrar a hierarquia capitalista americana em colapso, iniciando a espiral descendente para a Europa. Cartas seguiram-me de lá, dos meus antigos amigos abastados que se retiravam para Inglaterra, muitos deles arruinados pela catástrofe económica e cheios de perplexidade e desespero. Nem então nem nunca conseguiram recuperar da derrota e da inflação.

Na Primavera de 1935, depois de uma série de experiências com drogas conduzidas pelo falecido Dr. Alexis Carrel, que me deixaram muito cansada, estava a caminho do Egipto, vinda da América. Saí de Nova Iorque no meu aniversário, cheia de bom humor, com intenção de encontrar a minha filha em Marselha, que então estudava perto de Lyon. Dois dias depois de sair de Nova Iorque, desenvolvi uma pneumonia, que piorou constantemente à medida que a viagem continuava. O médico do navio telegrafou à minha filha para que se preparasse para trazer um médico ao navio para me receber.

Tenho pouca recordação de ter desembarcado em Marselha, ou da presença da minha filha. Para aumentar a sua aflição geral, ela estava preocupada com dois ratos brancos que eu levava comigo; eles tinham sido herdados do trabalho que fiz com o Professor McDougall. Ele queria saber se eles, comendo a mesma comida, produziriam as alergias que eu tinha naquela época. Os pequenos animais foram guardados num saco especialmente feito para eles, com dois bolsos, e usados por baixo da minha saia para evitar serem vistos na alfândega.

A minha filha contou-me depois que, embora eu mal pudesse falar, lhe dei a entender a presença dos meus pequenos amigos. A partir daí, eles ficaram a seu cargo, pois fui levada para o Hotel Noailles, em Marselha, e colocada numa tenda de oxigénio.

Permaneci ali até Setembro daquele ano. Fiz duas tentativas para partir, mas em cada uma delas tive um ataque cardíaco, e fui levada de volta e colocada sob oxigénio. O meu jovem secretário passou por maus momentos, pois coube-lhe a tarefa de obter os medicamentos necessários, e estes eram difíceis de arranjar, porque os negócios estavam quase paralisados devido às greves de braços cruzados, que tornavam difícil qualquer tipo de serviço. Os líderes da greve tinham

colocado guardas no hotel, e eram eles que decidiam quem podia entrar e sair.

Durante este tempo, a Frente Direita tornou-se extremamente excitada e temerosa, e ouviam-se ameaças graves contra Léon Blum. Judeu sensível, ele era um líder corajoso, mas Hitler, agora um poder na Alemanha, opusera-se fortemente a que um judeu fosse escolhido para tal cargo. Ouvia-se também que Mussolini estava empenhado em destruir a Frente Popular Espanhola. A revolução estava no ar, e havia uma frenesia silenciosa entre os ricos, muitos dos quais faziam secretamente planos para tirar o seu dinheiro de França.

Debaixo da minha janela, a Canebière, a famosa rua que conduz ao velho porto, era palco de excitação diária. Um especialista de Aix-en-Provence visitava frequentemente o médico que me atendia. Ao lado da minha cama, eles desabafavam a sua ira contra os grevistas lá em baixo. Ambos eram de direita e odiavam Blum e tudo o que ele representava. Se eu tivesse podido prestar atenção a tudo o que se passava entre eles, poderia ter sido estimulante, mas nessa estação o vento *mistral*, seco e áspero, soprava com uma intensidade especialmente feroz que parecia rasgar-me os pulmões.

Finalmente, como o serviço no hotel se tornara impossível, apelámos aos líderes da greve para que me permitissem sair sob os cuidados de uma enfermeira profissional. Tal foi livremente concedido, uma vez que o pessoal do hotel iria juntar-se aos grevistas de qualquer forma. Assim, cheguei a Paris de comboio. O meu secretário e a minha filha tinham ido à frente com a bagagem por estrada e esperavam por mim no Hotel Continental. Menciono este episódio porque foi uma época em que tive sonhos contínuos com a França em guerra. Muitas vezes acordava a chorar por aqueles que seriam as vítimas desta atrocidade.

Quando Blum se demitiu, no ano seguinte, soube instintivamente que esse era mais um passo em direção ao desastre. Depois de muitas políticas governamentais, todas elas a caminho da apaziguamento, Daladier seguiu o exemplo de Neville Chamberlain. Munique e o pleno reconhecimento de Franco foram ditados a partir de Londres, e

assim, em confusão, desespero e desesperança, chegou o fatal ano de 1939.

Houve uma convocação geral para as armas em 1938. Impelida por alguma compulsão, fui novamente e visitei França nesse Verão. Seriam as minhas apreensões constantes dos sonhos realizadas? Senti que sim, quando a preparação total para a guerra se tornou a ordem do dia.

Saí do sul de França após a primeira mobilização e dirigi-me a Calais, onde vi as tropas exultantes e prontas para a refrega. Pelo menos, pareciam prontas. Era difícil compreender a esperança e, ao mesmo tempo, a tensão subjacente dos militares. Durante a minha espera forçada para atravessar o Canal, chegou a notícia de que não haveria guerra. Homens de coração pesado regressaram a casa para enfrentar um futuro incerto. Regressei à América para o Inverno, mas na Primavera de 1939 decidi que os meus sonhos eram verdadeiros. Iría à Alemanha, onde tinha amigos, e veria o que o apaziguamento realmente significava.

A França estava na *doldrums* (em marasmo). A Alemanha estava agressivamente alegre. Homens marchavam em todas as direções, e os campos de aviação em redor de Berlim eram muitos e ativos. Era óbvio que a Alemanha não se poderia conter por muito tempo. Fiquei apenas dez dias e alegrei-me por escapar à ameaça da sua prontidão. Na Suíça, onde viajei a caminho de volta a França, as pessoas estavam divididas nas suas lealdades, entre a direita e a esquerda; mas França ostentava o ar de uma nação que perdera o seu caminho.

No Verão de 1939, estava em Paris na manhã em que a Grã-Bretanha declarou guerra às 11 horas. A França seguiu o exemplo no final dessa tarde. Fui ao número 1 do *Paris Post*, gerido por americanos. As pessoas estavam magoadas, gravemente preocupadas, histéricas. A «via média» falhara. Naquela noite, as luzes apagaram-se verdadeiramente em Paris. Decidi então que os meus sonhos não me tinham desencaminhado.

Regressei imediatamente ao sul de França para encontrar lá pessoas de todas as nacionalidades, todas mais certas da supremacia de Hitler do que da capacidade da França de conter o dilúvio. A quinta

coluna esteve extremamente ativa nos meses que se seguiram. Não era difícil convencer as pessoas de que a Alemanha seria finalmente vitoriosa, pois os próprios Aliados pareciam estar em completo desarranjo moral.

Durante a guerra «falsa», a confusão da França e da Inglaterra foi habilmente explorada pela Alemanha. Todos os que antes de 1 de Setembro se declararam confiantes de que a guerra não poderia acontecer estavam agora igualmente certos de que Hitler poderia ser de facto o profeta da paz. O horror dos meses após a linha francesa ter sido rompida tornou-se quase insuportável. Veio então o desastre de Dunquerque e, finalmente, os italianos, que não são verdadeiros combatentes, decidiram que chegara o momento de apunhalar a França pelas costas. Este foi de facto um dia negro para as pessoas em Juan-les-Pins, Antibes e na região sul que faz fronteira com a Itália.

Os soldados de França foram bravos para além da crença. Vi-os marchar, cansados e exaustos, sem mantimentos. Afirmo que o exército, com uma liderança adequada, poderia ter dado boa conta de si. Os oficiais comandantes tinham estado apáticos. Não creio que Weygand e Pétain e outros fossem desprovidos de coragem e visão; mas as fileiras da esquerda e da direita estavam divididas ao meio, e os *attentistes* – o grupo do «esperar para ver» – ficaram finalmente atordoados pela falta de coesão e ordem.

Muitos dos meus amigos ingleses que esperavam em Juan-les-Pins emprestaram mãos prontas e voluntárias para ajudar na sopa que foi então organizada. Alguns deles, em dias mais felizes, tinham conhecido bem Mussolini e dificilmente podiam aceitar o facto de que ele pudesse ser tão cruel. Lentamente, a verdade foi-lhes sendo imposta, e partiram, de coração pesado, de comboio para Inglaterra. Para muitos deles, foi um desastre. Alguns regressaram depois da guerra, mas os mais velhos desistiram, e hoje as colónias que os britânicos fizeram em Itália são lembradas apenas pelos habitantes mais idosos.

Esta foi uma época em que os rumores voavam constantemente. Poucos dos refugiados acreditavam verdadeiramente que França capitularia, embora país após país tivesse desistido. Os comerciantes

bem informados, no entanto, viram a escrita na parede e saíram antes da queda de França. Alguns conseguiram chegar à Suíça e encontrar fundos para estabelecer negócios em Monte Carlo. De Gaulle surgiu como uma estrela para trazer esperança, mas a França não estava lá para o apoiar.

Estava na praça de Antibes na manhã de 20 de Junho, quando chegou a notícia da queda de França. A reação foi ao mesmo tempo lamentável e chocante de se ver. Os ingleses correram para os bancos, que estavam fechados temporariamente. O caos reinava, e perguntava-se: «E agora?»

No dia da partida do último dos carvoeiros que levava os britânicos, o *mistral* soprou forte ao entardecer. Senti-me de repente sozinha num mundo onde uma sombra ameaçadora estava rapidamente a despojar os elementos da vida como a conhecêramos. O céu da tarde estava rosado e perfeito, e Vénus pendia baixo sobre o Estérel. Foi então, enquanto observava os pontos de chama do sol poente atrás das colinas, que tive uma visão de Hitler a ser despojado das suas condecorações.

A faca empunhada por um homem desconhecido, de quem só via as costas, continha uma mensagem que apontava o caminho para manter a fidelidade às crianças. Sinto que esta visão, que predizia a ruína do homem Hitler, foi uma resposta direta para dissipar quaisquer dúvidas que pudesse ter tido sobre ter feito a escolha certa ao permanecer em França. Fui para a cama confortada e comecei o novo dia com zelo.

Durante este tempo, pude manter-me a par das notícias através de um rádio na minha vivenda. A estação do *Christian Science Monitor*, de Boston, dava as notícias diariamente, por mais cruas que fossem. Pude tomar notas e espalhá-las. Chegou rapidamente a notícia de que os britânicos foram aconselhados a partir. Os seus fundos foram congelados. Outrora amados, eram agora um embaraço para França. A história da sua partida foi contada por Somerset Maugham, que se juntou à triste comitiva e embarcou nos carvoeiros que partiam de Calais.

Eu lançara a minha sorte com França e decidi permanecer e fazer o que pudesse para ajudar os refugiados que ainda se dirigiam para o sul. Alguns deles estiveram em Marselha à espera dos destroiers de que se falava, que supostamente os levariam para o Norte de África, de onde encontrariam outras rotas para se juntarem às forças da Resistência Francesa. Chegaram também alemães, holandeses, belgas, flamengos e dinamarqueses. Alguns tinham estado no serviço de campo com os franceses e os britânicos. Todos queriam ser novamente utilizados. Alguns juntaram-se à crescente unidade de resistência no sul, enquanto outros permaneceram para descansar um pouco antes de viajarem em direção aos Pirenéus, onde sabiam que existiam rotas de saída subterrâneas.

Cada um deles deu uma mão pronta à necessidade dos refugiados. Não se faziam perguntas; não se davam informações. Sabia-se simplesmente que tinham encontrado uma saída. Cedo, os civis menos afortunados começaram a fugir ao domínio alemão, que assumira o controlo quando o Exército Alemão entrou em Paris.

A maioria dos britânicos deixou a costa no Verão de 1940. Quando partiram, apliquei-me à tarefa de encontrar comida para as crianças; e o que pude fazer pelo *Foyer des Soldats* foi feito. Tornava-se difícil obter mantimentos para os soldados. Uma constante corrente de falsidades estava no ar, à medida que a quinta coluna se infiltrava entre os refugiados em fuga. No sul, os vistos para Espanha e para a América podiam eventualmente ser obtidos. Cada chegada sucessiva trazia um quadro diferente da vida sob a ocupação. A nova estação de rádio controlada pelos alemães, em Paris, dava um quadro sombrio da guerra; segundo os relatos diários, a unidade humana deixara de existir. Mas o meu próprio rádio, como disse, trazia-me, via Boston, um aspeto menos deprimente.

Tornou-se sabido que eu tinha acesso a esta fonte de notícias, e uma das minhas tarefas era fazer um relatório diário e circulá-lo entre aqueles que eram leais à causa Aliada. A gendarmaria sabia desta pequena «ocupação» e vinha buscar as suas «notas», mas perto do fim da minha estadia, a comissão ítalo-alemã proibiu isso.

A situação piorava diariamente. Aqueles que tinham permanecido no norte enquanto a segurança parecia possível chegavam agora por muitas vias. Não nos faltava ajuda do grupo constante de «neutros» que continuavam a viver nas suas casas espalhadas pela costa. Bastantes suecos e dinamarqueses continuaram o trabalho com os refugiados, ajudando onde podiam. A Riviera, despojada da pesca e das flores, as principais fontes de rendimento, tinha pouco para o seu sustento uma vez que os turistas deixaram de existir. Grossas muralhas foram erguidas ao longo da frente de água – alguns diziam para impedir que os pescadores italianos desembarcassem refugiados ao longo da costa nos seus barcos. Este era um negócio lucrativo para os pescadores, que tinham o conhecimento necessário da zona costeira em redor de Antibes e Juan-les-Pins. Muitos deles tinham trabalhado como empregados de mesa e jardineiros em França durante anos.

Todos os dias chegavam barcos, cheios de pessoas que tinham vindo da Áustria através da Itália e depois pagavam «dinheiro de sangue» aos italianos para os desembarcar nas numerosas enseadas e portos em redor do Cabo d'Antibes. Muitos deles tinham passado horas felizes a banhar-se sob o sol quente do Midi, mas isso tornara-se agora um sonho do passado.

Foi uma época de muito trabalho, mas havia uma unidade de propósito entre todos. Aqueles que viviam na vizinhança tinham de construir esperança para as pessoas em fuga, e estavam reconciliados em dar toda a ajuda que podiam. Os consulados americanos nos diferentes pontos da costa fizeram o que puderam, mas foi através de Marselha que a palavra final chegou, quando os vistos para a América foram aprovados.

Antes da queda de França, ocorreu um incidente aventureiro na minha própria vida. Jean Andoire, um amigo que conheci em 1937 e que mais tarde se tornou meu gerente de negócios, fora ferido nos combates da cavalaria; o seu irmão, a trabalhar com a infantaria, soube que Jean estava no Hospital Gaston Doumergue, em Nimes. Era uma pausa na vida de suspense de Juan-les-Pins para mim, conduzir aos sábados até Nimes, a cerca de quatro horas de distância, e convidar Jean e os seus amigos do hospital para o almoço de domingo, regressando nessa noite. Se tivesse alguns suprimentos de roupa,

levava o que pudesse dispensar, pois todos os hospitais estavam escassos de mantimentos. Foi assim que conheci bastante bem o pessoal do hospital. Tivemos muitos bons momentos juntos, enquanto procurávamos nas pequenas aldeias em redor de Nimes e de Arles um bom restaurante.

Tinha uma convicção profundamente enraizada do espírito que me levava a viver cada experiência na sua plenitude, e foi nesse período que me apaixonei pela Camargue e pelas planícies de Salon. A Camargue é um território de dunas de areia na foz do Ródano, formado há séculos. Ainda não foi construído, e é um lugar onde hoje os cowboys franceses montam os seus corcéis fogosos – uma raça que foi introduzida nesta região por Júlio César e que ainda continua a prosperar. Os touros para as arenas de Nimes e Arles são criados aqui. Há duas arenas romanas em ambas as cidades, onde ainda se realizam touradas.

As planícies da região circundante de Nimes, Arles e Les Baux estão cheias da mística da Provença, e nestas cidades a língua de Frédéric Mistral, poeta e lexicógrafo, serve para purificar o dialeto do povo. Era também a terra de Alphonse Daudet, e eu adorava visitar a antiga habitação e o moinho onde ele escreveu as famosas *Lettres de mon moulin*. Aqui, nesta campina, sentia-se uma maravilhosa simpatia pela natureza humana em todas as suas formas, como ele a sentiu.

As pessoas viveram durante gerações dentro da magia desta terra, onde os trovadores cantavam cantigas que continham as notícias, tal como o *calypso* faz hoje nas Índias Ocidentais.

Foram visitas reveladoras, em que a minha perceção extrassensorial me foi muito útil. Sem o mencionar como factor, era muitas vezes capaz de responder às perguntas não formuladas dos doentes e feridos. Tais homens não precisam da própria linguagem. O que estava a acontecer às suas famílias e à sua terra natal e, acima de tudo, se França venceria, eram as perguntas urgentes a que queriam resposta. Eles sabiam evidentemente, na sua solidão, que a força, sem a direção da simpatia, termina no caos; mas nunca tive a mais leve crença de que França permaneceria muito tempo sob domínio alemão.

Esta era uma profunda convicção inconsciente. Preocupava-me mais, por causa deles, com o momento em que estariam de volta a cuidar da terra rica, a deleitar-se novamente em nomear as coisas de que precisavam e que amavam, e a preservar a sua singular individualidade francesa. De certa forma, os franceses da Provença são criaturas muito individuais, diferentes dos seus vizinhos mediterrânicos, mas muito sensíveis nessa mesma diferença – sempre prontos a mudar os seus humores e a oferecer entre si debates acalorados.

Um dia, esta existência relativamente tranquila no sul terminou subitamente. Começou um rumor, nunca se soube de quem, de que os alemães estavam em conflito agudo e que poderiam invadir o sul. As pontes sobre todos os rios, incluindo o Ródano e o Sona, seriam destruídas. Eu ouvi – e agi! Disse a Lambert – o meu motorista inglês, casado com uma francesa que vivia em Nice – para me levar ao Hospital Gaston Doumergue, em Nimes, se o conflito se espalhasse. Receava que os soldados não pudessem valer-se por si próprios no hospital.

O rumor chegara longe; ninguém tinha clareza sobre o próximo passo. Enquanto conduzíamos em direção a Nimes, encontrámos parte da Força Aérea Francesa a fugir para Marselha, Sète, ou qualquer outro porto que lhes permitisse o acesso ao Norte de África, onde esperavam, como muitos outros, que o governo fosse.

O hospital, como todos os outros lugares, estava em estado de choque. Muitos dos homens suficientemente recuperados para se levantarem partiram e, suspeito, começaram a andar em direção à estação de comboios, na esperança de chegar às suas várias casas.

Na manhã seguinte, um amigo de Jean, Robert Trautwein, decidiu que tínhamos de pegar no meu carro e partir. Envolveu Jean numa manta, colocou-o dentro do carro e ordenou a Lambert que nos levasse a todos a Hendaye, na fronteira espanhola, para ali embarcar num barco para o Norte de África e continuar a luta. Eu não tive nada a dizer sobre isso. Juntámo-nos a uma grande comitiva de carros, muitos a caminho de Pau, onde alguns tentariam vender os seus carros e pertences e atravessar os Pirenéus a pé.

Creio que centenas fizeram esta viagem perigosa com guias bascos, que exigiam somas exorbitantes pelos seus serviços. Por vezes, para proteger a sua própria pele, os guias abandonavam os confiantes a meio do caminho, mas mesmo assim muitos conseguiram atravessar os Pirenéus.

É impossível transmitir a sensação de estarmos apanhados no ímpeto primitivo dos refugiados a vaguear a passo lento, todos movendo-se numa onda de esperança em direção à libertação. Em intervalos, carros alemães e parte da divisão *panzer* interrompiam a comitiva para ver se havia tropas francesas ou inglesas a serem furtivamente transportadas. O amigo de Jean, prevendo isso, tinha vestido o sobretudo e o quepe de coronel, e redigido para si próprio ordens para entregar o doente num hospital perto de Hendaye. Também redigira para si próprio uma autorização para regressar ao hospital. Fomos muitas vezes parados pela gendarmaria, mas ninguém duvidou. Lambert e eu não nos traímos; sendo ingleses, teríamos sido detidos para interrogatório se tivéssemos falado.

Em Hendaye, a cena era incrivelmente má. A divisão de motociclos *panzer* já chegara para ocupar os acolhedores quartéis espanhóis na fronteira entre França e Espanha, e para impedir a saída de soldados para Espanha. Milhares de pessoas esperavam para receber a notícia de que lhes seriam concedidos vistos americanos. Sem eles, não podiam esperar atravessar para Espanha nem chegar a Lisboa e aos barcos e aviões. A comida era quase impossível de obter, e mesmo quando se encontrava, pagavam-se preços fenomenais, e o dinheiro era escasso.

Após dois dias a andar em círculos, Jean resolveu o meu – e o de Lambert – problema ao regressar subitamente a Nimes. Num momento estava connosco, no seguinte tinha desaparecido. Fiquei aliviada de imediato, pois esperara que o destino interviesse. Não tinha intenção de deixar os meus «filhos» em Antibes, mas Robert era inflexível. Queria combater a guerra a partir do Norte de África! Felizmente para mim, os navios e os papéis para viajar eram quase impossíveis de obter. Finalmente, regressámos por Sète, onde o Exército Checoslovaco embarcava para Inglaterra. Ficámos alguns dias para oferecer ajuda; todas as mãos eram necessárias, pois os

soldados que partiam novamente para o desconhecido estavam desesperados. Tinham estado estacionados em França para treino. A sua perplexidade ao partirem apressada e subitamente para outro clima era deveras comovente.

Durante a nossa estada em Hendaye, testemunhámos uma missão semelhante realizada pelo General Sikorski, que teve de retirar o Exército Polaco – neste caso, para a Escócia. A história humana estava a ser vivida diante dos nossos olhos; os homens deixaram de ser eles próprios e tornaram-se peões num jogo, escrevendo uma história de sofrimento humano que seguia um curso quase matemático.

Regressei dos Pirenéus por Marselha na manhã em que os britânicos foram acusados de afundar a Marinha Francesa em Mers-el-Kebir. Era mais do que perigoso aparecer com um sotaque britânico num momento como este em França. Acelerámos o regresso, através de muitas armadilhas policiais, para não criarmos para nós próprios uma dificuldade temporal. Cheguei a casa em Juan-les-Pins, onde, como uma criança errante, fui recebida com alívio e repreendida pela minha negligência.

Entretanto, contactara Jean Andoire, cuja consciência o forçara a regressar ao hospital. Ele gostava do coronel do seu regimento e não queria causar-lhe dor, nem parecer desertar. Foi preso durante dez dias por ausência sem licença. Foi então libertado e mandado para casa até que os seus serviços pudessem ser utilizados pelo seu país! Entretanto, regressei ao trabalho, onde a vida era complicada pela necessidade de comida e roupa. Alegrei-me por tê-lo em casa para me ajudar, pois com uma motocicleta (enquanto se podia obter gasolina) percorríamos as cidades do interior à procura de comida, e quando o precioso combustível já não estava disponível, investimos numa carroça e numa mula para ainda podermos procurar na campina vizinha.

Trabalhei enquanto houve fundos, mas finalmente os dinheiros inglês e americano foram bloqueados e já não estavam disponíveis através do correio ou dos consulados americanos. Os meus próprios recursos estavam a diminuir, e uma palavra cautelosa da gendarmaria avisou-me de que teria sérios problemas com a Comissão de

Armistício se permanecesse. Em Novembro de 1940, o meu pedido de visto para chegar a Lisboa e à América foi aprovado, e deixei o trabalho que já não podia sustentar.

Foi uma época difícil na minha vida, mas creio também que abriu as portas da minha mente para observar os ódios e as paixões furiosas contra as disciplinas mesquinhas, o ataque demoníaco que foi feito à Resistência, e o esplêndido heroísmo de pessoas simples perante o perigo.

Não posso deixar este relato do meu trabalho em França sem alguma referência à minha particular simpatia pela Provença. Seria difícil responder por que razão olho para a Provença com tanto favor, especialmente para os Alpes-Marítimos. Não é porque a região seja uma das mais belas de França, mas porque a própria terra tem uma qualidade *fey* (mágica) que lhe é própria.

Como em todo o terreno mediterrânico, o seu povo tem uma mistura de sangue que data de antes da história registada. Les Baux, a capital, em tempos antigos, é uma cidade pré-histórica, mas o mesmo acontece com todas as cidades e aldeias da Provença. Suspeito que esta região antiga, mergulhada em mistério, me chamou para longe do horror ameaçador da guerra. A festa de Natal, quando um cordeiro é sacrificado na antiga igreja de São Vicente, com os ofícios ainda ditos na antiga liturgia, e uma longa procissão de pastores a assistir, apelava ao meu sentido místico do teatro.

Todas estas cidades e aldeias foram as moradas de monges e de grandes senhores no Renascimento, e a sua atmosfera dentro da terra ainda está preservada para mim mais do que em qualquer outra parte de França. A minha adoração infantil por Santo António pode ter-me trazido a Le Piol, uma colina em São Paulo-de-Vence sobre a qual a sua igreja outrora se ergueu e, antes disso, um santuário pagão. Quando a vi pela primeira vez, fiquei impressionada com a sua beleza triste e solidão. Uma quinta antiga que vira melhores dias erguia-se no topo da colina.

Vi uma placa, algo deteriorada, que prometia chás, e com Jean Andoire visitei o estabelecimento, degradado e em ruínas desde que o Exército Alemão ali instalara o seu quartel-general. Tinha uma vista

magnífica e dominava os vales e quintas de ambos os lados. Fora propriedade de um autor inglês, Robert Nichols; mas ele partira há muito, deixando a propriedade, durante a ocupação, nas mãos de um guarda que ganhava uns trocos oferecendo refrescos.

Secretamente, decidi então que aquilo precisava de mim. Certamente estava «possuída» pelo lugar e, rindo, disse a Jean Andoire, meu gerente de negócios na época, que um dia poderia adquiri-lo. Devia, disse-lhe, usar alguma magia para o segurar.

Em 1947, estava em Londres para tratar de negócios – tornara-me agora cidadã americana. Aí soube que a colina que cobiçava estava à venda. Finalmente, consegui adquiri-la. Quinze anos trouxeram vastas mudanças no terreno. Em vez da pequena quinta, há um pequeno mas confortável hotel rural no antigo local, e um amplo salão de conferências, com bangalós, onde realizo reuniões anuais em prol da parapsicologia. A propriedade é agora mantida em perpetuidade para o propósito de encontros de investigação, onde ideias são trocadas entre cientistas de muitos países. Num nicho da parede, há uma estátua de Santo António, e noutra parede uma cerâmica de São Francisco, que amava os pássaros e os animais.

Assim, a minha paixão pela Provença produziu algo que poderá ser usado muito depois de eu ter deixado a cena.

22

Não falei muito sobre a criação da minha editora; no entanto, isto não é inteiramente verdade, pois em *Aventuras no Sobrenatural* escrevi sobre os «agitamentos emocionais» que me levaram, uma vez em Nova Iorque, a pensar em ter uma revista minha. Finalmente, tive de deixar o sul de França, onde trabalhara tranquilamente para a Resistência. Como disse, chegou o momento em que a gendarmaria me sussurrou que a minha utilidade terminara, pois qualquer pessoa com simpatias britânicas era agora suspeita. Isso aconteceu depois de a Comissão de Armistício, composta por alemães e italianos, patrulhar a zona. Sabia, sem qualquer dúvida, que França seria completamente invadida; era apenas uma questão de tempo.

Quando saí de Juan-les-Pins, viajei de comboio até Perpignan, acompanhada por Jean Andoire e por um amigo que me desejava bem e esperava que eu conseguisse passar por Espanha sem demasiadas dificuldades. Aqueles que fizeram esta horrível viagem dificilmente a esquecerão. Como outros que deixavam França, sofri inconvenientes e indignidades. Nenhuma parte do meu corpo ficou livre de inspeção, que teve lugar às sete da manhã numa sala fria e terrivelmente deprimente. Ainda vejo a face congelada da mulher impessoal que conduziu o exame.

Doei a maior parte dos meus pertences pessoais a uma rapariga sueca que fora minha secretária durante algum tempo. Fiz isso de propósito, porque os objetos de valor eram retirados da bagagem, e senti que seria melhor que alguém jovem e encantador os usasse. Mesmo assim, levei comigo dois casacos de pele, pois não sabia o que a viagem me reservaria.

Mas, em desespero, em Madrid, entreguei as chaves do meu grande baú, que continha as minhas roupas quentes, a um funcionário que se tornara perfeitamente odioso. «Aqui está o baú», disse eu. «Fique com tudo!» Imagine o meu espanto quando o baú, com as peles intactas, chegou seis meses depois a Nova Iorque! Quando saí de Juan-les-Pins, a minha intenção era ir para Inglaterra, onde poderia ser útil durante o conflito. Em Lisboa, fui ao cônsul inglês. Ele examinou o meu passaporte e disse-me, com ironia: «Vejo que esteve na América muitas vezes. Porque não vai para lá dar palestras em prol da ajuda à Grã-Bretanha e a França?»

Como os navios com destino a Inglaterra eram praticamente inexistentes, aproveitei a sugestão do cônsul. Alguém me disse que o *Cibony*, um velho barco que fazia a rota entre Cuba e os países sul-americanos, chegara para ajudar a levar alguns refugiados. Desci ao cais para o ver e, com espírito de aventura e um grande desejo de fugir da cena atribulada, consegui embarcar. Felizmente, tinha cheques de viagem. Fui levada para baixo para partilhar um camarote com outras duzentas mulheres, que choravam e soluçavam. Estavam piores do que eu. Decidi que iria falar com o comissário de bordo. Fizemos um acordo. Em troca dos meus cheques de viagem, ele providenciaria algum alojamento para mim todas as noites e guardaria um cobertor.

Disse também que achava que podia colocar a minha bagagem, o que me restava, na enfermaria, e confiei nele. Passei os treze dias da viagem sentada. De tempos a tempos, fomos intercetados por submarinos. Cheguei a Nova Iorque com um alto grau de excitação, embora deva dizer que a dureza do drama que deixara para trás me assombrava.

Chegando da Europa devastada pela guerra, não foi difícil encontrar públicos dispostos a deixar-se encantar com histórias do que acontecia a França. Contei-lhes alguns dos horrores que me foram relatados por aqueles que escaparam de Dunquerque, e que eu escondera na minha própria vivenda até conseguir levá-los para Monte Carlo ou de barco para Marselha, de onde, esperava-se, poderiam eventualmente encontrar o caminho para o Norte de África. Muitos deles conseguiram e escreveram-me mais tarde.

Fui bem recebida pelos meus amigos. Dentro de uma semana, estava a dar palestras por quantias consideráveis de dinheiro. Pedia invariavelmente o pagamento antes de falar, pois o que tinha a dizer não seria agradável para as pessoas que acreditavam que as suas costas nunca seriam tocadas pelos estragos da guerra.

Continuei a dar palestras até Pearl Harbor. Os honorários diminuíram, e os meus serviços já não eram tão solicitados. Talvez a interpretação dramática do que vira e soubera não fosse muito agradável. Mesmo para aqueles que gostam de ouvir horrores, posso ter trazido a história demasiado perto para ser confortável.

Em 8 de Março de 1941, por volta das 11:30 da manhã, descia pela East Forty-fourth Street, em Nova Iorque, quando cheguei ao Edifício *Life Extension*. Não sei porque olhei para este nome, mas de alguma forma chamou-me a atenção. «Extensão da vida» causou-me impacto numa época em que todos estavam perturbados e só falavam em termos de guerra. Lembro-me de que os números do edifício eram 7-11. De qualquer forma, usando o meu conhecimento de numerologia, somei-os e descobri que o resultado era o número nove, que considero um número revolucionário. Imediatamente, o pensamento saltou-me à mente: «Gostava de saber se eles teriam aqui um lugar onde eu pudesse iniciar um negócio de publicação.»

Durante todo esse tempo, não verifiquei a minha conta bancária, nem tinha a menor ideia do que custaria publicar. Sem averiguar nada disso, na manhã seguinte fui ao mesmo edifício, entrei e perguntei se tinham um pequeno escritório vago. Levaram-me ao décimo oitavo andar, onde havia duas salas. Eu disse: «Sim, fico com estas.»

Então, chamei a Srta. Florence Brobeck, que publicara o meu livro, *My Life as a Search for the Meaning of Mediumship*, na América durante a minha ausência. Contei-lhe o que fizera e disse: «Terei uma revista e chamar-lhe-ei *Tomorrow*». Esta foi a minha dedicação às crianças famintas de França. Contei-lhe isto e acrescentei: «Tu, querida, terás de me ajudar com os problemas de composição gráfica e dar-me alguma compreensão de como se começa.» Nessa altura, creio que ela estava entre empregos, e estava disposta a ajudar-me.

Dentro de um dia ou dois, mencionei este plano a Harold Vursell, que conhecia há dois anos e que por vezes me visitava no sul de França. Ele tinha um cargo de professor em Columbia e não estava disposto a pensar no que ele chamava as minhas ideias casuais de publicação. No entanto, nas noites livres, acompanhava-me a casa de Florence, onde aprendi rapidamente a arte da composição gráfica. Ou uma coisa nos vem naturalmente, ou passamos longas horas a pensar: «Que tola sou», e «O que sei eu sobre isso?» Mas, como todas as posições que ocupei foram alcançadas exatamente da mesma maneira, e sempre fui trabalhadora por conta própria – exceto durante aqueles anos na faculdade – essas dúvidas na mente de Harold Vursell não me causaram ansiedade.

Na manhã seguinte, descobri que tinha 25.000 dólares no banco. Isso parecia uma verdadeira riqueza, considerando que apenas um ano antes eu varria folhas de legumes no mercado para colorir a água quente e fazer sopa para as crianças.

Avançei. Um dia, a pensar em tudo, refleti: «Não seria maravilhoso se tivesse uma editora; então poderia ganhar dinheiro para iniciar uma revista.» Guardei isto muito para mim e fui de férias, no auge do Verão, para a Flórida. Lá, o Sr. Vursell visitou-me, e raciocinei com ele mais um pouco. Talvez ele tenha ouvido; realmente

não sei. Estava demasiado envolvida com a ideia de que em breve não apenas leria manuscritos que me fossem enviados, mas eles se tornariam livros e eu publicá-los-ia.

Liguei a Florence Brobeck. «Como se conhece as pessoas do mundo editorial?»

Ela respondeu: «Bem, creio que a melhor coisa a fazer, se for sábia, é voltar a Nova Iorque e dar uma festa com cocktail. É Verão, mas um grande número de pessoas ligadas à promoção de vendas, à produção de livros e à encadernação está na cidade.»

«Conheces todas elas?», perguntei-lhe.

Aparentemente sim, pois uma lista chegou em poucos dias. Não significava nada para mim, mas liguei-lhe de volta e disse: «Avante! Arranja-me uma bela sala no hotel mais elegante, com vista para o Central Park. Nada é bom o suficiente para um começo.»

Florence seguiu as instruções e obteve um apartamento suntuoso, lindamente decorado – uma varanda panorâmica, na verdade. Armada com pouco mais do que um belo bronzeado, um fato branco e muita otimismo, convenci o Sr. Vursell a acompanhar-me a Nova Iorque para encontrar o que se chama o «meio editorial».

Apesar do calor, apareceu um grande número de pessoas: escritores, críticos, editores, fabricantes de livros, *designers*, toda a gente. Lembro-me de um cavalheiro, bem conhecido no comércio livreiro, que se aproximou de mim com toda a calma por volta das 9 horas – a festa começara às 4 – e me disse: «Então é a Eileen Garrett. Já publicou alguma coisa?»

«Não.»

«Trabalhou com alguma das editoras da cidade?»

«Bons céus, não.»

«Foi talvez agente de editores?»

Novamente tive de responder com um relutante «Não.»

«Então, senhora», disse ele, olhando-me com tristeza, «gosto de si, mas acho que é maluca.»

Chamei à minha editora *Creative Age Press*. Não é difícil perceber porquê. Toda a gente estava deprimida, e o país estava, por assim dizer, de luto após a sua própria entrada na guerra europeia, finalmente. Era tempo de profunda concentração, pois agora a América estava verdadeiramente envolvida em mais aspetos do que talvez todo o seu povo compreendesse.

Quando perguntei a Florence Brobeck quantos livros devia ter no meu catálogo, ela disse-me, com toda a razão, para descobrir primeiro quanto dinheiro tinha, quantos livros queria produzir e qual deveria ser o seu conteúdo. Decidi-me pela ficção como categoria principal, mas também por livros sérios que pudessem tratar de arte, literatura, ensaios e música. Florence perguntou-me se tinha uma lista de amigos em Londres que me ajudassem. Disse-lhe que conhecia muitos, mas nenhum deles no mundo editorial. Quase todos eles estavam nas artes, decoração, dança, representação, e por aí fora. Ela olhou-me com uma espécie de pena, que na altura me passou despercebida. Eu estava consumida pelo sonho.

Por essa altura, uma figura vaga entrou um dia no escritório. Falou de ter conversado com Janet Flanner – a «Genet» do *New Yorker* – que mencionara o nome da Srta. Brobeck, acrescentando que havia uma inglesa interessada que pensava em publicar. A minha visitante era uma autora chamada Lee McCann. Olhei para ela com divertimento antes de lhe perguntar sobre o que era o seu manuscrito. Usava uma longa veste cinzenta e envolvente na qual parecia desaparecer, e um chapéu estranho, com a forma de um prato de jantar, acima de um cabelo indistinto; mas tinha olhos profundos e luminosos e uma sensação espiritual de solidez. Respondeu: «A Vida de Nostradamus.»

Isto foi música doce para os meus ouvidos. Quando estava em Juan-les-Pins, costumava visitar Jean Andoire em Nimes, e quase todos os fins-de-semana eu conduzia com ele pela região da Camargue até Saintes-Maries-de-la-Mer, a igreja erguida em memória de Maria e Marta, que foram missionárias naquela região. Por baixo desta igreja havia uma cripta pagã onde os ciganos vinham todos os meses de Maio prestar homenagem à sua santa padroeira, Sara. Ofereciam os seus respeitos não na igreja, mas na cripta.

Jules Bois escreveu sobre isso, e eu sabia, mas agora iria entrar em contacto com isso pessoalmente. Em muitas ocasiões, visitei a antiga capital da Provença, Les Baux, que está imersa em superstições e mistério, bem como as planícies de Salon e São Bartolomeu. Passei muitas noites tardias nessas planícies onde Nostradamus guardava as suas ovelhas. Outrora pastor, ele também teve visões, enquanto observava as estrelas.

A chegada de um manuscrito dedicado à sua vida pareceu-me um presságio de boa sorte, pois disse a mim mesma mais de uma vez: Voltarei um dia àquelas planícies e visualizarei Nostradamus, o profeta e visionário.

Dois dias depois, cheguei à conclusão de que não poderia iniciar uma editora com um único livro. Seria melhor ter um segundo. Portanto, sentei-me e escrevi *Telepathy* em cinco semanas. Ainda se vende, tal como *Nostradamus*.

Por essa altura, o Sr. Vursell disse-me: «Se insiste nesta loucura, mais vale ter um editor competente. O meu amigo Charles Chadsey não está a trabalhar de momento, embora tenha estado no mundo editorial, e ele pode ser uma verdadeira ajuda para si.» O Sr. Chadsey, bolseiro de Rhodes, certamente que o foi. Fez-me perguntas sobre telepatia nas quais, na minha pressa de escrever o livro, eu sequer tinha pensado. De qualquer forma, ficou feito. Hoje, poderia ter escrito um livro infinitamente melhor, mas hoje não há pressa.

Gostei de conhecer todas as pessoas do mundo editorial, armando-me com um gole de «*Mountain Dew*» ou o seu equivalente americano; isto, senti, abria muitas portas e poderia tornar esses senhores de negócios duros mais simpáticos. Deixe-se dizer que eles, todos – e principalmente o falecido Sidney Sattenstein, que era o chefe da *American Book-Stratford Press*, e o seu capaz assistente, George Rittenhouse – me permitiram, sempre que quis, ir ver o processo de produção de um livro, desde o momento da escolha do papel e da composição tipográfica até ao momento em que o manuscrito finalmente surge entre capas duras com um nome e uma identidade próprios. Foi uma experiência rara e bela. Tive um novo caso de amor!

O mesmo aconteceu quando comecei a publicar a *Tomorrow*, cujo primeiro número apareceu a 1 de Setembro de 1941. Foi Henry «Jimmy» Kreisman e a sua organização gráfica que primeiro publicaram a revista *Tomorrow*. Descrever o Sr. Kreisman neste ponto é um pouco difícil. Não tinha encontrado antes este tipo de homem. Era rude, brusco e devastador nos seus comentários; mas providenciou que eu conhecesse os executivos que me mostraram como funcionava todo o processo de produção de uma revista. Deu-me livros sobre tipos de letra para estudar e disse-me: «Se tem olho artístico, descobrirá o que quer.» Aqueles que se lembram dos primeiros números da *Tomorrow* perceberão a excitação com que prossegui. Queria todo o tipo de tipos de letra, e penso que todos os meses fazia uma mudança – se não no formato, certamente no tipo de letra. Numa escola dura, tornei-me quase proficiente e, na minha mente, dominei a arte. De qualquer forma, produzi uma revista e também produzi livros. Aqui, os meus instintos psíquicos não me desencaminharam.

Não tinha reputação, por isso não podia esperar que os agentes literários me fornecessem manuscritos. Mas nem a negação nem a inércia estão contidas no meu carácter, e quem quer que olhe para o meu primeiro catálogo verá que produzi uma variedade de livros, tratando de aspetos de pessoas que eram originais, por vezes divertidas e muito concretas.

Quando penso que tive a temeridade de abordar Salvador de Madariaga, Robert Graves, Peter de Polnay, Harold Clurman (que escreveu para a *Tomorrow* durante muitos anos), Tom Sugrue, e toda uma série de outros bem conhecidos do público de hoje, olho para trás e pergunto-me como consegui.

Os meus editores e funcionários foram escolhidos pela sua visão, aparência e vitalidade. Preferia que começassem como eu, com pouca experiência. Insisti que todas as minhas secretárias e editores associados não só soubessem escrever e ler corretamente, mas fossem muito atraentes. Finalmente, os vendedores e amigos do mundo editorial chamaram à casa «*Creative Urge*» (ímpeto criador). Sempre tive a certeza de que me visitariam porque a equipa de secretárias era cheia de beleza e também divertida. Finalmente, os agentes aceitaram-

me com alguma reserva; o mesmo fizeram os agentes de publicidade. Eu estava a caminho.

Os meus editores eram individuais, por vezes difíceis. Lembro-me, não sem divertimento, de um que foi aos editores da *Time* e queixou-se de que eu dirigia uma revista ridícula com uma mola de cama na capa. Ele obviamente confundira uma das minhas imagens clarividentes – a hélice ou espiral – que ainda é usada. Os meus livros e revista oferecem algo não tão abstrato, mas continuo a usar o símbolo.

Tive uma visita de algumas pessoas da *Time*, que escreveram sobre mim. O artigo não pretendia ser bondoso, mas teve um efeito surpreendente. Os anunciantes ligaram-me e disseram: «Conseguiu.» O que conseguira não tinha a certeza, mas o meio editorial já começara a aceitar-me, embora alguns dos mais conservadores não tivessem a certeza de que lidar com uma médium fosse *comme il faut*.

Apesar disso, li livros de temática psíquica para outras editoras. Sentia que, se pudesse colocar essa literatura no domínio editorial, isso seria uma proposta tão útil quanto possível. Li para editoras em Boston, bem como para algumas muito respeitadas em Nova Iorque, dando-lhes os meus comentários e dizendo-lhes francamente que, devido à minha reputação de mediunidade, preferia que elas publicassem o material para uma melhor receção.

Hoje, olhando para trás, para o que a maioria dos meus amigos no mundo editorial fez com a literatura psíquica, não posso arrepender-me. Tudo o que tem um toque de dramático recebe atenção; o trabalho mais sólido é muitas vezes ignorado. No entanto, isto não é inteiramente verdade. Em praticamente todas as listas editoriais que vejo hoje, noto que estão a ser publicados livros na área da parapsicologia. Assim, a minha precognição serviu-me bem em prol da parapsicologia e de temas afins.

Quanto à revista *Tomorrow*, sempre estive confiante. O meu propósito ao publicar ficção na minha editora, e nos primeiros números da *Tomorrow*, fora ajudar os jovens que regressavam da guerra, tristes, cínicos e taciturnos. Dar-lhes um livro para criticar bastava para os animar. Quando publiquei Thomas Mann, Heinrich

Mann e a história de Gide por Klaus Mann, fui olhada com um pouco mais de respeito. As pessoas ligavam e perguntavam: «Como conseguiu que estas pessoas escrevessem para si?» Eu respondia: «Paciência – acompanhada de um bom almoço e uma remuneração razoável. Isso, constato, compensa a longo prazo.» Estava ocupada, compulsiva e feliz.

A doença finalmente alcançou-me, e fui confrontada com a necessidade de me submeter a três operações. Como estava no escritório desde cedo até tarde, e lia vorazmente durante a noite, não admira que estivesse exausta. Entrei no hospital, dizendo alegremente à minha secretária, ao chegarmos à porta do hospital, que viera apenas para um exame. Mantive a ilusão de regressar ao trabalho durante algum tempo.

Mas, finalmente, a minha ausência, juntamente com a minha necessidade de mais dinheiro – já pedira emprestada uma quantia considerável a um bom amigo em Washington – forçou a decisão de deixar ir os meus excelentes editores. Foi bastante fácil casar as minhas raparigas, e posso acrescentar, entre parêntesis, que todas elas se casaram, e felizmente. A maioria dos meus editores também.

O Sr. Vursell deixou-me no final para se juntar à firma Farrar, Straus, onde ocupa uma posição merecida de confiança e competência. Um ou dois foram para o *New Yorker*, e recentemente, em Londres, encontrei Robert Knittel, que me deixou para se juntar a Jonathan Cape, em Londres, e agora está encarregado da editora Collins. Casou com Luise Rainer, e fiquei feliz por os ver recentemente, ambos com aspecto jovem e encantador.

Allan Angoff, que se juntou à equipa da *Creative Age Press* quando saiu do exército, foi finalmente contratado como editor-gerente da *Tomorrow*. A minha filha juntou-se à equipa por pouco tempo, mas o nascimento iminente do seu primeiro filho afastou-a do mundo editorial. Jack O'Brien, que parecia uma criança do Meio-Oeste à procura de aventura, também se tornou editor por mérito próprio. Até o homem que a princípio não gostou de mim, e falou das minhas molas de cama, está agora, creio, numa posição de

responsabilidade no Departamento de Estado, e certamente o Sr. Chadsey tem sido um editor valioso a trabalhar a nível governamental.

Não mencionei Patrick Tanner (Patrick Dennis), então director de publicidade, que se tornou um escritor de muito sucesso, nem outros que agora têm empregos substanciais no mundo editorial.

Posso acrescentar que não foi realmente difícil publicar. Foi muito divertido; foi entusiasmo, incredulidade, festas divertidas, visitas por toda a América até conhecer todos os que vendiam livros neste vasto continente. Isto pode chamar-se «trabalho», mas gostei, e em cada paragem tinha de haver uma festa com cocktail – ou chamar-lhe-emos uma receção?

A minha maior desilusão veio com a descoberta de que o comércio não anunciaria na *Tomorrow*. Disseram-me com acidez: «Tem uma revista de pensamento; as pessoas a quem vendemos são idiotas e não leem o seu tipo de crítica.»

No entanto, as minhas vendas em bancas de jornais aumentaram, principalmente porque fui investigar onde a revista devia ser vendida. Invariavelmente, encontrava pacotes delas, com meses de idade e muitas vezes por abrir, sobre mesas de armazém. Foi uma lição maravilhosa sobre a produção em massa. Os vendedores foram suficientemente amáveis para me mostrar como as diferentes revistas que conhecemos – *Saturday Evening Post*, *Life*, *Time* e todas as outras – ocupavam posições dominantes nas suas bancas. Aprendi a lição, a nunca sair sem ser muito encantadora e oferecer uma bebida e talvez alguma outra forma de suborno. Não estou acima disso.

Por tais meios, então, não só aprendi a história americana através das minhas visitas a todos os estados da União, mas aprendi outra coisa: por trás das suas aparências ríspidas e tensas, que ostentavam quando me chamavam à atenção, havia pessoas que tinham um pouco de boa vontade para comigo. Talvez eu lhes lembrasse o tempo em que tinham estrelas nos olhos e partiram para encontrar pastagens onde também eles trabalhassem e não vegetassem.

Tenho um profundo respeito pelo livreiro americano. Mais do que isso, devo-lhe muito. Foi um momento triste quando finalmente decidi fechar as portas no 11 da East Forty-fourth Street.

23

Entre aqueles com quem tive experiências interessantes de PES estavam a família Mann – Heinrich e Thomas, ambos visitados por mim na Califórnia. Devo confessar que, se tivesse alguma preferência, era por Heinrich Mann. Parecia ter mais maturidade, se tal palavra se pode usar em relação a uma família tão distinta. Heinrich parecia mais razoável e, em muitos aspetos, livre de algumas das dificuldades emocionais do seu irmão; num certo sentido, estava mais dedicado, de forma amadurecida, à visão e à liberdade política. Respondi imediatamente às qualidades muito humanas de Heinrich.

Durante os meus dias de edição, publiquei *Superman* e *Small Town Tyrant* de Heinrich. A velha revista *Tomorrow* de Setembro de 1943 publicou «Two Fine Gentlemen» de Thomas Mann, excerto de *Joseph, the Provider*, parte da sua tetralogia bíblica. O meu interesse inicial em Thomas, no entanto, surgiu do facto de ele ter trabalhado com o Dr. F. von Schrenck-Notzing, quando este examinava as alegações de Willy Schneider e do seu irmão mais novo, Rudi, com quem eu trabalhara durante dois anos em Londres, sob os auspícios do falecido Harry Price, durante experiências em fenómenos psíquicos.

Percebi, pelos filhos de Mann, que todos eles aceitavam a validade dos fenómenos psíquicos. Conheceram o interesse do pai pelo assunto e seguiram-no nos seus primeiros anos, embora não creia que o tenham prosseguido depois de deixarem a Alemanha. Como a maioria dos grandes escritores, Thomas Mann foi fortemente impressionado pela literatura e pelo trabalho psíquicos, embora relativamente pouco se saiba sobre o seu intenso interesse neste campo. Pode ser que ele tivesse inimigos amargos suficientes para lidar sem tornar público o seu profundo interesse pelos fenómenos psíquicos. Dificilmente deixaria de ser impressionado pela psique, devido ao seu grande interesse pelo trabalho dos grupos místicos na Alemanha, todos os quais conhecia. O nosso interesse comum abriu-me um aspeto do seu carácter que achei caloroso e agradável. Talvez

isso o afastasse dos aspetos políticos da vida que ainda, na Califórnia, o magoavam intensamente e eram, de certa forma, responsáveis pela não realização de uma autobiografia planeada que estou certa de que ele teria terminado em circunstâncias mais felizes.

Conheci muito bem Klaus, seu filho. Tornou-se politicamente consciente, de uma forma imatura, dos muitos problemas que então surgiam na Alemanha, e começou a especular sobre o que poderia acontecer ao mundo que todos aproximávamos com algum pessimismo. Vi-o ocasionalmente durante a guerra e ouvi falar muito dele, pois estava então em treino no Campo Ritchie, na mesma unidade que Jean Andoire, gerente de negócios da minha editora.

Escusado será dizer que estes jovens checos, alemães, dinamarqueses, austríacos e outros que tinham escapado dos seus vários países estavam, em certa medida, carregados de culpa. Sei pessoalmente que Klaus era um jovem muito infeliz. Como conhecera Gide, virei a sua atenção para escrever sobre ele, e a *Creative Age Press* publicou o seu livro, *André Gide*.

Por mais que lamentasse a sua morte, de certa forma não fiquei pesarosa quando soube do seu falecimento súbito, aos quarenta e dois anos, em Cannes. Ainda ouço a sua voz a ecoar pelos corredores, enquanto procurava criar um mundo em que ele e os seus jovens amigos pudessem viver com total liberdade política. Ele queria mudança. Queria-a demasiado e demasiado cedo. O trabalho que dedicou a tomar decisões, juntamente com o seu ardente entusiasmo pela liberdade, por um lado, e o seu pessimismo, por outro, consumiu alguém que nunca parecera particularmente capaz de nadar contra a corrente dos acontecimentos na sua terra natal.

24

Os meus laços com Lord Dunsany eram talvez mais fortes do que com a maioria dos meus outros escritores irlandeses, mas então ele era considerado pelos seus amigos e inquilinos irlandeses como mais inglês do que irlandês. Passou grande parte da sua vida em Inglaterra, onde foi educado, e na Primeira Guerra Mundial combateu com os *Royal Enniskillen Fusiliers*, sobre os quais me contou inúmeras histórias arrepiantes. Não se pode mencionar o Abbey Theatre, em

Dublin, sem incluir Dunsany, nem esquecer as suas peças, algumas das quais ali foram representadas.

Passei longas e interessantes noites com Ernest Boyd e Dunsany. Boyd era ele próprio um homem de não pequeno talento literário. Era também conhecido de outro amigo, Algernon Blackwood, que me alertou para as extraordinárias capacidades desportivas de Dunsany, bem como para o seu interesse pelos fenómenos místicos. Eu já sabia algo disso, pois Dunsany era eloquente sobre o assunto quando o visitava, tanto na sua casa na Irlanda como mais tarde em Kent, Inglaterra. Estava imerso na mitologia e tinha uma maneira de erguer a sua alta estatura para uma postura militar e atenta, assegurando-vos, antes de recomeçar a andar, que acreditava plenamente no assunto. Acreditava em fadas? Acreditava, embora eu ainda fosse cética.

Não era apenas um mestre da língua inglesa, mas muitas vezes o seu conhecimento da mitologia grega surgia para nos tranquilizar de que não eram apenas os irlandeses que eram enfeitiçados, mas também os gregos. Falava amargamente dos alemães, com quem tivera alguns tratos bastante duros quando fora professor visitante durante a ocupação nazi de Atenas. Ouvi com respeito e admiração quando ele falou das suas crenças e, com o tempo, partilhei com ele as minhas próprias dúvidas quanto ao caminho que seguia na investigação psíquica.

«Não pode evitar», disse ele. «Se aceitar o meu conselho, deixará de pensar nisso e cessará de perturbar a sua imaginação com dúvidas, pois a imaginação que tem é a biga em que se deve ser transportado com nobreza.» Havia uma riqueza de seriedade nas suas palavras. Era um falador prolífico, tal como escritor. Como indiquei anteriormente, sentia-se em casa nas lendas da terra que possuía e que considerava reinos misteriosos cujas fronteiras eram as da Terra das Fadas.

Admirava a sua poesia e publiquei os seus versos e histórias. As horas que passei com ele a falar dos reinos inferiores e do pequeno povo foram de grande e duradoura fascinação. Era um bom amigo do Dr. Gogarty, com quem falava frequentemente dos acontecimentos iminentes que um dia venceriam a Inglaterra. O seu sentido clarividente do caos diplomático que então começava a manifestar-se

em certos círculos trouxe tristeza para ele, que tanto fizera, à sua maneira discreta, pelo país onde nasceu e pela terra que adotara para servir.

25

Uma figura mais contemporânea com quem lidei no mundo editorial é Robert Graves. Tive a sorte de publicar vários dos seus livros e de ele me contar sobre o seu método de mergulhar profundamente no inconsciente coletivo, onde obtinha grande conhecimento em termos abstratos. Disse-me que tinha o cuidado de verificar com estudiosos eminentes tudo o que aprendia com o inconsciente profundo. Senti-me estimulada pelos seus escritos, especialmente *Hercules, My Shipmate*, *Wife to Mr. Milton*, *The White Goddess* e *King Jesus*.

Graves era franco, pouco convencional e, no entanto, enfaticamente sério. É a sua poesia que mais gosto. Durante os anos da nossa colaboração, achei-o alegre, divertido e espiritualmente satisfatório. Admirava a parte feérica do seu carácter tanto como a ordem e disciplina alemãs na sua constituição, que tornavam os seus dias de trabalho agradáveis, estimulantes e frutíferos.

26

Um dos amigos que remontava à minha primeira infância era Oliver St. John Gogarty, cirurgião, poeta e um dos grandes atletas da Irlanda. Vivia principalmente no Condado de Galway, nos meus primeiros tempos em Meath, quando caçava e montava a cavalo atrás dos cães. Estudou medicina primeiro e mais tarde tornou-se cirurgião, bem conhecido em toda a Europa. Há muitos hoje vivos que testemunham que ele era um génio. Ouvi, numa fase inicial da minha vida, falar da sua grande proeza, e aqueles que falavam do seu conhecimento cirúrgico afirmavam que ele tinha poderes de cura supernormais. Ele nunca reivindicou esses poderes para si, embora falasse de muitas coisas, pois era um contador de histórias à vontade nos salões da Europa e da América.

Durante o tempo em que fui proprietária da *Creative Age Press* (1941-1951), ele foi um amigo e um autor com quem se gostava de lidar – espirituoso e divertido, e certamente uma pessoa com quem se

passaria uma noite animada. Com nostalgia, recordo noites passadas com ele e James Reynolds, um irlandês profissional e pintor, de cujos muitos livros publiquei *World of Horses, Ghosts in Irish Houses*, *Andrea Palladio, Baroque Splendour* e *The Grand Wide Way*.

Na companhia do falecido John Latouche, um jovem poeta e dramaturgo, Reynolds e Gogarty, o passado irlandês tornou-se novamente vivo. Embora Latouche não tivesse visitado a Irlanda, a terra dos duendes e das fadas estava na sua herança. Reynolds era ele próprio uma pequena figura elegante que muitas vezes se via no meu escritório, a contar a todos os que queriam ouvir histórias da aristocracia irlandesa, dos castelos que visitara e dos fantasmas que ele próprio libertara da miséria terrena.

Para o apaziguar, acabei por prometer que, quando o dinheiro abundasse, publicaria as suas histórias. Acabei por o fazer e assim iniciei James na sua carreira literária. Era divertido, «exclusivo» e imaginativo. O seu trabalho tinha um grande apelo de snobismo, e por isso fixámos preços altos para os seus livros e enviámo-los para uma lista comercial selecionada, acompanhados por um cartão que anunciava aos livreiros que o Sr. Reynolds certamente os visitaria pessoalmente. Não havia timidez nele. Era eloquente com as palavras, e o mais paciente dos editores testemunhará que o Jimmy acrescentou mais palavras à sua narrativa do que talvez alguma vez se tenham encontrado no dicionário Webster.

James, neste período, tornou-se um espinho na carne de Lord Dunsany e do Dr. Gogarty. Ambos, «nascidos do solo», não suportavam James a qualquer preço e eram tão eloquentes sobre ele como ele o era sobre a sua linhagem. Por pura travessura, eu convidava Gogarty para jantar para conhecer Latouche, com quem ele gostava de trocar uma boa história, e depois, como um pensamento posterior, para não perturbar a digestão de ambos os cavalheiros, tratava de que Jimmy chegasse geralmente depois de os cocktails terem sido servidos. Uma vez reunidos, os fogos de artifício começavam.

Nessa altura, Jimmy já adquirira para si vários parentes que a rápida e ágil inteligência de Gogarty procurava imediatamente

divorciar da suposta árvore genealógica de Jimmy. Ele afirmava ser parente pessoal de Joshua Reynolds, e trazia frequentemente fotografias dos bons velhos tempos em que esses antepassados estavam «a viver a grande». John Latouche, jovem e entusiasta, e o irritável Gogarty uniam-se para reduzir a cinzas as pretensões de Jimmy sobre o seu grande e nobre nascimento; mas, com todo o respeito pela proeza do jovem John e do mais velho St. John, Jimmy não se deixava calar. Gogarty levantava-se, derramando cerveja sobre as fotografias, e insistia com Jimmy, na sua cara, que ele era um impostor. No entanto, a persistência de Jimmy silenciava-os invariavelmente a ambos. Houve muitas tardes em que Gogarty telefonava e perguntava: «A senhora está? Gostaria que ela viesse jantar sem esse maldito incómodo, o Reynolds!»

Houve muitas pessoas que pensavam que Gogarty podia ser insensível. Podia ser loquaz e parecer mesquinho por amor a uma boa discussão, mas eu gostava pessoalmente dele e sentia que o mundo seria um lugar cinzento e sombrio quando ele finalmente deixasse a cena. Penso nele frequentemente e lamento que não haja ninguém como ele para alegrar os dias com um soneto espontâneo, que ele era capaz de fazer em tempo recorde, ou com um *limerick* improvisado e atrevido. Entre os seus livros, alguns dos quais publiquei, gostei mais da sua poesia. Durante a sua vida posterior, na Segunda Guerra Mundial, fez várias viagens em navios de tropas para a Europa e também para o Alasca, onde estou certa de que a sua presença não foi apenas uma bênção médica, mas também curativa, enquanto as suas histórias devem ter erguido a moral de muitos jovens e tímidos soldados. Deus lhe dê descanso – foi um grande homem!

27

De dez em dez anos, chega uma mudança que nada tem a ver com o meu eu consciente, nem é uma atitude mecânica que, uma vez adotada, me leva para novas pastagens. A regularidade deste ritmo aparece como teias físicas ou curvas flutuantes que me atraem para novos aspetos da vida e do trabalho. Há alturas em que os meus caminhos de mudança são definitivamente definidos e resolvidos para mim por doença ou cirurgia.

Foi assim que aconteceu em 1951, após dez anos de atividade editorial activa na *Creative Age Press*. O último número da *Tomorrow* literária foi publicado em Setembro. Fora concebido como um memorial às crianças de França. Nunca conseguira fazer dela uma verdadeira medida literária do tempo, porque, segundo creio, uma revista idealista deve reservar algum espaço a artigos sérios relacionados com a vida «interior», bem como com o ser objetivo. No entanto, dentro dela, aos olhos profissionais, havia uma fraqueza. O meu coração respondia à criatividade mais profunda e ao outro lado do homem – os seus conceitos espirituais.

Como mantivera os meus escritórios e um pessoal reduzido, decidi que, uma vez recuperada da minha doença, deveria dedicar as páginas da *Tomorrow* ao tema da perceção extrassensorial e temas afins. Assim, relutantemente, despedi-me do meu estabelecimento na Forty-fourth Street, que fora palco de tantas boas festas, um jardim-de-infância para jovens escritores e uma época fascinante da minha própria vida em que aprendi talvez muito sobre a humanidade em geral e sobre a escrita criativa em particular.

Encontrei outro escritório para retomar a publicação da nova *Tomorrow* e voltei a minha atenção para mais esforços de investigação. Mudei-me para a 500 Fifth Avenue. Novamente, os números da minha localização pareceram propícios para um esforço individual. Ainda havia uma divisão de interesses na minha vontade interior e objetiva, mas deixá-los-ia desenvolver o seu padrão. Sabia que havia uma forte turbulência a decorrer nas profundezas do meu inconsciente que se revelaria com o tempo. Estas atitudes de mudança são emocionantes de viver. Habitamos a fronteira da expectativa, servindo por vezes um longo noviciado.

Há uma realização nesta forma de mudança. Os princípios ativos assumem ouvidos e olhos de observação. Há uma sensação contínua de iluminação. Sentimo-nos particularmente bem, frequentemente irritados com as exigências exteriores, e no entanto, dentro de nós, permanece uma sensação de harmonia e bem-estar. Parece um conflito entre os dois estados de espírito, mas sabemos, por longa experiência, que isso é apenas o que acontece antes de poder ocorrer o nascimento de uma nova experiência na vida.

Por essa altura, chegou para mim um novo conjunto de símbolos. Comecei a tomar consciência de figuras escuras e imperiosas nos sonhos. Vi «comandantes», juízes e seres régios. Apareciam com tanta frequência que tive de tomar nota deles, pois não deviam ser confundidos com as minhas outras figuras sombrias ou símbolos de sonho, que são muitos.

Fiz uma viagem às Índias Ocidentais, onde visitei o Haiti pela primeira vez. Queria compreender algo do carácter haitiano, bem como a natureza real do vodu. O vodu evoca ideias tão lúgubres de magia negra que senti que devia explorá-lo por mim mesma. Fui recebida no Bureau de Etnologia por pessoas que levam a sua religião a sério. Estudara os escritos de Melville J. Herskovits, professor de antropologia na Universidade de Northwestern, que dirigira o programa de estudos africanos da universidade durante alguns anos e fizera estudos de campo em África, no Haiti, em Trinidad e no Brasil; e sabia que o vodu – ou *vodun*, o termo que segue a pronúncia nativa – é um complexo de crença e ritual africanos que rege em grande medida a vida religiosa dos camponeses haitianos. No Daomé, o reino da África Ocidental de onde provém o termo, *vodun* significa Deus e é aplicado geralmente a todas as divindades.

A filosofia subjacente à religião haitiana deve ser compreendida nas crenças e perceções das pessoas que adoram os seus vários *loa* ou santos. A religião objetiva do Haiti deriva da Igreja Católica. O simples haitiano vai à sua capela pela manhã; mas durante o resto do dia e do ano, essas outras divindades dão-lhe ajuda na sua vida quotidiana – para proteger a sua horta, a sua vida e a sua família. Tanto quanto pude compreender, Deus fez o *loa*, um guardião geral que cuida do espírito dos vivos e geralmente ajuda a elevar a moral de cada um e de todos.

Creio que o elemento mais marcante no culto do vodu é a maneira como se diz que os deuses possuem os seus devotos. Durante a possessão, o espírito que se alega animar cada um pode manifestar-se através de um comportamento descontrolado e imprevisível. A possessão pode ser violenta, e o devoto sob a influência do *loa* pode, por vezes, destruir o que quer que esteja ao seu alcance. Se isso acontece, deve então haver um batismo, uma cerimónia realizada pelo

sacerdote ou sacerdotisa de *vodun*, ou por alguém de igual importância na família. Como no batismo no mundo ocidental, deve haver um padrinho e uma madrinha.

Folhas da árvore *basilique* são mergulhadas em água fria perfumada, e as mãos de quem batiza são imersas no líquido. No dia seguinte, a pessoa que foi batizada vai ao local de culto da família e é saudada por aqueles que a ajudaram a alcançar o domínio de si.

Cada família tem a sua própria divindade especial que cuida de cada um desde o momento do batismo durante o resto da sua vida, mas isso não significa que aquele que foi batizado não será possuído por qualquer uma ou por todas as numerosas divindades. Os batizados sofrem uma mudança radical de acordo com a natureza do seu *loa* ou divindade, e usam a cor do deus que foi «adotado». Por outro lado, não é invulgar ser possuído pelo próprio Damballah, a divindade serpente, que é a personificação de Deus.

Na religião haitiana, a possessão não é anormal; faz parte da sua vida quotidiana. Na verdade, liberta-os da tensão psíquica, e talvez ocupe o lugar dos desejos não realizados do povo, que é muito pobre. As grandes cerimónias realizam-se em certas estações do ano e são uma parte viva da vida do povo, que leva os seus rituais muito a sério e mantém-se afastado dos *loa* «vagabundos» ou espíritos errantes.

Viram-se homens feitos a segurar firmemente as vigas do telhado onde se realiza a dança, os músculos dos antebraços formando grandes cordas, e gotas de suor a escorrer pelas suas testas durante a cerimónia. O *hungan* ou sacerdote – que pode ser homem ou mulher – passa por um treino longo e intensivo. Todas as suas canções são cantadas em adoração às muitas divindades; e espera-se que as divindades cumpram os seus deveres, que são conceder as exigências do povo por boa saúde, boas colheitas e proteção das suas famílias contra a má sorte. Com base nesta crença, a cerimónia de culto é um dos fenómenos mais impressionantes existentes hoje.

Em visitas subsequentes, fui convidada a trabalhar com alguns dos objetos mágicos, muitos dos quais são usados nas cerimónias. Deram-me os «*paquets*», ou feixes sagrados de proteção, e pediram-me que revelasse o seu significado. O *hungan* insistiu imediatamente

que eu poderia tornar-me mestre das suas técnicas e trabalhar lado a lado com ele. Senti naturalmente que isso estava além da minha capacidade de o fazer com sucesso; mas Monsieur Raoul Aglion, um representante das Nações Unidas e da UNESCO, que me levara a conhecer algumas das pessoas envolvidas, informou-me de que era uma grande honra e que eu devia concordar em participar. Fui autorizada a observar os mistérios e a liderar os ofícios, e passei a compreender algo do carácter das diferentes divindades. Deve ter havido uma forte empatia entre mim e o povo, pois deram-me todos os artefactos, especialmente os de cura, e disseram-me que eu faria sempre parte do espírito do Haiti. Aceitei o povo, como eles me aceitaram, e regressei a eles de tempos a tempos para passar por várias iniciações.

Lembro-me de uma vez, quando queriam que eu oferecesse um frango em sacrifício à minha própria divindade particular, recusei, e isso causou muito aborrecimento. O frango teve de ser morto pelo *hungan*, após o que eu seria ungida com o sangue. Uma cerimónia longa e penosa estava envolvida. Para aceitar os artefactos que me foram dados, tive de provar que era digna deles, passando pela provação do fogo. Nesta prova, segura-se as mãos sobre uma chama, e uma pedra de cura é mantida sobre elas num lenço de seda que arde, momento em que se deve apanhar a pedra ao cair.

Sabendo o que se aproximava, coloquei-me num estado semelhante ao transe e, consequentemente, as minhas mãos não se queimaram. O *hungan* permaneceu ao lado e examinou as minhas mãos com muito cuidado. Quando viu que eu não fora marcada pela chama, concluiu que eu tinha as mesmas capacidades que ele e, portanto, começou os primeiros rituais sagrados da minha entrada na comunidade. Supõe-se que, se alguém é culpado de erro humano ou de amor ao poder, isso seria revelado no primeiro rito.

A partir de então, fui ao Haiti em muitas ocasiões. Fui recebida pela comunidade, dancei as danças e entrei na cultura religiosa. Senti que não havia verdadeiro conflito ou diferença entre a estrutura e o significado da sua forma dinâmica de culto, que não se assemelha à do mundo ocidental. Estes encontros podem ter lugar a qualquer hora – na residência de funcionários do governo, bem como na cabana mais

humilde, em qualquer das grutas, perto das árvores mágicas, ou perto da água. O povo acredita em todas as leis estabelecidas pelos seus *hungans*.

A capacidade dos haitianos de manter o seu modo de vida, adaptado dos costumes da África Ocidental, deve-se talvez à simplicidade inata do povo, que é dominado pela proximidade do *loa* e pela frequente possessão pelos deuses. O verdadeiro significado está contido no coração do povo e emerge da fonte mais profunda das suas crenças. O *hungan* acredita que é verdadeiramente possuído, guardado e guiado, de dia e de noite, pelos deuses invisíveis. Por mais primitivo que pareça, garantiram-me aqueles que fizeram um estudo do assunto que o Haiti permanece fiel à marca da sua origem – a sua dança, a sua música, os ritos expiatórios e a possessão podem ser vistos em África no seu contexto religioso adequado.

Muitos dos meus amigos perguntavam como eu podia aceitar este cerimonial, que eles rejeitavam sob a acusação de histeria. Não viam que, dentro da estrutura da mentalidade afro-haitiana, se deve respeitar a devoção do povo e aceitar o seu modo de vida religioso como uma prática normal para eles. Quando se está presente numa cerimónia haitiana, onde as observâncias religiosas são obviamente gratificantes, constata-se que a batida dos tambores, que nunca cessa e que evoca os antigos ritmos africanos, é verdadeiramente significativa. Isto é especialmente verdade se se permanecer tempo suficiente com o povo para compreender, sem inibições, os significados religiosos da sua vida, que produziu uma variedade de fenómenos na arte, na escultura e noutros aspetos do eu interior do homem.

Há uma qualidade de nobreza neste povo, que está entre os menos abençoados com os bens do mundo. A terra é pobre e montanhosa; a produção agrícola é surpreendentemente escassa. Um hospital recentemente construído pelo Sr. e pela Sra. Paul Mellon está a fazer o possível para reduzir a carga de doença, atacando a raiz do problema nas próprias comunidades. Nos programas de desenvolvimento da saúde, realizou vacinações em larga escala, abriu centros de nutrição e exibiu filmes sobre higiene. Além disso, foram introduzidas medidas económicas como a carpintaria, a tecelagem e outras, para ajudar o povo a ser mais eficaz no cuidado de si próprio.

Durante este período de transição, fiz também muitas visitas à Jamaica. A crença no poder do espírito é fundamental no folclore jamaicano também, mas foi influenciada pelas instituições sociais britânicas, pela educação e pela religião organizada. No campo da medicina, por exemplo, nota-se que, embora os médicos sejam geralmente contrários à cura não ortodoxa, não fazem campanha contra ela. A falta de confiança do povo nos modos ocidentais leva-o a regressar às suas próprias crenças. Se um medicamento prescrito pelo médico não for uma infusão escura e amarga, não é aceitável. E assim, quando se sai para o campo, podem encontrar-se elaborados preparativos para um complexo ritual de cura, que pode custar muito caro.

A influência da religião organizada está dividida entre as numerosas igrejas espirituais, nominais e outras. As pessoas do campo podem aderir a uma das muitas igrejas, mas na verdade regressam ao «pastor» ou homem *obeah*, cujos poderes se pensa serem mais fortes. Um estigma social definido está ligado à associação com a religião popular, e o fosso distinto entre os grupos de classe baixa e classe média na Jamaica torna difícil que o *obeah* seja praticado abertamente.

No entanto, o homem *obeah* cumpre muitas funções para as pessoas que se apegam às suas religiões antigas. Diz-se que ele tem conhecimento particular de venenos. Frequentemente, tem uma posição na força policial, onde cumpre os seus deveres para com o governo durante o dia, mas à noite volta a sua atenção para o povo, que ainda acredita no tratamento à base de ervas, no qual ele é especialista. Tarde da noite, quando a população britânica está a dormir, os materiais selecionados para capturar, expulsar ou aplacar o espírito são espalhados sobre uma mesa. Então, o ritual prossegue com canto, dança, banquetes e, em muitos casos, possessão espiritual durante três ou mais dias. No banho de sangue, considerado o expediente mais poderoso, um pombo é sacrificado sobre a cabeça daquele que há de ser curado.

O noviço geralmente confia nos espíritos para ditar o modo de tratamento, bem como os ingredientes da receita. Estes ingredientes são por vezes misturados com líquidos e pós farmacêuticos, que

podem ser obtidos na farmácia a baixo preço. O conhecimento das ervas é amplamente conhecido na Jamaica, especialmente pelos pastores ou homens *obeah*. Ao mesmo tempo, a maioria das pessoas só recorre aos curandeiros em situações de emergência. O honorário médico é cerca de duas ou três vezes superior ao honorário do curandeiro. A prática destes ritos antigos está, no entanto, a desaparecer, uma vez que a atenção gratuita nos hospitais do governo está agora facilmente disponível na Jamaica.

As danças formais, como as que vemos no *vodun*, são realizadas longe de Kingston, a sede do governo. Como o tambor não é permitido na Jamaica, o curandeiro canta uma hino ou uma canção antiga, e todas as pessoas acompanham ritmicamente enquanto ele bate com o pé direito. Durante esta performance, ele emite um som semelhante ao de uma trompa, que é conhecido como «soprar para atrair a atenção dos espíritos». Roda lentamente em torno dos seus pacientes, fazendo uma pausa duas vezes para levantar a mão enquanto o seu corpo se enrijece; e há momentos em que tropeça, lembrando-nos da possessão que ocorre no Haiti. Todos cantam durante este tempo, enquanto o ritmo das batidas continua. As palavras estão numa língua que, para o ouvido ocidental, soa como sílabas sem sentido, mas para os pastores são consideradas revelações diretas dos espíritos.

Como notei, este período da minha experiência fora prenunciado pelos símbolos dos sonhos. Os símbolos destas pessoas coloridas ocorreram frequentemente antes de eu visitar as Índias Ocidentais. Assim, não é de admirar que se deva dar crédito à mente inconsciente, pois ao longo da minha vida ela continua a oferecer provas que coincidem com eventos que se cumprem. Parece que o destino de cada um está contido no sonho, para ser desdobrado como o plano do engenheiro. Cada símbolo contém a ideia que traz à liberdade a vida criativa que nele reside.

Há alturas em que o sonho fornece tanto material que me dou uma sugestão antes de dormir para não me lembrar até ter lidado com o que já foi apresentado para exame. Notou-se, durante o meu trabalho de registo electroencefalográfico da mente sonhadora, que não entro em sono profundo, mas permaneço na periferia do inconsciente.

Talvez seja por isso que o inconsciente me apresenta tantas diversões; e as cisões na minha personalidade podem novamente explicar grande parte deste material que, no meu caso particular, se torna tão facilmente acessível.

É como se, no domínio do meu ser, houvesse três divisões separadas a trabalhar, não apenas em transe, mas na minha experiência coletiva diária. Enfrentei a cirurgia tantas vezes que não a considero mais do que outra experiência. O meu médico aconselha que se leve um tempo considerável para permitir que o anestésico faça efeito e me prive da minha vontade consciente antes de uma operação. Diz que o anestesista presente fica sempre surpreendido com a quantidade necessária para me colocar sob efeito. Suspeito que, inconscientemente, estou ansiosa por descobrir e lembrar o que acontece enquanto a mente entra noutra zona «crepuscular».

Proponho-me sempre a tarefa de fazer perguntas específicas e trazer respostas. Lembro-me invariavelmente delas por volta do terceiro dia após uma operação. Assim, sem querer, posso estar a criar uma barreira que não permite que a mente aceite rapidamente as substâncias anestésicas, interferindo portanto com o processo de perda de consciência. É verdade que a mente imóvel me apresenta imagens muito iluminadoras no momento em que recupero a consciência, momentaneamente cheia de cor e alegria.

Um dia, durante este período, tive uma experiência auditiva que trouxe para foco os meus planos para criar uma fundação de investigação. Na periferia do sono, ouvi uma voz que me dizia que eu devia recuperar e construir um «edifício» que honrasse o assunto a que dedicara a minha vida, por mais ambivalente que essa devoção possa parecer ao leitor. Acordei com um sentimento de profunda convicção de que devia começar a construir uma nova estrutura contendo os melhores elementos do meu próprio trabalho.

Após alguns dias de reflexão, evoluíram planos para uma conferência periódica, a realizar no seio de uma universidade, que consistiria em estudantes de parapsicologia de todas as idades; e para uma fundação de investigação que ajudaria os estudiosos a explorar novos campos, bem como introduziria os jovens ao vasto corpo de

literatura agora armazenado nas salas dos vários gabinetes de investigação psíquica. Grande parte desta literatura era valiosa e precisava de ser tornada acessível a uma nova geração para quem o campo da investigação psíquica não fora evidente, especialmente durante os anos de guerra.

Finalmente, os planos para uma conferência tomaram forma clara. Esbocei também o que uma fundação dedicada a fins educativos poderia esperar realizar. Acima de tudo, queria trazer à atenção de estudiosos distintos um assunto que um dia teria de compelir a sua atenção e a do mundo, se o homem quisesse compreender algumas das motivações mais profundas do seu próprio ser. Durante os meus anos de investigação, descobri que havia estudiosos em vários países empenhados em trabalho pioneiro. Embora muitos deles estivessem isolados dos seus colegas de outras terras, estavam todos igualmente ansiosos por avançar para além da ortodoxia dogmática em direção a técnicas que já lhes estavam a ser reveladas pelos extraordinários «mecanismos» que a guerra e as suas consequências revelaram. Muitos deles escreveram-me então, falando da sua própria libertação espiritual dos velhos métodos de pensamento. Perguntavam onde encontrariam literatura que fornecesse alguma iluminação e apontasse o caminho para uma melhor compreensão das suas próprias capacidades em desenvolvimento e do papel misterioso que começara a mudar as suas vidas, tornando-os recetivos a verdades que outrora eram inaceitáveis.

Curiosamente, muitos destes inquiridores estavam já na teologia e viviam em comunidades religiosas ortodoxas. Não era que desejassem escapar à ortodoxia, mas que, a partir de dentro, a pudessem definir mais facilmente. Não procuravam pontos de vista opostos, mas antes um caminho de compreensão mais profunda do que estava a acontecer às suas próprias vidas e dentro das vidas de muitos dos seus congregados.

Vi então o meu trabalho como dividido em três áreas distintas. Primeiro, concebi a necessidade de encontrar recursos que pudessem fornecer bolsas àqueles que procurassem um horizonte mais amplo na leitura.

Segundo, isso envolveria uma biblioteca e uma estrutura de relações públicas para responder às exigências de literatura e eventual estudo para aqueles que pudessem estar prontos a trabalhar num ambiente parapsicológico. Finalmente, haveria a necessidade de reunir estudiosos de diferentes países para discussão, bem como a necessidade de manter contactos vivos, se daí resultasse um eventual avanço da discussão teórica para a ação. Estes eram, portanto, os objetivos a alcançar, se eu quisesse tirar a investigação psíquica do campo do anormal, do excêntrico ou do irreal, e reunir aqueles que compreendiam as forças inconscientes profundas em ação que levam as pessoas a procurar trabalhar com médiuns.

A Honorável Frances Payne Bolton – que fizera muitas contribuições para o trabalho da parapsicologia e que fora responsável pela criação do Fundo de Investigação McDougall na Universidade Duke durante a vida de William McDougall – mostrou-se solidária com as minhas necessidades e forneceu os fundos para estabelecer uma fundação.

Senti que as pessoas que melhor compreenderiam a minha motivação para ter tal fundação seriam aquelas empenhadas na prossecução da saúde mental, como os psiquiatras e os neurologistas. À medida que continuava a ser compelida pela visão do que tal fundação poderia proporcionar, tornou-se óbvio que um estudo destes problemas sob os auspícios de uma universidade poderia dar ao assunto a dignidade que ele exigia.

Os velhos conceitos de energia e matéria, tempo e espaço, não eram suficientes para a solução destes problemas. Eram necessários novos métodos para lidar com a mente humana. Sabia, pela minha própria experiência, o quanto a vontade «espontânea» estava envolvida na produção de fenómenos psíquicos.

Tracei muitos dos padrões de várias doenças até ao mau funcionamento glandular dentro do sistema endócrino. A partir de muitas observações de mim mesma e de outros tão dotados, sabia que não bastava ser mediúnica; era necessário compreender os significados e funções da mente e do corpo, e patrocinar experiências científicas mais extensas. Isto exigiria reunir homens de diferentes

opiniões científicas. Outras conferências tinham-se realizado em intervalos regulares antes da guerra, mas os fundos eram escassos ou já não estavam disponíveis para uma nova geração de estudiosos. Houve uma rutura na continuidade dos esforços de líderes agora cansados, ou velhos, ou sem o ímpeto para continuar. Senti que chegara o momento de aplicar métodos modernos no campo da investigação psíquica e, assim, estimular novamente a evolução do pensamento progressivo. Sabia que era necessário vencer o preconceito contra uma médium envolvida num programa como o que imaginei, mas os tolos entram onde os anjos temem pisar!

A visão fora-me concedida e, apesar de muitos obstáculos e desencorajamentos que encontrei, para não mencionar a oposição aos planos, consegui finalmente estabelecer um comité internacional de dezasseis membros de diferentes países. Na quarta-feira, 29 de Julho de 1953, a primeira conferência começou na Universidade de Utrecht, na Holanda, sob a competente presidência do Professor Gardner Murphy.

28

No dia 25 de Dezembro de 1952, como centenas de turistas na Jamaica tradicionalmente fazem, visitei a Rose Hall.

O espírito com que procurei comunicar era o de Annie Palmer, a cruel e dominadora senhora de Rose Hall, que se dizia ter assassinado três maridos e praticado bruxaria. De ascendência anglo-irlandesa, supostamente fora educada no Haiti e aí aprendera a prática de feitiços, que usava para aterrorizar os seus dependentes e outros que incorressem no seu desagrado.

Os restos dilapidados e abandonados da grande casa na famosa propriedade açucareira de Rose Hall sempre intrigaram os historiadores das Índias Ocidentais Britânicas. Foram também tema de muitos romances, dos quais o mais conhecido é *The White Witch of Rose Hall*, de H. S. Lisser. É, portanto, fácil compreender porque é que as minhas experiências para estabelecer contacto com a lendária senhora de Rose Hall atraíram a atenção de grande parte da população da Jamaica. Não houve, claro, da minha parte, qualquer desejo de desacreditar a lenda ou de oferecer uma nova versão dos

acontecimentos que ocorreram mais de um século antes. A minha foi unicamente uma tentativa de descobrir as realidades humanas que existiam por detrás desta lenda histórica.

Segundo a lenda, a propriedade de Rose Hall passou pelas mãos de muitos proprietários. Permaneceu fechada e desocupada por períodos de até vinte anos seguidos, e finalmente atingiu um estado lastimável de abandono e degradação. Mas no início de 1820, um novo regime começou. Para uma mansão restaurada e remobiliada, John Rose Palmer trouxe de Inglaterra a sua noiva, Annie Palmer.

A lista de distribuição dos negros no jornal da propriedade Rose Hall assegura-nos que, desde o início, o jovem casal manteve um estabelecimento considerável e viveu a vida de proprietários de plantação de posição. De 1820 a 1836, a grande casa teve sempre oito ou nove criados, e a plantação foi mantida a um alto nível de produção.

Da ascendência, família e nacionalidade de Annie Palmer, pouco se sabe com certeza. A tradição descreveu-a como «morena, bela» e, inevitavelmente, de disposição muito «altiva». É também descrita como meditativa, inquieta e, quase desde o início, geralmente insatisfeita com a sua nova vida nas Ilhas. Eventualmente, como a história é dramatizada por Clinton V. Black em *Tales of Old Jamaica*, John Palmer descobriu que a sua mulher mantinha um caso com um jovem escravo. Enfureceu-se, bateu-lhe e proibiu-a de voltar a ver o homem.

Naquela noite, o vinho que bebeu antes de se deitar estava envenenado. Enquanto jazia no seu quarto, impotente na agonia, a sua mulher entrou com o escravo atrás dela e ficou ali com um riso de escárnio nos lábios. O homem moribundo lançou-lhe maldições, até que, para o calar, ela ordenou ao escravo que o matasse. A história diz que ele foi sufocado antes de o veneno fazer pleno efeito.

Quanto ao que aconteceu ao corpo de John Palmer, a história de nada nos serve. Nunca se descobriu qualquer sepultura para ele.

A Sra. Palmer era agora a única e indiscutível proprietária e feitora de Rose Hall. Apenas uma preocupação toldava a sua jubilação. Poderia alguma vez ser verdadeiramente livre, perguntava a

si mesma, enquanto vivesse o escravo que partilhava a sua culpa e segredo? Só havia uma resposta. Como Black descreve:

Ela esteve presente no dia em que o fizeram. No dia em que o açoitaram até à morte, amarrado e amordaçado. Sentou-se no seu alto cavalo negro, a dez jardas de distância, e observou até que tudo acabou. Durou muito, pois ele era jovem. Mas a mordaça estava bem colocada. Nenhuma palavra escapou dos seus lábios e até os seus gritos foram quase sufocados.

Com a sua liberdade assim assegurada, a Sra. Palmer aparentemente perdeu qualquer vestígio de discrição que anteriormente encobrira a sua prática favorita – que era vestir-se com roupas masculinas ao fim da tarde e cavalgar pelas suas propriedades, aplicando o seu chicote nas costas de quaisquer negros que fossem descuidados ao ponto de serem apanhados fora dos seus limites.

A partir desta época, os registos da propriedade indicam números decrescentes de escravos; este facto reforça os relatos de que o tratamento dispensado aos negros nas propriedades de Palmer era tão cruel que escravo após escravo desertava. Os que permaneciam só o faziam por intenso medo da sua senhora, que – embora branca – se acreditava ter os poderes do *obeah* a ajudá-la.

Um missionário escocês, o Reverendo Hope M. Waddle, relata num volume da sua experiência no distrito naquela época que vira «as coleiras de ferro e os pregos usados por uma senhora proprietária local para os pescoços dos seus escravos».

Naqueles dias, propriedades como Rose Hall eram obrigadas a manter um certo número de homens brancos em proporção a um dado número de escravos, e em Rose Hall isso equivalia a um bom número. Para completar o número, os mestres-artesãos eram importados. A tradição na vizinhança declara que a Sra. Palmer teve ligação após ligação com estes homens, nenhum dos quais era casado.

As histórias contadas pelos criados da casa de Rose Hall e pelos seus descendentes insistem que muitos daqueles com quem ela se envolveu tiveram um fim prematuro. O veneno é apontado como o principal meio empregue; mas devido às circunstâncias prevalecentes, a causa da morte era geralmente atribuída publicamente a uma febre

perigosa. Quantos homens terão tido este fim não se sabe com certeza, mas a recordação imorredoura e imutável do distrito insiste que houve vários.

Até hoje, permanecem no chão do quarto virado a norte, na frente de Rose Hall, duas manchas que são consideradas o sangue de um dos seus infelizes amantes. Segundo a história tantas vezes contada, ela cansara-se do homem e, seguindo o seu costume estabelecido, encontrara um sucessor. Para impedir qualquer tagarelice indiscreta por parte do pretendente rejeitado, fizera uso mais eficaz de um punhal.

Uma mancha mostra claramente a forma de um calcanhar e da planta do pé de uma mulher, enquanto a outra marca o local onde a vítima caiu. Um cientista americano que examinou estas manchas acredita que o ferro no sangue, em certas madeiras, criaria precisamente manchas indeléveis como estas.

Após este incidente, diz-se que a mulher contraiu um segundo casamento, desta vez com um tanoeiro branco da propriedade. Neste caso, a tradição é bastante distinta e coerente. Diz-se que o tanoeiro se mantinha distante da Sra. Palmer. Finalmente, ela arranjou encontrar-se com ele na estrada, onde, embora excelente amazona, conseguiu perder o controlo do seu cavalo e ser atirada ao chão. O tanoeiro desmontou para a ajudar e, antes de ele ter montado novamente, ela já fizera a proposta. O tanoeiro concordou com o casamento, mas à primeira oportunidade diz-se que a abandonou e deixou o país.

Por esta altura, a Sra. Palmer era verdadeiramente uma excluída da sociedade – odiada e temida pelos seus negros, evitada pelas pessoas da sua própria classe. Os seus escravos estavam convencidos de que ela podia comandar os poderes da magia negra. Fosse verdade ou não, a senhora nunca fez nada para desmentir o rumor. Funcionava demasiado a seu favor.

Segundo os cronistas Joseph Shore e J. Stewart, certamente funcionou a seu favor quando o terror dos seus misteriosos poderes, que dominava a mente negra, só por si a deve ter salvo das suas mãos e de uma morte cruel na terça-feira, 27 de Dezembro de 1831, quando os canaviais da propriedade foram incendiados por escravos

revoltados. Desta morte escapou, apenas para encontrar uma igualmente horrível às mãos de um dos seus amantes – ou maridos. De qualquer forma, numa manhã de 1833, os escravos da propriedade atearam fogo à cama em que encontraram o seu corpo estrangulado e mutilado. Aquela que temeram em vida foi igualmente temida na morte, e nenhum negro, segundo uma versão da história, se mostrou disposto a cavar-lhe a sepultura. Os proprietários vizinhos tiveram de vir a Rose Hall, onde ordenaram aos seus cocheiros que preparassem um local de enterramento.

Enterraram-na – sem filhos, sem amigos e sem luto – no centro de um jardim, na ala nascente da grande casa, marcando o local com uma modesta pilha quadrada de alvenaria de dois pés de altura.

Assim vão a história e a lenda.

Na minha primeira visita a Rose Hall, fui acompanhada pela minha secretária e por alguns amigos. Isto não foi de modo algum uma «experiência» nem sequer um prelúdio de uma. No entanto, imediatamente, e mesmo antes de entrar na casa, fui dominada por impressões clarividentes. Estas impressões foram registadas estenograficamente pela minha secretária, e cito aqui diretamente das suas notas.

«É o lado esquerdo da casa que parece mais potente, e não tão destruído como o resto da casa. Imaginaria que, nos dias em que as pessoas começaram a alarmar-se com assombrações aqui, isso vinha da ala esquerda. Parece haver um estilo de decoração inteiramente diferente do lado direito.

"O gosto da Senhora Palmer para si mesma tinha um efeito quase espanhol – tipo castelo, halls amplos, salas largas e arejadas. O lado esquerdo era mobilado de forma mais austera. Havia uma separação mesmo na arquitetura e nos móveis.

"Tenho a impressão de que ela tinha medo do primeiro homem que escolheu. Ele pode ter sido envenenado lentamente, e causa-me uma impressão duradoura mais do que os outros. As probabilidades são de que ele possa ter sido em grande parte responsável. Era uma pessoa rude – e tratou-a muito mal.

"Não tenho impressão das outras pessoas envolvidas, mas penso que este homem moldou a sua vida. Se alguém 'vê' alguma coisa em Rose Hall, a impressão seria dele e não dela.

"Ele pode ter sofrido por muito tempo – parece ter tido um período longo, prolongado e mau ali, e pode ser que a sua presença ou impressão seja bastante mais potente do que a dela.

"Ela não é de todo tão atraente como é relatado. Parece-me ter cerca de quarenta e oito anos quando foi morta. Tem-se a impressão de cabelo negro e olhos azuis muito brilhantes e estimulantes. Ela deve ter sabido que a sua vida estava em perigo, pois estava a tentar fugir. Quando me coloquei perto da árvore, tive esta sensação do seu terror.

"É bem sabido que ela usou esta árvore, pois as suas folhas são potentes ainda hoje, e ainda é vista com suspeita, porque foi perto desta árvore que ela foi espancada, violada e finalmente morta. Sinto clarividentemente que ela sofreu durante a noite; parece dizer: 'Nada crescerá ou florescerá ou dará fruto. Nenhuma criança nascerá aqui. Morri sem ser santificada, mas a força da minha vida não está gasta, apenas o meu sangue. Há algo forte, e isto os homens recordarão.'

"O seu primeiro marido era estranho, sádico, irritado, cruel, e vivia naquela parte da casa. Esta parte da casa pertencia a ela. Ela diz: 'Vai-te embora. Os ventos da eternidade não apagarão o seu crime nem diminuirão a minha vontade.' Ela implica que pagou demasiado caro por este lugar que era seu, e está determinada a que ninguém faça crescer este jardim. Ela volta para que ninguém possa viver aqui. Não tem arrependimento, e volta apenas para ver se a maldição ainda é eficaz.

"Finalmente, ela diz: 'Levaram-me a fazer o mal; há outros igualmente infelizes.'"

Uma experiência do tipo aqui descrito não pode ser conclusiva a menos que revele dados factuais que possam ser verificados com os contidos em arquivos, registos civis ou outras fontes inquestionáveis. No caso da «bruxa branca», a corroboração foi difícil e, na maior parte, impossível de obter. Num ponto menor, no entanto, a confirmação foi estabelecida. Durante a minha última visita a Rose

Hall, afirmei que alguns membros da família Palmer tinham sido enterrados na propriedade. Isto foi primeiro negado, mas mais tarde uma lápide foi descoberta na secção da propriedade por mim indicada.

O significado e o interesse das experiências em Rose Hall são óbvios, se pensarmos no número de lendas ligadas a locais históricos ou ruínas em todo o mundo. Na busca da verdade, a tentativa de contactar, através de uma sensitiva, a realidade do passado pode alargar a nossa compreensão das tragédias humanas simbolizadas hoje por velhas lendas.

29

O sonho de realizar conferências internacionais anuais pareceu um pouco irreal aos grupos de trabalho que reuni em Utrecht em 1953. O Dr. Gardner Murphy fez o discurso de abertura, apresentou os resumos das comunicações e elogiou altamente o espírito, a realização e a promessa que eu fizera de continuar as conferências.

Claro, não devemos esquecer que o falecido Carl Vett começara a realizar reuniões de natureza semelhante no período entre as duas Guerras Mundiais, e conferências subsequentes foram realizadas em Varsóvia em 1923, Paris em 1927, Atenas em 1930 e Oslo em 1935. Um número considerável de homens e mulheres, distintos em muitos ramos da ciência e do saber, participaram nestes congressos e apresentaram comunicações. Foi então criado um comité permanente composto por Sir Oliver Lodge, Professor Charles Richet, Dr. F. von Schrenck-Notzing e, após a morte deste último, Professor Hans Driesch, com Carl Vett como secretário organizador.

Desde a conferência em Utrecht, continuei a realizar uma conferência anual em Le Piol, em São Paulo-de-Vence. Gostaria de registar aqui a dívida que devo reconhecer a todos os estudiosos que vêm de longas distâncias para participar nestes encontros. Estas reuniões realizam-se de acordo com as resoluções da Conferência de Utrecht. Outras conferências foram realizadas de tempos a tempos em Londres, Paris, Cambridge e Nova Iorque, mas nos últimos anos uma sala de conferências em Le Piol foi estabelecida como sede europeia permanente.

Como esta é uma pequena fundação de meios relativamente modestos, a tentação de diversificar as atividades tem de ser resistida. No entanto, as fronteiras que têm acenado durante estes anos têm grande fascínio para os estudiosos dedicados, antigos e novos, que se aproximam delas, e avançámos em várias direções que encerram considerável promessa. Por exemplo, em Nova Iorque, em Novembro de 1958, houve uma conferência sobre psicadélicos (nome dado pelo Dr. Humphry Osmond). Os aspetos da mente humana que são revelados por substâncias químicas – LSD-25, psilocibina, ololiuqui e outras – têm uma estreita semelhança com certos fenómenos parapsicológicos, e são de nosso interesse, tal como o são para a psicologia e a farmacologia.

A reunião de Nova Iorque foi a primeira do seu género, uma troca preparatória de ideias, seguida por uma conferência em Julho seguinte em Le Piol. Participaram participantes de diferentes países da Europa, do Canadá e dos Estados Unidos. A reunião abrangeu medicina, psiquiatria, psicanálise, farmacologia, antropologia e parapsicologia. Foi formado um comité de continuidade conjunto para ajudar a prosseguir o trabalho e encorajar o intercâmbio interdisciplinar de informações que pudesse ter significado para o desenvolvimento da investigação psicofarmacológica. Olho para trás, para a conferência de Utrecht e para a de psicofarmacologia, como duas das mais cruciais. Além de imprimir relatórios sobre estas conferências, a fundação publica o *Newsletter* bimensal e o *International Journal of Parapsychology* trimestral.

Por essa altura, o Dr. Montague Ullman perguntou-me se eu estaria interessada em tornar-me uma das participantes nos seus estudos de sonhos, que envolviam sujeitos que entrariam em transe hipnótico, onde imagens em sono e sonhos envolvendo telepatia seriam recebidas. O propósito do estudo original era ver o que aconteceria ao sono quando um alvo fosse colocado noutra sala ou edifício – especificamente para ver se o alvo poderia influenciar a mente sonhadora. Fui uma das primeiras a submeter-me à fase do sono e a ver se um estado de espírito propício à comunicação telepática fora produzido. Isto continuou por várias sessões antes de o Dr. Ullman

conseguir estabelecer o seu próprio laboratório de sonhos no Hospital Maimonides, no Brooklyn, Nova Iorque.

Na conferência de Junho de 1967 em Le Piol, o Dr. Ullman e a sua equipa puderam mostrar várias das imagens-alvo e, ao mesmo tempo, abordar as maneiras pelas quais o sonhador se encontra em contacto com o alvo. Esta foi uma abordagem refrescante para a medição de experiências internas e subjetivas, e espero que em breve chegue o momento em que a correlação entre as experiências com LSD possa ser adequadamente avaliada. Tal trabalho, que com uma boa gestão médica dá ao sujeito adormecido uma sensação de relaxamento e conforto, bem como uma sensação de bem-estar, é naturalmente de grande ajuda para toda a área da investigação psíquica. Quando os relatórios forem finalmente publicados, abrirão, estou certa, muitos outros assuntos a serem avaliados, especialmente o cuidado de pacientes com doenças fatais. Fiquei particularmente feliz por participar no início e depois por ter uma conferência onde o sistema, com os seus relatórios únicos por vários membros da equipa do Dr. Montague, deu a outros investigadores presentes um novo aspeto do que pode ser feito de forma saudável no tratamento de doenças a níveis psicológicos.

Li o livro de D. Grey Walter sobre o cérebro vivo e concluí que ele seria a pessoa com quem trabalhar num estudo do cérebro, do seu funcionamento e da sua possível ligação com o ego. Escrevi-lhe e contei-lhe do meu interesse, ao que ele respondeu e me convidou a ir a Bristol, em Inglaterra, o que fiz. Com o equipamento electroencefalográfico, ele pôde fazer testes durante a hipnose, a clarividência, o transe e, finalmente, sob a influência do LSD-25. Embora não tenha feito um relatório extenso sobre este trabalho, ele possui em seu poder várias centenas de assinaturas cerebrais minhas que, com o tempo, repousarão nos arquivos da Fundação de Parapsicologia. Mais tarde, realizámos uma conferência em Le Piol, onde o Dr. Walter discutiu os resultados. Só posso dizer que as suas observações gerais indicaram que não havia mau funcionamento do cérebro que pudesse explicar o meu carácter de «outro».

Durante seis anos, a fundação continuou uma investigação que se preocupava principalmente com a sobrevivência da personalidade

humana e incluía testes extensos com sensitivos noutros países, bem como em Nova Iorque. Após seis anos, decidi que a Sociedade Americana de Investigação Psíquica estaria mais apta a continuar este trabalho. Então, decidi usar as instalações para construir uma biblioteca, que ainda se desenvolve rapidamente. Em ligação com isto, Allan Angoff e Fraser Nicol dedicam igual tempo a reunir livros raros de diferentes países. Hoje, não é a conversão dos céticos que nos preocupa, mas sim procurar livros para ter à mão para os numerosos estudantes que visitam a biblioteca diariamente. Deve entender-se que este não é um trabalho missionário, mas antes um trabalho destinado a estimular o interesse sério por uma fronteira que um dia se aliará à ciência. O trabalho ocupa todo o meu tempo, mas embora a causa seja séria, mantenho-me serena.

O *International Journal of Parapsychology*, que estabeleci há quase uma década, continua a cumprir o objectivo que lhe tracei no primeiro número. «A nova publicação», escrevi no número de Verão de 1959 dessa revista periódica, «terá a função específica de atuar como uma ponte de dupla via entre o campo dos estudos parapsicológicos e a comunidade científica como um todo; os parapsicólogos terão a oportunidade de falar a outros estudiosos...

A Fundação de Parapsicologia espera que o novo trimestral ajude a preencher uma série de lacunas existentes no campo da apresentação académica...» Desde esse anúncio, a revista continuou a aparecer sem interrupção, e embora tenha necessariamente de ser uma publicação de circulação modesta, na verdadeira tradição do jornalismo académico, continuo a sentir-me encorajada ao notar a lista dos nossos assinantes, particularmente as muitas bibliotecas universitárias, onde está disponível para a geração vindoura de leitores e estudantes que devem agora dar à parapsicologia as novas direções para a investigação continuada.

A fundação, nestes anos, procurou consistentemente encorajar a investigação parapsicológica no seio das universidades e entre estudiosos com reputações científicas firmemente estabelecidas. Para este fim, continuaremos a dar bolsas para o trabalho pioneiro que será continuado por jovens investigadores individuais.

A Fundação de Parapsicologia não endossa nenhuma técnica específica de estudo ou investigação, mas encoraja atividades em áreas que pareçam oferecer possibilidades de realização científica séria dentro da nossa área de investigação.

E finalmente, no meio de muitas discussões técnicas e científicas, lembro-me sempre das palavras do falecido Aldous Huxley, que nos lembrou que, se quisermos obter uma compreensão mais plena do desafio que enfrentamos, não devemos negligenciar a área do que ele chamou de «consciência pura». Não vivemos num mundo de conceitos, mas temos de ser capazes de viver num mundo de subjetividade pura e recetividade, bem como de ser capazes de passar de um para o outro – pois se vivermos apenas num dos mundos, somos sub-humanos.

A parapsicologia tem a vantagem de se mover entre os dois mundos de que Huxley falava continuamente, sem demasiados dos entraves que dificultam outras áreas da ciência. Para ser aceite no mundo da ciência, a parapsicologia deve permanecer flexível, livre para estudar e experimentar nas regiões inexploradas e interiores da mente do homem. Nunca deve perder a recetividade a ideias e métodos que agora contribuem para a sua posição única e desafiadora no pensamento científico moderno.

Para que a menção do trabalho em terapia psicadélica não seja mal compreendida, gostaria de salientar que estas reuniões são frequentadas por médicos que trabalham nos seus diferentes centros. Desde a descoberta das substâncias químicas, o trabalho de cura é realizado por médicos, principalmente na Suíça; enquanto os de outros países trabalham em hospitais com o pleno conhecimento dos seus respetivos governos. Há indicações de que este trabalho trará grandes benefícios no tratamento de doenças terríveis como o cancro. Tudo isto é apenas um começo no desenvolvimento de métodos de relaxamento que podem ser introduzidos para tornar mais fáceis as consultas cirúrgicas e proporcionar algum alívio positivo para casos terminais.

30

Entre os meus amigos mais valorizados estavam Aldous Huxley e sua mulher, Maria, ambos frequentemente presentes nos meus pensamentos ultimamente.

Maria era tudo para Aldous: sua mulher, amada companheira, motorista – na verdade, os seus próprios olhos. Ela e eu tínhamos uma relação de trabalho especial a um nível subconsciente profundo. Depois de ela adoecer, dependia de mim para «saber» quando chegaria o momento do nosso último encontro.

Estava no sul de França, onde Aldous completou um artigo para a revista *Tomorrow*, «Heaven and Hell», mais tarde publicado em forma de livro pela Harper. Uma noite, sonhei que os fios da vida de Maria se encurtavam. Liguei-lhe em Paris. Contra o conselho do médico, ela veio ter comigo para uma última visita, para conversar e fazer as nossas despedidas. Foi um tempo de partir o coração. Mas a certa altura, quando perguntei o que aconteceria a Aldous, ela respondeu com uma surpreendente indiferença: «Não passará muito tempo antes de ele se juntar a mim... tempo suficiente para eu me fortalecer para o dia da sua "volta a casa".»

No dia em que Maria morreu, assistira a uma peça na Broadway. Ao entrar no meu automóvel para me ir embora, senti uma presença quente no carro e ouvi uma voz que dizia: «É a Maria. Estou em segurança do outro lado e vi o Pepe.» (Pepe era um amigo dos Huxley que eu conhecera uma vez, mas não sabia que ele morrera.)

Durante os três dias seguintes, estive muito consciente da presença de Maria. Pequena e atenciosa, disse-me que queria que Aldous soubesse que ela o ouvira a ler em voz alta do *Bardot*, e que ele falara dos seus dias felizes em Itália e em «Victorville». Insistiu comigo que ele devia ser informado de como ela fora ajudada a atravessar pelo seu amor e compreensão durante o período inconsciente que precedeu a sua morte.

Mais tarde, durante uma das minhas sessões com LSD, ela sentou-se ao meu lado, estendeu a mão e disse: «Toma o meu pulso.» Era tão diferente do meu que não tive dúvidas sobre a sua presença naquela manhã.

A minha última experiência com Maria foi no dia do assassinato de Kennedy. Estava prestes a regressar de carro de Filadélfia, depois de uma visita ao Padre William Maloney, presidente do St. Joseph's College, onde o Dr. Carroll Nash e sua mulher trabalhavam. Ao sair pela porta, alguém me disse: «O Presidente foi baleado!»

«Impossível», respondi. «Acabei de estar com ele.» Apressei-me a ver o que acontecera. Entrei apressadamente na sala e perguntei-lhe: «Padre, foi atacado?»

Ele respondeu: «Não, minha filha, outro irlandês nos foi tirado – Jack Kennedy, Deus lhe dê descanso eterno!»

O impacto da notícia chocante foi tal que, no caminho de casa no carro, mal me apercebia das coisas à minha volta. Naquela noite, num sonho, Maria disse-me: «Está terminado. Ele está a dormir agora.» E foi assim que soube que um grande amigo e companheiro maravilhoso – Aldous Huxley – partira de cena.

Aldous estivera intensamente interessado na fundação. Foi ele quem sugeriu que ela patrocinasse um novo estudo do mesmerismo, para que os estudantes atuais, especialmente no campo da hipnose, pudessem ter acesso a ele. A fundação deu as bolsas necessárias a estudiosos em diferentes países, e o trabalho foi iniciado durante a vida de Aldous. O Dr. Eric J. Dingwall, o notável antropólogo, encarregou-se da gestão do extenso material. Os primeiros dois volumes desta obra, *Abnormal Hypnotic Phenomena: A Survey of Nineteenth-Century Cases*, foram publicados por J. & A. Churchill, os editores londrinos, em Janeiro de 1968. Dedicam-se ao hipnotismo em França, Bélgica, Países Baixos, Alemanha e Escandinávia; os últimos dois volumes serão publicados no final do ano e cobrirão a Rússia e a Polónia, Itália, Espanha, Portugal, América Latina, Estados Unidos e Grã-Bretanha.

Ainda sinto, de tempos a tempos, o calor da crítica e imprevisível «admoestação» de Aldous Huxley sobre mim. Ele estava sempre preocupado com o «admirável mundo novo» perdido, à medida que a mecânica do progresso se apoderava para transformar num planeta robotizado aquele que ele conhecera e amara. Sussurrava com tristeza a Maria e a mim que as almas dos homens se tornariam cegas às

belezas do planeta, à medida que a demanda pelo progresso varresse os seus incentivos para proteger e preservar um mundo que lhes fora apenas emprestado durante a sua breve aparição. Profundamente sóbrio, mas sempre analítico e sensivelmente sábio, tinha um profundo pressentimento de que a América estava a perder a sua capacidade de estadista no seio da família mundial. Viu claramente os presságios de guerra e destruição, e foi um profeta do seu tempo.

31

Fiquei particularmente feliz em Julho de 1965, quando o Professor S. Hugo Bergman, acompanhado pela sua esposa, chegou para assistir à conferência em Le Piol. Viera directamente de proferir o elogio fúnebre no funeral do seu bom amigo Martin Buber, o filósofo de renome mundial. A contribuição do Professor Bergman para a conferência, uma comunicação sobre Salomão Maimon (1753-1800) intitulada «Os Inícios da Parapsicologia Científica», discutia, entre outras coisas, os exemplos de telepatia e precognição dados por Maimon a partir da sua própria experiência pessoal.

A cena em torno da mesa da conferência nesse ano oferecia um estudo notável de personalidades e origens contrastantes. O Professor Bergman, alto, digno e de feições angulosas, apresentava o aspeto venerável de um antigo profeta hebreu. Sentado a um lado estava Mgr. Corrado Balducci, membro do corpo diplomático do Vaticano, que servira na Jordânia. No centro estava o Cónego H. L. Puxley da Igreja Episcopal do Canadá, presidente da conferência, e do outro lado estava o Professor G. E. Von Gruenbaum, notável estudioso islâmico da Universidade da Califórnia. Assim, tínhamos representantes eminentes de três das grandes religiões do mundo que, com os outros reunidos em torno da mesa, ofereciam uma concentração de talento académico raramente igualada no campo da investigação psíquica.

Pude encontrar novamente o Professor Bergman quando fui a Israel para trabalhar com o Dr. H. C. Berendt, que fazia um estudo da mediunidade. Lá também fiquei contente por descobrir que o Professor F. S. Rothschild estava disposto a aprofundar o tema da PES. Ele está atualmente a escrever um livro sobre a sua própria investigação e conclusões. Pude também dar uma pequena bolsa ao

grupo para que pudessem estudar aspetos da parapsicologia relacionados com o misticismo, especialmente à luz das provas dadas pelo Antigo Testamento, que nos fala de um antigo grupo de homens que estavam conscientes de uma sociedade divina.

32

Para muitas pessoas, a ideia da morte e o papel que ela desempenha na vida é um assunto a evitar. Para alguns, é um drama; para outros, é o movimento descendente do pêndulo que faz o relógio contar as horas. Refleti muito sobre o seu significado, pois nasci numa comunidade agrícola na Irlanda onde poucas famílias não perdiam crianças e jovens para a tuberculose no auge da vida.

Em tenra idade, portanto, aprendi a encarar a morte como natural. Vi o último suspiro deixar o corpo de uma criança que um momento antes tinha uma «personalidade» – e um momento depois, apenas um vazio completo permanecia em torno da forma de alguém com quem antes brincáramos ou discutíramos. Estive presente na preparação final para a «longa viagem» e vi a família lavar o corpo, ungi-lo e fazer todos os preparativos para o enterro; talvez isso me tenha dado uma filosofia de aceitação.

Na Irlanda, estes ritos eram realizados pela família e pelos seus amigos íntimos. O corpo repousava dentro dos limites da casa durante três dias ou mais, durante os quais as mulheres suspendiam as suas tarefas habituais para chegar à casa dos enlutados e prestar os seus respeitos. A vigília da noite era assumida pelos homens, dos quais o ar de solenidade se afastava à medida que a noite dava lugar ao amanhecer. Histórias alegres e atrevidas eram trocadas; e outras velórios animados, com os seus jogos e folguedos, eram recordados e revividos.

Desta forma, a morte assumia verdadeiramente um propósito e significado ritual, tal como o cortejo fúnebre. Aqueles que tinham chegado em vários veículos deixavam-nos para trás, para seguir a pé até ao cemitério para os serviços fúnebres. A hora do enterro era geralmente determinada pelo número de paragens ao longo do percurso para «aquele último gole», tomado em harmonia e uníssono para ajudar a acelerar alegremente o viajante no seu caminho. Quando

estas cerimónias rituais terminavam, poucos ficavam para olhar para trás, para o montículo verde dentro do cemitério, onde os seus mortos eram reunidos em «segurança», para serem recordados com serviços e missas ao longo do ano.

Assim, o temor da morte cedia lugar à vida, pois a igreja oferecia a promessa de que o manto sufocante da terra não é definitivo. Partíamos fortalecidos pela crença de que havia um lugar algures a meio caminho onde nos poderíamos ajustar novamente aos objetivos e realizações finais.

A minha própria juventude foi marcada por muitas dessas experiências. A primavera e o outono de cada ano traziam a sua quota de partidas, e muitas vezes aquele que estava prestes a começar a viagem, irritado pela dor e pelo sofrimento, insultava veementemente todos e ao mesmo tempo pedia uma oração pela libertação.

Em várias ocasiões, tive de enfrentar a ideia de que a morte era inevitável, à medida que uma doença após a outra ameaçava baixar o pano. Aprendi cedo a distanciar-me da vida e a olhá-la sem tristeza quando chegava o momento de partir.

Enfrentando-a, nunca formei uma ideia clara de como seria a viagem, mas mantive uma atitude de espanto e especulação sobre o que poderia acontecer, se alguma coisa. Não tenho qualquer crença certa nessa segunda oportunidade noutra margem. Cedo na vida, o dogma não me deu uma fé real na sua validade. Embora tenha passado a maior parte desta vida a especular sobre as «entidades» e, por vezes, a «comunicar» com elas, passei a considerar isso como um processo puramente intelectual imposto por Hewat McKenzie e outros por quem tenho profundo respeito; e continuo ainda a levar adiante os seus sonhos e esperanças.

Nunca desejei conscientemente recordar alguém que partiu – na verdade, evitei fazê-lo. Tendo vivido perto da natureza, onde viver e morrer fazem parte de um mesmo processo, sei que apenas a mudança é permanente. Creio que a própria psique aceita a morte como um fenómeno natural. Nos meus períodos de grave doença, não tive consciência daqueles que partiram e que acolheriam a minha chegada. A minha maneira de preparação, se assim se pode chamar, é somar o

panorama excitante dos acontecimentos passados e extrair de cada um alguns conceitos que antes eram vagos. Funciona mais ou menos assim: se não fosse por este pequeno passo, dado num dia já distante, os outros acontecimentos não teriam acontecido – e assim por diante. Este tipo de «contabilidade» é feito sem ansiedade nem morbidez, mas antes com uma exaltação de que a própria vida apresentou os quadros dentro dos quais cada ato se viu retratado. Nenhum simbolismo se anuncia, mas também não estou consciente de qualquer luta para continuar, nem sou confrontada com momentos de remorso por coisas deixadas por fazer. Nunca parece haver tempo para o não resolvido nesses momentos.

Resumiria, portanto, as minhas experiências de viver como uma aceitação diária da morte. Não tenho pensamentos de separação, nem qualquer ideia do que o próximo passo possa conter. Cada dia sempre se apresentou como uma unidade separada. Talvez se tivesse o dom do artista, adornasse essa última tela com um sol amarelo e um teixo verde – símbolos que enchem a minha visão de ouro puro enquanto respiro para o transe ou para o sono.

Como indiquei, o mistério da morte tocou a minha jovem vida mais do que toca as vidas dos jovens que crescem hoje.

A Irlanda então tinha demasiadas mortes. Os seus jovens morriam da *consumption*, como lhe chamavam, que espreitava em cada porta. Ou se pensava nisso ou se tornava inconsciente da sua existência; no entanto, mais cedo ou mais tarde, todos tinham de participar, pois tanto crianças como adultos sucumbiam à doença. O medo dela toldava a nossa casa, pois dois primos jovens sucumbiram a ela na casa dos trinta anos. Por causa disso, o meu tio foi ameaçado com a perda de um pulmão restante. (Ele fora baleado num pulmão na Índia.)

O número de mortes que ocorriam no início da primavera, depois da humidade do inverno, deve ter produzido correntes conflituantes de vontade de sobreviver ou de desistir – pois muitas famílias, como a minha, tinham este complexo. Dizia-se frequentemente de uma ou outra pessoa: «Ele pode morrer com o esforço da primavera», ou «O outono pode ser demasiado para ele.» Os velhos – os condenados, e aqueles que lhes sucederiam – falavam dos dias em que já não

estariam. «Trata de que eu tenha um bom velório e uma despedida bem animada», exigiam os velhos. As mulheres, para não ficarem atrás, diziam: «Encomenda muita comida; arranja o chá e o rapé.» O inevitável rapé, então muito usado, era abundantemente providenciado, bem como um gole de «algo mais forte» no chá, para manter o ânimo durante o luto.

A minha atitude em relação à morte era muito diferente da da casa. A minha estava envolvida tanto na substância como na história, ao mesmo tempo. Esta atitude de espírito pode, como se mostra claramente nos sonhos, ter dado à morte uma forma personificada para mais tarde tornar o mundo psíquico e o estado de transe um estado familiar por si só! Seja como for, uma bronquite anual grave deu lugar a uma tuberculose ativa quando eu tinha treze anos. Lembro-me da gravidade do médico ao pronunciar a sentença: «Devemos fazer tudo o que sabemos para que ela fique suficientemente boa para deixar a Irlanda e ir para a escola em Inglaterra.»

Talvez este próprio pensamento de mudança me tenha preservado. Desejava desesperadamente, quando era muito jovem, deixar a Irlanda. A minha vida lá, como escrevi em *Aventuras no Sobrenatural*, estava tão carregada com as doutrinas da minha tia, bem como com as dos meus professores e pastores, que tinha um desejo profundo de escapar às palavras, às opiniões, aos desejos e às lutas de todos à minha volta.

Se exigia alguma coisa durante esses dias graves, era andar nas colinas cobertas de flores amarelas, prímulas e cravos-amarelos, e em chamas com o tojo amarelo. Os terrenos baldios e pedregosos da Irlanda ardem com este tojo ou giesta, até sentirmos que é o próprio sol que veio desempenhar o seu papel na terra. Creio que foi durante este período de doença em declínio que aprendi mais perfeitamente a projetar-me para os bosques e para a encosta para procurar e desfrutar das flores da primavera. Na verdade, tornou-se tão ritual que mais tarde se tornou difícil lembrar se estas excursões tinham sido reais ou imaginadas. A experiência emocional de cada primavera em particular ainda retém a sua força mágica original, muitas vezes toldando a consciência quando a primavera regressa.

As muitas visitas tanto do padre como do vigário diziam-me que estava doente. O padre vinha porque sabia de todos os meus pecados mentais e os compreendia a meio. O vigário estava ali para preparar a minha alma para a sua viagem. Em privado, pensava que em breve poderia examinar a distância entre Deus e o diabo. A perda da realidade da vida nunca me perturbou. As visões que me chegavam daqueles que já tinham morrido zombavam da solenidade, por um lado, e da preparação pagã para a morte, por outro.

Estava preparada para ela, por assim dizer, pelas orações; se alguma coisa, a aparência eucarística dava-me um sentimento de importância e – quem sabe – talvez me tenha ajudado a afirmar a capacidade da minha natureza para sobreviver.

Exerceu muito a minha mente ao longo da vida descobrir o quanto acreditava nas doutrinas espirituais e descobrir se alguma vez poderia colocar o meu próprio credo especial em poucas palavras que me satisfizessem. Estava familiarizada com a morte do corpo; e como tivera várias visões, não tinha o medo da «extinção» que muitos têm. A perda dos meus próprios filhos não me deu qualquer crença real no corpo de proposições intelectuais que a igreja apresenta em tais ocasiões. Reuni os elementos de uma filosofia para dar apoio à vida quotidiana, enquanto continuava com o trabalho como sensitiva sob McKenzie.

Raramente vivi a minha vida, então ou agora, como uma preparação para algo que pudesse vir depois da morte. Todos os dias havia e há tanto de uma realidade superior que nunca sinto a necessidade de fugir dela como compensação pelos seus males. Além disso, sabia que havia muitos estados de mente, mas não há verdadeira fuga da realidade dentro do subconsciente.

Adoeci gravemente com febre paratifoide imediatamente após a Primeira Guerra Mundial. Isto também afetara a minha vesícula, a garganta e o apêndice, e levou longos meses a descobrir porque não conseguia recuperar da febre.

Quando estamos confinados a uma cama, há tempo para refletir sobre o significado e o propósito da vida – especialmente quando somos lembrados da nossa existência temporária pelas visitas

frequentes daqueles que administram conforto aos doentes. Era vista com desfavor pelos outros pacientes, pois tinha pouca utilidade para as palavras tradicionais do padre visitante. Além disso, embora estivesse doente, encarava o passo seguinte, se houvesse um, com curiosidade. Para outros, as visitas dos ministros e amigos traziam uma sensação de paz e alívio. Pareciam esquecer os seus medos e as suas suspeitas sobre a forma como as suas famílias geriam a vida no exterior. Depois de decidido que eu podia sair do hospital de febre, fui confrontada com uma cirurgia que tinha de ser drástica e complexa. Como três operações foram concebidas, elas teriam lugar em intervalos adequados.

Houve dias durante este período em que caí em inconsciência. A certa altura, disseram-me que devia ver o meu advogado e a minha filha para fazer arranjos para o seu futuro. Estava disposta e ansiosa por ver o advogado, mas opus-me firmemente a ver a minha filha, que teria de viajar várias horas da escola para ser confrontada com uma mãe doente. Senti que tal visita nada poderia fazer para a ajudar. Lembrei-me de que a morte é mais aceitável para as crianças do que os mais velhos acreditam. Não via razão para que feridas e palavras desnecessárias de despedida marcassem a minha partida.

Uma vez tratadas as formalidades legais, recusei qualquer preparação espiritual. A existência de uma força maior do que eu podia compreender era algo que nunca duvidei, mas ainda havia certas visões bíblicas que nunca conseguira aceitar. Sempre me perguntei sobre a qualidade da justiça infligida a Adão, e como Eva sabia que a maçã era perigosa! Li muitas vezes a história de Abraão e do seu filho amado, e também a do Deus que falou diretamente a Moisés no Monte Sinai; eu própria me dirigi a Ele em busca de respostas em várias ocasiões infelizes, mas não encontrei consolo nisso. Era capaz de aceitar o Antigo Testamento como uma série de histórias que continham verdades em forma de parábola para além da minha jovem compreensão. A morte do Filho, senti, fora moldada em linhas mais profundamente humanas. Não compreendia a pessoa nebulosa da Trindade; quando ouvia referências repetidas a ela, e especialmente ao Espírito Santo, a minha mente recusava-se a abranger os seus significados dogmáticos.

Tornei-me, nesses dias, habituada a «pairar sobre a borda», pois estava profundamente absorta na leitura. Voltei-me para os escritos de Sir James Jeans e Arthur Eddington. Já os encontrara a ambos no meu trabalho. J. B. S. Haldane prestou-me o maior serviço, pois na sua obra podia escapar aos dogmas tradicionais. Os supostos perigos para a alma que se avizinhavam pareciam incompatíveis com o conhecimento crescente da ciência. Sabia, por essa altura, que o homem vive em dois mundos – o visível, que muda, e o mundo interior, cujos constituintes devem estar relacionados com toda a vida.

A geografia do mundo interior tem lugares vazios, e aqui e ali monstros e metáforas. Nos dias de espera pelo fim, não tive necessidade consciente de consolação. Enquanto a maior parte da minha leitura religiosa oferecia uma preparação escassa para a vida do visível ou do invisível, o grande desfile de cientistas, que abriram portas para o conhecimento, revelou-se um e todos como guardiões das verdades, e agradaram-me imenso. O segredo do seu sucesso é a sua disposição para aprender, pois cada um está ansioso por examinar o significado científico do seu mundo.

Sabia que cada recuperação me deixava com uma tarefa pela frente, nomeadamente, examinar o mundo que me era permitido habitar; neste mundo adiante, havia dezenas de professores. Com a ajuda das palavras da ciência, segui os sinais de volta à vida. Pairava na fronteira sem a encarar com solenidade, mas encontrara um caminho simples de volta, onde os ideais de Haldane eram mais fáceis de compreender. Data desse momento, em que a vida regressou com ímpeto e fui novamente contida na grande experiência, o meu intenso interesse pela ciência.

Em anos posteriores, tive de enfrentar o pensamento de me separar do corpo em muitas ocasiões, aguardando o que então parecia a mudança inevitável. Tive de perguntar a mim mesma: O que sou eu? Afirmou-se que sou muitas pessoas – todas suspeitas! Declarou-se que os meus dons de mediunidade poderiam tornar-se insanidade, se eu já não fosse insana. Felizmente, se isso me aconteceu, estava alegremente inconsciente disso. Sou realmente um indivíduo ou muitos, e o que acontecerá, na minha partida, às personalidades de controlo que se tornaram tão entrelaçadas comigo? Elas afirmam ser

«individualizadas», e eu também, e no entanto não sinto que isso seja verdade. Estou unificada e atraída para os pensamentos e ações dos outros a um grau que nem eu mesma compreendo.

Apesar da minha busca contínua pelo significado do eu, é um facto que uma grande parte ainda me é estranha. Todos os dias, algum novo lado meu se revela. Nessas ocasiões, sei que não me conheço a mim mesma. Sou uma massa de motivações, não independentes, não separadas, não distintas. Sinto uma certa tristeza por não ter chegado a qualquer resposta que lançasse luz sobre a sobrevivência para outros; mas como tenho menos conhecimento do que é o meu eu do que a maioria, nem sequer sei o que poderia sobreviver.

No entanto, sinto, enquanto estou deitada na cama à espera da ordem para «desistir» ou «continuar», que há um plano. A personalidade ou individualidade parece então não ser mais do que um dispositivo biológico que serve a evolução. Uma consciência de algo maior se apodera de mim. Tenho discussões comigo mesma sobre o que significa o ato de morrer. Nos meus momentos mais íntimos e mais reveladores, não encontro qualquer necessidade de ouvir as convicções de outros, nem me sinto separada da vida da natureza, dessa energia que determina os movimentos dos eletrões e dos corpos celestes. Uma coisa é certa: não há fim para a vida, animada ou inanimada, ou para o ritmo ordenado e infinito do universo.

Refleti sobre o significado do mundo invisível. A alma, suspeito, é o sopro animado de mim mesma. Mas como tem uma continuidade, tal como o sopro de toda a vida, pode ser a energia rítmica através da qual se continua a levar a cabo o seu «processo» evolutivo. Quando as minhas atividades mentais cessarem, o que chamei de alma deve deixar de ser como outrora o concebi, pois a química e a energia do seu ser terão deixado de funcionar.

O que sei, nesta fase de reflexão, é que tudo o que o homem constrói para si mesmo em cidades, em poder e em riquezas, e o que ele chama de livre-arbítrio, desaparecerá. E então, o que será das filosofias, dos credos, das superstições, dos dogmas e das crenças religiosas que formam o esteio da vida das pessoas? Nesse momento,

não fornecem qualquer ponto de apoio satisfatório para o passo seguinte.

Nunca contemplei a morte com qualquer ideia moral como principal na minha mente. O reino de Deus não parece ser ordenado de acordo com as exigências do homem, antigas ou modernas. Resta, então, apenas a boa vontade para com o mundo, o único código de ética que verdadeiramente conheci. Em toda esta introspeção, as minhas faculdades mentais exigem que eu deixe a «casa» que habitei sem arrependimento e, tanto quanto me é possível, o lugar que ocupei no esquema das coisas, sem bagagem. A compaixão e a tolerância têm sido as árvores mais nobres da minha floresta. Se houver outro lugar para alcançar o «sopro», espero que seja tão desafiante como foi; mas se não existir, terei o conforto de não o descobrir.

Todas as noites fechamos os olhos com um grau de gratidão pelo dia bem vivido. É com este pensamento que adormeço. Basta que tenha vivido. O processo evolutivo ordenado da lei fixa e da ordem do universo continuará. Um sopro que terá sido «eu» estará contido nessa energia – ilimitada, mas ordenada.

Embora tenha feito vários preparativos para partir na rota que não tem fim, e embora veja visões de noite e de dia, nunca tive qualquer experiência visionária de alguém a encontrar o Anjo Negro. Apenas uma pequena área da minha mente parece estar a funcionar. Muitas vezes tenho consciência de paisagens que poderiam ser usadas para pastorear animais, ou colinas acidentadas a descer até ao mar, ou gigantescos calçadões que se estendem para longe. Vi navios que poderiam ter sido navegados por pescadores fenícios, e portos marítimos antigos e movimentados; todas estas imagens, quando traduzidas, podem apontar para uma viagem a empreender.

Durante a década passada, foram-me concedidas ocasiões para examinar os meus sentimentos durante três ataques cardíacos graves. Desenvolveram-se subitamente, mas estivera durante vários meses sob forte tensão mental, embora de natureza singularmente estimulante. Estava empenhada em preparar números e estabelecer padrões para uma nova revista, bem como a dar muita atenção aos fundos a serem fornecidos para o ano seguinte. A razão leva-nos a esperar que o

trabalho profundo e frutífero do ano que termina traga a sua própria floração para o novo ano que se avizinha, mas o facto é que o homem e o seu ambiente estão sujeitos a mudanças internas e externas. Isto leva-nos a viver com esperança, com a cabeça nas nuvens da autoconfiança filosófica – mas dentro de nós, há um nível de lógica prática dura que transforma as esperanças em algo próximo do desalento. Estes meses não foram isentos de algum questionamento interior e de muita persuasão sugestiva de que «tudo correrá bem com o fim de cada ano».

Viver num patamar permanente de má saúde durante anos trouxe a sua própria regra de comportamento. No meio do meu eu racional, há também outros padrões a serem tratados na fonte de comunhão com o todo universal, que exige que se viva com um estado interior de felicidade e fé otimista que apaga a negação. Assim, vivo confortavelmente em dois níveis, um com o conhecimento do bem universal, de que se continuarão a encontrar caminhos se o trabalho for oferecido de boa fé, e o outro que afasta as mãos de várias empresas e as deixa livres para abrir um período de crescimento. Todo o processo torna-se, por vezes, aos olhos interiores da mente, um pouco absurdo, mas à visão exterior há um desespero cómico.

Como aprendi a viver um dia de cada vez, ou mesmo um momento de cada vez, há pouco espaço para o desespero «exterior». No entanto, seria inútil negar que ele entra por vezes na comédia e na excitação do meu padrão moral diário. A questão que coloco a mim mesma é: será o desespero suficientemente forte, na sua forma insidiosa, para desfazer o padrão de saúde que desejo manter?

Confrontada com a tensão do não cumprimento devido a factores externos, a saúde finalmente colapsa. Subitamente, como uma sombra, surge dentro de mim uma apreensão, seguida de indigestão que destrói a minha sensação habitual de bem-estar e entusiasmo pela vida. Ao longo do meu pescoço, a sombra passa para agarrar o ombro esquerdo, e em breve os meus braços, costas e cabeça estão contidos numa constrição de ferro. As minhas mãos tornam-se dormentes, para logo doer e arder como se tivesse caído em brasas vivas. A dor escaldante e a carne em chamas não seriam tão más se a minha garganta não fosse apertada pelos dedos de sombra.

Devo lutar pelo direito de respirar e de o fazer em toda a plenitude da minha capacidade; mas agora a sombra entrincheirou-se de tal maneira que apenas sinto as respirações curtas e agudas que não penetram para baixo e apenas fornecem a menor quantidade de oxigénio. A plenitude da dor atinge então a parte inferior da cabeça, pescoço e costas até ao ombro, onde parece crepitar como vidro finamente estilhaçado que envia os seus milhares de pedaços partidos através do meu peito. Uma desarmonia de sons parece tilintar pelo braço abaixo, para fora e para além do alcance das pontas dos dedos, como se a sombra não estivesse no comando para empurrar o seu peso para dentro do pulmão, mas para ir mais fundo no diafragma.

Ao mesmo tempo, o poder de pensar parece abandonar-me, e sobre a minha mente cai uma sombra de profunda ansiedade. Em breve fico encalhada dentro da dor, e muitas vezes indefesa perante a sua fúria calculada.

A minha primeira experiência deste ataque foi em 1936. Ainda me lembro da agitação debilitante dentro de mim, enquanto procurava respirar e, no entanto, não ficar totalmente absorvida na luta. Cada um dos meus ataques chegou subitamente. Em cada caso, o impacto total sobre o corpo foi o mesmo. Havia a necessidade de recuperar o fôlego e, ao mesmo tempo, a necessidade de vomitar continuamente, como se o próprio corpo se tivesse juntado à luta para rejeitar o que quer que a sombra lhe impusesse – pois esta sombra é uma estranguladora que não dá aviso prévio, nem se compromete até o médico chegar para ajudar a escapar aos empurrões dolorosos do agressor.

O ataque passado dentro de um par de dias, encontrei mais um. Estava terrivelmente cansada. Incidentes transformaram-se em situações. Estava a olhar pela ponta errada do telescópio da vida. Um pedaço de narrativa ganhou vida. Outro ataque, pensei. Durante uma noite inteira, combati dentro da arena da dor. A impossibilidade de explicar o significado da luta àqueles que me rodeavam era óbvia. Eles não compreenderiam que eu queria saber o grau total de sofrimento que o corpo pode suportar. A manhã chegou e com ela o fluxo crescente de dor. Alguém chamou o médico, um analgésico rapidamente administrado baniu o mundo único de chama, e eu estava a caminho do hospital.

«Coronário», informou-me o médico.

«Quando?», perguntei.

«Já o teve. Esperemos que não cheguemos tarde.»

Ouvi o médico explicar que era culpa sua por me ter deixado sair do hospital tão cedo após uma embolia. «Deixa-me frustrado», disse-me. «Deixo-me levar pela tua capacidade de recuperar tão rapidamente.»

Estava de volta à cama no hospital, nauseada e fraca. Desta vez, aceitara o padrão da dor.

Durante a noite seguinte, descansei sob o sono que a droga produziu, mas com a luz do dia senti-me livre para especular. Sempre exigi «ser usada ao máximo», e quando as enfermeiras vieram com papéis para assinar (no caso de alguém «partir apressadamente»), olhei para a situação honestamente. O que deveria fazer se estivesse realmente a começar uma viagem, sem equipamento além do sentimento de uma pequena tristeza pelas coisas mal feitas? Via a vida como um caminho quase impercetível em que havia inúmeros momentos de alta comédia.

Tanto agora, com uma luz mais clara, parecia uma experiência desnecessária. De repente, percebi que tinha desfrutado das muitas experiências do ser – nada parecia vazio. Só podia olhar para trás, para o passado, e vê-lo como muito irregular, mas um passado feliz, ensolarado e sensual. Tentei examinar o que fazer com todos os meus sonhos, mas descobri que a minha mente não transmitia qualquer informação sobre eles. Fiquei um pouco irritada comigo mesma. Quase asperamente, disse a mim mesma que cada sonho se sonharia até ao fim do sonho.

O meu advogado veio ver-me e assegurou-me que, tanto quanto possível, pusera os meus assuntos em ordem. Lá fora, a noite era fresca, e o meu corpo também. Percebi que do outro lado, pelo menos por um tempo, haveria um período semelhante de dor invisivelmente para além de uma parede que não tinha fim visual, e então a minha mente parecia dizer-me que há outra fantasia elaborada, igualmente

concreta, igualmente inevitável. Então, de facto, senti que a solução pessoal dos problemas da vida era pouco importante.

Haveria experiências diferentes, regulamentos diferentes que minariam os sonhos que outrora me pareceram tão importantes como a vida, e que agora já não importavam. Nove décimos de mim concordaram em capitular, e senti-me imediatamente leve, tranquila, liberta e confortável. O outro décimo procurou o sono, e estava novamente a caminho de volta, espectadora e ao mesmo tempo personagem dentro do sonho.

Quanto aos ontens, isso é o que foi. E quanto ao agora? Observar-se-á que as circunstâncias me lançaram através de mares e oceanos para muitos climas e atmosferas, físicas e mentais. Os meus sentidos não têm noção de «anterioridade» ou posterioridade, nem percebem a dignidade do dogma com a sua promessa de uma vida futura. Arrastam-me para um território inexplorado, para lá encontrar o meu caminho, por vezes comovente, nunca monótono. Os acontecimentos agruparam-se em torno de memórias e associações para traçar um rumo, mas nunca me afastaram da fonte eterna do meu eu sonhador nem me alienaram dos outros.

O meu inabalável entusiasmo pela experiência deu o que parece aos outros uma oferta inesgotável de energia para examinar os mundos do primitivo e do culto. Próxima de ambos, mantive um equilíbrio que pode ter parecido perigoso para outros, mas que me deu a vontade e a imaginação para me conformar.

Estou continuamente consciente de estar na presença de um poder maior do que posso compreender e ausentei-me desse poder para experimentar a alegria de regressar. No centro do eu, há um núcleo permanente de conhecimento que ao mesmo tempo dirige e dá uma fonte eterna de ser. É uma poção mágica, um vinho estranho que dá uma luminosidade interior, mas também uma imensa solidão. Este, portanto, foi o dom da vida. Se houver outro passo onde se sonha por um tempo, serei boa e aceitá-lo-ei, mas não estou pronta para me assegurar de outra oportunidade. O eterno agora é mais do que suficiente.

33

Dei provas, durante a minha vida, da capacidade da mente de viajar e observar a longas distâncias; e realizei extensas viagens espontâneas em testes de correspondência cruzada com os vivos, bem como com os supostos falecidos. Se pudesse manter longas conversas sustentadas com os falecidos, poderia dizer seriamente que a comunicação fora provada, mas o teste que estabeleço para tal evidência ainda não foi cumprido. Estou consciente de que isto soa como uma contradição de coisas que escrevi noutros lugares. No entanto, sinto que devo dizê-lo.

Grande parte da comunicação com aqueles que partiram é banal, cheia de lugares-comuns e desconexa. Suspeito que o choque de perder o cérebro na morte deve ser um choque para aqueles que sobrevivem depois, se é que sobrevivem, pois sem este mecanismo mestre do corpo e da mente, como pode o espírito recordar a sua herança terrena? Talvez seja pedir demasiado esperar que um fantasma dos bem-amados possa regressar e manter conversas longas e interessantes – e se pudessem, não haveria quem dissesse que nós próprios conhecíamos o conteúdo da conversa? A aceitação da sobrevivência não parece tornar aqueles que estão certos dos factos melhores cidadãos do mundo que habitam atualmente, nem o problema da nossa própria existência se torna menos importante para a vida.

Por estas razões, aguardo a maior aventura sem arrependimento. A sala onde agora escrevo estas palavras tem muito para além da janela para observar, mas nesse espaço sei que muitas coisas estão a acontecer que só me confundiriam se fizesse parte delas. É a minha própria interpolação que criou a distância entre, e é assim que deve ser. Sei que perto, mesmo na casa onde vivo, há aqueles que coexistem comigo, mas estão ocupados com os seus próprios assuntos.

Há um rádio poderoso ao meu alcance que, com um simples toque num botão, me assegura que há pessoas em todos os cantos da terra a receber e a enviar os seus pensamentos e impressões; e acabei de ler que as ondas de rádio, luz e calor nos podem fazer adoecer. Como vivo cada momento na sua plenitude, espero que os meus concidadãos em todas as áreas do tempo façam o mesmo; mas sei que isso não é verdade, pois a doença e a morte também estão presentes

para criar tristeza, e o nascimento para criar alegria. Não tenho a certeza de que o mundo que habito seja real no sentido objetivo da palavra, pois a qualquer momento posso tornar-me consciente de viajar clarividentemente para visitar o meu escritório em Nova Iorque ou para me assegurar de que a minha família e amigos estão bem.

Quando fecho os olhos à noite e sonho, os meus sentidos apresentam-me uma visão diferente do mundo em que os meus sentidos de vigília estão imersos. Sei que quando faço viagens para fins de investigação, a minha mente está livre no que se chama um «mundo astral». Nestes momentos, não tenho nenhuma das tensões ou dores que, na minha idade, abrandam a minha curiosidade. Daqueles que partiram, recebi comunicações que dizem que estão em paz, no paraíso – um céu, se quiserem, em que tudo é harmonia; mas na minha mente alcanço esta atmosfera que posso mudar e modificar conforme a mente deseja.

Esta felicidade está ali para todos os que a podem e querem discernir. O meu vizinho do lado cava a terra e planta as suas sementes com zelo religioso. Cedo e tarde, ele se afadiga com um fervor religioso, pois esta é a França do sul, uma terra de sol e flores. Apresenta um rosto sem nuvens à terra enquanto se inclina para cuidar do solo, e de tempos a tempos olha para o pôr-do-sol e diz-me: «Ele trabalha bem por todos nós.» Quando chegar o meu momento, esperarei recordar a maravilha de ter vivido a boa vida, e se não houver outra, terei vivido esta com excitação e espanto.

34

Após um grave ataque de febre paratifoide em 1929, fui convidada por um membro da Sociedade Holandesa de Investigação Psíquica para a acompanhar numa viagem ao sul de França. Fomos por Grenoble. O ar e a atmosfera desta velha cidade agradaram-me tanto que convenci a minha amiga a ficar algum tempo antes de prosseguirmos para Montpellier.

A minha amiga insistiu que eu fosse para a cama todas as noites por volta das seis. Lá em baixo, ela jantaria sozinha e depois telefonaria à sua família em Amsterdão, onde tinha uma cunhada por quem estava preocupada. A atmosfera de Grenoble afetou-me

profundamente. Adorava as vistas das montanhas para além da cidade, e não me importava com a hora deitar cedo porque podia ficar à janela e imaginar-me a escalar as alturas que se mostravam verdes abaixo da linha da neve. Estava feliz com tudo isto e também com a sensação geral de libertação após longas semanas no hospital.

Uma noite, sonhei que estava em Amsterdão, na casa do parente da minha amiga. Parecia entrar na casa por uma porta lateral e encontrava-me a subir uma escada íngreme, quase como uma escada de mão e bastante diferente de uma escada inglesa. Em cima, encontrei todos profundamente adormecidos e concluí, portanto, que os receios da minha amiga eram infundados. Então, parece que regressei à minha cama. No entanto, levantei-me novamente para ir procurar o medicamento na mesa do toucador, que estava do outro lado do quarto. Não me lembro se os meus dedos a procurar encontraram o medicamento.

Acordei e então vi-me a sair da cama, a ir para o toucador e a procurar muito silenciosamente entre os artigos de toilette que estavam expostos. Não parecia encontrar o que procurava. Só sei que me sentei na cama e me observei a mim mesma. A experiência confundiu-me. Deitei-me e adormeci. Quando acordei de manhã, o medicamento estava na mesa de cabeceira, ao alcance da minha mão. Qual das viagens ao toucador encontrara o medicamento?

Desde então, tive muitas experiências fora do corpo; elas ocorrem quase sempre quando estou doente ou esgotada.

35

Outra viagem clarividente levou-me a Yorkshire para visitar uma jovem rapariga que sofria de pneumonia. Passei a noite tranquilamente, a refletir sobre como lidar com a tarefa a empreender.

Tive uma sensação interior de liberdade – sentimos um prazer e uma libertação e uma sensação de prontidão para a descolagem.

Não pensei muito na casa. Tive uma sensação estranha de uma atmosfera húmida e fria, mas dei pouca importância à minha localização nesta ocasião, sentindo antes que, uma vez que todos fazemos parte do universo vivo, encontraria a rapariga que precisava de mim. Encontrei-me num quarto com pouca luz; uma única luz estava acesa. Não conseguia pensar em mais ninguém, apenas na rapariga.

Pouco depois, «vi» o contorno de uma criança alta na sua cama. Digo criança, porque mesmo então não tinha muito conhecimento de qual seria a sua idade. Curvei-me sobre ela e toquei-lhe. O estranho é que me senti no meu quarto em Nova Iorque, mas ao mesmo tempo via a rapariga. Ela transpirava quando lhe toquei. A sua respiração era superficial e rápida. Abriu os olhos de forma sonhadora e virou-se para mim, mas não parecia de modo algum consciente da minha presença.

Falei-lhe por um momento e pedi-lhe, com suavidade, que respirasse comigo. Durante todo o tempo em que fazia isto em Nova Iorque, mantive a imagem de mim mesma no quarto da rapariga, a falar com ela e a dizer: «Respira comigo; tenta respirar mais profundamente.» Isso causou-lhe dificuldade, e vi que algo que retinha a respiração no pulmão esquerdo inferior era provavelmente responsável por isso. Olhei para aquilo e encontrei inflamação; mas ela podia ser ajudada.

Diria que todo o procedimento de falar com ela no seu quarto pode ter durado cerca de quinze minutos no total. Durante este tempo, estava completamente consciente da minha própria respiração e do facto de que estava realmente empenhada em curar a rapariga. Não tive dúvida alguma de que ela ficaria boa. Dei um suspiro de alívio e encontrei-me de volta, com todos os meus sentidos, em Nova Iorque. Acabei por receber uma carta do pai dela a dizer que ocorrera uma melhoria e que ela estava no bom caminho para a recuperação.

Esta experiência deu-me um profundo compromisso com a rapariga, e pensei muito nela. Vi-a em duas ou três ocasiões da mesma

maneira, e fiquei tão empenhada que não hesitei em conceder-lhe uma bolsa que lhe permitisse entrar na faculdade, numa altura em que o pai precisava de ajuda para ela.

Ainda tenho um sentimento profundo por esta rapariga, como se, no processo de cura, ela se tivesse tornado uma pequena parte de mim.

36

Tenho uma afeição particular por Christopher Heywood desde que o conheci em Londres. O filho mais novo de uma senhora que é membro da Sociedade de Investigação Psíquica, ele tinha simplicidade, humor e intuição. Era alto e extremamente bonito, e uma vaga sensação de travessura o envolvia. Tornámo-nos bons amigos, e ele convidou-me para o seu casamento, que teria lugar na Escócia. Decidi que «assistiria» ao casamento, embora estivesse no sul de França nessa altura.

Eram cerca das 14:30. Sentei-me na espreguiçadeira ao ar livre, e ali tive uma visita encantadora do fantasma de um escocês de *kilt*. Pareceu-me que ele era parente da noiva, que eu não conhecia. Ia estar no casamento, disse ele, mas tive a «sensação» de que ele fora morto na Primeira Guerra Mundial, enquanto estava ligado ao corpo de engenheiros. Tomei notas enquanto me preparava para a minha viagem através do espaço.

Não estava apenas a pisar um terreno com história muito antiga, mas «vi» que estava perto do altar onde se realizava a cerimónia. O cenário era antigo, e vi uma grande pedra por baixo. Isto parecia ter o seu próprio significado, na medida em que devia ter feito parte de uma das fundações de um dos círculos que eram usados pelos pictos e escoceses como locais de reunião em dias há muito esquecidos.

Tornei-me intensamente interessada nisto, mas ao mesmo tempo estava consciente de como a noiva se parecia – e pude mais tarde descrever o seu vestido. Vi Christopher e o seu pai, e notei que este parecia ter esquecido o chapéu! Senti o ambiente do dia na Escócia, que estava cinzento, húmido e um pouco frio. Admirei a igreja e o antigo local em que se erguia. O interior da própria igreja tinha um ar de contenção calvinista. Ouvi as vagas notas de Mendelssohn.

Foi estranho e bastante maravilhoso, porque se entrava na severa atmosfera calvinista e, ao mesmo tempo, se caminhava atrás do altar para a terra dos antigos escoceses, onde se era intensamente pagão e livre. Depois, estávamos novamente dentro da qualidade bastante convencional e adstringente da igreja e víamos as pessoas sair tranquilamente ao som fantasmagórico de uma música que dificilmente era moderna.

37

Tive duas experiências fora do corpo que diziam respeito a Jean Andoire, que me visitava com bastante frequência durante o seu treino em Camp Ritchie, em Maryland. Sabia pouco das suas atividades e nada aprendi com o seu uniforme, pois ele não usava insígnias.

Por volta da altura em que suspeitei que ele estava a ser preparado para serviço no estrangeiro, ele veio a Nova Iorque uma noite e disse: «Só posso ficar para tomar uma bebida consigo. Não me surpreenderia se partíssemos em breve.»

Na noite seguinte, às 2:10, sentei-me na cama, alerta e excitada. Parecia estar perto dos cais de embarque, mas tudo parecia muito diferente do que eu originalmente recordava. Uma fileira de soldados subia a prancha em dois ou três níveis. No segundo nível, vi Jean Andoire, reconhecendo-o pelo balanço peculiar dos seus ombros sob o equipamento pesado. Esquecendo-me de que estava sentada na cama em casa, chamei por ele, tão real era a sensação da minha proximidade com ele. Ele virou-se e acenou! Perguntei a mim mesma qual era o nome do navio. Não tinha meio de o descobrir, mas sabia que era o *Queen Mary*.

Na manhã seguinte, quando relatei o incidente ao meu contabilista, ele disse: «Tem razão – os navios já não partem dos cais como antigamente, mas carregam mais para cima da costa.» Perguntei-lhe se ele podia descobrir se o *Queen Mary* partira. Fez averiguações discretas e finalmente disse-me: «Estou quase certo de que as suas deduções sobre o navio estão corretas.» Quando a guerra terminou e Jean regressou, relatei-lhe esta experiência. A sua unidade partira de facto no *Queen Mary*.

Outra noite, acordei com a sensação de que estava algures na zona da Portland Street, perto da British Broadcasting Company. Tomei consciência de um incêndio: vi bombeiros e cerca de vinte ou trinta pessoas a vaguear em estado de choque. Jean Andoire parecia estar à margem da multidão, de uniforme. Ainda não sabia que ele tinha ido para o estrangeiro. Parecia muito abatido e disse-me: «Meu Deus, essa foi por pouco – estava no telhado quando ele caiu!»

Não fazia ideia de que Jean estaria envolvido em quaisquer funções de guerra em Londres. Quando mais tarde o questionei sobre esta experiência, no entanto, ele contou-me que as suas unidades estavam na Baker Street, o quartel-general da OSS em Londres, e quando surgia a necessidade, viam-se a cumprir todo o tipo de funções de defesa antiaérea. Ouvira uma bomba sobre a cabeça quando estava de serviço, e só soube que escapara vivo quando viu que ela explodira nas suas proximidades.

O episódio seguinte em que o encontrei deu-me a impressão de que ele estava numa zona húmida, fria e que me fazia lembrar a Holanda. Vi-o com outros dois num jipe. Uma granada rebentou, e o jipe literalmente saltou no ar. Os homens dentro dele saltaram em resultado da explosão, ou atiraram-se ao chão. Vi realmente nuvens de pedras, terra e pedaços de árvores a cair do céu.

Embora tenha escrito a Jean sobre esta experiência, ele não fez qualquer referência a ela nas suas cartas, o que seria natural, uma vez que tal informação seria censurada. Mas quando pôde falar destas experiências após a guerra, questionei-o sobre este quase encontro com a morte. Explicou que estivera estacionado na Holanda durante algum tempo após a chegada dos Aliados a França e que de facto passara por tal experiência.

As experiências fora do corpo durante a guerra ocorreram principalmente durante o sono, mas os sonhos eram tão vívidos que muitas vezes acordava com terror absoluto pelas pessoas envolvidas.

38

Interessei-me particularmente por uma rapariga que vivia na pequena aldeia de St. Jacut. Mal a conhecia no sentido convencional da palavra, mas ela gostara extremamente de um homem com quem eu

me havia de casar e também de um alto dignitário da igreja que era amigo desse homem. Quando os seus amigos me sugeriram que eu a conhecesse, tive a imagem de uma mulher bem-educada que se refugiara em St. Jacut após uma operação extremamente grave na glândula tiroide.

Segundo os meus informantes, ela fora para lá para morrer. Em vez disso, recuperou completamente e casou com o que se poderia descrever como um Adónis da aldeia, um jovem pescador pitoresco mas algo preguiçoso; assim, cortou todos os laços com o seu passado convencional inglês. Quando o homem com quem eu me havia de casar morreu subitamente, ela escreveu-me uma carta particularmente comovente e pediu-me para manter contacto com ela.

Durante o período da guerra, depois de regressar à América, pude ajudar muitas pessoas na Europa enviando comida e roupas. Ela foi uma delas. Uma noite, sonhei que a visitava. No sonho, tive grande dificuldade em localizar o que ela chamava «o moinho». Acabei por encontrar a casa, bastante perto dos penhascos; mas em volta da casa havia uma estranha e ameaçadora multidão de pessoas. Fiquei na esquina da casa a observá-las durante algum tempo. Num corpo de guarda toscamente construído, vi dois homens que eram obviamente oficiais, mas a dúzia ou mais perto da casa e perto da praia pareciam muito com mongóis.

Observei durante cerca de cinco minutos, ou assim pareceu no sonho, embora pudesse ter sido uma hora. A sua fala, áspera e entrecortada, bastante como o chinês – talvez um dialeto mongol – era ininteligível para mim. Entrei na casa, embora não me lembre por que meios. A rapariga que procurava estava vestida com um tecido acinzentado que se parecia mais com uma camisa de dormir de homem do que com roupa de mulher. Sentou-se com um olhar de intensa concentração. Ao seu lado estava uma criança a dormir.

No sonho, queria dizer-lhe que ela estava em grave perigo por parte da tribo lá fora. «Porque vim?», perguntei a mim mesma no sonho. A resposta veio imediatamente: O rapaz nunca deve falar inglês. Tive a sensação de que ela compreendera que eu viera com um grave aviso para que ela tivesse cuidado com a segurança do seu filho.

Acordei com uma sensação de sufocamento, como se tivesse lutado para dizer palavras que não se ligavam umas às outras. Pouco a pouco, o horror da sua situação se me tornou claro, mas nunca pude compreender o símbolo dos mongóis. Preocupei-me tanto com a sua segurança durante todo este período que, quando a guerra terminou, pedi à minha filha e ao meu genro que a visitassem. Ela sobrevivera à guerra, Deus sabe como.

Em 1947, visitei-a eu própria e contei-lhe o sonho, mencionando as estranhas vestimentas. Para meu espanto, ela disse-me que os alemães tinham trazido consigo um número de trabalhadores que estavam envolvidos nos penhascos na construção de blocos e muros altos. Alguns destes homens eram claramente caucasianos; eram um grupo estranho de trabalhadores que caíram nas mãos dos alemães e foram finalmente usados em vários lugares de França como unidades de trabalho.

Curiosamente, ela própria reconhecera a minha presença. «Não foi apenas a comida que enviou», disse-me ela, «mas o facto de eu saber que veio dar-me força e coragem para continuar, que salvou a criança e a mim própria da morte em várias ocasiões.»

Posso acrescentar que ela própria tinha muita perceção extrassensorial. Estudara arte e lera a literatura do assunto na sua vida anterior em Londres. Em St. Jacut, as pessoas muito supersticiosas com quem ela lidava consideravam-na uma bruxa, um símbolo que ela nunca procurou remover.

39

Ao recordar estas experiências, estou muito consciente do facto de que todos os meus sentidos estão vividamente alerta durante tais episódios. No incidente que relatei em *Aventuras*, em que fui em busca do Dr. Svenson enquanto permanecia sentada em San Diego, lembro-me agora, como então, do sabor do ar húmido, tão húmido e quente. Muitas vezes me perguntei sobre isto, pois sentia a humidade a aderir à minha pele da mesma forma que experimentei o nevoeiro nos montes de Yorkshire e da Escócia. Uma vez, durante uma escala na Islândia num voo para os Estados Unidos, tive a mesma impressão. Chovia intensamente no exterior do avião; mas dentro, senti que

estava em contacto com ar quente, como se tocasse a minha pele. Mencionei isto ao piloto do avião, que esteve à porta por um momento. Ele disse-me que havia géiseres e fontes termais na Islândia; talvez durante a minha busca pelo Dr. Svenson, eu tenha viajado mentalmente através deste ar enevoado e sentido a sua intensidade em relação à minha pele.

Deve notar-se que a emoção é a ponte para todas estas experiências. Em jovem, o desejo de estar de pé e sair em busca da primavera nasceu obviamente do meu anseio de ser mais forte na saúde e juntar-me aos meus companheiros na escola.

Quase todas as experiências fora do corpo, quer no sonho quer em estado de vigília, são compelidas pelo conhecimento que possuo das necessidades de outras pessoas. Estão relacionadas com a minha própria personalidade, pois sou profundamente solidária com aqueles que sei que precisam da minha ajuda. Esta parte da minha vida psíquica é posta em ação pela necessidade urgente que pode estar nas mentes de outros.

Acredito verdadeiramente que estamos todos ligados uns aos outros como se fôssemos envolvidos pelo tempo, tal como todos os vários aspetos da natureza. O rio da minha vida fluiu acima e abaixo da superfície em direção à cura, ao auxílio e à ajuda das necessidades de outras pessoas, que pareço conhecer abaixo do nível da mente consciente.

40

Perguntam-me frequentemente se as minhas experiências psíquicas «perturbam» a minha vida diária. Pelo contrário, enriquecem-na. Preciso de compreender as minhas próprias motivações e observar continuamente o que pode ser a causa das fantasias e visões que me tornam eternamente curiosa sobre tudo.

Ouvi pessoas com poderes semelhantes falarem de si mesmas como estando na garra de algo que as deixa indefesas, e que outros as acham difíceis de compreender. Creio que nos podemos permitir ser postos de parte como sendo um pouco «estranhos». Isto foi verdade para grandes escritores e pensadores ao longo dos tempos, mas nunca me senti posta de parte. Pelo contrário, esta extensão do ser fornece uma convicção que responde: se tentarmos compreender as nossas próprias motivações, percebemos que há aspetos na natureza, a acontecer o tempo todo, que nos dão conhecimento, quer nos apercebamos disso ou não, uma vez que nos tornamos conscientes de como usá-los.

É verdade que, se reprimidas, as emoções construirão a partir das suas imagens certas tensões. Mas o próprio nível em que a mente inconsciente se relaciona com tudo o mais na vida é uma ordem que temos de aceitar, compreender e finalmente usar para entrar na dança da natureza, em vez de nos retirarmos da motivação inconsciente destes outros níveis estimulantes. Não quero sugerir que nos tornemos descontrolados. Pelo contrário, confrontados com os êxtases da emoção em que as imagens se constroem, tornamo-nos atentos, observadores e contidos.

Nestes estados de espírito, temos de lidar com impulsos e entusiasmos que têm de ser aceites como «impulsos» e organizados dentro da vida quotidiana de trabalho.

Vivemos simultaneamente uma existência separada, conscientes de um nível ténue de experiência enquanto nos encontramos com os nossos semelhantes, enquanto por baixo há o padrão que se desenrola inconsciente e perpetuamente, uma teia multicolorida e delicada, mas cheia da consciência do que está a acontecer a cada um e a todos abaixo da superfície.

É verdade que muitas vezes me vejo envolvida na vida de outras pessoas quando este padrão subconsciente se move e ondula subitamente para me dar imagens, revelação e, finalmente, significado. Muitas vezes dá-me uma maior sensação de pertença do que os níveis de conversação em que se vive a vida com os nossos semelhantes, e momentaneamente ‘perco-me’ para o que parece ser

um cenário harmonioso, caindo dentro de mim mesma. No entanto, não estou inconsciente de observar a textura e o significado do padrão de tecelagem que está a acontecer simultaneamente com alguém que pode estar numa conversa profunda.

Suspeito que todo o meu ser está a funcionar como uma unidade; os meus olhos abertos seguem o esplendor do padrão, para fazer um inventário psíquico, por assim dizer. Oiço as palavras dos outros, mas o significado por trás delas é vívido tanto para os olhos como para os ouvidos. Se o silêncio se quebra, o meu nariz é confrontado com o padrão inconsciente que continua de qualquer forma através da respiração, enquanto os meus dedos batem ritmicamente ou tentam tocar a teia do meu inconsciente.

É por isso que estou sempre profundamente atraída, no momento, por cada ser humano, para dar a essa pessoa toda a minha atenção. Conscientemente, e sem ser instigada, a mente inconsciente revela a sua tapeçaria. É apenas triste, por vezes, que a maioria das pessoas não compreenda esta tarefa da natureza como os fios inconscientes que nos orientam uns para os outros.

Suspeito que o mundo obriga a maioria de nós a viver «externamente» e, portanto, temos pouco tempo para compreender a realidade interior do cosmo que habitamos. Podem acusar-me de tomar liberdade poética quando digo que estou consciente de um campo intermédio que nos contém a todos, para guardar a nossa «assinatura», para que nós, como seres emocionais, continuemos a acrescentar o nosso cunho de personalidade a este mundo insuspeitado dentro do espaço. Talvez um dia esta área dentro do espaço e do tempo se revele à mente científica.

Até que se torne aparente e mensurável, nós, na parapsicologia, podemos permanecer como outsiders – e talvez suspeitos. No entanto, há uma energia a trabalhar entre cada um e todos que nos une como parte da família animal tão seguramente como a colmeia une as abelhas. Não está fora da causa e do efeito como a percebo, mas contém a força «cintilante» que torna o meu universo físico tão ordenado no seu curso e tão disciplinado como os corpos celestes parecem ser ordenados pela lei natural.

Creio que este dom de exploração, nascido da curiosidade interior e do desejo de estar em união com a natureza, faz parte do processo criador da nossa vida. Emergimos com cada respiração, tal como o divino subconsciente emerge quando um homem desperta para focar a sua atenção e consciência em trazer novos elementos, seja para produzir um novo abre-latas ou uma nova teoria do espaço. Movemo-nos dentro deste campo cintilante desde o momento da conceção até desaparecermos da vista – embora não da totalidade eterna – para nos perdermos nessa atmosfera escura pela qual se anseia, e que é a mudança inevitável que acontece dentro de cada respiração viva.

Assim, à nossa volta há um campo de força que inclui tudo o que o planeta é. Semelhante a um mar, é intemporal e incansável no seu movimento.

Falei frequentemente com o falecido John Hays Hammond, Jr., o notável inventor, sobre este tema. Ele ficou estimulado pelas minhas referências aos campos de energia que acredito envolverem todas as formas de vida. Muitas vezes lhe disse que pensava que chegaria o tempo em que novas áreas no trabalho fotográfico os tornariam visíveis.

Numa das suas visitas periódicas a Nova Iorque, ele telefonou-me e disse: «Construí uma gaiola de Faraday na qual gostaria que você trabalhasse em transe, telepatia e clarividência. A única dificuldade é que teríamos de trabalhar durante as noites, pois os meus dias estão cheios até à capacidade. Mas se isto lhe for agradável, comecemos.»

Fiquei encantada por colaborar e fui a Gloucester, Massachusetts, onde ele instalara a gaiola no seu laboratório. A gaiola era construída com tela de cobre numa estrutura de madeira, unida por pregos e parafusos de ferro. No chão, uma tela de cobre foi colocada sob as tábuas para evitar qualquer contacto elétrico direto entre mim e as vigas. As juntas da tela de cobre eram soldadas, e uma vez dentro, a porta era selada com uma tira de tela de ferro galvanizado. A fonte de alimentação e os dispositivos de comutação aleatória estavam numa sala bem afastada do laboratório experimental, pelo que se esperava que estivessem fora do meu alcance sensorial.

O trabalho prosseguiu até que o suposto controlo Uvani afirmou que não se sentia confortável no que preferia chamar de «o estúdio». Por esta razão, perguntou se não lhe podia ser dado algum conhecimento do que se esperava dele. Hammond expressou a sua diversão por conduzir uma experiência que lhe respondia! Quando Uvani pediu diretrizes, Hammond disse: «Queremos livrar-nos de si.» A resposta foi: «Isso é fácil. Um campo de luz bloqueará a minha presença.» Isto não teve significado para mim, nem Hammond alguma vez revelou se usara um campo de luz.

Por essa altura, Hammond disse-me que o Dr. Karlo Marchesi, de Zagreb, que estivera com uma bolsa de trabalho com o Dr. Rhine, se juntaria a nós e faria perguntas aos controlos enquanto eu estivesse em transe. Quando os preparativos foram concluídos, o Dr. Henry Puharich foi convidado a juntar-se à experiência. A configuração deixaria Hammond e o Dr. Puharich do lado de fora, enquanto o Dr. Marchesi permaneceria comigo dentro da gaiola. Muitas experiências foram concebidas para testar a presença de PES dentro de um campo elétrico, bem como as respostas, tanto em estados normais como de transe, a impulsos elétricos transmitidos aleatoriamente e registados em gráficos noutro edifício. As pontuações dos alvos aumentaram significativamente na gaiola de Faraday.

No decurso das experiências, Hammond (que também trabalhava com a Marinha dos Estados Unidos) foi aconselhado pelos controlos de que seria necessário em Washington para trabalhar num novo tipo de submarino. Isto revelou-se de facto verdade, e ele providenciou a transferência da gaiola de Faraday para a *Round Table Foundation*, no Maine, onde as experiências poderiam continuar sob a direcção do Dr. Puharich. Como não tinha verdadeira compreensão do que se passava, tudo me soou como uma agradável aventura – que teve um final divertido, no que me diz respeito.

Parece que Henry Wallace telefonou ao Dr. Puharich para perguntar sobre a experiência. Ele sempre se interessara pelo trabalho iniciado sob o Professor McDougall, e eu costumava parar em Washington no meu regresso da Universidade Duke para discutir com ele o progresso do trabalho. Fiquei contente quando soube que ele viria visitar-nos no Maine. Na manhã seguinte à sua chegada, ele

chamou a mulher do correio de Glen Cove para verificar a hora em que a sua chamada telefónica fora recebida pelo Dr. Puharich, que chegara no preciso momento em que o seu nome foi mencionado numa comunicação em transe.

Henry Wallace era um indivíduo amigável e não hesitou em dizer-lhe quem era. Ela já perguntara à minha secretária, que me acompanhava em muitas ocasiões, porque é que eu recebia tantas cartas, e agora que descobrira a presença do Sr. Wallace, concluiu que todos estávamos interessados no Comunismo na *Round Table Foundation*. Quando a minha parte do trabalho foi concluída e regressara a Nova Iorque, recebi a visita do FBI. Tinham vindo investigar as minhas atividades comunistas! Não fazia ideia de que a presença do Sr. Wallace teria um efeito tão alarmante. Conhecia-o há muitos anos e estava consciente do seu intenso interesse pela investigação psíquica.

Teria gostado muito de continuar estas experiências, mas duas outras sensitivas trabalharam com o Dr. Puharich, e como estava totalmente ocupada em Nova Iorque, não tive a oportunidade de continuar os testes dentro da gaiola.

Muitos meses depois, quando um relatório preliminar me chegou, percebi que o Dr. Marchesi era ele próprio dotado de PES, e fora instruído sobre o que esperar do trabalho dentro da gaiola. Um contacto tão próximo com ele poderia ter produzido telepaticamente quaisquer resultados que tivessem sido esperados. Por esta razão, o trabalho para o qual eu tinha tão altas esperanças perdeu algum do seu valor para mim. E como pode ter havido uma troca telepática inconsciente entre mim e o Dr. Marchesi, isso anularia os resultados da experiência.

Lembrei-me de quão cuidadosos devemos ser com as comunicações telepáticas quando li *Swan on a Black Sea*, de Geraldine Cummins. A história, bem conhecida nos círculos de investigação psíquica, tratava dos manuscritos Cummins-Willett, um famoso estudo de escrita automática. É uma leitura compulsiva, e ficamos dominados pela admiração pela notável proeza mediúnica da Srta. Cummins.

Mas, ao lê-la, lembrei-me de algo que me acontecera durante uma sucessão de experiências realizadas em Godalming sob a direção de Mrs. Gertrude Kimber, Dame Edith Sitwell, e uma senhora que me foi apresentada como «Mrs. Willett». Não sabia nada destes estudos, apenas que Mrs. Alfred Lyttleton estivera presente em algumas das experiências. Acreditava implicitamente na objetividade do trabalho. Mas uma noite, um amigo de Mrs. Kimber, ao levar-me de carro para apanhar um comboio de volta a Londres, anunciou sem qualquer razão aparente que não estava impressionado com a personalidade de Mrs. Coombe-Tennant. A sua afirmação pode ter sido uma forma de testar a minha própria honestidade de intenção, ou então o cavalheiro pode ter estado a fazer conversa – mas ele estava obviamente a referir-se à senhora que me fora apresentada como Mrs. Willett. Em qualquer caso, se a completa objetividade devia ser mantida, era necessário que eu dissesse à minha anfitriã que a identidade da sua convidada me fora revelada.

Muitas mudanças ocorreram na atitude do público em relação à mediunidade desde então. As sensitivas aparecem agora na televisão! Na verdade, devo sugerir respeitosamente que a mediunidade é agora, na maioria dos casos, uma questão de exibicionismo quando é realizada publicamente, e por vezes é bom entretenimento – dependendo, claro, do sentido de humor do médium. Depois de passarmos meio século dentro deste campo, examinando atentamente este dom, é angustiante encontrá-lo pervertido a ponto de deixar de ser criativo, mas permanecer mais ou menos como entretenimento social.

Aparentemente, está a tornar-se cada vez mais procurado à medida que a ansiedade se espalha na população. O enorme impacto desta preocupação generalizada traz a necessidade de nos afastarmos da fórmula religiosa em direção a um horizonte de «estar certo» de que, uma vez dentro do *paraíso* de participação com os vivos mortos, tudo está bem! Mas talvez isto não seja pior do que todos os outros métodos de propaganda que são diariamente distribuídos em nome do governo para embrutecer as sensibilidades e manter viva a sensação de que tudo está bem com o mundo. Enquanto novos valores morais e educativos procuram sustentar-nos, a inteligência maior foi esquecida, e um povo ansioso não conhecerá os verdadeiros problemas que o

afetam a ele e ao seu mundo, a menos que primeiro recorde o antigo lema: Conhece-te a ti mesmo.

41

A maneira como percebemos interior e externamente sempre foi para mim uma questão de profunda preocupação, pois mesmo em criança pequena percebi que as minhas perceções eram diferentes das dos meus mais velhos e das crianças da escola. No auge do meu maior dilema, quando tinha menos de três anos, caí de um muro enquanto tentava alcançar groselhas que cresciam num matagal de urtigas. Sabia que seria castigada pelo meu ato; e entre a dor das picadas nos braços e pernas e o medo de ter de confessar que desobedecera à minha tia, sentei-me onde caí, a pensar no que fazer a seguir.

As picadas, que agora davam origem a uma ilusão de que a minha visão se alterara, causaram talvez mais ansiedade do que a própria dor. O mundo à minha volta assumira uma nova vitalidade, e parecia haver movimento no meu corpo e à minha volta que era novo: imagens rotativas e visões coloridas surgiam das urtigas.

O muro de onde caíra assumiu um novo padrão, como se alguém tivesse cinzelado formas de arte nas pedras brutas, e em breve a erva que crescia à volta girava a partir de um ponto central de luz e cor. As formas das plantas e das árvores tinham-se tornado vivas com um movimento pulsante. Olhei longa e ansiosamente para as mudanças percetivas nas pedras e no crescimento à volta.

Quando me habituei à sensação de novidade no mundo à minha volta, a ansiedade deixou-me. Aceitara os padrões de cor em mudança, da erva e da pedra. Não veio qualquer expressão verbal pela qual pudesse relatar o que me acontecera. Voltei lentamente para a casa da quinta; uma erupção branca nos braços e pernas foi examinada quando entrei, necessitada de compaixão. Nenhuma veio; em vez disso, fui repreendida por ter vagueado e causado mais problemas, como a minha tia via as minhas ações.

Esta foi, portanto, a primeira vez que encontrei um novo método de perceção, em que os objetos mudavam as suas formas e respiravam realmente. Tornou-se uma medida estimulante de observação que chegava sempre que me magoava ao cair, como muitas vezes

acontecia. Haveria de me acontecer repetidamente, pois a minha tia tinha de me castigar quase diariamente por coisas que ela insistia que eu fazia de propósito. As imagens em cores tornaram-se assim parte do meu mundo, e continuaram ao longo da minha vida.

Quando encontrava um lápis ou giz, fazia uma série de imagens, principalmente nas portas do curral ou no celeiro. Na escola, fiquei fascinada pelo processo envolvido em fazer as letras do alfabeto; a maior dificuldade era abster-me de sombrear ou duplicar as letras ou números. Os meus olhos declaravam que cada objeto tinha de ter um «duplo» para ser perfeito, ou mesmo completo, e houve momentos dolorosos a serem vividos antes de eu aceitar que as minhas imagens tinham de ser feitas em forma singular. Ainda hoje, não consigo desenhar um simples quadrado sem desenhar o seu duplo para o tornar perfeito. Assim, creio, foram os frequentes castigos da minha tia que causaram a estimulação dos sentidos que produziu imagens – imagens que até hoje permaneceram.

42

A precognição tem sido uma ocorrência comum em mim ao longo da vida, mas tive de pensar numa hipótese que a tornasse mais inteligível para mim mesma. Como acredito verdadeiramente que a eternidade é aqui e agora e que todos os aspetos do eu estão contidos no absoluto, não considero a precognição como sendo muito diferente dos outros padrões contidos na mente. Há sempre presente, à nossa volta, uma «piscina de memória» que contém os pensamentos e emoções do mundo de hoje e de todos os ontens.

Temos acesso aos seus infinitos corredores de experiência, encontrando por vezes o caminho para uma nova sala que pensamos ser o futuro, quando na realidade essa sala sempre existiu. Está a surgir apenas à medida que a percebemos, mas tivemos tempo ao longo do caminho para «fazer amizade» com muitos aspetos do fluxo de energia do inconsciente coletivo que descrevemos como mente.

Não quero insistir no ponto de que dentro do passado há réplicas de tudo o que existe no «agora», mas eu própria estou tão convencida. Assim, quando tive premonições de coisas a acontecer num futuro distante, ou não tão distante, estive consciente de alguma estimulação

sensorial que me excita a ser profética e recetiva, não apenas aos pensamentos e condições de pessoas que conheci, mas também a eventos que não me dizem diretamente respeito mas que perturbam a atmosfera mental do mundo.

Recentemente, enquanto estava no sul de França, um ligeiro terramoto atingiu-nos entre as seis e as sete da manhã. Nessa mesma manhã, acordara às quatro horas com a sensação de que se estavam a passar graves perturbações atrás das colinas, na direção de Itália. O efeito foi muito desconfortável e causou-me uma sensação de náusea. Só mais tarde durante o dia associei a ocorrência do terramoto à sensação perturbada do início da manhã. Tais apreensões são submersas e finalmente esquecidas pelo indivíduo; mas os pensamentos foram libertados dentro do universo, para serem registados.

Talvez todos tenhamos acesso a um plano de consciência do qual nem sempre estamos conscientes, pois os eventos no planeta em que vivemos estão sempre a nascer e a amadurecer. Mas como existimos num padrão mecanístico de pensamento, nem sempre notamos as regras da natureza, das quais os animais, pássaros e insetos estão conscientes no seu próprio estado livre, como meio de autopreservação.

Como exemplo: Um engenheiro, ocupado a registar os seus planos e modelos, é interrompido, e um momento de frustração o assalta. Ele pode mudar ou reconstruir os seus modelos, ou pode destruí-los para recomeçar. Uma sensitiva pode captar o fio do seu pensamento, a sua criação, frustração ou destruição; tudo será simultaneamente libertado. Sonhando ou acordado, o processo acontece, pois os pensamentos frustrados do engenheiro estão agora no mundo da intemporalidade e do espaço.

Um dos problemas da precognição é o intervalo de tempo entre o momento em que se cognoscibiliza um evento e a sua ocorrência real. Os pensamentos que conduzem a este acontecimento entraram no mundo da energia, onde são percebidos, sejam eles dramáticos ou alegres; mas os eventos a que se referem podem estar muito atrasados. Há pessoas que não afirmam ser sensitivas mas que são capazes de

preconizar uma morte na família, um desastre ferroviário, uma doença, um assassinato, ou mesmo eventos bastante triviais.

A precognição é frequentemente relacionada com a causalidade por falta de uma melhor explicação, mas suspeito que cada um de nós carrega dentro do seu ser percipiente as sementes do seu próprio destino. Do meu ponto de vista, ao examinar a precognição, sinto que uma sensitiva pode tornar-se consciente das energias subconscientes latentes contidas na mente, preparando-se para se manifestar.

O meu próprio trabalho como sensitiva ao longo dos anos, em que pude usar o «dom da profecia», ajuda-me a compreender como os eventos e situações cruciais que ocorrem «espontaneamente» já estão lá, dentro do inconsciente profundo. Por mais surpreendente que possa ser, estou inclinada a acreditar que a experiência pessoal ainda por viver projeta a sua sombra antes do tempo.

Todos os eventos no mundo aconteceram muitas vezes na história do homem. Já disse que esta taça de memória está ali para o percecionista espreitar, enquanto algo da sua própria constituição mental determinará cada vida individual. As profundezas da psique são ainda pouco compreendidas, e estou plenamente consciente de que as minhas conclusões podem estar abertas a críticas; mas se mantivermos diante de nós o conceito de que o eterno «agora» está sempre presente, é mais fácil reconhecer que não é impossível estarmos em contacto com as mentes uns dos outros no estado de sonho ou de vigília.

Todo o processo dos dados sensoriais é difícil de compreender, especialmente porque nos ensinam que a sua morada está no cérebro. Mas o cérebro não é o centro do pensamento. Aceita material que flui eternamente para ele e à sua volta. O cérebro processa o material para nossa compreensão, muito da mesma forma que um computador lida com os dados que lhe são fornecidos, com a diferença de que, enquanto o material do computador é material preparado, o cérebro lida com algumas modificações ainda insuspeitadas da energia que o rodeia.

O expoente da precognição pode lidar com muitas suposições, uma vez que a mente é imaterial e tem o seu ser no espaço. Até agora,

as fronteiras científicas não tomaram estes aspetos da mente em consideração, pelo que estamos à vontade para aplicar a nossa própria introspeção e reflexão. Na falta do conhecimento mais profundo da intuição, tornamo-nos como robôs, obedecendo à vontade e ao capricho das forças poderosas em ação. Deve perceber-se que somos como icebergues, com dois terços do nosso potencial poder mental submersos, e devemos pelo menos tentar compreender o significado contido na vida interior.

Há uma parte da mente, ou intelecto, que parece captar, arranjar e coordenar o que se passa na atmosfera mental de outra pessoa, e isso é o que muito frequentemente acontece comigo. Estou, por assim dizer, a pensar com a mente do outro. Parece haver um lugar específico onde os espaços entre a nossa própria consciência e os dados inconscientes dos sentidos são preenchidos, para clarificar e responder às necessidades que surgem na mente de outra pessoa.

Isto é clarividência. Desde os meus primeiros dias, aprofundou-se e alargou-se, expandindo assim a minha própria visão. Neste processo, nada dos meus próprios sentidos ou consciência parece ter sido sacrificado, pois não há fricção entre o «real» e o «irreal». O meu interesse prático é apenas extrair da situação revelada o que é útil, o que pode ser útil. A minha consciência, quer no estado de sono, subconsciente ou de vigília, está desligada. Penso que os artistas, músicos, poetas e qualquer artesão criativo devem também experimentar isto.

Porque disse que ouço todos os tipos de som no meu sono, perguntaram-me se os meus sentidos e consciência continuam a funcionar no sonho. É um facto que, no meu estado de sono, os meus sentidos normais ainda estão alerta; posso especular e contradizer, e ouço e sei, por exemplo, o momento em que o vento pode mudar. Isto, no entanto, pode ser porque, como disse noutro lugar, aproximo-me da periferia do sono, mas não entro completamente nele. Talvez seja este «estado crepuscular» que cristaliza a perceção para mim.

É este estabelecimento de continuidade fora do tempo que me dá a capacidade de experimentar e viver interior e exteriormente. Todo o mecanismo desta perceção é, suponho, regulado para trazer uma

correlação pacífica entre as consciências externa e interna. Sou capaz de as «recompor», e é uma faculdade que me permite agir impulsiva e rapidamente sobre as coisas, ser útil a mim mesma num sentido prático e interessar-me pelos estados de mudança, mais do que pela mudança em si.

Em nenhum lugar este estado de mudança é tão percetível como no domínio da vida interior. Dificuldades e contradições de todo o tipo podem ser resolvidas «no interior». É difícil para mim, neste ponto, exprimir-me com precisão verbal, pois se deixasse voar a minha imaginação, teria de me adaptar a outra realidade, a outra língua.

Talvez a natureza tenha inventado para todos nós métodos e meios pelos quais notamos e identificamos a mudança. Sabemos que há muitas pessoas que preservam continuamente as coisas do passado, mas não temos de fazer isso. O passado está lá dentro da nossa consciência. Uma emoção trará à consciência coisas que perdemos há anos. O cérebro está lá, sempre pronto a preservar, simplificar, utilizar, remodelar e recordar.

O passado e o presente tornam-se um. A mente subconsciente é uma terra inexplorada de imagens na qual, como ego, entramos. O que parte quando partimos são o cérebro e a química, mas a multiplicidade de estados que continuaram todo este tempo, para os quais olhámos – isto, sinto, pode continuar. Se soubermos isto, podemos então começar a viver com uma apreciação e compreensão mais profundas do universo, onde existe a verdadeira natureza da mente.

Para mim, a realidade do conhecimento que me é apresentado parece, ao mesmo tempo, viajar para dentro e para fora, como duas correias transportadoras, uma a alimentar a outra. Estas não mudam de direção descuidadamente; a mente é capaz de as seguir em todos os procedimentos. Talvez seja esta capacidade que me permite passar facilmente de um campo de simbolismo para outro conceito e ainda assim manter próxima a realidade interior. Os filósofos podem compreender o que estou a tentar dizer, porque muitas vezes têm de inverter a direção normal do pensamento para permitir que os seus leitores os compreendam.

Sempre tive um desejo ardente de compreender a precognição, pois recebi este tipo de conhecimento ao longo da vida, sem que as minhas emoções estivessem envolvidas. Uma «realidade» foi obtida a partir disso. É que o meu ser, seja o que for que essa palavra implica, deve estar a fluir através do tempo, tal como os eventos prestes a acontecer.

As perceções que recebo são nítidas e distintas, como o desenrolar de um filme ou de um carretel. É a isto que se pode comparar o viver: um desenrolar contínuo do fio do carretel – uma corrente de sentimento a mover-se no espaço na continuidade do progresso e na unidade da ação. Só me posso relacionar com os eventos que prevejo se representar algum conceito de como me sinto.

A perda, em 1930, do dirigível conhecido como R-101 fora por mim «vista» três vezes num período de cinco anos. Não sei nada sobre o mecanismo das aeronaves, mas, como mencionei, vivi em Londres durante os ataques de zepelins na Primeira Guerra Mundial. Como muitos milhares de pessoas, observei o seu progresso sobre Londres, vi os holofotes captarem a sua posição, e vi-os cair do céu em chamas. Na verdade, em companhia de jovens amigos, apressara-me para o local de um desses desastres em Cuffley, perto de Potters Bar, a cerca de trinta milhas de Londres.

Fiquei especialmente perturbada por estes ataques aéreos, pois o meu trabalho exigia que eu vivesse no coração de Londres. Preocupava-me extremamente com a segurança da minha filha, então bebé. Finalmente, levei-a para fora de Londres por segurança.

Como outros em Londres, aprendi a temer o aparecimento noturno destes navios; mas quando vi pela primeira vez este zepelim fantasma, muitos anos já haviam passado. A minha filha crescera, e a Inglaterra estava em paz. Perguntei a mim mesma muitas vezes se a minha mente subconsciente teria tornado esta imagem «concreta» – mas, se assim foi, porque foi projetada em 1926, 1928 e 1929, e novamente em transe muitas vezes?

O primeiro aparecimento do dirigível fantasma ocorreu no Hyde Park. Levei o meu terrier ao Serpentine para nadar. Olhei para cima, e ali estava um navio prateado a mover-se suavemente na direção oeste.

Não causou impressão consciente em mim na altura. Não tinha relação com ninguém que pudesse estar a voar. Estava simplesmente ali no céu. Não houve confusão, e voou sobre mim lentamente para desaparecer no pôr-do-sol.

Vi o mesmo objeto novamente dois anos depois. Estava nas proximidades de Holland Park, a caminho do Colégio de Ciência Psíquica. Eram cerca das 14 horas. Um vento forte soprava nuvens fofas pelo céu. De um banco de nuvens, vi um dirigível. Balançou, depois inclinou-se. Jatos de fumo saíram e esconderam o trem de aterragem. Depois as nuvens cobriram-no.

Quando saí do colégio, comprei os jornais da tarde, esperando ler sobre o desastre. Mas não havia nada nas primeiras páginas, nem havia nada no dia seguinte. Desta vez, fiquei confusa. Vira realmente o fumo, tal como o vira acontecer nos ataques de 1916. Durante aquela semana, observei os jornais diários, mas mais uma vez não havia relato.

Voltei a ver o dirigível por cima em 1929, e novamente o fumo emanou do grande invólucro. Lembro-me de ter ficado imóvel, paralisada no local. Jatos brancos captaram os raios do sol, depois transformaram-se numa nuvem densa. Novamente as nuvens obscureceram o navio fumegante. Desta vez, fiquei profundamente perturbada. Sabia que isto era sério. Que não estivesse a acontecer era impensável – mas mais uma vez não houve relato.

Depois de três acontecimentos fantasmagóricos, era difícil convencer-me de que não houve dirigível. No entanto, ninguém o podia explicar. Não houve qualquer desastre de dirigível conhecido em parte alguma. Muitas vezes me perguntei porque tais visões aconteciam a alguém tão completamente desinteressado como eu.

Mais tarde, anunciou-se publicamente que a Inglaterra estava a construir dois dirigíveis, o R-100 e o R-101. Comecei a encontrar pessoas que estavam programadas para voar para a Índia, entre elas Sir Sefton Brancker, então chefe do Ministério do Ar em Londres. Conhecia uma amiga que ele visitava num fim-de-semana, e contei-lhe a experiência. Quando ela lha relatou, ele tratou-a com desdém. Ele perguntou-me: «Tem alguma ideia de qual dos navios sofrerá?»

«O R-101», respondi. «Isso ajuda», disse ele. «É esse que está programado para voar para a Índia, e eu vou fazer a viagem em breve.» Nada mais foi dito na altura.

O resto da história é bem conhecido. Parte da história incluiu o episódio com Mrs. Hinchcliffe, que foi levada a uma sessão na Aliança Espiritualista de Londres depois de o seu marido ter perdido a vida a voar sobre o Atlântico. Tive uma premonição antes de a notícia chegar a Londres de que o seu avião se perdera, e contei-o a Sir Arthur Conan Doyle. Foi ele que providenciou trazer Mrs. Hinchcliffe, recentemente viúva, à L.S.A. Mais tarde, num pequeno livro, ela revelou as suas «conversas», mas não lhe foi permitido imprimir que o Capitão Hinchcliffe enviara mensagens de aviso ao homem, seu amigo próximo, que se tornaria o navegador do R-101. Ela viajara para Norfolk para ver este homem que, segundo disse ao conselho da L.S.A., ridicularizara a ideia. Falou com muitas pessoas sobre a previsão do seu marido, e a partir daí muitos dos amigos do seu marido procuraram sessões.

Creio que houve avisos dados também noutras direcções, e com a publicação do livro *The Millionth Chance*, soube que o homem que era o segundo na hierarquia de Sir Sefton Brancker, Director da Aviação Civil, que estava a bordo do R-101, também procurara saber se o acidente poderia ser evitado. O que produziu estas sensações sucessivas de visão? Não sei. Não posso dizer que houvesse quaisquer estados de espírito ou mudança de sensação em qualquer das alturas da perceção, pelo que não posso dizer que existisse qualquer estado psicológico elementar que causasse o aparecimento das aparições. Também o símbolo de um dirigível em chamas não era um elemento de qualquer pensamento habitual conhecido.

44

O ato consciente de respirar traz à tona imagens numa linguagem em que a natureza nos fala. Acima e para além do pensamento que produz imagens, inúmeras células nervosas trabalham para produzir o pensamento. Por outras palavras, o milagre da respiração consciente é o milagre da criação. Desta perceção relaxada e não pensativa vem a

unificação com o conhecimento externo, e aquilo que percebemos como mente.

Estou bem consciente de que esta via simples para o conhecimento não é científica. É, no entanto, uma via para uma consciência mais vasta do que qualquer um pode perceber que não aceite a simples possibilidade de que a matéria da vida do nosso ser está, ao mesmo tempo, dentro e fora.

Quando respiramos profundamente, por amor a respirar para dentro do nosso eu interior, tornar-nos-emos certos de nós mesmos como uma forma individual que se move em liberdade dentro de um oceano de observação. É a simples unificação do eu com este oceano externo de vida que nos liberta para receber e perceber. A intuição, portanto, não tem fim. Em vez de vivermos num estado superficial e aceitarmos ideias, podemos viver dentro e fora do domínio dos sentidos ao mesmo tempo.

A perceção, sem esforço mas carregada de consciência, livra-nos do conceito diário habitual de ação. Podemos sair do tempo e manter o passo com a mudança. Não reduzimos os nossos sentidos para aceitar uma ordem de ontens que já não existe para nós, mas que agora regressou à ordem do espaço-tempo em que habitamos em estados subconscientes e superconscientes, livres de nos relacionarmos com a experiência quotidiana.

Perguntam-me frequentemente de onde vem a minha energia. Vem na respiração – o uso consciente da respiração. É por isso que o passado raramente está na minha consciência: não há lugar para ele – mas está «lá fora», para ser recordado se necessário. Afastamos a experiência queimada de cada respiração com a seguinte. Desta forma, o passado não se acumula sobre nós. Nós o moldámos e ordenámos como um ecrã temporário que não pode mascarar-nos da rota que temos de percorrer quando o sono nos envolve.

Assim, por mais abstrata que uma ideia possa ser, se a tomarmos na nossa respiração consciente e a relacionarmos connosco, será aceite e decomposta em símbolo e imagem, para ser «arranjada» e coordenada através dos nossos sentidos. Sugiro que esta é uma via para aqueles que têm dificuldade em compreender conceitos e utilizar

as suas perceções. A nossa atenção é assim concentrada precisamente nos nossos próprios termos para clarificar e intensificar. Não se pode trazer a perceção para suportar qualquer conceito se o campo de atenção e perceção não for primeiro preparado.

Há aspetos na natureza prontos a revelar-se através de imagens. O poeta e o artista deram-nos a certeza disso. Eles revelam o significado do invisível que se torna «disponível» quando as imagens reveladas tocam os nossos sentidos, para serem traduzidas para a nossa consciência. A imagem fotográfica deve ser mergulhada em solução para se tornar visível. Assim, cada conceito deve ser exposto aos sentidos, para ser decomposto numa imagem que é unicamente nossa, para tornar o verso, a pintura ou o conceito do artista aceitável na nossa própria linguagem simbólica.

Se aceitarmos os produtos da imaginação do artista e os adotarmos porque estão na moda ou são caros, não olhámos, e não sabemos se são verdadeiros para nós. Mas se nos afastarmos do ato de admiração e prazer fantasioso, para respirar o conceito do artista, esse conceito «dissolver-se-á», e começaremos a perceber com o nosso próprio simbolismo o que o artista nos revelou. É necessário, por um momento, tornar-nos «distraídos», para nos desligarmos do objeto a ser visto, de modo a obrigá-lo a abrir a nossa visão para essa contemplação e aceitação interiores. A perceção, como a conheço, é portanto a soma total de uma demonstração de imagens, que a atenção trouxe de uma tela mais ampla da respiração que tudo envolve.

45

Num capítulo anterior, descrevi como fui levada para um hospital em Marselha depois de ter adoecido a bordo do navio enquanto viajava pelo Atlântico para a Europa em 1935. Durante três meses, estive gravemente doente até que se tornou óbvio, mesmo para mim, que se eu quisesse sobreviver à doença, algo de natureza milagrosa teria de acontecer.

Uma noite, senti-me particularmente desanimada com a minha incapacidade de qualquer recuperação. Já sofrera uma terceira recaída e chegara ao ponto em que pouco desejava viver se isso significasse continuar a sofrer. Comecei, de forma sonhadora, a perguntar a mim

mesma se não haveria alguma ajuda que pudesse ser obtida através da oração espiritual, e se tal ajuda fosse possível, perguntava-me qual seria a maneira da sua receção, e se o eu emocional estaria consciente da ajuda recebida.

A pensar assim, posso ter adormecido ligeiramente – não posso ter a certeza. Mas pensei ter ouvido um ruído como se alguém abrisse a porta do quarto com cautela. Procurei a minha enfermeira, mas ela estava sentada num canto, a ler calmamente. Vendo que ninguém entrava, ocupei-me com outra linha de pensamento, quando me apercebi de que alguém além da enfermeira estava no quarto, e mesmo quando percebi isso, vi um homem alto junto à cama. Olhei para ele com intenso interesse, mas só pude adivinhar como eram os seus traços. Usava uma longa veste cinzenta que cobria completamente o seu corpo, e o capuz ligado à veste revelava apenas um contorno escasso do seu rosto. O seu cabelo estava puxado para trás da testa (quase como se tivesse sido untado) com um coque na nuca e um alfinete de cabelo de aço ornamental preso no coque. Era muito alto e sugeria um homem de meia-idade, com grande vitalidade e força.

Não fez qualquer tentativa de falar a princípio, mas, curvando-se, pareceu ouvir o ritmo da minha respiração. Pareceu uma eternidade que ele permaneceu assim. Depois, erguendo-se a toda a sua altura, respirou fundo e disse: «Sim, viverá, e um dia perceberá que pode ensinar-se a respirar corretamente. Algures ao longo do caminho, deve ter perdido o controlo do método preciso. Agora respire comigo – como faz, lentamente, quando entra na área subconsciente que é sua. Se puder usar a mesma respiração à noite, relaxar-se-á para dormir e, assim, ficará boa.»

Com estas palavras, caminhou em direção à porta e desapareceu. Pensei muitas coisas sobre ele, e instintivamente senti que ele era mais jovem do que eu acreditara no princípio. Também senti que este não fora uma entidade fora do corpo com quem tivera de lidar, mas um homem desta vida. Da sua origem, do seu país, da sua profissão, ou de qualquer outro detalhe sobre ele, não tinha conhecimento algum.

Enquanto estava deitada a pensar no que «ouvira» e «vira», a minha enfermeira levantou-se e veio à cama. Ficou aliviada por eu

parecer menos tensa e de melhor humor. Perguntei-me se ela teria alguma ideia de que tivéramos uma visita, quando ela voluntariamente observou: «Não quis incomodá-la, pois pensei que estivesse a dormir tranquilamente, mas tive, durante alguns momentos, a sensação mais estranha de que alguém entrara no quarto.» Não na altura, pois ainda estava sob o feitiço da sua presença curativa e não tinha desejo de o interromper, mas muitos dias depois, contei-lhe o que acontecera. Ela disse que ficara aliviada por eu a ter posto ao corrente da nossa visita da noite, pois a sensação de não estar sozinha naquela ocasião causara-lhe uma impressão que ela descreveu como «sinistra» e que durara alguns dias.

Houve muitas ocasiões desde então em que tentei enviar uma mensagem ao «desconhecido» de que me beneficiaria se ele pudesse vir dar-me conselho; mas nenhum brilho de resposta me foi jamais concedido de que a minha mensagem fora recebida. Acreditando que o seu diagnóstico estava correto, tenho nestes anos dedicado muito tempo a estudar o controlo da respiração mais aprofundadamente.

Tal estudo abriu muitas novas áreas da mente subconsciente e revelou-me uma nova elasticidade de visão e mente. Ajudou-me definitivamente a controlar grande parte da asma espasmódica de que sofro há muitos anos. Nunca mais experimentei esta visitação, mas sinto que talvez um dia os meus esforços possam trazê-lo a ver-me novamente. Ainda vejo o seu passo longo – um homem que deve ter percorrido distâncias enormes, um homem de coragem e força ilimitada.

46

Alegra-me que, numa era de tecnologia, haja quem esteja a dar interpretação moderna ao mundo dos sonhos, que contém a chave para o desenvolvimento da evolução da raça. O mundo dos sonhos e o mundo do sentimento profundo que é interpretado por símbolos relacionam-nos com as raças antigas, pois os sonhos do homem antigo e do homem moderno são dados na mesma linguagem simbólica.

O simbolismo, com os seus sentimentos e impressões interiores, é expresso com os mesmos aspetos sensoriais da intensidade e associação do mundo exterior. O sonho simbólico é uma sobrevivência que nos conduz através de diferentes culturas e diferentes associações históricas ao longo dos séculos. É ainda a linguagem do mito e do conto de fadas, e nunca é esquecido no inconsciente, mas demasiado frequentemente os seus significados são negligenciados ou não compreendidos. No sonho simbólico, onde o tempo e o espaço não existem, estamos ligados aos nossos mais antigos antepassados.

A linguagem do símbolo e do sonho é a rota para o todo inconsciente. Dentro destas duas facetas da mente devemos olhar se quisermos encontrar segurança. Esta tem sido a rota especificamente humana, o nível duplo contido no conceito universal do ser. Tem sido sobretudo uma língua estrangeira, mas nas últimas décadas crescemos até compreender que se pudéssemos recordar o passado, poderíamos encontrar a conceção de um futuro que se desdobra diariamente.

A introspeção está ao alcance do sonhador, pois ele escapa à intensidade da vigília que tende a reter a vitalidade que nos convida a continuar com a vida, muitas vezes a níveis subterrâneos. O eterno agora leva-nos instintivamente para a frente e contém em si o conhecimento e a experiência das rotas à frente, mesmo que essas rotas se tornem turvas quando acordamos para a nova experiência de cada dia. A previsão é clara num mundo de sonho, mas a rota fica nublada quando emergimos para viver a experiência do dia. O olho exterior discerne apenas o que há a empreender num mundo tridimensional.

47

Uma vez que decidi que um dia perseguiria o significado intuicional por trás da «comunicação com entidades», soube que tinha um novo caminho a seguir. Qualquer pessoa que tenha trabalhado na arte da composição teve de se esforçar para se colocar no coração do assunto e aí procurar tão profundamente quanto possível uma «impulsão» que por si só nos leve para a frente. A impulsão põe a

mente numa viagem para encontrar a imaginação que se desenvolve e analisa sem limites.

Aprendi que estes passos que damos em direção à «revelação» não eram um impulso ou um afastamento da mediunidade como tal, mas o início de uma harmonia espiritual com as nossas próprias qualidades mais íntimas. Já não era um método para averiguar alguns factos para os assimilar, mas antes uma continuação da busca e uma fusão da enorme massa de detalhes, sem aceitar ideias preconcebidas ou chegar prematuramente a conclusões. Assim começou o «método experimental» e a busca de factos e conclusões que têm sido a motivação dominante da minha vida.

As ideias não têm princípio nem fim, pois o universo estende-se para além da experiência humana. Há muito para observar e descobrir. A hora já vai tardia, e concebi muitos mais métodos de investigação do que alguma vez poderei cumprir. Mas certamente somos levados para uma atmosfera onde vislumbramos e sentimos a beneficência das brisas espirituais. A experiência científica torna-se edificante e exaltante, pois aqui estão verdades que têm a ver tanto com o sentimento como com a razão.

Embora sempre tivesse sido capaz de entrar em estados subjetivos – como estar «fora de mim mesma», entrar em transe, «viajar no espaço», ou estar subtilmente consciente de entrar em estados de iluminação extremamente interessantes através de clarividência intensificada – o mundo das cores que era o meu próprio «mundo espacial» era muito fácil de aceitar. Não havia estados compulsivos, apenas níveis mentais para os quais podia deliberadamente escapar e dos quais podia regressar à vontade.

Sabia que a curiosidade guiava o meu eu demasiado imaginativo. Examinara demasiadas vezes o meu estado de ser e sabia que não existiam compulsões. A escolha inicial entre mundos alternativos de visão era minha para fazer. Mas a sala fechada dentro da mente subconsciente, onde habitavam as supostas personalidades de transe, obviamente harmoniosas para si mesmas e também para outros, continuava a ser um problema. Sentia que devia ser resolvido.

Durante este tempo, passei por um processo da mente que é difícil de descrever. Só me posso referir a ele como uma transformação de pensamento sem imagens. Eu, que sempre fora confrontada com simbolismo, como já expliquei, cheguei a um momento em que a mente se tornou opaca. Só pude explicar isto como sendo não criativo. As imagens continuaram a permanecer comigo para revelar a sua história durante o espaço de segundos ou momentos. Mas agora a mente tornou-se como se olhássemos para um lago; na verdade, chamei a estes momentos não criativos e sem impulso «o lago do não-devir». Ainda hoje posso cair neste estado de não-ser muito facilmente. Marca uma mudança no processo de pensar percetivamente. Atingo um ponto de imobilidade, e noutras alturas, não estou bem consciente do momento em que este processo de exercício começa. Este funcionamento não criativo tornou-se então um período de não-ser.

Por vezes, isto tem perturbado os meus amigos íntimos, que me dizem: «Você não está ali.» Mas seja qual for o estado, e por mais curta que seja a sua duração, acho que é repousante. É como se uma fenda entre o meu eu interior e o meu eu percetivo tivesse criado um momento de «impulso espiritual». Não parece marcar nenhuma passagem significativa de tempo; não tem fenómenos interventores em que se pondere sobre uma ideia, nem parece haver nada que dê explicação ou interpretação. Olho, sem ver, para longe de mim mesma. É impercetível para todos aqueles que não me conhecem bem, mas acho que tem um significado próprio, pois muda de tom e de ritmo. Alivia-me do stress quando as conversas se tornam cansativas. Pode ser comparado a ler um parágrafo e depois chegar ao fim, marcado por um ponto final. É um momento no tempo de inacessibilidade pacífica, até para mim mesma!

Olhando para trás, para estes meses de indecisão, percebo que o que outrora pensei ser irreal dentro da situação existente era na verdade um desejo verdadeiro e profundo de compreender o carácter destes impulsos instintivos e subconscientes. O uso diário da mente subconsciente para produzir provas através da mediunidade de transe era muito bom, mas significava que, durante o dia, a existência consciente estava mais ou menos adormecida em quiescência. Dava

horas de cada dia ao uso do transe. Tinha de construir o meu trabalho para envolver toda a minha energia nervosa, caso contrário haveria uma desigualdade de compreensão nas minhas horas diárias.

A revelação, a consciência e a perceção finalmente uniram-se para me atrair de volta ao campo de onde tão apressadamente partira. A esperança de libertação destas perceções não se cumprira; antes, crescera a convicção firme de que devia à memória de Hewat McKenzie regressar ao campo, para melhor o compreender. Quer se acredite ou não na comunicação, sentia frequentemente que McKenzie me instava continuamente a regressar ao trabalho. Todas as manhãs acordava com a sensação de que ele me recordava: os anos de treino para me tornar uma médium fiável não podem ser desperdiçados.

Quando regressei ao trabalho em Londres, faltava o brilho da presença de McKenzie e a sua rígida disciplina. Entrei em fases mais profundas de mediunidade, e finalmente chegou para mim aquele tempo feliz em que apenas o tomador de notas chegava para me pedir que entrasse em estado de transe. Ou não havia experimentador visível, ou a investigação era feita por psicometria, usando um objeto. Achei este um estado ideal para o trabalho. As impressões externas não toldavam o horizonte de tranquilidade que suspeito que o transe deve trazer.

Pode facilmente ver-se que, nessa altura, já começara a beneficiar dos meus anos de treino. Os «controlos» devem também ter sido consideravelmente ajudados pelo treino prático de McKenzie durante a sua vida. Quer os controlos sejam as entidades separadas que professam ser, quer sejam «cisões» da minha própria personalidade, deve permanecer uma diferença óbvia entre eles e o meu eu consciente; eles não estão expostos ao cadinho das minhas próprias excursões mentais e às sensações diárias da minha própria vida. Podem bem ser partes da minha própria mente, mas elevadas a um nível onde operam fora das leis de causa e efeito que dominam a existência diária normal.

Ao longo dos anos, pediram-me frequentemente para explicar a minha própria atitude em relação a estes controlos. Mas como posso fazer isto objetivamente? Subjetivamente falando, estou inclinada a

admitir que é possível que eles sejam entidades externas no sentido em que afirmam ser, que nos meus primeiros anos de formação, a minha persistente curiosidade sobre a vida e a morte alargou as minhas próprias faculdades até um ponto no universo onde poderia esperar encontrar respostas adequadas.

Estes são os problemas que procurei responder e revelar através de anos dedicados à investigação objetiva. Em qualquer caso, encontrei-me disposta a prestar homenagem à luz que habitava dentro de mim. McKenzie dera-me a entender que abaixo da pessoa humana perturbada reside o ser racional básico, cuja resposta instintiva pode ser ordenada e inteligente. Os aspetos de uma mediunidade disciplinada podem bem surgir deste ser individual e, portanto, devem ser guardados e respeitados.

O como e o porquê da mediunidade ainda estão por ser completamente analisados e compreendidos, se quisermos alcançar conclusões futuras sobre o seu significado. Entretanto, considero-a como parte do milagre e mistério do eu, que permaneceu para se manifestar dentro da minha vida com força compulsiva. Aprendi a aceitá-la, pois em todas as eras houve aqueles cujo testemunho verificou que tais estados de mente existem. A substância da mente ainda está por ser completamente compreendida.

Contento-me em esperar. Os anos trouxeram maior responsabilidade, mas não a compreensão completa. Acho necessário demonstrar estas faculdades especiais através de experiências objetivas. Se consegui fazer com que mesmo uma pessoa sinta que a mediunidade, como a música, tem a sua combinação inteligível de tons – com uma estrutura e significado definidos que devem ser disciplinados para se tornarem harmoniosos – então estes anos de treino não foram em vão.

48

O Espiritualismo parece dar uma explicação racional da visão e dos fenómenos relacionados, mas ainda há um grande número de pessoas «sãs» que acreditam que tais visões estão relacionadas com o diabolismo, e que muito, senão tudo, é ilusão subjetiva.

Os povos primitivos acreditam nas suas visões, sobre as quais foram fundadas leis e dogmas religiosos. Relatos racionais de «comunicação» e de vários fenómenos psíquicos foram dados ao longo da história. Plutarco diz-nos que o oráculo dava respostas enigmáticas a reis e conselheiros, pois se as respostas fossem dadas em termos simples, poderiam prejudicar o seu governo ou o povo. No entanto, ele também aconselha que as pessoas simples recebem provas simples e diretas. Acrescenta este testemunho positivo: «As respostas do Oráculo ou da Pítia, embora submetidas ao mais severo escrutínio, raramente se provaram falsas.» Mesmo naqueles dias, alguns acreditavam, como hoje, que os adivinhos e oráculos eram impostores. Grandes homens de todas as profissões testemunharam a realidade dos fenómenos psíquicos, mas geralmente as suas garantias foram postas de lado como fracas, tolas ou supersticiosas. No entanto, perguntamo-nos porque é que certos membros da comunidade, em todas as épocas, têm uma constituição mental que permite que estes fenómenos aconteçam. O próprio dogma é fundado na inspiração e nos fenómenos de certos indivíduos dotados.

Embora haja sociedades de investigação psíquica em quase todos os países, nenhum grupo considerou apropriado descobrir quais são os estados de espírito que produzem estes fenómenos. Talvez hoje, com o crescimento da análise e de novas substâncias farmacológicas (desaprovadas por enquanto), possamos atacar estas questões e mapear a estrutura mental da pessoa sensitiva que testemunha e produz tais fenómenos. Não poderemos descobrir que o que acontece na mente do compositor, do artista, do poeta ou do cientista é semelhante? A imaginação é uma propriedade definida da mente – qual é o factor de «poder» que a põe a funcionar?

O campo está aberto para a experiência, pois a imaginação e a perceção intelectual são o que é necessário no mundo de hoje, em vez dos factores mecânicos de repetição a que nos apegamos. A linguagem tem sido há muito o método sistemático de comunicação, mas há indubitavelmente outros métodos de simbolismo e outras formas de expressão. O estudo preciso da imaginação é pelo menos um passo na direção entre o processo recetivo e o que é expresso. Pela minha própria experiência, deve haver claramente uma estação

recetora incorporada entre o sistema nervoso e as perceções. Digo isto porque a atmosfera dos seres humanos e de todas as coisas vivas – os seus movimentos, atitudes e pensamentos – transmitem impulsos de que estou imediatamente consciente, o que me leva a encontrar uma «pista» sensorial que me leva para além do eu para um conhecimento que não está contido na minha própria mente. Dentro de uma área espaço-temporal da constituição mental daqueles que procuram a minha ajuda, encontro campos de energia que revelam uma perceção interior do sentimento emocional inconsciente em profundidade – uma área espaço-temporal em que percebo o que está prestes a acontecer.

Pergunto a mim mesma se as fibras nervosas são as portadoras: a ação involuntária mistura-se com outras «áreas» externas, para lá e para além, onde o passado, o presente e o futuro se fundem na experiência para serem guardados dentro do subconsciente como território ainda inexplorado? Sabemos com certeza, pelos saltos enormes que foram dados na nossa era aérea, que a imaginação é capaz de uma expansão tremenda; mas aqui temos de admitir as emoções e os sentimentos, pois a mente revela este vasto potencial inexplorado apenas quando está sob pressão ou apaixonadamente envolvida. Ninguém negará que, em tempos de conflito, incerteza e guerra, a mente se abre para revelar um armazém ilimitado de novo conhecimento. O poder construtivo do inconsciente não foi plenamente tido em conta e permanece por explorar presentemente.

Infelizmente, os dogmas continuam a acrescentar confusão, pela força do hábito e pelo peso da autoridade, muito depois de se ter demonstrado que são opostos ao facto e à razão. Sabemos que opiniões e crenças partilhadas por muitos, geração após geração, acabam por fazer parte da sua natureza mental, embora essas ideias sejam muitas vezes erróneas e mantenham vivas ideias e preconceitos de uma era menos esclarecida. É no interesse da verdade que as doutrinas ou crenças, por mais estabelecidas que estejam, sejam desafiadas a lutar pelo seu direito de continuar.

Afirma-se que os eventos psíquicos nascem do caos e da desordem da vida interior. Em certa medida, isto pode ser verdade, porque a criação de novas ideias brota da plenitude indeterminada e da atividade do ser, que é dinâmica e cheia de tensão. O que falta é a

determinação de descobrir, de uma forma ou de outra, a rota pela qual os inúmeros anseios e impulsos podem ser resolvidos para criar ordem. Só então a ação da imaginação pode ser libertada para criar de uma maneira inteiramente espontânea e involuntária. O poder interior já não habita sem nome. Um caminho foi encontrado entre o novo e o velho, e a vida psíquica encontra finalmente a sua liberdade em plena consciência.

Suspeito que o mundo invisível sempre assombrou o homem, a julgar pelo número de livros sobre práticas ocultas que apareceram ao longo dos anos. Antes de a Sociedade para a Investigação Psíquica ser formada em 1882, os escritos tratavam principalmente das práticas de alquimia, encantamento e fórmulas mágicas, muitas delas além do âmbito da compreensão. Foi Henry Sidgwick, professor de filosofia moral em Cambridge, que reuniu os seus amigos para formar um grupo objetivo de estudiosos eruditos que se dedicariam à investigação de alguns dos fenómenos mentais, bem como do mesmerismo, do oculto e do espiritualismo. O grupo deixou claro que o seu trabalho não implicava qualquer crença nessas forças mágicas, mas que continuaria até que a ciência, como tal, estivesse pronta para reconhecer a sua existência objetiva.

A mesma regra se aplica à sociedade hoje. Devido à falta de trabalhadores científicos e de fundos para um processo tão abstrato, ela fez pouco progresso. Poucos cidadãos abastados estão dispostos a desligar-se das atividades do mundo exterior para especular sobre o mundo interior da alma e da mente. O meu próprio trabalho com testes de livros e telepatia, clarividência, e assim por diante, poderia desempenhar um papel importante em tal investigação, mas há poucas pessoas dedicadas que se preocupem em ir além da evidência de «comunicação» com os supostos mortos.

Uma vez que o espiritualismo se tornou uma religião, já não há a mesma necessidade de condições salvaguardadas como havia quando entrei no campo da PES em 1920. O mundo moderno, com a sua falta de tempo para a reflexão e para um trabalho tão dedicado como então se exigia das sensitivas, anuncia o fim da sala de sessões e do investigador cauteloso.

Hoje não há sensitivas competentes e conscienciosas como Mrs. Gladys Osborne Leonard, dispostas a dedicar todo o seu tempo à investigação dos seus próprios poderes; nem há os observadores cautelosos que realizem trabalho sob condições rigorosas e deem generosamente do seu tempo, como era o caso em Inglaterra em dias mais felizes. Os jovens de hoje procuram respostas para os seus problemas com o uso indiscriminado de LSD e outras substâncias que muitas vezes produzem desconforto para aqueles que os rodeiam, e sobretudo caos para eles próprios.

Pessoalmente, tomei todas estas substâncias para fins de investigação ao longo dos anos. Gostei imenso do trabalho, mas não tenho provas a oferecer de que estes compostos químicos tenham produzido mais eventos paranormais. Eles têm indubitavelmente o seu lugar útil dentro do campo da química, especialmente nas áreas de cura, onde definitivamente pertencem – como testemunham os excelentes resultados já produzidos com cancro terminal e dependência alcoólica.

49

A parapsicologia não é sequer uma ciência, mas pode estar no caminho da revelação. Como tudo o que é jovem, tem muito que explicar. Todo um processo de compreensão é necessário para abrir o caminho para as experiências interiores de que falei. Estas experiências só são possíveis quando estamos em contacto com os níveis subconscientes profundos. Chamemos-lhe intuição por enquanto – mas até onde nos leva a intuição? Apenas as experiências que estão abaixo da superfície da nossa vida quotidiana apontarão o caminho para uma comunicação mais direta.

Na fase atual da parapsicologia, poderíamos ser comparados a crianças que se fazem passar por filósofos, registando com uma espécie de ousadia o que acreditamos ter apurado a partir do livro do mestre. Se há alguns que insistem que as verdades de que falo não existem, é nossa culpa por não termos feito modelos para ajudar a descobrir os problemas. Afinal de contas, novas invenções poderiam nunca ter acontecido se alguém não tivesse seguido ideias ou imagens através de alguma ordem analítica ou matemática. Todos os problemas

da vida se desdobram, mas a chave para o seu desdobramento e significado está no inconsciente profundo de cada um de nós. A parapsicologia não pode avançar sem compreender as realidades do inconsciente e examiná-las em termos da natureza do eu e da natureza do nosso mundo em constante mudança. A humanidade deve classificar sensações e reações em novos termos psicológicos, fisiológicos e filosóficos.

Há um campo imenso para a investigação, cuja extensão e importância creio que ainda não começamos plenamente a perceber. Há trabalho a fazer para definir as peculiaridades da constituição mental que tornam o comportamento e o desenvolvimento de cada ser humano único. O progresso não pode ser feito num único campo. Muitos departamentos da ciência acabarão por contribuir, e deve haver aqueles que partilharão a busca de uma compreensão comum; pois a «mediunidade» não deve ser considerada apenas como um meio de suposta comunicação com aqueles que já partiram, mas também pela sua utilidade nas artes. Precisamos dela se quisermos manter um alto nível de literatura, certamente precisamos dela na ficção, e o drama e o palco estão seguramente em grande parte relacionados com a representação das peculiaridades intelectuais e morais da mente individual.

A mediunidade, tão antiga como o próprio homem, é um tanto mal compreendida enquanto apenas a «anormalidade» do assunto é enfatizada. Devemos chegar à compreensão com intuição simpática e aplicar novas disciplinas ao inconsciente profundo.

A mediunidade tem sido desconcertante para muitos, embora tenha havido, particularmente entre os médicos franceses, um sentimento de que estas funções mentais se dividem em «sistemas» ou padrões que realizam as suas atividades independentemente uns dos outros. Não me parece que tenham havido muitas tentativas reais para trazer todos estes aspetos do subconsciente para um único título, de modo a que pudéssemos compreender como se leva uma vida mental dupla, como é o meu caso. Nenhuma empresa legítima ainda elaborou uma hipótese ou um modelo em PES pelo qual todos estes factores subconscientes possam ser aceites em ordem inteligível. Não há

dúvida de que a relação da operação subconsciente com o pensamento consciente é uma questão de treino básico.

Tive muito tempo para especular sobre todo o campo da mediunidade. Cedo soube que uma compreensão plena e precisa só poderia ser alcançada à luz do conhecimento completo da nossa constituição e motivações. Desde que vivo na América, os métodos de estudo psíquico se tornaram avançados. A natureza da «alma» e as suas funções continuam a apresentar dificuldades, não só para mim, mas para outros. Pode ser o duplicado nimboso do corpo que muitas vezes percebo, ou é algo intangível percebido e apenas apreendido pelo intelecto? Ou é uma soma total das funções vitais do ser, e, mais importante para a minha própria compreensão, continua este ser imaterial após a dissolução do corpo?

Uma longa reflexão sobre estes problemas leva-me a sugerir que talvez uma entidade capaz de existir sem corpo possa escapar e viver nalguma manifestação subtil de energia relacionada com o ar, assim como o ar está relacionado com a matéria; e após a morte do corpo, pode continuar a existir e aparecer como uma expressão ténue do seu outrora mais robusto eu – um fantasma de si mesmo capaz de comunicar com os mortais através dos sentimentos percetivos de alguém como eu. Quanto ao verdadeiro significado dos controlos, McKenzie e outros acreditavam que há pessoas como eu que saíam do corpo e permitiam que os controlos tomassem posse durante o transe.

Nestes períodos de introspeção, li muito. Numa altura, fui tomada pela filosofia de Descartes, que mantinha audaciosamente que os nossos corpos não eram diferentes da maquinaria complicada das plantas e dos animais. Ao homem apenas atribuiu uma alma, e era a alma que exercia as funções mentais superiores do pensamento e da visão. Isto perturbou-me profundamente. Alegou-se que eu dera provas de animais de estimação – cães, gatos, macacos e outros animais – e muitos animais de estimação dos meus inquiridores foram descritos como tendo existência após a morte. Se todo o mundo era puramente mecânico e complexo, o que separava o animal chamado homem, muito menos atencioso e compassivo do que alguns dos animais que eu encontrara?

Muitas pessoas sérias rejeitam a noção de alma, declarando que é uma noção supersticiosa mantida pela igreja para fortalecer a sua influência e manter a sua autoridade. Isto levou-me a estudar o grande cético escocês David Hume, que argumenta brilhantemente que a alma é apenas uma tradição aceite acriticamente, e que nunca foi feita qualquer demonstração real da sua existência. Os escritos de Kant, por sua vez, ensinaram-me que a natureza dos significados das palavras depende da nossa capacidade de determinar a natureza do nosso próprio ser, e que estas performances, visões e estados semelhantes ao transe eram determinados pela constituição das nossas mentes.

Nenhuma da literatura me dá a resposta que procuro. Sei, no entanto, que os meus esforços para estabelecer a existência do ser – o meu ou o que está acima de nós – são de facto pouco convincentes para os pensadores sérios do nosso tempo. As conclusões muito imperfeitas a que cheguei levaram-me a crer que, pelo menos, a noção da existência da alma e da sua continuidade era para a maioria das pessoas fora da investigação psíquica mera especulação ou hipótese; e os psicólogos não eram mais sábios.

No entanto, durante a minha extensa leitura e pesquisa, voltei-me repetidamente para as ideias avançadas pelo Professor McDougall. Mantive o meu contacto com ele através dos seus livros. Talvez ele, mais do que qualquer outro que encontrei, definisse a consciência e o funcionamento da mente subconsciente sem fazer parecer que o que para mim é um estado natural e feliz de aceitação pudesse ser tão formidável de compreender. O que mais precisava era libertar-me da crença muitas vezes assombrosa de que construíra uma parte teatral de mim mesma pela qual poderia influenciar os pensamentos de outras pessoas e implantar nas suas mentes ideias consideradas pela maioria das pessoas pensantes como erróneas.

Não tenho explicações a dar, nem doutrinas a desdobrar. Dia após dia, há sempre o plano imperfeito e vagamente formulado de estudar as leis da causalidade e da operação mental, e sempre estive disposta a servir de cobaia para aqueles psicólogos que, de tempos a tempos, parecem ter algum interesse no complexo processo do que é descrito como mediunidade. Os anos que passaram desde que entrei no campo

da investigação psíquica valeram a pena, mesmo que apenas pela minha própria compreensão.

Tentei diferentes técnicas em muitos departamentos ou níveis do subconsciente. Vários termos têm sido usados para descrever o funcionamento destes vários níveis: o «eu subliminar» e o «eu secundário» são frequentemente usados para descrever estes departamentos hipotéticos da mente. Dificilmente fazem mais do que vestir a verdade como me aparece, pois não tenho a certeza de que área da mente os fenómenos espontâneos saltam para nos confrontar.

O funcionamento de toda a mente é tão íntimo que prefiro pensar que não se podem classificar os fenómenos supernormais por qualquer hipótese que os atribua a qualquer nível particular de consciência. Talvez o interesse contínuo pela hipnose possa abrir portas para que as perceções sejam mais estreitamente identificadas, e é por esta razão que trabalhei extensivamente nesta área. Cada nível fornece condições contribuintes, mas em proporções muito diferentes.

O controlo supernormal da mente sobre o processo corporal é um tópico que se tornou importante nestes anos de confusão mental sobre o futuro incerto. Muitas pessoas sentem que vivem num mundo onde o erro e o engano ameaçam a própria existência de cada um. Não tenho dúvida pessoal de que podemos comunicar de mente para mente de uma forma que não envolve os nossos órgãos ou sentidos da maneira habitual.

Portanto, continuo a esperar que novas explicações científicas, por mais imparciais ou críticas que possam parecer, ofereçam um dia novas hipóteses para esta suposição. Os fenómenos paranormais existem dentro de nós e não devem ser julgados como a influência sobre nós de mentes desencarnadas.

Se eu tivesse de resumir as minhas opiniões atuais sobre a natureza da mediunidade, estaria inclinada a interpretar estes poderes como uma manifestação de hipersensibilidade individual. Como já indiquei, descobri que os meus próprios poderes estão intimamente relacionados com os eventos e experiências da minha mais tenra infância; e pode ser que o dom mediúnico seja uma intensificação

extrema da consciência e resposta infantil durante o período pré-verbal, transportada para a idade adulta.

A este respeito, os poderes mediúnicos podem ser de uma ordem semelhante à da criança prodígio na música ou na matemática. As habilidades fenomenais do prodígio obviamente não podem ser explicadas inteiramente com base em algo que é aprendido conscientemente. Devem inevitavelmente brotar de forças inconscientes, talvez incluindo memórias raciais, que não compreendemos plenamente.

Esta é provavelmente a explicação que um cientista aceitaria hoje, e é mais ou menos a minha própria opinião. Claro, sendo o mundo o que é, as pessoas ainda tendem a considerar os feitos do médium como estando no domínio do supernormal; e se escolhem fazê-lo, deixo-as e simplesmente sigo o meu caminho. A minha principal preocupação nos últimos anos tem sido usar os meus dons para fins de cura. As minhas capacidades neste campo, tenho a certeza, devem-se aos meus poderes hipersensíveis. Estes permanecem por investigar cientificamente para uma explicação mais completa. Mas entretanto contento-me em ajudar as pessoas desta forma, deixando que a explicação científica evolua com o tempo.

50

A Irlanda é essencialmente uma ilha triste. Os céus estão nublados; as chuvas caem durante longas horas; o nevoeiro matinal envolve a paisagem. Esta pode ter sido a razão pela qual eu vestia tudo de cor. Foi, portanto, acidental, ou faz parte da nossa constituição glandular? Tal como a cegueira às cores não foi compreendida, também a visão em cores atrai poucos comentários. No entanto, a cor desempenha um papel importante na minha vida diária. Tudo está vestido com o seu próprio espectro particular. A cor não está apenas ligada à abstração ou ao devaneio; torna o mundo objetivo mais claro, mais brilhante, mais distinto e mais belo.

Tenho uma disposição naturalmente alegre e extrovertida, talvez porque os meus símbolos, alegorias e visões são continuamente traduzidos em cor. O vermelho foi a cor motivadora dos meus primeiros dias. Desde que me lembro, tinha uma necessidade de vermelho. O vermelho nas folhas e nos frutos sempre me agradou. Mas isto pode ter sido porque tive tuberculose cedo, e dizia a mim mesma que a corrente sanguínea precisava do estímulo do vermelho. Por outro lado, tenho um complexo em relação ao sangue. Por ter estado tão frequentemente doente na minha juventude, tive de beber preparações de sumos de vegetais e sangue de boi. O resultado para toda a vida é que não posso tocar em carne vermelha; mas também tenho um sentimento primitivo e sagrado em relação ao sangue que parece ser mais profundo do que posso compreender logicamente.

O vermelho tem um efeito simbólico espontâneo. O espectro do momento parece brotar de uma fonte púrpura profunda dentro da própria vida, quer esteja na planta, na árvore ou no animal. As emanações que rodeiam cada ser vivo trazem uma tonalidade púrpura-azulada que, quando observada, revela outras cores que devem estar relacionadas com a saúde e o crescimento da vida. Estas cores relacionam-se com o «campo» ou aura que envolve todos os seres vivos.

Dentro do grande reservatório de memória, tudo é retido para nos abraçar e para ser usado por nós, se assim o desejarmos. Os símbolos e o meu mundo de cores são, portanto, reais para mim, e transcendem a minha consciência diária. Em certas circunstâncias, especialmente na cura, são os guias para a compreensão, os agentes de revelação que aprendi a aceitar como contendo o contexto da personalidade. São os meus localizadores de direção, carregados de significado e compreensão. Não serão estes factores a partir dos quais a nossa linguagem básica foi formada? Certamente, desde o mais antigo aparecimento do homem, os seus sacerdotes conheceram símbolos e traduziram-nos para o seu bem, ou para os seus próprios impulsos poderosos. A religião e até a história foram mantidas vivas com os símbolos tradicionais que servem para a compreensão transcendental do homem do contexto de cada realidade simbólica.

A cor é uma comunicação do ar e da terra para a própria visão. À medida que a planta cresce, traduz o mineral do qual extrai sustento numa química de cores que se apresentam aos sentidos numa dimensão que pode ser medida. Quando o amarelo da luz solar encontra o vermelho primordial da terra, há uma troca e uma mistura. Não quero ser culpada de entusiasmo excessivo pela cor; chamem-lhe simbólica ou mística, se quiserem, mas serve-me da mesma forma prática que um mapa da região a ser examinada pelo explorador. A cor é uma linguagem da intuição, notavelmente verídica e instintiva, talvez a linguagem universal da alma do mundo. Estava lá antes do aparecimento tardio do homem – lá para dirigir a vida de uma maneira poderosa, única e ordenada. À medida que o homem se aproxima do que a mente é, em vez do que ela pode revelar, talvez as minhas «aplicações» de alusões e descrições de cores sejam melhor compreendidas.

Os símbolos em movimento rápido são uma distração sempre pronta, por mais importante que o momento externo possa parecer a outros. Uma pessoa que passa pela porta do meu escritório põe em movimento toda uma assembleia de ideias, ou uma palavra desvia a minha atenção para algum outro detalhe necessário. Talvez a maior bênção da minha vida ocupada seja que o eu místico está sempre alerta, criando para fora e para dentro. Os símbolos, uma vez absorvidos, tornam-se as minhas correias de transição.

As cores e os símbolos são os mediadores entre o mundo consciente e alerta e a minha existência objetiva, e o interior que aguarda o momento do nascimento e da tradução. Assim, o impulso instintivo, com a sua capacidade de me levar para além do domínio dos males corporais, liberta-me para ser útil a mim mesma e aos outros. Não sofro os conflitos de «pensar até ao fim». O pensamento resolve-se imediatamente em ação e assim transforma o dia numa viagem agradável entre os padrões instintivos de comportamento e o impulso espiritual que me dá devoção a tudo o que empreendo.

Dizem-nos frequentemente: «Vejo uma nuvem azul à sua volta.» Isso lembra-me que os bebés, se estão bem, são na sua maioria envolvidos numa névoa azul etérea. O azul sempre foi considerado como tendo uma relação com o espírito. A Virgem Maria é

representada em azul. O azul é altamente estimado na Índia; o «corpo azul» é prerrogativa apenas de Krishna. Quando encontro formas consideradas entidades, elas são aparentemente transparentes – um azul de casca de ovo, uma opacidade que nos alerta para a sua diferença de aspeto, pois raramente se vê os nossos semelhantes a brilhar em azul e magníficos. Considero as manchas azuis na aura como significativas de crescimento. A gravidez anuncia-se frequentemente num azul-púrpura. Creio com os antigos que o azul denota uma qualidade espiritual de crescimento. Muitas vezes, sozinha nos bosques, estou consciente de uma névoa azul-esverdeada que parece ser a vida do bosque. Os pintores revelam o seu conhecimento desta atmosfera. Esta névoa, como lhe chamo por vezes por falta de melhor palavra, parece intemporal, e parece flutuar para além da floresta para uma ausência de espaço que lhe é própria.

Vivemos num mundo verde. É uma cor que parece ser transitória por si mesma. Nos hospitais, notei a nuvem castanha escura do corpo doente a dar lugar a um verde-azulado quando a visita do médico irrompe na atmosfera com notícias alegres de restauração da boa saúde.

O amarelo é a cor do sol; como o sol, traz a sua própria força vital. Nunca vi ninguém numa névoa totalmente amarela; mas vi um nimbo amarelo-esverdeado, quase da cor do ouro, em torno do corpo do inteligente e do poderosamente intelectual. Dá-nos uma sensação de um poder quase místico na pessoa que envolve. No entanto, o amarelo nem sempre é considerado desta forma. As pessoas falam de «jornais amarelos» como sendo desonrosos. Dizer «Ele é amarelo» denota falta de coragem. A folha torna-se amarela no outono antes de morrer, ou cai da planta amarelada pela doença. A icterícia produz o tom amarelo da pele e dos olhos. No entanto, devo insistir no meu ponto de que, quando vejo amarelo na aura – a cor mais luminosa do espectro, situada entre o laranja brilhante e o verde – denota inteligência e poder superiores.

O nimbo semelhante a nevoeiro que «vejo» parece ser alterado pela atmosfera, e por isso considero-o como o espectro do corpo – um campo de energia que flui para dentro e para fora, retirando material residual do corpo e trazendo a respiração que dá saúde. Esta atmosfera

muda de dia e de noite. À noite, a aura é muitas vezes mais facilmente vista de acordo com a saúde, o poder e a determinação da personalidade. As cores variarão do vermelho mais escuro ao verde-amarelo, azul e violeta.

Embora não saiba que isto seja quimicamente verdade, sinto que o fígado pode produzir uma onda própria. Sobre esta região, vejo invariavelmente um púrpura escuro que escurece consideravelmente se o corpo está cansado e tenso, mas clareia para um violeta quando há menos preocupação e tensão. Em qualquer caso, o fígado e o pâncreas são as estações químicas do corpo, e é nesta região que se procura a atmosfera geral do corpo. Qualquer ponto particular onde haja muita inflamação emitirá esta cor escura, perturbando a tranquilidade das outras cores e obscurecendo-as, por assim dizer.

Talvez o que estou a tentar dizer aqui é que há uma profundidade no inconsciente de cada pessoa, que a escuridão simboliza. Cada transição para uma área mais clara pode ser considerada um renascimento. Uma comoção emocional de qualquer tipo produz as nuvens escuras na natureza, como no homem, que é basicamente um filho da sua terra. Ele parece estar sobretudo consciente de quanto é governado pela atmosfera e pelos eventos à sua volta – na rua, em casa, nos contactos diários e de hora em hora. Sendo assim, esta bainha protetora não pode ser descrita como sendo sempre uma cor padrão; cada respiração que damos redime-a e purifica-a, ou faz com que ela se feche e escureça perante o medo e a agressão. A sua transformação é um milagre respirante e em constante mudança.

O elemento onírico dentro de cada um produz por vezes uma série de cores, demasiado nebulosas para serem definidas. Para mim, sonho em cores de matizes que nem sempre posso descrever, mas apenas sentir.

No mundo do inconsciente, o drama do renascimento continua, pois certamente o sono é rejuvenescimento ou retiro, para que o terreno básico, negligenciado, suprimido ou rejeitado durante o dia, possa agora ser tratado, para ser libertado na antiga e autoritativa linguagem do ser.

O que não pode ser enfrentado nas horas diárias e conscientes pode ser mais facilmente tratado na linguagem dos símbolos. A alma interior luta continuamente pela iluminação. Todos estes «agitamentos», com o seu inevitável sofrimento, são os caminhos para um grande conhecimento. O fio de luz está ali para iluminar o momento mais escuro. Cada nova perceção significa uma luta deixada para trás, uma escuridão vencida.

É um privilégio, portanto, não só fazer parte do processo de «eclosão», mas por vezes ajudar estas lutas para uma meditação interior, onde as perceções essenciais aguardam a nossa necessidade de libertar o poder consciente interior, e assim testemunhar a nossa própria participação em ambos os mundos.

O reino dos símbolos é legionário. Cada dia pode trazer um fluxo novo e espontâneo. Há alguns símbolos que considero meus, pois ocorrem espontaneamente, mesmo em material de sonho. Um deles é o teixo, uma variedade conífera, grande, de um verde escuro rico. Por vezes, os ramos, quando cortados, servem para fazer flechas e cestos tecidos. A madeira é flexível e de grão fino. Vêem-se muitas dessas árvores nos cemitérios da Irlanda, tal como se vê o cedro, seu primo, por toda a Europa.

Também são plantadas perto da entrada de uma casa, para servir de sentinelas. Talvez a sua identificação muito precoce com o crescimento, bem como o facto de as considerar como protetoras, correspondam a alguma corda desconhecida na minha psique. O símbolo serve de ponte de associação para ideias originais; a sua amabilidade protetora tem um efeito libertador sobre os sentidos.

O meu símbolo principal, a espiral ou hélice, passa por muitas mudanças, mas permanece fiel a si mesmo. Desdobra significados do inconsciente profundo, e enquanto observo o seu movimento único em todas as direções, traz significados profundos para dar iluminação.

O ar à nossa volta está cheio de símbolos, «blocos de construção» para aqueles que passariam tempo a desligar o eu da corrente demasiado rápida da vida quotidiana. Creio que eles pertencem às áreas da vida instrutiva e intuicional, onde ligam o pensamento e o

sentimento, para fundir e levar a vida psíquica em fluxo constante para fora e para a frente, para tornar visível um reino de realidade subtil.

51

Como tudo o resto na minha mediunidade, descobri a existência da aura por acaso. Num estado de devaneio, encontrei-me a vários metros do meu eu físico, a contemplar o requintado casulo de cores em que podia observar o meu próprio corpo a respirar. A imaginação permitira que uma parte visual de mim passasse para além dos confins do eu e descobrisse uma capacidade de me ver como um objeto a mover-se dentro de uma nuvem oval de cor, frágil e ténue, que mudava os seus matizes com cada respiração seguinte.

Teria eu tropeçado num caminho para fora de mim que um dia poderia ser a estrada certa do homem para a compreensão da sua própria singularidade? Mais tarde, vim a saber que este mundo de cor vaporoso em que o corpo existe é mais do que uma coisa de beleza. É uma teia exterior ou «envolvente» que protege a ação do corpo, um crivo para receber os choques do mundo exterior e traduzi-los em respostas que o campo magnético aceita e usa.

Como é a aura? A aura tem uma variedade de cores, diversas, complexas e nebulosas; e as palavras não conseguem dar significado real a tal variedade. Quando estamos bem e felizes, elas mudam e diversificam-se à medida que o corpo aceita e descarrega impulsos através do seu ritmo respiratório. A doença tende a escurecer o campo no local onde há mesmo uma predisposição para a fraqueza. A força e a intensidade das cores são reduzidas, e vemos apenas a substância nebulosa que avisa que nem tudo está bem naquela área particular do corpo. Sabemos pouco sobre isto cientificamente, mas sonhamos que o dia deve certamente estar próximo em que os homens farão as suas sondagens dentro deste campo de energia.

52

O futuro da investigação psíquica parece estar em perigo, não pela falta de material mediúnico, mas porque as mudanças que ocorrem no mundo alteraram as imagens universais, e não há tempo para a reflexão tranquila. Os círculos caseiros que outrora existiram em Inglaterra e noutros lugares quase desapareceram. A televisão

absorve agora a atenção, enquanto outrora refletíamos e observávamos.

O dom do estudo crítico não levou os primeiros fundadores da investigação psíquica suficientemente longe nos caminhos da introspeção e da reflexão. O temperamento da sua época permitiu-lhes preocupar-se com os factores latentes do inconsciente, que saltavam para lhes fornecer respostas que compensavam, pois ofereciam sustento espiritual que apelava aos factores sociais do seu tempo, quando o conhecimento de si não era muito bem compreendido.

Eles não tinham alcançado a vasta área do inconsciente que então permanecia imune ao controlo ou à crítica. Foram necessários os métodos estatísticos, juntamente com a análise, para abrir os nossos olhos para as influências externas da «infeção» psíquica, onde as abstrações do dia satisfaziam as suas necessidades diárias. Estes factores têm de ser recordados quando procuramos encontrar uma teoria que contenha os aspetos simbólicos e mais amplos da humanidade como é hoje compreendida.

O conhecimento científico conta aos olhos do homem moderno, e obriga cada um daqueles que procuram o conhecimento de si a examinar a cena em busca de responsabilidade pelas suas ações e descobertas. Após anos de busca do significado da mediunidade e de todos os aspetos da parapsicologia, descubro que o indivíduo permanece parte do rebanho, quer goste ou não, mas deve no entanto tornar-se objeto do conhecimento de si para compreender o seu lugar na colmeia da vida comunitária.

A falta de uma explicação convincente da religião em que fomos criados leva-nos a afastar-nos dela, deixando necessidades obsessivas para procurar outros deuses. Encontrei muitos caminhos, muitos deles oblíquos e levando apenas a suposições; mas finalmente a dissociação da personalidade que sempre esteve comigo exigiu que eu procurasse factores básicos da unidade do ser.

Uma vez iniciada a viagem, descobrimos que somos parte do todo comunitário, mas esta sede de conhecimento pode ser carregada de energia demoníaca para encontrar explicações tanto de dentro como de fora. É dentro do ser sombra, ou do inconsciente, que

devemos usar o olho externo da consciência para olhar para dentro; encontramos então que o «homem sombra» é mais real do que o eu exterior, e encontramos também o significado do simbolismo, há muito suprimido.

Neste ponto, tornamo-nos conscientes e habitamos na consciência, procurando dentro de nós respostas, muitas das quais devem ser traduzidas das fantasias da infância e das situações anormais encontradas na nossa vida precoce, mas que ainda residem no inconsciente. Raramente acontece que o indivíduo inicie uma busca até que estas fantasias atinjam um ponto de intensidade em que rompem e exigem atenção. Lentamente, começamos a perceber a fundação construída por uma imaginação vívida e impulsos instintivos, e a compreender finalmente um pouco do significado do simbolismo mais antigo e mais conservador que veio a existir com o nascimento do corpo. Uma vez compreendido isto, o inconsciente abre os seus segredos, e aprendemos como adaptámos o caminho da consciência a partir dos antepassados primordiais. O fluxo dinâmico pode ser avassalador, à medida que as ideias se apresentam, como crianças, exigindo ser compreendidas. Neste ponto, o inconsciente permite que o dinamismo instintivo do «ser» assuma o museu da linguagem instintiva, há muito não reconhecida, revelando-se agora pelo que realmente é – no meu caso, a posse de tendências, crenças e conselhos que se apoderaram do inconsciente nos meus longos anos de treino, quando aceitei obedientemente os conceitos de todos aqueles com quem trabalhei, apenas para esconder a interpretação da minha própria imaginação e expressão inconsciente.

Eventualmente, após quatro anos de trabalho com o Dr. Ira Progoff, comecei a reconhecer a estrutura de outras imagens, que, se não tivesse desejado o conhecimento de mim, teriam permanecido comigo como controlos. Percebi que não podiam ser eliminadas, mas podiam ser orientadas para funcionar de uma forma mais coordenada e readaptar-se, em certa medida, ao meu próprio padrão de vida e pensamento. Vi a configuração dos controlos moldada, por assim dizer, nas imagens daqueles que acreditavam neles. Se eles deviam permanecer para se justificarem, deviam agora ser processados para deixar de ser as entidades que lhes tinham ensinado a acreditar que

eram; e, se permanecessem para serem úteis, teriam de atuar num mundo académico apoiado por novos factos. Já não sentia que precisassem de manter convicções do passado, mas podiam ser autorizados a pensar por si mesmos com novas avaliações em que o sentimento e a intuição ainda eram usados com compreensão colhida do inconsciente coletivo do nosso tempo. Assim, o todo universal de mim mesma teve de rejeitar muitas, senão todas, as imagens sombra do passado e tomar dentro de si um novo inventário psíquico do mundo como é hoje e amanhã. Achei que esta era uma experiência dolorosa mas válida, essencial para o meu crescimento espiritual. Pensar e sentir como o cosmos sente tornou-se a ordem da «libertação», em que me confrontei comigo mesma não apenas a um nível subconsciente profundo, mas na revelação cósmica universal. O desenvolvimento do todo ocorreu sem perturbação, mental ou física, para além das «feridas» da hereditariedade.

Isto não representa uma negação de que a mediunidade exista. Sem ela, não teria tido os meios ou a coragem para esta viagem interior que ofereceu muitos desafios e me deu equilíbrio espiritual e compreensão do poder de cura contido no eu, bem como no mundo espaçoso do ser.

Devo também dar crédito, ou outro nível, ao uso sob supervisão especializada de LSD, que considero um método sério pelo qual se alcançam os níveis profundos do eu inconsciente. O seu uso foi salutar e deu-me uma capacidade acrescida para exploração adicional sem perder de vista nenhuma das facetas da consciência. Proporcionou-me um meio de me libertar, de explorar mais este eu, e de o fazer sem que a personalidade consciente seja roubada da sua própria responsabilidade verdadeira.

Ao ser permitida a olhar para dentro, vim a reconhecer uma relação com o mundo das ideias que obriga ao reconhecimento das leis vinculativas do universal e, mais importante, a saber que o padrão instintivo pode ser afinado e adaptado para encontrar a consciência externa da vida quotidiana. A totalidade do homem está profundamente enraizada na essência primordial do ser. O conhecimento adquirido dá-nos a graça de viver feliz e tolerantemente com a vida cósmica do planeta. Exige esforço espiritual, pois o

significado do «então e agora» permite-nos funcionar dentro de uma vida ordenada, como estabelecida pelos nossos mais velhos e teólogos. O conhecimento está dentro de nós. Já não temos de considerar o subconsciente como uma «ilha perigosa», mas podemos conhecê-lo antes como uma base para a nossa compreensão mais plena. O significado de ser psíquico no sentido mais verdadeiro e nobre da palavra é assim revelado.

Vive-se uma vida mais plena quando se compreende o mundo dos sonhos, dos impulsos psíquicos, dos ímpetos e até da própria consciência. O dom da fé e um estado de graça tornam-se imediatamente a nossa própria experiência religiosa, onde estamos verdadeiramente em sintonia com a ordem cósmica da bondade e da harmonia. À mediunidade e às suas buscas abaixo do nível da consciência, ao longo destes muitos anos, devo os dons do coração. Sem aqueles que me ajudaram a perseguir a luz interior, ainda estaria a bater nas portas exteriores da introspeção que conduzem às fontes inexploradas de energia que me deram uma relação com o mundo do inconsciente – um mundo que considero com temor e veneração.